

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

Sob a direção de Fernando de Azevedo

VOLUMES PUBLICADOS :

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — OLIVEIRA VIANA: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição aumentada.
8 — OLIVEIRA VIANA: *Populações Meridionais do Brasil* — 4.ª edição.
9 — NINA RODRIGUES: *Os Africanos no Brasil* — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
22 — E. ROQUETTE-PINTO: *Ensaio de Antropologia Brasileira*.
27 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *Populações Paulistas*.
59 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — ANGIENE COSTA: *Introdução à Arqueologia Brasileira* — Ed. ilustrada 2.ª edição.
137 — ANÍBAL MATOS: *Prehistória Brasileira* — Vários Estudos — Edição ilustrada.
148 — ANÍBAL MATOS: *Peter Wilhelm Lund no Brasil* — Problemas de Paleontologia Brasileira. Edição ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — PANDIÁ CALÓGERAS: *O Marquês de Barbacena* — 2.ª edição.
11 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: *O Conde d'Eu* — Vol. ilustrado.
107 — LUIS DA CÂMARA CASCUDO: *O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)* — Ed. ilustrada.
18 — VISCONDE DE TAUNAY: *Pedro II* — 2.ª edição.
20 — ALBERTO DE FARIA: *Mauá* (com tres ilustrações fóra do texto).
54 — ANTÔNIO GONTIJO DE CARVALHO: *Calógeras*.

65 — JOÃO DORNAS FILHO: *Silva Jardim*.

73 — LÚCIA MIGUEL-PEREIRA: *Machado de Assis* — (Estudo Crítico-Biográfico) — Ed. ilustrada.

79 — CRAVEIRO COSTA: *O Visconde de Sinimbu* — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.

81 — LEMOS BRITO: *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império* — *Frel Caneca* — Ed. ilustrada.

85 — WANDERLEY PINHO: *Cotejipe e seu Tempo* — Ed. ilustrada.

88 — HÉLIO LOBO: *Um Varão da República*: *Fernando Lobo*.

114 — CARLOS SÜSSEKIND DE MENDONÇA: *Silvio Romero* — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. ilustrada.

119 — SUD MENUCCI: *O Precursor do Abolicionismo*: *Lulz Gama* — Ed. ilustrada.

120 — PEDRO CALMON: *O Rei Filósofo* — Vida de D. Pedro II — Ed. ilustrada 2.ª edição.

133 — HEITOR LIRA: *História de Dom Pedro II* — 1825-1891. Vol. 1.º: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. ilustrada.

135 — ALBERTO PIZARRO JACOBINA: *Dias Carneiro (O Conservador)* — Ed. il.

136 — CARLOS PONTES: *Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875*.

140 — HERMES LIMA: *Tobias Barreto* — A Epoca e o Homem — Ed. ilustrada.

143 — BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES: *O Visconde de Abaeté* — Ed. ilustrada.

144 — V. CORRÊA FILHO: *Alexandre Rodrigues Ferreira* — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. il.

153 — MÁRIO MATOS: *Machado de Assis. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor)* — Ed. ilustrada.

157 — OTAVIO TARQUINO DE SOUZA: *Evaristo da Veiga* — 1.º vol. da serie "Homens da Regencia".

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. HOEHNÉ: **Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI** — (Pesquisas e contribuições).
77 — C. DE MELO-LEITÃO: **Zoologia do Brasil** — Ed. ilustrada.
99 — C. DE MELO-LEITÃO: **A Biologia no Brasil.**

CARTAS

- 12 — WANDERLEY PINHO: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Gotinge** — Ed. ilustrada.
38 — RUI BARBOSA: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
61 — CONDE D'EU: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleans, comentadas por Max Fleiuss) — Edição ilustrada.
109 — GEORGES RAEDERS: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).
142 — FRANCISCO VENÂNCIO FILHO: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Ed. ilustrada.

DIREITO

- 110 — NINA RODRIGUES: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

ECONOMIA

- 90 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **Evolução da Economia Paulista e suas causas** — Ed. ilustrada.
100 e 100-A — ROBERTO SIMONSEN: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada — em 2 tomos.
152 — J. F. NORMANO: **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, P. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
155 — LEMOS BRITO: **Pontos de partida para a História Econômica do Brasil.**

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a história da educação no Brasil) — 1.º volume — 1823-1853.

87 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

121 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1854-1889.

147 — PRIMITIVO MOACIR: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º volume: Das Amazonas às Alagoas.

98 — FERNANDO DE AZEVEDO: **A Educação Pública em São Paulo** — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — BATISTA PEREIRA: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.ª edição.
6 — BATISTA PEREIRA: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.ª edição.
26 — ALBERTO RANCEL: **Ruínas e Perspectivas.**
41 — JOSÉ-MARIA BELO: **A Inteligência do Brasil** — 3.ª edição.
43 — A. SABOIA LIMA: **Alberto Torres e sua obra.**
56 — CHARLES EXPILLY: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
70 — AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO: **Conceito de Civilização Brasileira.**
82 — C. DE MELO-LEITÃO: **O Brasil visto pelos Ingleses.**
105 — A. C. TAVARES BASTOS: **A Província** — 2.ª edição.
151 — A. C. TAVARES BASTOS: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
116 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **Estudos Piauienses** — Ed. ilustrada.
150 — ROY NASH: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

ETNOLOGIA

- 39 — E. ROQUETTE-PINTO: **Rondônia** — 3.ª edição (aumentada e ilustrada).
44 — ESTEVÃO PINTO: **Os Indígenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.º Tomo.

112 — ESTEVÃO PINTO: **Os Indígenas do Nordeste** — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro) — Ed. ilustrada.

52 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **O Selvagem** — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.

60 — EMÍLIO RIVASSEAU: **A vida dos Índios Guaicurus** — Ed. ilustrada.

75 — AFRONSO A. DE FREITAS: **Vocabulário Nheengatú** (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).

92 — ALMIRANTE ANTÔNIO ALVES CÂMARA: **Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil** — 2.ª edição ilustrada.

101 — HERBERT BALDUS: **Ensaio de Etnologia Brasileira** — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Ed. ilustrada.

139 — ANGIONE COSTA: **Migrações e Cultura Indígena** — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. ilustrada.

154 — CARLOS FR. PHILL VON MARTIUS: **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844)**. Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva — Ed. ilustrada.

FILOLOGIA

25 — MÁRIO MARROQUIM: **A Língua do Nordeste**.

46 — RENATO MENDONÇA: **A Influência Africana no Português do Brasil** — Ed. ilustrada.

FOLCLORE

57 — FLAUSINO RODRIGUES VALE: **Elementos do Folclore Musical Brasileiro**.

103 — SOUSA CARNEIRO: **Mitos Africanos no Brasil** — Ed. ilustrada.

GEOGRAFIA

30 — CAP. FREDERICO A. RONDON: **Pelo Brasil Central** — Ed. ilustrada, 2.ª edição.

33 — J. DE SAMPAIO FERRAZ: **Meteorologia Brasileira**.

35 — A. J. SAMPAIO: **Fitogeografia do Brasil** — Ed. ilustrada — 2.ª edição.

53 — A. J. DE SAMPAIO: **Biogeografia dinâmica** — Ed. ilustrada.

45 — BASÍLIO DE MAGALHÃES: **Expansão Geográfica do Brasil Colonial**.

63 — RAIMUNDO MORAIS: **Na Planície Amazônica** — 4.ª edição.

80 — OSVALDO R. CABRAL: **Santa Catarina** — Ed. ilustrada.

86 — AURÉLIO PINHEIRO: **À Margem do Amazonas** — Ed. ilustrada.

104 — ARAUJO LIMA: **Amazônia — A Terra e o Homem** — (Introdução à Antropogeografia).

106 — A. C. TAVARES BASTOS: **O Vale do Amazonas** — 2.ª edição.

91 — ORLANDO M. CARVALHO: **O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco** — Ed. ilustrada.

97 — LIMA FIGUEIREDO: **Oeste Paranaense** — Ed. ilustrada.

138 — GUSTAVO DOTT: **Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupi** — Prefácio e notas de Gustavo Barroso. Ed. II.

GEOLOGIA

102 — S. FRÓES ABREU: **A riqueza mineral do Brasil** — Ed. ilustrada.

134 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Geologia Econômica do Brasil** — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

10 — OLIVEIRA VIANA: **Evolução do Povo Brasileiro** — 3.ª edição (ilustrada).

13 — VICENTE LICÍNIO CARDOSO: **A margem da História do Brasil** — 2.ª edição.

14 — PEDRO CALMON: **História da Civilização Brasileira** — 3.ª edição.

40 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 1.º Tomo — **Espírito da Sociedade Colonial** — 2.ª edição, ilustrada com 13 gravuras.

83 — PEDRO CALMON: **História Social do Brasil** — 2.º Tomo — **Espírito da Sociedade Imperial** — Ed. ilustrada.

15 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Da Regência à queda de Rozas** — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

42 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Formação Histórica do Brasil** — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto).

23 — EVARISTO DE MORAIS: **A escravidão africana no Brasil**.

36 — ALFREDO ELLIS JUNIOR: **O Bandeirismo Paulista e o Recôdo do Meridiano** — 2.ª edição.

37 — J. F. DE ALMEIDA PRADO: **Primeiros Povoadores do Brasil** — 2.ª Ed. ilustrada.

47 — MANOEL BOMFIM: **O Brasil** — Com uma nota explicativa de Carlos Maul.

48 — URBINO VIANA: **Bandeiras e sertanistas baianos.**

49 — GUSTAVO BARROSO: **História Militar do Brasil** — 2.ª Edição ilustrada com 50 gravuras e mapas.

76 — GUSTAVO BARROSO: **História Secreta do Brasil** — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada — 3.ª edição.

64 — GILBERTO FREIRE: **Sobrados e Mucambos** — Decadências patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.

69 — PRADO MAIA: **Através da História Naval Brasileira.**

89 — CORONEL A. LOURIVAL DE MOURA: **As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**

93 — SERAFIM LEITE: **Páginas da História do Brasil.**

94 — SALOMÃO DE VASCONCELOS: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independência** — Edição ilustrada.

108 — PADRE ANTÔNIO VIEIRA: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.

111 — WASHINGTON LUIS: **Capitania de São Paulo** — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.ª edição.

117 — GABRIEL SOARES DE SOUSA: **Tratado descritivo do Brasil em 1587** — Comentários de Francisco Adolfo de Varnhagen — 3.ª edição.

123 — HERMANN WATJEN: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.

124 — LUIZ NORTON: **A Corte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada.

125 — JOÃO DORNAS FILHO: **O Paredão e a Igreja Brasileira.**

127 — ERNESTO ENNES: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua história) 1.º Vol. Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

128 e 128-A — ALMIRANTE CUSTÓDIO JOSÉ DE MELO: **O Governo Provisório e a Revolução de 1893** — 1.º Volume, em 2 tomos.

132 — SEBASTIÃO PAGANO: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.

146 — AURELIO PIRES: **Homens e fatos do meu tempo.**

149 — ALFREDO VALLADÃO: **Da Aclamação à Maioridade, 1822-1840** — 2.ª edição.

158 — WALTER SPALDING: **A Revolução Farrroupilha** (História popular do grande decênio) — 1835-1845 — Ed. il.

MEDICINA E HIGIENE

29 — JOSUÉ DE CASTRO: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.ª edição.

51 — OTÁVIO DE FREITAS: **Doenças Africanas no Brasil.**

129 — AFRÂNIO PEIXOTO: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geográfica à Civilização Brasileira.

POLÍTICA

3 — ALCIDES GENTIL: **As idéias de Alberto Torres** (Síntese com índice remissivo) — 2.ª edição.

7 — BATISTA PEREIRA: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.

21 — BATISTA PEREIRA **Pelo Brasil Maior.**

16 — ALBERTO TORRES: **O Problema Nacional Brasileiro.** 2.ª edição.

17 — ALBERTO TORRES: **A Organização Nacional.** 2.ª edição.

24 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Problemas de Administração** — 2.ª edição.

67 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Problemas de Governo** — 2.ª edição.

74 — PANDIÁ CALÓGERAS: **Estudos Históricos e Políticos** — (Res Nostra ...) — 2.ª edição.

31 — AZEVEDO AMARAL: **O Brasil na crise atual.**

50 — MÁRIO TRAVASSOS: **Projeção Continental do Brasil** — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.ª edição ampliada.

55 — HILDEBRANDO ACCIOLY: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**

131 — HILDEBRANDO ACCIOLY: **Límites do Brasil** — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.

84 — ORLANDO M. CARVALHO: **Problemas Fundamentais do Município** — Ed. ilustrada.

96 — OSÓRIO DA ROCHA DINIZ: **A Política que convém ao Brasil.**

115 — A. C. TAVARES BASTOS: **Cartas do Solitário** — 3.ª edição.

122 — FERNANDO SÁBIO DE MEDEIROS: **A Liberdade de Navegação do Amazonas** — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.

141 — OLIVEIRA VIANA: **O Idealismo da Constituição** — 2.ª edição aumentada.

VIAGENS

5 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo** (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay — 2.ª edição.

58 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem à Província de Santa Catarina** (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira

68 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás** — 1.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

78 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás** — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

72 — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Segunda Viagem ao Interior do Brasil** — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.

126 e 126-A — AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE: **Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais** — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.

19 — AFINSON DE E. TAUNAY: **Visitantes do Brasil Colonial (Séc. XVI-XVIII)**, 2.ª edição.

28 — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES: **Viagem ao Araguaia** — 4.ª edição.

32 — C. DE MELO-LEITÃO: **Visitantes do Primeiro Império** — Ed. ilustrada (com 19 figuras).

62 — AGENOR AUGUSTO DE MIRANDA: **O Rio São Francisco** — Edição ilustrada.

95 — LUIZ AGASSIZ e ELIZABETH CARY AGASSIZ: **Viagem ao Brasil** — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süsskind de Mendonça — Ed. ilustrada.

113 — GASTÃO CRULS: **A Amazônia que Eu Vi** — Obidos — Tumuc-Humac — Prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.

118 — VON SPIX e VON MARTIUS: **Através da Bacia** — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.

130 — MAJOR FREDERICO RONDON: **Na Rondônia Ocidental** — Ed. ilustrada.

145 — SILVEIRA NETO: **Do Guairá aos Saltos do Iguassú** — Ed. ilustrada.

156 — ALFRED RUSSEL WALLACE: **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro** — Tradução de Orlando Torres e Prefácio de Basílio de Magalhães.

ADVERTENCIA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo

A REVOLUÇÃO
FARROUPILHA

WALTER SPALDING

★

A Revolução Farroupilha

(Historia popular do grande decenio seguido das "Efemérides" principais de 1835 - 1845, fartamente documentadas).

"Embóra aqui vejâis, ó patriotas,
do bojo circular do bronze duro
partir envolta em sangue, em denso fumo,
a furibunda, repentina morte;
embóra diviseis nessas campinas
juncadas de cadáveres sem conta
cujas almas, cedendo á lei da força,
seu tristíssimo fim no abismo choram,

.....
.....
.....
fazei, ó cidadãos, fazei justiça
do Rio Grande aos filhos valerosos.

*Sebastião Xavier do Amaral Sarmen-
to Menna (Obras Completas).*

Edição Ilustrada

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — PORTO-ALEGRE

1939

Nota Preliminar

A presente história popular *A Revolução Farroupilha*, foi especialmente escrita, em 1934, para um concurso aberto no Rio de Janeiro. O prazo para a entrega deveria terminar em abril, sendo, porém, prorrogado para setembro desse ano de 1934. Entretanto, somente em setembro de 1935 foi lavrado o parecer, recebendo eu notícia do resultado em fins de outubro.

O parecer sobre o presente trabalho foi o seguinte :

“Um unico concorrente se apresentou, o sr. Walter Spalding, ao premio de Historia da Revolução Riograndense de 1835 a 1845 (clausula a do concurso) com o seu livro inédito : *A Revolução Farroupilha*. E' um util trabalho que revela pesquisa, preocupação de veracidade, pleno conhecimento e valorisação das fontes. Infelizmente o autor, podendo escrever um bom resumo da história dos dez anos da Guerra dos Farrapos, preferiu a forma, menos sugestiva, de efemérides, de modo a produzir uma obra fragmentaria, que não corresponde, exatamente, apesar de seus meritos, ao

que estatúem a clausula *a* e o artigo VI do Concurso".

Com tal parecer, embóra honroso, não me era possível, de forma alguma, concordar, pois não creio que qualquer trabalho de historia pelo facto de conter uma parte consagrada ás efemérides deva ser, por isso, todo ele considerado efemérides.

Em fim...

Entregando, agora, este trabalho á C.º Editora Nacional, ampliei consideravelmente o capitulo V, — Efemérides —, conservando, porem, os demais capitulos tal como foram escritos em 1934.

Dadã essa explicação, peço venia para depositar a presente historia popular aos pés dos grandes amigos e mestres,

CORONEL E. F. DE SOUZA DOCCA

e

DR. EDUARDO DUARTE,

e, cheio do mais profundo reconhecimento, á minha

ESPOSA

que tanto me auxiliou e animou na confecção de *A Revolução Farroupilha*, eu a

Ofereço, dedico e consagro.

Porto Alegre, novembro de 1938.

Walter Spalding.

CAPITULO I

§ I

OS PRESIDENTES DO PERIODO REVOLUCIONARIO

EMBORA nos interessem unicamente os presidentes do Rio Grande do Sul durante o periodo revolucionario, daremos, comtudo, a seguir, uma relação de todos desde o primeiro nomeado depois da proclamação da independencia do Brasil.

O 7 de setembro de 1822 encontrou, dirigindo os destinos da provincia uma junta governativa, constituida dos seguintes membros :

João de Deus Mena Barreto, Manuel Maria Ricalde Márques, José Inacio da Silva, Felix José de Matos Pereira de Castro, José Teixeira da Mata Bacelar, vigario Fernando José de Mascarenhas Castello Branco e Antonio Bernardes Machado.

Esta junta governativa esteve no poder até o dia 29 de novembro de 1823, data em que foi empossada nova junta por não poder logo assumir a presidencia o primeiro presidente nomeado, dr. José Feliciano Fernandes Pinheiro.

Compunha-se essa nova junta dos seguintes membros :

Marechal de campo José Inacio da Silva (presidente), José Joaquim Machado de Oliveira (secre-

tário), Francisco Xavier Ferreira (1) e padres Fernando José de Mascarenhas Castelo Branco e Tomé Luis de Souza.

Esta junta entregou o governo ao primeiro presidente, Desembargador José Feliciano Fernandes Pinheiro (mais tarde Visconde de São Leopoldo), que fôra nomeado a 25-11-1823, tendo sido empossado a 8 de março de 1824.

2.º — Brigadeiro José Egidio Gordilho de Barbuda, empossado a 14 de janeiro de 1826.

3.º — Brigadeiro Salvador José Maciel, empossado a 4-11-1826.

4.º — Vigário Geral Antonio Vieira da Solidade, assumiu a presidencia, como vice-presidente, a 2 de agosto de 1829 por impedimento do brigadeiro Salvador José Maciel.

5.º — Caetano Maria Lopes Gama (mais tarde visconde de Maranguape), empossado a 17 de novembro de 1829.

6.º — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, assumiu a presidencia por impedimento de Lopes Gama, a 22 de abril de 1830.

7.º — Caetano Maria Lopes Gama, reassumiu a presidencia a 22 de agosto de 1830.

8.º — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, volta a assumir a presidencia por impedimento de Lopes Gama, a 22-12-1830.

9.º — Desembargador José Carlos Pereira de Almeida Torres (mais tarde visconde de Macaé), tomou posse a 8 de janeiro de 1831.

(1) Francisco Xavier Ferreira desempenhou varios cargos nos governos da provincia, desde membro da junta governativa, a enviado especial junto ás côrtes do Rio de Janeiro, e deputado á Assembleia Provincial de 1835. Foi deesse mesmo cidadão que Pedro Chaves pediu folha corrida para o perseguir. (Veja-se o § II — A Assembleia Provincial em 1835, — carta de Pedro Chaves a João Francisco Vieira Braga.

10.º — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, assume pela terceira vez a presidencia a 29 de março de 1831, no impedimento do desembargador José Carlos.

11.º — Desembargador Manuel Antonio Galvão, empossado a 11 de julho de 1831.

12.º — Desembargador José Mariani, empossado a 24 de outubro de 1833.

Foi durante a presidencia do desembargador Mariani que tiveram inicio os movimentos francamente revolucionarios, que se não tornaram efetivos porque o governo da Regencia atendeu a tempo a reclamação dos liberias rio-grandenses, enviando-lhes um presidente filho da provincia, conforme haviam pedido, e no qual depositavam, todos, a maxima confiança.

Foi esse presidente, entusiasticamente recebido pelo povo em geral (2), o

13.º — (e primeiro do periodo revolucionario), — Dr. ANTONIO RODRIGUES FERNANDES BRAGA mais tarde desembargador), cuja nomeação fôra feita a 14 de fevereiro de 1834, tendo sido empossado a 2 de maio do mesmo ano.

Começou Rodrigues Braga seu governo, conforme se verá no Capitulo segundo, a inteiro contento dos liberaes. Em seguida, porem, desandou, completamente dominado por seu irmão, o bacharel Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, jovem e estreitamente violento, e pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, comandante das armas. O descontentamento, por isso, começou a reinar e a tal ponto chegou a exaltação popular que a 20 de setembro

(2) Veja-se o capitulo segundo deste trabalho — *Os precedentes* — em que são suscintamente examinadas as causas principais que motivaram o levante de 20 de setembro de 1835.

de 1835 foi Rodrigues Braga deposto vendo-se obrigado a fugir da capital, indo instalar seu governo na cidade do Rio Grande.

Deu-se, com isso, dualidade de governos, pois enquanto Fernandes Braga governava no Rio Grande, em Pôrto Alegre dirigia o governo, de acordo com os revolucionarios, o

14.º — (2.º p. r.) — Dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-presidente, 4.º vice-presidente, aliás, escolhido pelos revolucionarios que o empossaram a 21 de setembro de 1835.

No dia 20 de outubro desse mesmo ano, asseidiada a cidade do Rio Grande pelos revolucionarios, Rodrigues Braga, sem mais detença, embarca para o Rio de Janeiro, onde chega a 29. Termina, desse modo, a primeira dualidade de governos. Com a fuga de Braga, nomeia o governo da regencia novo presidente com o intuito, ao menos aparente, de conciliar a situação. Assim, chega a Pôrto Alegre, a 4 de dezembro de 1835, o

15.º — (3.º p. r.) — Dr. José de Araujo Ribeiro, riograndense do renome, illustre por varios titulos, nomeado pela regencia a 18 de outubro de 1835 e, em virtude da denegação de posse pela Assembléa Provincial, a 9 de dezembro, empossado na cidade do Rio Grande a 15 de janeiro de 1836.

Por esse motivo resolveu o dr. Marciano Pereira Ribeiro demittir-se do cargo de presidente, mesmo porque a Assembléa, querendo conciliar a situação, havia convidado Araujo Ribeiro a ratificar sua posse perante a Assembléa, em Pôrto Alegre, concedendo-lhe o prazo, para tal, até 15 de fevereiro. Araujo Ribeiro, porem, apesar de todas as promessas, não atendeu a Assembléa sendo, por isso, empossado o

16.º — (4.º p. r.) — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, a 16 de fevereiro de 1836.

O dr. Americo Cabral e Melo, porem, espirito sereno e bastante imparcial, não resistiu por muito tempo demittendo-se pretextando motivos de saude, sendo, então, substituido pelo

17.º — (5.º p. r.) — Dr. Marciano Pereira Ribeiro, cuja posse se realisou a 28 de março de 1836. Com a reação de 15 de junho desse ano foi o dr. Marciano demittido e aprisionado pelos *caramurus*, terminando, assim, de vez, a dualidade de governos.

18.º — (6.º p. r.) — Brigadeiro Antonio Elzeario de Miranda e Brito, nomeado a 25 de maio de 1836, tomou posse a 4 de julho do mesmo ano, na cidade do Rio Grande.

19.º — (7.º p. r.) — Dr. José de Araujo Ribeiro, a pedido do povo de Pelotas, Rio Grande e S. José do Norte, é novamente nomeado a 9 de julho de 1836 e empossado a 24 do mesmo mês, ainda na cidade do Rio Grande por não estar muito segura a capital.

20.º — (8.º p. r.) — Brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, nomeado a 21 de novembro de 1836, tomou posse em Pôrto Alegre a 5 de janeiro de 1837. Espirito violento e com a pretensão de terminar desde logo com a revolução, censurou asperamente a Bento Manuel Ribeiro que, não menos orgulhoso, o aprisionou quando ia, Antéro, aprisiona-lo a ele, Bento Manuel, no passo do Itapevi, a 23 de março de 1837. Com esse ato, Bento Manuel Ribeiro incorprorou-se, novamente, ás hostes farroupilhas. Em consequência desse facto foi chamado á presidencia o

21.º — (9.º p. r.) — Dr. Americo Cabral e Melo, vice-presidente, que tomou posse a 1.º de abril desse mesmo ano.

22.º — (10.º p. r.) — Tenente-coronel Francisco das Chagas Santos, nomeado a 14 de abril, empossou-se a 16 de maio de 1837.

23.º — (11.º p. r.) — Feliciano Nunes Pires, nomeado a 16 de maio de 1837, empossou-se a 6 de junho do mesmo ano.

24.º — (12.º p. r.) — Marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito, nomeado a 28 de setembro de 1837, empossou-se a 3 de novembro.

25.º — (13.º p. r.) — Dr. João Dias de Castro, vice-presidente, assumiu a presidência a 12 de junho de 1839 por ter-se retirado o marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

O Dr. Dias de Castro nasceu na vila de Piratini em 1807 e bacharelou-se em 1833 na Faculdade de Direito de S. Paulo, vindo logo para a provincia. Teve papel saliente, como imperial, no periodo revolucionario, e atuou como promotor publico no "Processo dos Farrapos". (Veja-se Aurelio Porto — Publicações do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, — vols. XXIX, XXX e XXXI).

26.º — (14.º p. r.) — Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, nomeado a 22 de maio de 1839, tomou posse a 24 de junho.

27.º — (15.º p. r.) — Tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa (mais tarde barão de Caçapava), nomeado a 10 de junho de 1840, foi empossado a 27 de julho seguinte.

Soares de Andréa foi recebido na provincia com bastante prevenção, pois vinha precedido de má fama devido as chacinas praticadas no Pará que se revolucionára em 1835. Nasceu Andréa em

Lisbôa; em 1781 e faleceu no Rio Grande do Sul, em 1858.

28.º — (16.º p. r.) — Dr. Francisco Alvares Machado e Vasconcelos, nomeado a 7 de novembro de 1840, empossou-se a 30 do mesmo mês.

Alvares Machado, natural de S. Paulo, era deputado por sua provincia, tendo sido um dos presidentes mais queridos no Rio Grande do Sul. Cidadão lhano e de grande nobreza de character, inspirou confiança até aos proprios revolucionarios que chegaram a tratar, com ele, a pacificação da provincia. Nada, porem, resultou por serem mui restritas suas attribuições como representante do governo imperial.

29.º — (17.º p. r.) — Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, nomeado a 4 de março de 1841, foi empossado a 17 de abril seguinte.

30.º — 18.º p. r.) — Tenente-coronel Luis Alves de Lima e Silva, barão de Caxias, (mais tarde conde, marquês e duque de Caxias), nomeado a 28 de setembro de 1842, foi empossado a 9 de novembro do mesmo ano.

Ao barão de Caxias deve a provincia a final pacificação dos animos. O que não conseguiram as armas, conseguiu o tino politico e diplomatico do grande Caxias, apontando ao patriotismo dos farroupilhas a ameaça estrangeira á integridade do Brasil.

A gratidão dos riograndenses, vendo que o perdia por ter Caxias pedido licença a 11 de março de 1846, tratou, logo, de eleger-lo representante da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul no Senado.

§ II

A ASSEMBLEA PROVINCIAL
EM 1835

A Assembléa Provincial de S. Pedro do Rio Grande do Sul foi creada pelo áto adicional, lei de 12 de agosto de 1834.

Feitas as eleições, para deputados, abriu-se a Assembléa Legislativa a 20 de abril de 1835, sendo eleito seu primeiro presidente o dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Foram os seguintes os seus membros a começar pelos mais votados :

- Rodrigo de Souza da Silva Pontes,
Antonio José Gonçalves Chaves,
P. Francisco das Chagas Martins d'Avila e
Souza,
Dr. Marciano Pereira Ribeiro,
Gabriel Martins Bastos,
Dr. João Dias de Castro,
Dr. Fidencio José Ortiz,
José Maria Rodrigues,
Rodrigo José da Fontoura Moreira,
Dr. Amrico Cabral e Melo,
Dr. José de Paiva Magalhães Calvet,
Antonio Joaquim da Silva Maia,
P. Tomé Luis de Souza,
Dr. Joaquim Vieira da Cunha,
Dr. João Batista de Figueiredo Mascarenhas,
Dr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves,
P. Sebastião Pinto do Rego,
Dr. Francisco de Sá Brito,

Dr. João Francisco Vieira Braga,
Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto,
Major José Mariano de Matos,
Dr. Manuel Felizardo de Souza e Melo,
Coronel Oliverio José Ortiz,
Coronel Bento Gonçalves da Silva,
Francisco Xavier Ferreira,
Dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga,
Coronel João da Silva Tavares,
Domingos José de Almeida.

Foram considerados suplentes os seguintes :

Coronel José Maria Gama,
João Rodrigues Ribas,
Desembargador José Maria de Sales Gameiro,
Dr. Vicente José da Maia,
Dr. Alexandrino Vieira da Cunha,
Dr. Antonio Vieira Braga,
Capitão José Gomes de Vasconcelos Jardim,
Alferes José Pinheiro de Ulhoa Cintra,
Alferes Joaquim Lopes de Barros,
Antonio Fernandes Teixeira,
Coronel Bento Manuel Ribeiro,
José Bitencourt Cidade,
Manuel Joaquim de Souza Medeiros,
Silvano José Monteiro d'Araujo e Paula,
Antonio Alves Pereira Coruja,
Pedro José de Almeida (Pedro Boticario, o
Marat Farroupilha),
P. Juliano de Faria Lobato,
Serafim dos Anjos França,
Vicente Ferreira Gomes,
Vicente José da Silveira França.

Foi essa a Assembléa que negou, unanimemente, (faltando, em verdade, á sessão, muitos deputados *caramurús*), a posse ao novo presidente nomeado,

dr. José de Araujo Ribeiro, mais tarde visconde do Rio Grande.

Deve-se, porem, notar que a maioria dos deputados eleitos pertencia aos liberais de modo que, mesmo com a totalidade dos conservadores a posse seria adiada. Havia, alem disso, a favor dos deputados, o insistente pedido feito no proprio dia 9 de dezembro de 1835, de todos os Juizes de Paz da Capital, em nome do povo, exigindo, pode-se dizer, o adiamento da posse do dr. Araujo Ribeiro.

* * *

A respeito das eleições efetuadas para essa Assembléa, possuímos copia autentica de uma carta inédita (3), dirigida por Pedro Chaves (Pedro Rodrigues Fernandes Chaves) ao dr. João Francisco Vieira Braga, mais tarde conde de Piratini.

Documento interessantissimo, prova que nós, hoje, não nos adiantamos muito nos processos eleitorais.

E' a seguinte a carta, na integra, modernisada, apenas, a ortografia (4) :

“Ilmo. Sr. João Francisco Vieira Braga. — Rio Grande — Meu amigo do coração. — Pelo correio passado comecei a escrever-lhe, porém deixei a carta em meio por incomodado. Recebi a sua ultima que acompanhava a lista do Rio Grande. Envio a dos Colegios que tem chegado ao meu co-

(3) A copia da carta em apreço foi-nos fornecida pelo distinto filatelista, sr. Mario Araujo, proprietario do original que tivemos em mão.

(4) Afim de evitar equívocos, declaramos que todos os documentos constantes do presente trabalho vão com a ortografia simplificada, que é a que adotamos.

nhecimento. Por ora a maioria é nossa, e espero que não nos faltem os Colegios de fóra, como Caçapava, Missões e porque estão debaixo da influencia do marechal. A Cachoeira foi-nos muito avessa, porem alem de ser vila das muito rusguentas nunca pensei que tivesse 25 eleitores, e até julgo que lá mandaram chamar os suplentes dos que foram votar á Caçapava, porque agora este Colegio foi separado da Cachoeira de sorte que houveram eleitores votando em Caçapava por si, e por seus suplentes na Cachoeira. Apezar de tudo a vitoria conto que seja nossa. Pedro Boticario vái muito atrazado junto com o Silvano. Já estão muito zangados com a súcia, por verem que José de Paiva, Gabriel tem sido votados e eles não, donde concluem e muito bem que os atraçoaram. A Idade do Páu já não safu, e dizem que por empenhos do José de Paiva por causa de uma forte descompostura que o Pedro dava no Bento.

Eles andam muito murchos, ainda que confiem alguma cousa na mudança do Ministerio porem este não é rusguento, e por isso é alegria do povo. Faça em meu nome e por meio de pessoa segura um requerimento, em que peça os assentamentos do Xavier Ferreira constantes do Livro Mestre do 4.º Corpo de Jaguarão quando foi ajudante de cirurgia da extinta Legião. Rogo-lhe o obsequio de me enviar os livros que o Jobim me enviou por seu mano José porque são as Revistas Britanicas as quais podem servir para o periodico.

Disponha do seu amigo que é do coração. — Aí vão 2 numeros do Barbeiro para se entreter.

10 de fevereiro de 1835''

Pedro Roiz F. Chavés.

Como se vê, Pedro Chaves, irmão do dr. Fernandes Braga, e redator do periodico *Correio Oficial*, estava bem optimista com as eleições. Entretanto, a maioria dos deputados eleitos pertenciam ao partido liberal, que chamavam — dos farroupilhas.

Fala Pedro Chaves na influencia do Marcehal (Sebastião Barreto Pereira Pinto) que, aliás, com toda sua influencia obteve, apenas, 75 votos, emquanto o mais votado (Rodrigo de Souza da Silva Pontes) obtivera 139. Trata ironicamente de Pedro José de Almeida, *Pedro Boticario*, como era por todos conhecido, redator do virulento jornalsinho *A Idade do Pau*. Diz que Silvano José Monteiro d'Araujo e Paula e Pedro Boticario estavam despeitados por serem poucos seus votos (obtiveram, respectivamente, 35 e 32 votos) e declara que *A Idade do Pau* não safra "por causa duma descompostura que o Pedro dava no Bento" (?), (provavelmente Bento Gonçalves da Silva). Sobre Francisco Xavier Ferreira que obteve, como Bento Gonçalves, apenas 69 votos, pede "os assentamebtos constantes do Livro Mestre do 4.º Corpo de Jaguarão" o que quer dizer que estava disposto a fazer guerra ao candidato liberal que já fôra, entre 1823 e 24 delegado da provincia na Côrte, onde pleiteára para Porto Alegre o titulo de cidade (5).

(5) Porto Alegre foi agraciada com o titulo de cidade por decreto de 14 de novembro de 1822.

O *Barbeiro*, de que fala o missivista, é o *Mestre Barbeiro*, jornalsinho pequeno no formato, mas grande no ataque á opposição, — o partido liberal. Era seu redator o famoso *Prosódia*, Antonio José da Silva Monteiro, que foi a primeira vitima da revolução, no *combate* da ponte da Azenha, na noite de 19 para 20 de setembro, tendo sido enterrado, segundo Alfredo Ferreira Rodrigues, “na madrugada seguinte, no centro da Varzea”.

* * *

Conforme ficou dito, a Assembléa foi solenemente aberta no dia 20 de abril de 1835.

Na sessão inaugural, o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, presidente da Provincia, na sua “fala” de abertura, denuncia um plano de separação da provincia que dizia existir, em que figuravam diversos liberais mancomunados no plano ao lado do general João Antonio Lavalleja e do padre Caldas, o famoso revolucionario da Confederação do Equador emigrado no Uruguái.

A denuncia provocou escandalo e tanto maior porque Braga, imprudentemente, talvez julgando dar um golpe de morte nos liberais, — chegou a nominar alguns dos denunciados pelo marchal Sebastião Baretto Pereira Pinto.

Houve varios discursos a respeito, sendo o mais veemente o do deputado José de Paiva Magalhães Calvet, que o *Correio Oficial* refere com estas palavras apenas: “Magalhães Calvet levantou-se para combater a fala”.

Historiadores ha que dizem ter tambem protestado violentamente o deputado Bento Gonçalves da

Silva, um dos nominados. (6) Entretanto, sobre o discurso-protesto de Bento Gonçalves nada encontramos nem em documentos, nem em jornais da época...

Durante todo o periodo de funcionamento da Assembléa houve agitação. As sessões foram, sempre, acaloradas. De parte a parte provocações, em linguagem violenta, completada pela da imprensa que era, não raro, achincalhadora (7).

A questão da denuncia feita por Braga na sessão de abertura, foi explorada continuamente pelos governistas (conservadores, caramurus, camêlos, pés de chumbo...), a ponto de, na véspera do encerramento da Assembléa, no manifesto, ainda a ela se referirem com alarde.

O encerramento foi a 20 de junho, e no seu n.º 55, de 27 de junho, o *Correio Oficial* publica a proclamação na integra, precedida de uma nota provocadora :

“A Assembléa Legislativa Provincial findou os seus trabalhos dirigindo aos seus comprovincianos o Manifesto abaixo transcrito. Nós o publicamos tal qual foi aprovado, e de tanto mais bom grado, quanto maior foi a opposição que na Assembléa fez o par-

(6) Veja-se: Alfredo VARELA — *Revoluções Cisplatinas, Historia da Grande Revolução*, e H. Canabarro REICHARDT — *Bento Gonçalves da Silva*.

(7) Para exemplo damos, a seguir, um trecho do órgão oficial do governo que, por se-lo, não a deveria empregar. Mas, seu redator principal era o bacharel Pedro Chaves...

Correio Oficial, n.º 82, de 22-7-1835 :

“Três e mais gerações de diferentes sujeitos que ha muito jaziam aquecidos no silencio dos turbulos, foram por varias vezes apresentados com hediondas cores nas nojentas paginas do *Jinado Eco*. Cansado de tanta infâmia, envergonhado talvez, ou ralado de remorsos, desceu á placida habitação dos mortos. Deixa, pois, de ser publicada uma das mais imundas folhas periódicas; algum descanso mais terão as familias da capital da provincia. Mas não : de seus destroços em fermentação pútrida surge outro periódico — *O Continentista* — “etc. etc. — *O Eco Porto Alegre* era do Dr. Francisco de Sá BRITO, e o *O Continentista*, que o substituiu foi de Sá BRITO e Magalhães CALVET até o n.º 24, conforme declaração que publicaram a 20-12-1835.

tido Farroupilha-Lavallejista, para que não constasse que o Exm^o. Presidente merecia a confiança da Provincia cujos destinos rege; confiança tanto mais certa por ser pronunciada pelo órgão legitimo da Representação Provincial”.

A ASSEMBLEA LEGISLATIVA PROVINCIAL DO RIO GRANDE DO SUL A SEUS COMPROVINCIANOS

“Riograndenses! Vossos representantes se achavam reunidos em virtude da Lei de 12 de agosto do ano p. p., e solícitos anelavam pelo momento de mostrar praticamente uma parte dos beneficios que da judiciosa e politica reforma do nosso Pacto Fundamental, determinada na sobredita Lei, ha-de necessariamente provir a esta Provincia, assim como a todas as outras partes do grande Imperio Brasileiro. Cumpriu-se a disposição do art. 8.^o da Lei das Reformas: o Administrador Provincial veio instruir a Assembléa do estado dos negocios públicos; e então soubemos que uma conspiração se tramava para fazer eclipsar do pavilhão auri-verde a estréla riograndense.

Teria o chefe politico da Provincia nas Leis existentes meios bastantes para fazer abortar tão nefando plano?

Precisaria ele de medidas legislativas ao alcance da Assembléa Provincial?

Eis aqui, riograndenses, as questões que naturalmente se ofereciam á consideração de vossos representantes, em cujo espirito a mais penosa sensação era causada pela terrivel ideia de que houvesse algum brasileiro assás desnaturalizado para tentar tão horroroso crime. Casos extraordinarios

exigem medidas fóra do andamento ordinario das cousas. A Assembléa convidou o Presidente a depositar pessoalmente em seu seio tudo quanto pensava acerca da indicada conspiração, e o presidente da provincia não exitou um momento em anuir aos desejos da Assembléa. Aqui declarou que seu zelo e solicitude pelo bem publico e pela integridade do Imperio o haviam movido a fazer á Assembléa ciente das noticias que da conspiração tinham chegado ao seu conhecimento; que julgava ter nisso obrado com honra e lealdade, cumprindo um dever; e que se persuadia de que no caso de com efeito existir conspiração o alvitre de a fazer pública era aconselhado pela política, pois que de ordinario conspirações se desmancham sómente com a publicidade da existencia delas. Terminou o administrador provincial asseverando que em todo o caso achava nas leis existentes os meios de que poderia necessitar, mas que hoje está convencido de que a conspiração não existe; e que jamais poderá tomar vulto algum plano igual á vista dos briosos e patrioticos sentimentos dos habitantes da Provincia do Rio Grande do Sul.

Aliviados, pois, Riograndenses, os vossos representantes dos sentimentos de anciedade e afflicção que os oprimiam, e persuadidos de que iguais sentimentos terão talvez afetado vossos corações, julgaram de seu dever dirigir-vos o presente Manifesto, ou exposição de quanto ha passado a tal respeito, e da convicção em que se acham com o Presidente da Provincia de que a conspiração não existe, exortando-vos a conservar intátos os sentimentos de união e verdadeiro amor á Patria, assim como a necessaria confiança na pureza e intenções, na bôa fe, no patriotismo do Presidente da Provincia.

Paço da Assembléa, 19 de junho de 1835".

* * *

Os liberais protestaram pela voz de sua imprensa, pois ao sair o Manifesto supra nada mais podiam fazer na Assembléa, cujos trabalhos estavam encerrados.

Assim, disse *O Continentista* que esse manifesto fôra aprovado porque não esperaram os conservadores que chegassem todos os deputados da opposição, e que o manifesto era tendencioso.

O *Correio Oficial* volta a tratar do assunto em varios numeros consecutivos, sempre com ironia e violencia de linguagem, aumentando, desse modo, a exaltação dos liberais.

Aliás, o espirito revolucionario, a nosso ver, formou-se verdadeiramente no seio da Assembléa. Foi ella, sem duvida, o cadinho em que se refinaram os sentimentos de reivindicção, e se tornou vitoriosa a ideia levada a effeito, pelas armas, em setembro dêsse anno.

CAPITULO II

OS ANTECEDENTES

A revolução farroupilha foi essencialmente reivindicadôra. Sua finalidade não teve, jámais, outra intenção.

O Rio Grande, desde muito, vinha sendo barbaramente explorado, martirisado e, mesmo, achincalhado pelo governo central.

Si, pois, procurarmos a origem do descontentamento geral reinante na provincia do Rio Grande, teriamos que procura-la já antes da independencia.

No *Almanaque da vila de Porto Alegre*, datado de 1808, o seu autor, Manuel Antonio de Magalhães, relata, queixosamente, a pouca atenção dispensada ao Rio Grande do Sul.

Em fins de 1822, ou principios de 23, novas reclamações e queixas são apresentadas na Côrte. Quem as leva é um dos membros da Junta Governativa, — Francisco Xavier Ferreira, — que papel saliente representou na revolução farroupilha.

A correspondencia dos governadores e presidentes, correspondencia de particulares para a Côrte, repetem sempre, e cõstantemente, a mesma coisa: O Rio Grande está abandonado, o Rio Grande está sendo delapidado pela Côrte, ao Rio Grande procura-se até matar industrias e commercio com impostos exorbitantes, como aquella que pesava sobre o charque, — 600 reis fortes por arroba, — facilitan-

do, desse modo, a entrada do artigo vindo de Montevideu nos demais portos do Brasil e por um preço muito inferior, quasi a metade, do charque riograndense. Assim sobre os couros, sobre a erva-mate, sobre tudo, enfim.

Em 1821, além dos impostos já existentes, como o dos *quintos*, foi decretada nova lei, a 16 de abril, que mandava cobrar mais o *dizimo* sobre todos os produtos que a provincia exportava: charque, couros, erva-mate, sebo, graxa, trigo, etc., aumentando assim, ainda mais os preços e dificultando a exportação. E enquanto com o Rio Grande assim procediam as Côrtes, relativamente ao seu commercio e industrias, Buenos Aires e Montevideu vendiam, com lucros fabulosos seus produtos ao Brasil, — os mesmos que o Rio Grande do Sul possuia em quantidade, mas não podia exportar devido os impostos proibitivos.

Assim matavam as Côrtes a riqueza do Rio Grande.

Mas, não contentes, delapidavam, tambem, o seu magro tesouro.

Baptista Pereira, numa pagina admiravel, assim descreve as relações entre a Côrte e o Rio Grande:

“Um regime de exações e arbitrariedades incomportaveis. É um descaso absoluto. = A metropole só se lembrava do Rio Grande do Sul para raspar-lhe os cofres, pedir-lhe sacrificios de toda a monta e impedir-lhe o desenvolvimento. Pouco antes da revolução a Côrte requisitava-lhe anualmente 800 contos do magro Tesouro, não lhe deixando sinão cento e poucos para o minguido orçamento. = Quanto ao tratamento que recebiam os filhos da provincia, não podia ser mais injusto. Engajados em grande parte no Exercito, raros ascendiam aos altos

postos, reservados aos membros do Partido Português. O direito de propriedade era um mito. A metropole não gastava dinheiro com o Exército. E' freqüente, segundo as crônicas da época, verificarem-se atrasos de oito, nove e dez anos no pagamento do soldo. Como vivia essa gente? De um modo muito simples: á custa de requisições. A requisição era o espantinho geral. Só se eximiam ás suas rapinas os "irmãos da ópa", os companheiros e socios de pilhagem. A requisição era verbal, não deixava um só documento com que a vítima pudesse mais tarde vir a reivindicar o seu direito. Além das requisições, pesava sobre os habitantes do Rio Grande a tortura do aboletamento". E daí denominarem o Rio Grande "estalagem do Imperio", conforme a frase de um contemporaneo, repetida por Bento Gonçalves em seu manifesto de 29 de agosto de 1838.

O Rio Grande era, em tudo, uma provincia mar-tir. Para tudo recorria-se ao Rio Grande. Para dinheiros, para recrutamentos, para aboletamentos, especialmente de forças armadas que vinham espiar as manobras dos visinhos e ver, quasi que unicamente ver, como combatiam os pobres rio-grandenses, verdadeiros "paus para toda a obra".

O rio-grandense vivia de armas ás costas, es-pada na mão e pé no estribo, defendendo o Brasil contra o estrangeiro. Ao primeiro grito de alarma, quem primeiro acorria eram os filhos da provincia, os gauchos. Eram eles que davam o sinal de rebatê, a primeira carga, defendiam os lugares mais em pe-rigo e tomavam sobre si as maiores responsabilida-des da guerra, sempre de ânimo sereno, e eram os ultimos a depor a espada e a lança lá nos seus ran-chos, ao pé da cama, para retoma-las novamente ao primeiro grito de receio do Brasil.

E aí temos, como retratos vivos dessas dedicações sem recompensa, livres, espontaneas, herois como Chagas Santos, Borges do Canto e tantos outros que seria demais enumerar. Mas a metropole nada disso via, ou fingia não ver, porque tambem ela, a Côrte toda estava vergonhosamente dominada pelo elemento português, retrogrado, que queria proceder com o Rio Grande como Portugal procedêra com o Brasil-colônia: tirar-lhe tudo e tudo negar-lhe até mesmo o direito de fabricar suas roupas!

Mas não foram só esses os motivos de desgostos. Muitos outros surgiram, merecendo menção especial a batalha do "passo do Rosario", e a perda da Cisplatina, que tanto sangue custára ao Rio Grande.

Nessa guerra da Cisplatina (1825 a 1828), que o povo intitidou "Guerra do Videu", muito official illustre, e muito general possuia o Rio Grande no Exercito nacional. Devia, portanto, por direito e justiça, caber a um rio-grandense o comando geral, pois foram sempre os rio-grandenses que mais se distinguiram e eram rio-grandenses quasi todas as tropas. Entretanto, entrega o governo central o comando das fôrças ao Marquês de Barbacena, illustre por muitos titulos e guerreiro de nome feito, mas que se portou com uma timidez e falta de metodo nunca vistos na celebre batalha do "passo do Rosario", sacrificando, inutilmente, um sem numero de soldados gauchos.

São muitas as sùtiras então surgidas contra a atuação de Barbacena. Dentre estas, alem de uma anônima (1), destaca-se a escrita, em 21 quadras, pelo então alferes David Francisco Pereira, morto como verdadeiro heroi, no posto de major, em defe-

(1) Veja-se nosso *Poesia do Povo*.

sa da legalidade contra os farrapos. Por essas quadras e as anteriormente citadas, vê-se claramente a que ponto chegou a indignação dos gauchos após esse feito lutuoso embóra ficasse indeciso.

Diz David Pereira :

A desgraça do governo
nos levou a tal estado
que deu valor ao imigo,
fez o exercito desgraçado.

Bravos heróis se perderam ;
faz pasmar a triste cena,
devido á rude vileza
do general Barbacena.

Como condutor de negros
que trouxesse do Valongo,
conduziu a nossa gente
muito peor que o rei Congo.

E continua, como testemunha de vista (as quadras foram escritas horas após o combate), a descrever a atuação de Barbacena.

A certa altura elogia David Francisco Pereira o herói contra quem combateria, mais tarde :

Tendo-nos sido visivel
quasi inteira a perdição,
o herói Bento Gonçalves
foi a nossa salvação.

E termina os seus versos, que foram populares na época, com a seguinte quadra :

(dirige-se a D. Pedro I)

Si quereis ser triunfante
mudái, desde logo a cena ;
não dáí heróis combatentes
a cargo de um Barbacena.

Este insucesso das armas jámais foi esquecido pelos riograndenses que, não só foram sacrificados, como também preteridos num cargo que por direito lhes pertencia. Mas a lição de nada serviu ao governo central.

Para o Rio Grande do Sul as cousas em vez de melhorarem, peoravam cada vez mais. Tudo era motivo de opressão. Em 1833 e 34, as odiosidades chegaram ao maximo. O que então succedeu, descreve-o succintamente Bento Gonçalves em seus dois manifestos : o de 25 de setembro de 1835 e o de 29 de agosto de 1838.

Historiemos, porem, um pouco os acontecimentos.

A revolução de 7 de abril de 1831, que depôs o imperador D. Pedro I, dando um golpe mortal na influencia que o elemento português vinha tendo na politica, asfixiando por completo todas as manifestações nativistas, reanimou os brasileiros. Mas a vitoria, rapida em demasia, fez com que afrouxassem as rédeas do governo, de modo que o Partido Português, cujo ultimo reduto era a *Sociedade Militar*, especie de maçonaria, mas em plena decadencia devido o golpe do 7 de abril, se reanimasse novamente, procurando estender seus tentaculos por todo o Brasil. Fundaram-se filiais dessa *sociedade* em varios pontos do país e tentavam a fundação de uma succursal no Rio Grande, a provincia mais militarizada do Brasil. Os rio-grandenses não admitiram a

fundação dessa perigosa instituição anti-nacional. Protestaram. Crearam sociedades secretas nacionalistas com o fim exclusivo de combater a criação da *Sociedade Militar* em Pôrto Alegre. Esta trabalhava tão somente para a restauração. Queria a volta de Pedro I ao Brasil. Para preparar o terreno para a criação da *Sociedade* condenada, fundaram, em 1831, os portugueses o *Continentino*, nome puramente riograndense que ocultava em seu seio os chefes restauradores.

Contraopondo-se a essa, foi fundada no Rio Grande, Pelotas, Rio Pardo e Jaguarão a *Sociedade Defensora da Liberdade e Independencia Nacionais*. Nessas sociedades pontificavam os principais elementos liberais. As perseguições começam. O marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto inicia-a denunciando os chefes mais influentes: Bento Gonçalves que chama de indomável, e Bento Manuel Ribeiro.

Em 1833 assume o governo da provincia o desembargador Manuel Antonio Galvão. A sua politica desgosta profundamente os liberais. Galvão deixára-se dominar pelos retrogrados do partido português.

Substituindo o desembargador Manuel Antonio Galvão, foi enviado José Mariani. As cousas, comtudo, ficaram mais ou menos no mesmo. As denuncias e injustiças continuavam. Bento Gonçalves é, então, por denuncia do marechal Barreto, chamado ao Rio de Janeiro, onde deveria defender-se das acusações de mancomunação com os rebeldes uruguaios aos quais, diziam, dava guarida e auxiliava.

No Rio encontrou Bento Gonçalves um ambiente todo favoravel. Fez amizades com Evaristo da Veiga e o padre Diogo Antonio Feijó que deveriam, mais tarde, combate-lo tambem, um pela imprensa, outro pelas armas. Defendeu-se Bento Gon-

çalves brilhantemente conseguindo, não só continuar na comandancia da fronteira de Jaguarão, como também a promessa de ser impedida a criação da *Sociedade Militar* e a de substituir-se Mariani por Rodrigues Braga, sendo, ainda, galoardado com uma pensão pecuniaria a titulo de serviços prestados anteriormente, como militar.

Estes fatos ainda mais exacerbaram os retrogradados que não pouparam meios de o perseguirem e a todo o partido liberal que começaram a denominar de partido anarquico, farroupilha e pés de cabra, em alusão ao numero de mulatos que dele faziam parte.

Nesse meio tempo, porem, graves tumultos se manifestam na capital — Pôrto Alegre. — Os restauradores ensaiavam-se para fundar a famigerada *Sociedade Militar*. Alarmados, os liberais pediram á Camara que representasse ao presidente contra essa instalação. Mariani, em vez de harmonizar a situação que já vira ser melindrosa, censura a camara por intrometer-se em assuntos que não eram de sua alçada. Essa resposta, logo tornada pública, exasperou de tal forma o povo que este resolveu, açulado pelos chefes, a tornar uma realidade o que não lhes queriam dar. Mariani, então, vendo a situação perigosissima em que se encontrava, lançou mão de um stratagemma. No discurso que dirigiu ao Conselho municipal, no dia de sua abertura, a 1.º de dezembro, declarou que a *Sociedade Militar* não seria organizada porque assim o haviam deliberado os seus membros que reconheciam ser sua organização prejudicial á ordem pública.

Mariani, porem, não tivéra autorização para falar assim em nome dos retrogradados. Estes protestaram e o presidente tornou-se um verdadeiro alvo de desconfianças. Ninguem mais lhe dava credito.

João Manuel de Lima e Silva, major comandante do 8.º batalhão de caçadores, pouco antes da abertura da Camara Municipal vái ao Rio de Janeiro onde se encontra com seu irmão regente, general Francisco de Lima e Silva. Repete as ponderações de Bento Gonçalves, e consegue que se torne uma realidade a substituição de Mariani por Rodrigues Braga, e alem disso consegue ainda que sejam remetidos para Santa Catarina os perigosos retrogrados major Gordilho, Visconde de Camamú e outros.

Em fevereiro de 1834 foi nomeado, finalmente o Dr. Rodrigues Braga, cuja posse, a 2 de maio, foi grandemente festejada. Sobre a nomeação de Rodrigues Braga, o jornal *O Recopilador Liberal*, em seu numero 167, de 12 de março no artigo editorial que occupou as duas primeiras paginas, disse, concluindo :

“O Brasil, uma vez liberto não receberá mais os ferros, simbolo da ignominia, e da baixesa. Bradaí pois contra o Governo, porque vigilante, e cuidadoso desconcertou vossos planos; derribando as mais fortes columnas do vosso anarchico Edificio. As ameaças de uma *revolta inevitavel*, caso seja demittido do Comando das Armas o vosso Patriarca, são tanto mais ridiculas, quanto maior é á vossa impotencia. Insignificantes, e pequenos, como sois, vos atreveis a intimidar-nos? Recordá-vos da fabula dos gigantes fasendo guerra á Jove; e permití, que de sua moralidade vos façamos inteira applicação. Se vos agrada porem semelhante imposura, continui: emquanto vossas bravatas se confundem com o vento, a grande maioria da Provincia, e da Nação aprova os atos do Governo; e abençoa a mão justiceira, que pune os vossos crimes”.

A 28 de abril chega a Pôrto Alegre o Dr. Antonio Rodrigues Braga:

O que foi a sua chegada á capital da provincia, di-lo *O Recopilador Liberal* em seu numero 185, de 31 de maio :

“Na noite de 28 do passado mês chegou felizmente a esta capital o Exm^o. Sr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, Presidente da Provincia.

A's 8 horas da noite de 29 dirigio-se á casa de S. Ex. um numeroso concurso de povo com a musica do 8.^o Batalhão de Caçadores, que tocando maravilhosamente entreteve á S. Ex. e á todos os espectadores por longo espaço de tempo. Durante os intervalos desta agradável orchestra deram-se imensos vivas — a *Constituição com as reformas federaes* — ao Sr. D. Pedro II. — á *Regência do Imperio* — ao *Ministerio patritotico*, que dignou-se escutar o voto publico — aos representantes de 24 e 25 de outubro — a *Liberdade Universal* — e finalmente á S. Ex. tão sabiamrnte escolhido para reger-nos na crise melindrosa, em que nos achamos. Na noite de 30 do mencionado mês; e na do 1.^o do corrente, repetiram-se os mesmos festejos; entoando-se iguais vivas, que foram sempre correspondidos com um entusiasmo superior a toda a expressão. S. Ex. foi visitado por quasi todos os habitantes da cidade; e até mesmo por alguns da seita retrograda. Os edificios particulares apreeceram espontaneamente iluminados desde a noite de 29 de abril até a de 3 de maio; exceptuando somente as casas desses indignos *Caramurús*, que vendo perdida sua influencia. jámais podiam regosijar-se com esta mudança. O quartel do 8.^o Batalhão de Caçadores em todas estas occasiões esteve decorado com uma brilhante iluminação colocada na sua frente; tendo no centro dela um quadro allegorico com o *Simbolo da União*, designando-a expressamente como a *unica taçoa de salvação para o Brasil*. Havia mais o *Emblema das*

Armas Imperiais, e das Medalhas da gloriosa campanha feita contra os portuguezes na Baía, em Montevideu por ocasião da nossa memoravel independencia : Lia-se no mesmo quadro o distico — *Sete d'abril de 1831* — e nas luminarias divisavam-se diversas inscrições contendo os nomes das nossas povoações, e das ações, e combates occorridos nas antigas campanhas da provincia. No dia 2 do que rege tomou S. Ex. posse da presidencia na sala das sessões da Camara Municipal ; seguindo-se depois em ação de graças um solene *Te Deum*, que se cantou na Igreja Matriz á expensas do cidadão ex-Presidente da mesma Camara *José de Paiva de Magalhães Calvet*. Não compareceu então uma numerosa officialidade (*), como aconteceu na posse do despota *Mariani* ; mas para suprir este vasio concorreram todos os livres, que com suas presenças tornaram mais esplendido, e aparatoso semelhante ato. Neste mesmo dia á noite reuniram-se no largo da praça mais de seis mil pessoas desejosas de felicitar a S. Ex. por sua elevação á Presidencia ; e, por não caberem nas salas de Palacio foram comissionados para este fim duzentos e tantos cidadãos ; dentre os quais o Sr. *Pedro José de Almeida* (2) recitou o eloquente discurso abaixo transcrito ; á que S. Ex. respondeu, como verão nossos leitores neste mesmo n.º Devia subir

(*) Achou-se porem presente a officialidade do 8.º Batalhão, e alguns officiaes d'artilheria. (*Nota do jornal*)

(2) "Discurso dirigido em nome do povo ao Ex. Presidente da Provincia pelo cidadão Pedro José de Almeida.

Cidadão Presidente ! O povo desta cidade possuido do mais vivo entusiasmo ao ver entregues os destinos desta bela Provincia a um filho seu ; não pôde no meio dos transportes de alegria, em que se banha, resistir ao impulso de vir render-vos a sincera homenagem de seu respeito. Certo da vossa probidade, do vosso patriotismo, da vossa adhesão á sempre memoravel revolução de abril, e da vossa solicitude, e disvelo em promover o bem estar do pais, que vos deu o berço, ele se congratula com todos os Rio-Grandenses pela vossa elevação á Cadeira Presidencial. Vossa conduta no desempenho de tão ardua tarafa, será sem duvida alguma qual nós a almejsmos : sois Rio-Grandense ; e isto nos basta para termos a mais de-

ao ar nessa noite um globo em aplauso a posse de S. Ex. ; sendo porem mui forte o vento ficou transferido este esptaculo para a noite seguinte. O globo de deseseis palmos de diametro, e vinte e quatro de comprimento era branco e azul : nas listas brancas haviam os seguintes emblemas — *das Armas do Brasil — das da Norte America — das da Republica Argentina — da Austria — do Comercio — e das Americas* — : Nas listas azues liam-se os disticos seguintes compostos pelo Sr. *José Pinheiro de Ulhoa Cintra*:

1 .

Nas sacras aras
Da Divindade
Queimem-se incensos
Á Liberdade.

2 .

Raiou em setembro
Nossa Independencia,
Que fez acabar
Lusa prepotencia.

cida confiança no complemento de nossas tão lisongeiras quão bem fundadas esperanças. A Lei não permanecerá como letra morta : as ordens legais do liberal governo, que nos rege, não mais serão, como até aqui, iludidas, e a restauradora caterva, que altiva tem procurado erguer o colo em nossa terra, falta da protecção, que até aqui tinha, vai prestes desaparecer dentre nós ; e se para a sua completa destruição, se para a manutenção da Lei, se para a conservação de nossas garantias, e liberdades, se para a sustentação das ordens legais do nosso governo vos for mister dispor de nossas vidas, fazei-o, na firme persuasão, de que nada nos será de mais gloria, do que perde-la por objectos tais. São estes os puros sentimentos, de que se achão possuidos vossos compatriotas ; oxalá, que sejam por vós acolhidos, como eles pelas mais bem fundadas razões o presuppõe".

Resposta do Ex. Presidente.

"Cidadãos ! O Presidente da Provincia vos agradece cordialmente as sinseras expressões, com que o honrais : ele tem a maior gloria em governar um povo livre e generoso, como o Rio-Grandense, e confiando na docilidade, bons coetumes, e mais virtudes civicas, que vos adornam, espera com o vosso apoio, e coadjuvação desempenhar os importantes deveres inherentes ao seu cargo".

3.ª

Á custa da vida
 Heroico o Brasil
 Ha de sustentar
 O Sete d'Abril.

4.ª

A pesar das tramas
 Da Restauração
 Será triunfante
 A Constituição.

5.ª

Foi por terra o duro
 Feroz despotismo,
 Que quiz a provincia
 meter num abismo.

6.ª

Já livre respira
 O povo contente,
 Por ter-se mudado
 Tão máu presidente.

Havia sido este balão espontanea, e anticipadamente construido pelo Sr. *Livio Zambeccari*, que de comum acordo com os Srs. *Francisco Modesto Franco*, Major *João Manoel de Lima e Silva*, e *Antonio Simões Pereira Junior*, pretendeu dar uma pequena prova do quanto se interessa a prol da liberdade, e bem estar do Brasil. Seriam dez horas da noite de 3 de maio, quando subiu o balão por entre entusiasmadas aclamações de uma imensa multidão de povo".

Sobre a posse do novo presidente, escreve Assis Brasil :

“Era o novo presidente geralmente reputado homem honesto e de boas intenções ; bem que moderadamente, aderira ás ideias liberais ; era filho da provincia e recomendado por Bento Gonçalves, o homem mais popular de toda ella ; a sua administração inaugurou-se, pois, cercada de simpatias e felizes esperanças. Festas ruidosas o receberam. Os exaltados (3) julgavam já de todo extinto o partido retrogado, tanto que no meio das festas populares que se faziam e quando na noite de 2 estava o povo em grande massa reunido diante do palacio presidencial, entre as aclamações repetidas que se levantavam, um cidadão dos mais fervorosos liberais recitou diante da multidão e do presidente estes versos característicos que o entusiasmo da ocasião lhe inspirára :

O' vis Caramurús, bando inhumano,
aparecei com a extinta autoridade,
e a chicote vereis vossa maldade
punida por um povo soberano.

Vis sectarios dos crimes dum tirano,
de quem, brutos, seguis brutal maldade,
ó corja vil de torpe iniquidade,
.....
que com o azorrague só vives contente,
.....
nós te daremos um açoite eterno,
bando restaurador e delinquente !
Pois quem é do inferno habite o inferno.

(3) *Exaltados*, nome dado aos liberais. Galegos, Caramurús, restauradores, retrogradados, absolutistas, eram apelidos dos do Partido Português, ou legal.

Este poeta repentista era Antonio Paulo da Fontoura, mais conhecido por Paulino Fontoura, que tão conspicuo papel representou depois na republica. Os seus versos dão a medida dos sentimentos que então alimentava o povo a respeito do presidente Braga e da sua administração” (Assis Brasil).

Infelizmente tudo mudou pouco tempo depois. Braga não era o homem que o momento requeria. Iludiram-se por completo os liberais. Não resta a menor duvida que tinha competencia e era honesto, mas a competencia e a honestidade sem o tino politico e a firmeza de carater em materia governamental, de nada servem. Embora nobres, são, num administrador qualidades nulas mormente em momento tão melindroso como era o da provincia naquella época.

Braga, a principio, agradou a todos, mas, a pouco e pouco deixou-se levar pelos elogios dos retrogradados e cutiladas e artimanhas de seu irmão Pedro Chaves, moço manheiroso, cheio de perfidia, retrogrado estremado e violeno, que assumira a direção do *Correio Oficial*. Braga, pode-se dizer, foi uma vitima dos retrogradados com Sebastião Barreto Pereira Pinto á testa, e especialmente, de seu irmão, o virulento bacharel Pedro Chaves.

Dentro de poucos meses Braga não era mais que joguete nas mãos do manheiroso irmão. Quem *dava as cartas* e fazia o jogo era Pedro Chaves.

“O Dr. Braga passou a ser, escreve o provector historiador Dr. Eduardo Duarte, — um instrumento de odios e perseguições contra os liberais, até que em 24 de outubro de 1834, numa manifestação promovida em Pôrto Alegre pelo partido liberal para comemorar a promulgação do áto adicional — considerado vitoria da democraica brasileira, em sério conflito se empenharam os dois partidos”.

Esse conflito, não pelo fáto em sí, mas por ter tido o auxilio official da policia, o partido caramurú, encheu as medidas. Algumas gotas mais e a taça extravazaria.

E essas gotas haviam ainda de ser lançadas com premeditada malicia e crueldade até.

Foi a 1.º de dezembro. Instigado, provavelmente por Camamú e sua gente, um soldado do 8.º batalhão de Caçadores desobedeceu ao seu comandante, tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araujo e Paula. Este, enraivecido, esbofeteou o soldado. O batalhão quasi inteiro revoltou-se contra o seu comandante e foi preciso a intervenção da policia dos municipais permanentes para restabelecer a ordem. Camamú foi disso tudo o grande culpado, pois achava-se preso no quartel desse batalhão por crime de injurias escritas contra o major e ex-comandante do batalhão, João Manoel de Lima e Silva.

Com a intervenção dos municipais, ficou tudo serenado. Mas eis que, a 24 de outubro chegam a Pôrto Alegre as noticias das reformas liberais realizadas pela Constituinte em agosto. O povo, entusiasmado, quer festejar tão grandes acontecimentos, e reúne-se, á noite, em volumosa massa. Numa passeata civica, cantando hinos patrioticos, vivando continuamente os grandes liberais, percorrem as ruas da cidade, na maior ordem. Verdade é que de quando em quando ouviam-se gritos de agressão ao governo. Foi o quanto bastou para que Pedro Chaves e seus comparsas, armassem tudo em pé de guerra, reagindo contra as festas civicas.

Com uma força de mercenarios, que organizou ás pressas á ultima hora, desconfiado das tropas nacionais, fez ocupar militarmente o Arsenal, que era uma casa forte, e armou mais outros braços estrangeiros para policiarem a cidade. Esses atos, consi-

derados verdadeiras afrontas ao pundonor nacional, exacerbou de tal maneira os animos que a cidade toda ficou como um verdadeiro vulcão prestes a irromper. O povo fôra alvejado e os acusados eram o visconde Castro e o brigadeiro Manuel Carneiro da Fontoura e contra eles, sobretudo, dirigia-se a animosidade do povo. Carneiro da Fontoura chegou a ser aprisionado pelo povo que o levou ao juiz municipal, Vicente Ferreira Gomes, reclamando justiça. Mas foi tudo inutil. O acusado, retrogrado poderoso, não foi castigado apesar dos esforços do juiz que era liberal.

As ameaças não pararam aí. Prolongaram-se ameaçando seriamente a tranquilidade não só da capital, mas de toda a provincia. Braga teve, então, á ideia de chamar para junto de sí ao coronel Bento Gonçalves da Silva que sabia ser o idolo dos liberaes.

Bento Gonçalves estava em Jaguarão e com a presteza possivel chegou ao Rio Grande, recebendo carta branca de Braga para agir em Pôrto Alegre e acalmar a população.

Na maior boa fé, o grande liberal recebeu como bem intencionadas as ordens do presidente e voou á capital, acalmando immediatamenté o povo. Bento Gonçalves, si quizesse, poderia ter revolucionado toda a provincia, pois tinha carta branca para fazer o que bem entendesse. Comtudo não o fez, confiado na palavra de Rodrigues Braga que por sua vez sabia que o glorioso coronel seria incapaz de abusar da liberdade que lhe déra.

Estavam, assim, graças a intervenção de Bento Gonçalves, acalmados os animos, mas ainda profundamente abalados pelos successivos acontecimentos.

Dias depois volveu o presidente á Pôrto Alegre, onde anciosamente o esperavam os retrogados que lhe pintaram exageradamente os acontecimentos. Es-

quecido de que tudo estava serenado, Braga escreve ao Rio comunicando os sucessos havidos, e denuncia a existencia de um partido separatista que, com caudilhos uruguaio e argentinos pretendia anexar o Rio Grande a essas republicas. Pede urgente remessa de forças e caso não possa ser atendido requer a sua demissão. Mas nada consegue quanto ás forças pedidas. O governo central necessitava delas pois em muitos pontos do Brasil alastravam-se movimentos revolucionarios. Pediam-lhe que se conservasse na presidencia, pois estavam providenciando para substitui-lo na primeira oportunidade.

Braga ficou desanimado com esta resposta e tanto mais que ela coincidiu com outros graves acontecimentos.

Em Cachoeira e principalmente no Rio Pardo novos tumultos se fizeram sentir em janeiro de 1835, em que figurava, entre os acusados, José Mariano de Matos. Houve denuncia e principio de processo a que a prudencia do juiz de direito Rodrigo Pontes não deu andamento. Mas as provocações continuavam e diariamente surgiam queixas de diversos pontos da provincia, ora deste, ora daquele partido.

No Rio Pardo, foi morto um negro que vociferava contra a colocação de um *judas* ornado de chifres e pés de cabra, alusão aos mulatos liberais e talvez, principalmente, a Mariano de Matos, que era mulato.

Isso foi em 1834; no sabado de aleluia. Mas, por causa disso, continuaram os tumultos, mormente depois do assassinato do ousado retrogrado Casemiro de Vasconcelos Cirne, juiz de Paz, unico que quiz aceitar a continuação dos interrompidos processos. Um grupo mascarado entra, certo dia, em sua casa e intima-o a entregar os autos de processo. Cirne nega-se a isso e alveja um dos mascarados.

Como o tiro não atingisse o alvo é imediatamente morto. Os mascarados fogem. E daí os novos tumultos de janeiro de 1835.

Assim continua, agitada e tempestuosa, a vida da provincia, agravada, agora, com as insensatas medidas de Antonio Rodrigues Fernandes Braga mandando continuar os processos e declarando-se retrogrado.

A 20 de abril de 1835 abre-se a Assembléa Legislativa, creada pelo ato adicional. Fernandes Braga, na sua fala de abertura, denuncia novamente mas desta vez á Assembléa, em publico, portanto, á maquinação separatista e chega ao cumulo de apontar chefes entre os proprios deputados. Bento Gonçalves, Magalhães Calvet, Marciano Pereira Ribeiro, Bento Manuel Ribeiro e outros. Chocam-se novamente os animos e nova luta se inicia. Defendem-se os acusados, travando-se serias discussões no recinto da Assembléa e na imprensa.

Os animos estavam novamente exaltados e Braga recioso de algum tumulto mais serio do que os anteriores, em consequencia de seu ato impolitico de acusar em publico deputados influentes, fez com que, clandestinamente se encaixasse no orçamento uma clausula pela qual ficaria o governo autorizado a crear uma força de 700 homens, o que conseguiu, com surpresa de todos, com uma simples emenda do deputado retrogrado Manuel Felizardo. Assim ficava Braga com mais uma força ao seu dispor visto não poder contar com forças de outras provincias e do Rio, conforme solicitára.

Nova discussão no seio da Assembléa e aumento maior ainda de animosidades contra o governo.

Mas não cessaram aí os máus passos e perseguições do presidente e seus assecclas ao partido liberal.

O Uruguái e a Argentina tambem estavam exaltados imperando, nesta, como presidente, o mais tarde terrível Rosas, D. João Manuel de Rosas, cuja ambição unica era ter domínio absoluto sobre o Prata. No Uruguái subira á curul presidencial o illustre D. Frutuoso Rivera. Rosas, em vista disso, favorecia grandemente a D. Antonio Lavalleja e o instigava a derrubar Rivera. Lavalleja contava, tambem com boas amizades no Rio Grande do Sul, e entre estas as de Bento Gonçalves e Bento Manuel Ribeiro. Assim, percorria constantemente Lavalleja a fronteira acompanhado do padre José Antonio Caldas, capelão do exercito uruguái. Caldas era alagoano e tomára parte na revolução de 1824, tendo fugido da fortaleza de Santa Cruz e se acoitado no Uruguái onde foi muito bem recebido.

Rosas havia já, em 1834 — enviado a Pôrto Alegre a esposa de Lavalleja, D. Ana de Monteroso Lavalleja, mulher de grande beleza e táto politico. D. Ana encontrou já em Pôrto Alegre seu patricio D. Manuel de Ruedas, dirigindo um jornal — *O Vecopilador Liberal* —. Ruedas é, devido suas ideias, expulso nesse mesmo ano de 34, assumindo a direção do jornal José de Paiva Magalhães Calvet.

Como se vê, Rosas empregava todos os meios de se apoderar do Uruguái e do Rio Grande do Sul. Os Riograndenses, porem, não eram tão tolos como ele os julgava. Recebiam-nos muito bem, tratavam-nos fidalgamente, mas tudo com certa reserva.

Bento Manuel não gostava de Rivera e Bento Gonçalves era grande amigo de Lavalleja. Daf a satisfação com que ambos receberam do governo central a ordem de, secretamente, auxiliar a Lavalleja. Mas quando se preparavam para prestar-lhe os auxilios que já solicitára, eis que uma contra ordem se lhcs dá : Toda a neutralidade deve ser guardada.

Chocaram-se com isso os dois Bentos, comandantes das fronteiras de Jaguarão e do Rio Pardo, e fizeram ouvidos de mercador á proibição. Prestaram auxilios. Barreto queixou-se mais uma vez de ambos e afirmou que estavam se portando muito mal os dois Bentos, mas que pretendia fazer com que Bento Manuel entrasse em ordem. "Mas o do sul — dizia — é indomavel".

Por isso, depo-los abertamente, não podia. Recorreu, então, Barreto de combinação com Braga ao seguinte processo: mandou chamar Bento Gonçalves e entregou nesse meio tempo, o comando da fronteira de Jaguarão, temporariamente, enquanto Bento Gonçalves estivesse em Pôrto Alegre, ao capitão Sebastião Rodrigues Dias. A Bento Manuel mandiu instaurar processo e em seu lugar nomeou o tenente-coronel da extinta segunda linha José Antonio Martins, figadal inimigo do sorocabano.

Era o maximo das ofensas aos liberais.

Em junho encerrou a Assembléa os seus trabalhos lançando ainda uma proclamação, no dia 19, uma proclamação provocadora, comentada escandalosamente pelo *Correio Oficial*, de Pedro Chaves.

Julgava o governo tudo mais ou menos extinto e sem maiores perigos. E realmente tudo parecia calmo. Mas, nos recintos das casas particulares e das sociedades secretas especialmente creadas para esse fim, tudo fervilhava e tramava-se a revolução que deveria irromper em dia e hora que seria previamente designada. O chefe já fôra escolhido e aclamado: Bento Gonçalves. Nem outro poderia ser o escolhido, pois Bento Gonçalves reunia em si todas as qualidades de um verdadeiro condutor de homens: character, energia, firmeza, desprendimento, muita calma e muita ponderação, alem da grande

popularidade de que gozava em toda a provincia. Era, pois, Bento Gonçalves o unico no momento.

Combinado tudo na capital, partiu Bento Gonçalves para o interior onde deixou tudo preparado, marcando o dia 20 para o levante geral. Daf voltou para Pôrto Alegre e no dia 10, conforme relata Sá Brito em sua *Memoria*, reunem-se em casa deste para um definitivo acordo. Como houvesse discordancias, finge Bento Gonçalves que nada mais se fará, pede licença para descansar em Entre-Rios, e desaparece da cidade onde, legalistas, só haviam ainda Fernandes Braga, Camamú e seus assecclas e alguns janizaros, embora estes se considerassem completamente resguardados de qualquer assalto.

Tanto isso é verdade que a 18 de setembro escreve a Camamú, dizendo que tinha conhecimento de que "alguns anarquistas divididos em turmas pretendem acometer esta cidade por varios lados, a saber, pela estrada de Belas, pela ponte de Azenha, pelo Caminho Novo, afim de soltarem o major José Mariano, deporem a primeira autoridade da Provincia", etc. Por isso pede ao Visconde que "empregue de pronto medidas eficazes para fazer abortar qualquer plano dos anarquistas", reunindo todas as forças e avisando aos corpos da guarda-nacional, batalhões de infantaria e cavalaria, afim de que no momento de "se tocar a rebate concorram imediatamente armados ao lugar da parada das respetivas companhias", etc. Dá mais algumas ordens e avisa-o de que nomeou o brigadeiro Gaspar Menna Barreto comandante da guarda-nacional, caso seja necessario reuni-la tambem.

Estavam, aparentemente, bem resguardados os caramurús, que se convenceram repelir o primeiro

ataque com a maxima facilidade. Mal, porem, sabiam a surpresa que os esperava.

* * *

Em fins de agosto, cansado de tanta perseguição, pede Bento Gonçalves licença para retirar-se ao estrangeiro afim de descansar. Dava como destino a provincia de Entre-Rios. Outro, porem, era seu plano. Em vez de se dirigir para Entre-Rios, vái, occultamente, visitar a fronteira e, em seguida, voltá e se aloja em casa de José Gomes de Vasconcellos Jardim, nas Pedras Brancas. Afim conclui, definitivamente, o plano do movimento.

A 10 de setembro encontramos-lo em Pôrto Alegre, em casa do advogado Francisco de Sá Brito a quem convida para participar do levante. Recusando-se Sá Brito, Bento Gonçalves diz que "não se fará a revolução", e retira-se. Mas as bases já estavam lançadas em toda a provincia e aquella "não se fará a revolução" foi uma frase lançada para despistar.

A 18 está novamente Bento Gonçalves nas Pedras Brancas, e nesse mesmo dia Gomes Jardim e Onofre Pires da Silveira Canto atravessam o Guaíba com um corpo de revolucionarios, e na noite de 19, ás 11 horas, dão inicio ás hostilidades, na ponte da Azenha.

A 20 entram, sem resistencia, as forças na cidade, e a 21 entra, triunfante, Bento Gonçalves da Silva, e empossa, em lugar de Fernandes Braga que fugira com sua gente, ao Dr. Marciano Pereira Ribeiro, 4.º vice-presidente.

Sá Brito, imediatamente, adere á revolução, e á capital da provincia volta a calma.

Finalmente, a 21 de outubro desse mesmo ano de 35, não se via mais um legalista na provincia, e a ordem era a mais perfeita possível.

Os chefes farrapos dirigiram-se, em seguida, á Regencia comunicando o sucedido e pedindo fosse nomeado um novo presidente. A regencia, porém, se nega a atender os farrapos e declara-lhes guerra.

E durante dez anos o solo rio-grandese beberia o sangue heroico de seus filhos...

CAPITULO III

A LUTA ARMADA

O terrível odio entre conservadores (caramurds, retrogradados, etc.) e liberais (farroupilhas, etc.) enchia de terror a cidade na espetativa do ataque destes ultimos, pois Fernandes Braga não se cançava, com seus amigos, a proclamar a perversidade que, dizia, pretendiam cometer os “anarquistas”.

Alem do já referido, devemos acrescentar ainda ao odio de Braga e Barreto aos liberais o fáto de terem estes por intermedio da Camara Municipal de Pôrto Alegre eliminado da representação provincial a esses dois proceres (1), que, afinal, foram reconhecidos.

Pode-se, pôr isso, calcular a atmosfera que devia reinar nesses dias agitados que precederam a tomada da capital da provincia pelos farrapos.

No dia 18, enquanto Braga, avisado conforme vimos, tratava da defesa da cidade, José Gomes de Vascellos Jardim passava, com 60 homens, o Guaíba, vindos de Pedras Brancas, e acampava, na noite desse dia, junto á cidade, no lugar em que hoje

(1) No *Correio Oficial*, N.º 59, de 11 de julho de 1835, figura uma nota comentando o fáto e, em seguida, vem o parecer da comissão sobre a eliminação de Braga e Barreto, com a nota: “Este parecer foi aprovado pela Assembléa provincial”. O parecer é assinado por Rodrigo de Souza da S. Pontes, Pedro Rodrigues Fernandes Chaves e Antonio Joaquim da Silva Maia. Nesse parecer pedem a remessa do diploma e que sejam chamados os dois immediatos enquanto os eleitos não tomassem posse.

fica o cemiterio, isto é: no alto da Azenha. (Estrada da Cascata, atualmente).

A 19 Braga oficiava ao Vice-consul português, Vitorio José Ribeiro, solicitando-lhe "grande auxilio para o governo". Queria que o Vice-consul autorizasse a marinhagem dos navios portugueses surtos no pôrto, que, em caso de necessidade, se apresentassem a um official da marinha nacional afim de serem armados e municados para auxiliarem a defesa da cidade. O Vice-consul imediatamente concordou dando as ordens necessarias para que os marinheiros portugueses prestassem seus serviços ao governo Braga. Esse Vice-consul, apesar de elogiado pelo governo, foi suspenso, mais tarde, pelo governo português, devido esse fáto.

Ainda nesse dia 19 dirige-se o presidente provincial aos Juizes de Paz e Chefe de Policia da cidade, pedindo-lhes tomassem todas as medidas necessarias á melindrosa situação e o avisassem de quanto soubessem pois lhe constava "que se preparam movimentos anarquicos que deverão romper talvez em poucas horas".

Mas todas essas medidas foram inuteis. A' noite, avisado de que a cidade ia ser atacada pela Ponte da Azenha, reúne em palacio toda a sua gente e ordena ao Visconde de Camamú impeça a passagem da ponte.

Os farrapos, porem, estavam otimamente preparados, nem mesmo faltando espiões sendo um deles e o maior, o Dr. Magalhães Calvet, medico, irmão de José de Paiva, que chegou a entrar no palacio no momento da reunião e tendo conhecimento da ordem dada a Camamú, avisou a gente de Gomes Jardim ao qual já se reunira um forte contingente chefiado por Onofre Pires da Silveira Canto.

Em vista disso colocam os rebeldes sentinelas nos angulos mais escuros da ponte e aguardam a visita do visconde. Pela meia noite, mais ou menos, este aparece com um grupo armado e, sem maiores preocupações, pisa na ponte, sendo recebido por alguns tiros que o desnorream. Em seguida outros. Camamú é ferido, já na fuga, e é morto o célebre *Prosodia*, Antonio José da Silva Monteiro, que, pensando salvar-se se atirára nas aguas do Riacho. Os legalistas, que uns dizem serem 60 e outros cerca de 300, fugiram desabaladamente, apresentando-se Camamú, horas depois, no palacio, banhado em sangue, e dizendo que os rebeldes eram em numero superior a 1.000. Exagerou, emfim, tudo, pondo o desanimo na alma de todos os presentes. Fernandes Braga, apesar de insistido para retirar-se para bordo de algum dos navios surtos no pôrto, não o fez, mandando, apenas transportar as familias amigas e a sua. Contava ainda Braga com o 8.º batalhão de caçadores, que ordenou fosse postado nas trincheiras da cidade, da praça do Portão á entrada da hodierna rua da Independencia.

E ficou aguardando os acontecimentos.

Na madrugada de 20 põem-se os revolucionarios em marcha sobre a capital. Braga sabe de tudo mas confia ainda na sua gente e no 8.º. Subito, vem-lhe a noticia de que o batalhão de caçadores em vez de atirar sobre os rebeldes, abriu alas para que entrassem e a eles se juntou. Estava tudo perdido. Não havia mais outro remedio sinão fugir. E fugiu, levando consigo os dinheiros do Tesouro e da Alfandega, para bordo da escuna *Rio-Grandense*.

Serenamente, sem mais um tiro, entre vivas e gritos de alegria, entram os farrapos na capital apoderando-se de todos os edificios publicos.

Bento Gonçalves que, de Pedras Brancas tudo assitia e ordenava, á tarde veiu para Pôrto Alegre, sendo entusiasticamente recebido.

Na capital, a causa estava ganha.

* * *

Braga entrincheirára-se no Rio Grande, depois de angariar adeptos em Pelotas. Aí, em sua defeza, organizaram forças o major Márques de Souza e João da Silva Tavares. Resguardado nessas duas cidades, esperava Braga noticias do marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. Mal sabia, porem, que o grito reivindicador ecoára por toda a provincia que se levantára em armas. Loureiro, nas Missões, Bento Manuel e Osorio em S. Gabriel, Netto, Crescencio, Portinho, os Amarais no Rio Pardo... Em toda a provincia só se ouvia uma voz : abaixo a tirania. Barreto fôra tambem obrigado a fugir para o Estado Oriental, acossado por Bento Manuel Ribeiro e Manuel Luis Osorio.

Faltava, agora, limpar Pelotas e Rio Grande.

Com esse fim para lá se encaminharam Onofre Pires via Santo Antonio da Patrulha, e Bento Gonçalves via Pedras Brancas.

Emquanto Onofre Pires e Bento Gonçalves marchavam de Pôrto Alegre em direção aos ultimos redutos "braguistas", o presidente expulso contorce-se nas vascas da agonia escrevendo officio sobre officio procurando a todo o transe manter a sua já mais do que impossivel prepotencia.

Tal como solicitára, em Pôrto Alegre, o concurso da marinhagem portuguesa, no Rio Grande recorre Braga a braços estrangeiros.

A 2 de outubro officia a Isás Calderon, no qual reconhece "as qualidades necessarias para o bom desempenho de qualquer comissão militar", nomeando-o "Comandante de toda a força desta cidade e municipio do Rio Grande, assim dos Guardas-nacionais, como de qualquer outra que possa organizar-se para manter a ordem e a Lei".

Mas, onde braços para sustentarem o poder da primeira autoridade da provincia?

D. Isás lembra uma solicitação ao presidente de sua Patria pedindo sua intervenção para que os revolucionarios sejam combatidos si se apresentarem nas fronteiras do Uruguái, pois diz, Braga, eles "podem talvez de algum modo afetar o sossego e tranquillidade do Estado, a cujos destinos, por felicidade dele, V. Excia preside" (2).

Mas isso não era sufficiente, pois não lhe amentava os braços para a defeza.

Recorrem, então, impatrioticamente, ao auxilio do coronel uruguáio, D. Servando Gomes :

"Ilustrissimo senhor. = Constando-me por communicação do tenente-coronel João da Silva Tavares, que V. S.^a generosamente lhe havia ofrecido os socorros que estivessem ao seu alcance, a favor da causa do governo legitimo deste país, cumpreme levar ao conhecimento de V. S. que nesta data autorizei ao mencionado tenente-coronel a receber todo e qualquer auxilio de que precisasse, e que V. S. quizesse e pudesse ministrar-lhe. Posso alem disso afirmar a V. S.^a que lhe serão abonadas

(2) Officio de 6 de outubro de 1835, a D. Manuel Oribe, presidente do Estado Oriental.

as despesas que fizer com a prestação do auxilio. Resta-me pois somente agradecer a V. S.^a a generosidade e lealdade com que se mostra bom e fiel amigo da Nação Brasileira; e apresento-lhe os mais sinceros protestos de respeito, consideração, e estima pela pessoa de V. S.^a = Cidade do Rio Grande, 14 de outubro de 1835. = Ilustrissimo senhor coronel D. Servando Gomes. = *Antonio Rodrigues Fernandes Braga*".

Levando esse officio, e em busca do auxilio de D. Servando, Silva Tavares é atacado e derrotado, fugindo para o Uruguái, enquanto Márques de Souza, ferido, se entrincheira em Pelotas.

Braga, completamente desalentado, officia a 16 de outubro ao marechal Barreto, dizendo que estava em eminencia de ser obrigado a embarcar numa das embarcações surtas no pôrto do Rio Grande, devido o "terror panico" que as forças de Bento Gonçalves espalharam em toda a parte. Comunica-lhe que escrevera ao coronel Servando Gomes aceitando o auxilio prometido e solicitando-o, e tambem escrevera ao presidente D. Manuel Oribe comunicando os sucessos e pedindo o fechamento das fronteiras. Dizia que, por segurança, enviava uma segunda via dessas cartas. E conclui dizendo ao marechal: "Si V. S.^a julga necessaria autorização minha para aceitar socorros dos nossos visinhos eu desde já autorizo o mais completamente que se possa, não só para isso, como para lançar mão de todos os meios que achar convenientes ao nosso intento". O marechal, porem, ou por patriotismo, não querendo aceitar é menos ainda pedir auxilio dos visinhos, ou então por receio, deixou-se ficar no exilio, aguardando melhor oportunidade para voltar ao pago.

A 22 escreve novamente a D. Manuel Oribe, desta vez, para confessar que estava desalentado e a bordo, pronto para seguir viagem. Diz, porém, a seguir: "Com a minha saída não se deve julgar terminada a causa que defendem Tavares e Barreto". E depois de varias considerações, pede, claramente, o auxilio official do Uruguái para a sua causa ingrata: "rogo a V. Ex.* que se digne expedir as ordens necessarias afim de que desse Estado se prestem todos os auxilios e socorros ao marechal Comandante das Armas, Sebastião Barreto Pereira Pinto, e ao tenente-coronel João da Silva Tavares, e isto ainda no caso em que eu me veja obrigado a sair desta provincia. Enquanto aos rebeldes que passarem para o territorio da Cisplatina, repito as minhas anteriores requisições".

Nessa mesma data, de bordo do brigue-escuna *Parobé* escreveu ao já então regente Diogo Antonio Feijó, felicitando-o e dizendo que "os defensores da legalidade tem os olhos fitos nas medidas do Governo Central".

Era o suspiro derradeiro, pois a cidade já desde a vespera, 21, se entregára (Veja as efemérides) e a 23 Bento Gonçalves declarava definitivamente pacificada a provincia do Rio Grande. São dispensados os soldados e tudo parecia voltar á tranquillidade, esperando-se, sómente, a nomeação do novo presidente que, dizia-se, devia ser um rio-grandense.

Longe, porem, estava a paz da provincia. Mal sabiam quanto sangue deveria ser derramado, quantos sacrificios e quantos acontecimentos anormais transformariam ainda, por completo os fins dessa revolução.

Quando Antonio Rodrigues Fernandes Braga chegou ao Rio de Janeiro, pintando tudo com cores carregadas, já a regencia havia nomeado o Dr. José de Araujo Ribeiro presidente do Rio Grande do Sul.

Araujo Ribeiro era rio-grandense e por isso muito se esperava dele.

As circunstancias, porem, mudaram por completo a face dos acontecimentos.

A 6 de dezembro saiu do Rio Grande e a 8 chegou em Pôrto Alegre, devendo tomar posse a 9.

Vinha Araujo Ribeiro, segundo se dizia, movido de intenções pacificadoras e de um decreto de anistia geral, decreto esse que nunca foi publicado.

No Rio Grande encontrou-se o novo presidente com Bento Gonçalves que ficou satisfeito escrevendo a seu irmão que Araujo Ribeiro parecia-lhe muito bôa pessoa e parecia vir com muito bôas intenções e seria, por isso, capaz de fazer um bom governo. Em seguida veiu para a capital onde esperou o presidente nomeado.

Mas um fáto bastante sério desgostou os liberais e fez com que desconfiassem de Araujo Ribeiro. Foi a retirada do "exequator" do vice-consul hamburguês em Pôrto Alegre. Esse vice-consul havia proclamado aos seus subditos alemães das colonias recomendando-lhes a mais completa neutralidade nos assuntos dessa revolução. Essa proclamação muito desgostou a Braga que, do Rio Grande, escreveu ao ministro dos estrangeiros, Manuel Alvares Branco, denunciando o referido vice-consul, Antonio Gonçalves Pereira Duarte, e pedindo lhe fosse retirado o "exequator", "porque, dizia, — semelhante procedimento do mencionado vice-consul pode ser de grave prejuizo á causa da legalidade, por ser a colonia de São Leopoldo um viveiro, donde se podem

tirar muitos braços fortes e de confiança para manutenção da ordem”.

A Regencia, dando ouvidos a esse officio, retirou o *exequator*, e essa ordem chegou com tanta infelicidade, isto é, no dia mesmo da chegada de Araujo Ribeiro á Pôrto Alegre, — que transmudou por completo o curso dos acontecimentos.

Reunem-se os juizes de paz e os membros liberaes da Assembléa em casas particulares, á noite, e resolvem, por unanimidade, espaçar a posse do presidente e aguardar, assim, os sucessos futuros.

No dia 9 reúne-se a Assembléa para o ato solemne. A casa está apinhada. Reina em todos os peitos a mais intima comoção. Dos liberaes só não compareceu, apesar de convidado, Bento Manuel Ribeiro. Disséra-se doente só para não assistir á sessão que sabia ser para denegar a posse, com o que não concordava.

E de fato, unanimemente a Assembléa resolveu não dar já posse ao Dr. Araujo Ribeiro. Eram de opinião que se esperasse mais alguns dias.

Araujo Ribeiro, porem, não concordou e embarcou em seguida para a sua fazenda, na Barra do Ribeiro, e daí para o Rio Grande, onde tomou posse da presidencia perante o conselho municipal.

A Assembléa chocou-se com esse procedimento. Bento Gonçalves procurou acalmar os animos e Marciano Pereira Ribeiro que estava como presidente interino, empossado pela revolução a 21 de setembro, demite-se mesmo porque, tudo serenado, a Assembléa convidára Araujo Ribeiro a tomar posse na capital, perante a Assembléa provincial. Araujo Ribeiro nega-se a comparecer. Os liberaes tomam essa negativa como declaração de guerra e tornam a chamar á presidencia o Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Enquanto isso, Araujo Ribeiro mancomuna-se com Bento Manuel Ribeiro que, aliás, desde o dia seguinte ao da negação de posse, já se combinára com o presidente nomeado a darem cabo dessa situação. Em vista dessa combinação, já em 30 de dezembro Bento Manuel convida as tropas a prestarem obediência ao Dr. Araujo Ribeiro que é, segundo afirma, o legitimo presidente da provincia, reúne uma regular força, e consegue a adesão de Manuel Luis Osorio, Santos Loureiro e muitos outros guerreiros de valor que haviam auxiliado a deposição de Braga e a expulsão de Barreto.

Estava novamente incendiada a provincia, graças a Bento Manuel Ribeiro cujo espirito no auxilio que prestou ao movimento de 20 de setembro, era unicamente de vingança. Satisfeita essa com a queda dos dois homens que o perseguiram, estava, para ele, tudo liquidado. Porque insistir nesse assunto? Era amigo de Araujo Ribeiro, e como nada lhe importavam os negocios politicos da provincia (ele era unicamente soldado), voltou a sua espada contra os companheiros da vespera.

Para Bento Manuel de nada valiam as reivindicações exigidas pelos proceres revolucionarios com Bento Gonçalves á testa. de quem, aliás, ao que parece, o distanciava um certo ciúme. Bento Gonçalves era o homem mais popular da provincia, e Bento Manuel, orgulhoso, cheio de si e conscio de seu valor apesar de seu pouco saber, não podia tolerar, si bem a não manifestasse, essa superioridade do coronel chefe da revolução.

Essa a grande diferença, diferença que sempre se fez sentir entre esses dois valentes guerreiros, durante todo o decenio: Bento Gonçalves guerreava por principios: Bento Manuel brigava ora por vin-

gança, ora por simples obediencia de soldado amigo do poder.

Tal, em sintese, o character do homem que reiniciou a revolução, denominando "cambada de impostores que só para transtornar a ordem servem" (V. Efemérides : 31 de janeiro de 1836), aqueles mesmos que nas vespéras eram anciãos que mereciam todo o acatamento e respeito, por suas venerandas cãs adereçadas de serviços á patria.

Odiosa se tornára a attitude de Araujo Ribeiro com a sua insistencia em ficar no Rio Grande. Contudo, procuravam ainda os liberaes um meio de solucionar a crise e harmonizar tudo. Mas em vão.

Por ordem de Araujo Ribeiro, Gaspar Menna Barreto, João de Castro e outros, aliciavam, em S. Leopoldo, colonos para as forças imperiaes, pois muito estava o presidente necessitando de braços que o defendessem e á causa da legalidade. Bento Gonçalves, sabendo disso, põe-se a caminho da colonia e escreve a Antonio Vicente da Fontoura que se mantenha alerta para o que desse e viesse.

Menna Barreto e seus companheiros, depois de terem reunido cerca de 500 homens alemães, tentaram atravessar o rio dos Sinos, mas foram impedidos por um grupo de cerca de 50 patriotas, postados com um bom numero de colonos, do lado da colonia. Esse grupo era dirigido pelo alemão Hermann von Salisch, entusiasta das ideias liberaes.

Com verdadeira ousadia esse cidadão passou-se para o campo de Gaspar Menna Barreto, com quem discutiu sobre o direito que tinha de falar em alemão aos seus patricios. Conseguiu que o deixassem falar e, em alemão, lingua que nem Menna Barreto, nem Castro, nem nenhum dos brasileiros sabia, entusiasmou os seus patricios pela causa farrapa ter-

minando por convidá-los a se passarem, com ele, para o lado da colônia, o que todos, prontamente, fizeram. Desses, muitos foram incorporar-se aos revolucionários que se aproximavam, nesse mesmo dia, pondo em fuga os chefes legalistas.

Herman von Salisch fôra um dos oficiais que vieram ao Brasil com os corpos alemães contratados.

Pertencia von Salisch ao 27 de caçadores, do qual deu baixa, ficando em Pôrto Alegre, onde exerceu a profissão de professor de musica e de linguas. Foi um grande propagandista da revolução e possuia o jornalsinho "*O Colono Alemão* (3), no qual pregava abertamente a rebeldia.

Mas só em fevereiro é que se travam os primeiros combates. O primeiro foi o do Passo do Capané, em que Bento Manuel é destroçado por Côrte Real. Dias mais tarde, morre heroicamente o bravo marinheiro Tobias dos Santos Robalo, que preferindo a morte á rendição, faz, num gesto verdadeiramente tragico, explodir o cuter *Minuano*, de seu comando (V. 27 de fevereiro). A 3 de março, enfim, perdem os liberais toda a esperança de reconciliação com o decreto do Governo Central ordenando a transferencia de todas as repartições publicas para a cidade do Rio Grande.

* * *

Começa, agora, uma nova serie de peripecias. De um e outro lado as forças eram aguerridas e quasi que iguais em numero. Muitos revolucionarios haviam passado para os legais, graças ás manhas

(3) Aurelio Porto reeditou, em facsimile, esse jornal de von Salisch, com um ótimo estudo sobre a imprensa no Rio Grande do Sul.

de Bento Manuel. Mas também, espontaneamente, muito legal se passou para os farroupilhas.

Um caso típico e que merece aqui especial menção é o de Juca Ourives, sujeito de máus precedentes, simples paizano, expulso das forças revolucionárias, por gatuno e desrespeitador da honra alheia.

Pois este sujeito, por vingança, reuniu um grupo de tipos de sua laia e apresentou-se ao Dr. Araújo Ribeiro para defender a legalidade. Em pouco tempo vemo-lo tenente-coronel, posto que alcançou graças ao seu temperamento de guerrilheiro destemido e terrível não dando, jamais, treguas ao inimigo, comandando oficiais de linha.

Seu verdadeiro nome era José Inácio da Silva Ourives, mas nunca perdeu o apelido de Juca Ourives.

O governo revolucionário varias vezes se dirigiu ao Governo central mostrando a justiça de sua causa e pedindo o castigo para Fernandes Braga e Sebastião Berreto. Nunca foi ouvido. Seus officios não recebiam resposta.

Começou, então, uma série de revezes para os farrapos. O primeiro foi o destroçamento da força de Côrte Real, Afonso José de Almeida Côrte Real, guerrilheiro moço, intrepido mas inexperiente, pelas forças ao mando de Bento Manuel Ribeiro, no Passo do Rosario.

Houve, também, grandes vitórias, como a de Pelotas, obtida pelas forças revolucionárias ao mando do tio do Duque de Caxias, João Manuel de Lima e Silva. Nesse combate (V. 7-8 de abril) foi aprisionado Manuel Marques de Souza que importante papel ia representar na contra-revolução. Este prisioneiro é conduzido para Pôrto Alegre pelo proprio Lima e Silva que, a 12 já se vê obrigado a re-

pelir a força de Juca Ourives que tentava apoderar-se da capital.

A 22 Onofre Pires derrota, em Mostardas, as forças do capitão Francisco Pinto Bandeira que morre em combate.

A 2 de junho trava-se novo combate nas margens do S. Gonçalo, entre navios da esquadra imperial e forças de terra comandadas por Lima e Silva. Nesse combate, que ficou indeciso, foi Lima e Silva ferido no queixo por um estilhaço de bala de canhão.

A 13 Domingos Crescencio ataca o forte de S. Miguel, mas não consegue apoderar-se dele e recua, deixando alguns mortos.

A 15, perdem os farrapos a capital, começando, desde então a serie de grandes revezes.

Márques de Souza que fôra encerrado na *Presiganga*, velho navio surto no pôrto de Pôrto Alegre, que servia de prisão flutuante, mas em relativa liberdade, graças á recommendação especial de Lima e Silva, consegue, com varios outros companheiros de prisão, subornar os carcereiros e combinar-se com elementos do partido conservador e grande numero de canoeiros portuguezes que faziam as viagens da capital á Cachoeira, tomar, de surpresa, a cidade que, aliás, nunca ficára guarnecida como se tornava necessario. Esse golpe foi terrivel. Nunca mais os revolucionarios apoderaram-se da cidade. Essa contra revolução tirou-lhes, tambem, varios elementos de primeira ordem, como Marciano Pereira Ribeiro e outros, que foram aprisionados e remettidos para o Rio de Janeiro.

Ulhoa Cintra, que tambem se achava em Pôrto Alegre, na occasião, conseguiu fugir e foi o primeiro a espalhar a noticia. Bento Gonçalves, ao recebe-la

dos labios de seu amigo, ficou grandemente abatido, pois trabalhava com afino na campanha procurando, por todos os meios prender Bento Manuel, o maior impecilho para a vitoria dos farrapos.

Em vista disso aproxima-se Bento Gonçalves da capital e, depois de intima-la a render-se, no que não é atendido, tenta retoma-la, no dia 30 de junho, mas é repellido após 3 horas de luta.

Mais uma série de combates pequenos travam-se em diversos pontos da provincia, quasi todos fatais ás armas rebeldes, que perdem, tambem o seu forte de Itapuã.

Com essa perda estavam definitivamente aliçados das redondezas de Pôrto Alegre que, comtudo, ainda os tenta, pois é ela a chave de todos os movimentos.

Em setembro cerca-a novamente Bento Gonçalves. Depois de alguns dias de assédio, o chefe revolucionario faz a primeira tentativa para a pacificação definitiva da provincia. Escreve, nesse sentido, a Bento Manuel. Este responde-lhe que é impossivel qualquer acordo, e que somente as armas decidirão a questão. Devido essa resposta, prosegue, então, o assédio por mais alguns dias. Vendo, porem, que eram inuteis os seus esforços e que estava perdendo tempo, retira-se para reunir sua força ás Neto e Crescencio. Bento Manuel avisado, sabendo certo o rumo que tomava Bento Gonçalves, embarca sua gente e vái espera-lo no Jacuí, á cuja margem direita estava Crescencio.

Bento Manuel, que vigiava de perto, sem ser presentido, todas as manobras do antagonista, graças ao grande numero de espiões ou bombeiros que espalhou por toda a redondeza, só aguardava uma ocasião para atacar o farrapo. Bento Manuel esta-

va protegido pela flotilha comandada por Pascoe Grenfell.

Quando Bento Gonçalves se aproximava da margem esquerda, Bento Manuel fechou todas as passagens, deixando livre apenas um saco no qual, caso Bento Gonçalves entrasse seria fatalmente derrotado. Aí nesse saco, ou rincão, fica a ilha do Fanfa, junto a outra chamada do Leão.

Na ancia de juntar-se a Domingos Crescencio, Bento Gonçalves começa a transpor o rio sabendo já que o inimigo o esperava e aboletta-se na ilha do Fanfa. Verdade é que o chefe farrapo não contava com os navios de Grenfell que se haviam maravilhosamente ocultado.

Guarnecidas, na noite de 2 de outubro, as barrancas e passados para a ilha grande numero de seus homens, preparava-se Bento Gonçalves, na manhã de 3, para efetuar a junção quando se lhe apresentam os navios. A surpresa foi geral. Bento Gonçalves, comtudo, não desanima. Ataca os navios, e estes se retiram, á tardinha. No dia 4, porem, é violentamente atacado. Perde as baterias que postára na barranca da margem direita, e se vê cercado por terra e agua. Luta desesperadamente mas, afinal, com as garantias que lhe forneceu Bento Manuel, por eserito, conforme pedíra, rende-se.

Com ele são aprisionados Onofre Pires e Zambicari, o conde italiano a quem tanta importancia querem dar nessa revolução mas que, afinal, nenhuma ou pouquissima influencia exerceu, com suas ideias na proclamação da republica, mais tarde, quando ele já se achava preso.

O que foi essa rendição e como foi ela cumprida, mostram-no claramente os documentos escritos pelo proprio Bento Manuel, que transcrevemos em

nosso *Farrapos!* (1.ª série) e nas Efemérides (4 de outubro).

Aliás, a nosso ver, esse combate da ilha do Fanfa encerra qualquer misterio ainda não desvendado.

Ou Bento Gonçalves agiu por esperteza, preferindo render-se a uma derrota completa, e ordenando, como declara na ordem do dia Bento Manuel, que seu cunhado incentivasse os outros a mais violentas operações, talvez na certeza de fugir em seguida, ou então houve realmente falta de tática de Bento Gonçalves que se rendeu por ver impossível qualquer resistencia, mas confiado em Bento Manuel que, aproveitando a ocasião, exerceu sua vingança, ou melhor, para engrandecer-se perante o governo, desculpou o não cumprimento das promessas feitas e mandou prender Bento Gonçalves e Onofre Pires, na certa, naturalmente, de que, faltando esses dois em pouco tempo ele, Bento Manuel, liquidaria a revolução.

A ilha do Fanfa é, pois, um ponto de interrogação, que merece um estudo especial e minucioso.

* * *

Emquanto, nas margens do Jacuí se desenvolviam, esses acontecimentos, na fronteira e na serra bem diferentes eram os sucessos das armas farrapas já bastante diminuidas e mui pouco vitoriosas.

Apesar de quasi inerte, devido o grave ferimento, Lima e Silva, acampado em Pelotas, inquietava seriamente aos legalistas.

Afim de desalojar esse chefe revolucionario de Pelotas, incumbiu Araujo Ribeiro — que fôra novamente nomeado presidente, — ao tenente-coronel Silva Tavares desse empreendimento.

Grande era, porem, a falta de gente com que lutavam as forças do governo. Por isso Silva Tavares foi percorrer com sua pequena força a campanha, afim de conseguír recrutas e fazer junção com algum outro chefe legal que por ali estivesse. Acampou, depois de já estar com um bom contingente, cerca de 600 homens, nos campos do Seival, a 9 de setembro de 1836, de onde pretendia, no dia seguinte, marchar sobre Pelotas. Mas tudo saiu-lhe ás avessas.

Antonio de Souza Netto, uma das mais completas figuras de soldado do glorioso decenio, espreitava-o, porem, desde muito. Alcançou-o, finalmente, no dia 10 quando Silva Tavares ia levantar o acampamento.

As forças de Netto eram muito inferiores, em numero. Comtudo não recebeu atacar o inimigo, e fe-lo com tanta felicidade que, após renhida luta, desbaratou por completo os imperiais, matando cerca de 180, alem de mais ou menos 60 feridos e 160 prisioneiros. A perda dos farrapos foi insignificante, relativamente.

Esta vitoria, após um grande numero de revezes, foi que abriu aos revolucionarios novo caminho.

Silva Tavares foi, apesar de toda a sua pratica e valentia, o mais infeliz dos officiais da legalidade. Era raro ganhar um combate. Netto, então, batia-o sempre. E tanto assim que o consideravam — *armazem dos farrapos* — A pezar de tudo isso o chefe legal não desanimava. Destemidamente procurava encontrar-se com os revolucionarios. E assim, “escapo dum revez, ia logo procurar outro”, como assevera Assis Brasil, e com inteira verdade.

Nunca se viu official mais caipóra e mais teimoso. Era bem o tipo do rio-grandense daquele

tempo : não desanimava nunca. Fôra batido hoje ? — Não importava. Eram leis da guerra. Amanhã poderia bater. E lá ia, destemidamente, ao encontro do inimigo.

Este combate do Seival e o pequeno combate do Funchal, no dia 7, reergueram as fôrças dos rebeldes.

O imperio teimava em não conceder direito algum aos farrapos. Bento Manuel negára-se ao accordo proposto por Bento Gonçalves em fins de junho, declarando que a força das armas é que iria decidir a questão. Que restava, pois, aos destemidos revolucionarios, partidarios arraigados da ideia republicana : Joaquim Pedro e Manuel Lucaç de Oliveira ?

A estes didadões, cujos ideáis republicanos eram notorios, mais do que a Antonio de Souza Neto, deve-se attribuir a proclamação da Republica.

Bastante cultos, para a época, beberam, certamente essas ideias não só em Zambicari que, em Pôrto Alegre, dirigira o periodico *O Republicano*, mas sobretudo no célebre padre Caldas, José Antonio Caldas, revolucionario da Confederação do Equador.

O padre Caldas, membro da Constituinte, por Pernambuco, metéra-se no movimento republicano de 1824 sendo um dos chefes da rebelião. Preso e condenado á morte, consegue fugir e imigra para o Uruguái onde é nomeado capelão militar das fôrças de Rivera. Amigo de Lavalleja é, por isso, demittido do cargo. Na fronteira, edita um jornalsinho, o *Telegrafo*, de que com acrimonia fala Lobo Barreto em sua *memória*, de ideias francamente revolucionarias e republicanas. Mantem correspondencia politica com diversos próceres rio-grandenses, entre os quáis os Gonçalves da Silva e Alencastre, que

nunca se declararam francamente republicanos, e tem admiradores como Luiz José dos Reis Alpoim, republicano aferrado e outros.

Caldas foi, por isso, o principal incentivador da revolução, propagandista da republica, influenciando mais do que quanto estrangeiro aqui esteve na sua efetivação.

Diz Alfredo Varela que o padre Caldas foi propagandista da republica federativa mas ligando o Rio Grande do Sul ao Uruguái. Parece-nos, porem, que é justamente o contrario que se deve afirmar: Caldas queria a republica federativa, mas no Brasil, pois é notorio o seu patriotismo. No Uruguái esteve apenas como imigrado politico. Rebutada a revolução no Rio Grande do Sul, a ela se integrou vindo a ser o secretario particular de Bento Gonçalves, depois que este voltou ao Rio Grande fugido da Bafa.

Não se sabe ao certo qual o fim desse sacerdote revolucionario, irmão dos republicanos que regaram com seu sangue o solo heroico de Pernambuco.

Aliás, deve-se notar, Netto tambem era republicano. Seus atos o denunciavam, mormente no fim da revolução. Daí a sua pouca ou nenhuma resistencia ao apelo de Joaquim Pedro Soares e Manuel Lucas de Oliveira que queriam a republica.

Trabalhando desse modo, Netto, a 11 de setembro, dia imediato ao da vitoria do Seival, ignorando ainda a derrota de Bento Gonçalves no Fanfa, participa aos seus valentes cavalarianos a proclamação da republica. Comtudo, na áta do dia 12, feita após a reunião nas margens do rio Jaguaraõ, lê-se que a republica foi proclamada no Rio Grande "não só por ter todas as formalidades para representar entre as demais nações livres do Uni-

verso, não também obrigados pela prepotencia do governo do Rio de Janeiro". Como se vê, ha af uma resalva.

A proclamação da Republica foi, pois um ato de desforra. O Governo central não queria de forma alguma, como já ficou dito, reconhecer os direitos do Rio Grande rebelado, gritando por justiça. Foram, portanto, as circunstancias que os obrigaram a esse passo que, antes disso nunca fez parte de suas cogitações puramente reivindicadoras.

Bento Gonçalves, nada republicano, é bem provavel que não concordasse com essa orientação. Estava, porem, preso. Nunca recebeu as communicações que lhe foram enviadas. Soube, já no Rio de Janeiro, na fortaleza de Santa Cruz, da proclamação da Republica. A ele, portanto, nada mais restava sinão aderir. Aderir, ou pedir misericordia. Seu character nobre e altivo, profundamente patriota, jamais admitiriam semelhante passo. Assim, pois, por espirito de solidariedade, por camaradagem, preferiu por de lado as suas ideias monarchicas e fazer-se republicano.

Espirito culto, Bento Gonçalves de volta ao seu pago, mudou quasi que por completo a orientação republicana. Por suas cartas vê-se claramente o que pensava da republica. Quais suas ideias a respeito desse sistema de governó. Demonstra ter pleno conhecimento de causa. A republica, para ele, não era a independencia absoluta. Queria a federação. No seu primeiro documento publico, o *manifesto* de 29 de agosto de 1838, diz claramente que "perdidas as esperanças de concluirem com o governo de S. M. Imperial uma conciliação fundada nos principios da justiça universal, os Rio-grandenses, reunidas as suas Municipalidades, solenemente proclamaram e juraram a sua Independencia poli-

tica debaixo dos auspícios do sistema Republicano, *dispostos todavia a federar-se, quando nisso se acorde ás Provincias irmãs*" etc.

E em decretos, anteriores e posteriores a essa data já a mesma ideia é expressa claramente: Sistema Republicano com o direito de federar-se ás demais provincias que assim o queiram. Não eram, pois, esses mesmos republicanos do Rio Grande "livre e independente", separatistas. Não. Animava-os, sobretudo, o espirito de brasileidade. A integridade do Brasil nunca os abandonou. E por isso não encontrou Bento Gonçalves dificuldade em aceitar a republica proclamada por Netto no Campo dos Menezes.

* * *

Começava, agora, uma nova vida para os revolucionarios que, de agora em diante podem ser denominados *republicanos*.

A proclamação de Netto, do dia 11, é amplamente divulgada e enviada a todas as cidades e vilas da provincia. Na sua quasi totalidade aderem á republica. A primeira a manifestar-se é Jaguarão, que se reúne em sessão especial na Camara Municipal para proclamar, depois, a sua solidariedade e pedir que se officie a Bento Gonçalves dizendo-lhe que fôra aclamado *chefe e protetor da Republica e liberdade do Rio Grande*.

Seria esta a primeira noticia que Bento Gonçalves deveria receber, juntamente com a proclamação de Netto. Nenhuma delas, porem, chegou ás mãos. O desastre do Fanfa isolou-o por completo durante um ano.

Com extraordinaria rapidez soube o governo central da proclamação da Republica espedindo, a 11 de outubro, o decreto suspendendo as garantias individuais na provincia. (V. Efemérides : 11/10/36). Era o grito da primeira ferroteada no orgulho da regencia.

A 6 de novembro, na vila do Piratini, escolhi-da para séde do governo da nova Republica, reu-nem-se os vereadores e procede-se a eleição do presidente. Por unanimidade é eleito Bento Gonçal-ves. Devido sua ausencia e impedimento ficou eleito e empossado no mesmo dia o cidadão José Gomes de Vasconcelos Jardim, homem idoso, de grande probidade, estimado em toda a provincia.

Gomes Jardim que vimos entrar com um pugilo de bravos em Pôrto Alegre, no dia 18, acampan-do no alto da Azinha e, no dia 20, apossar-se com Onofre Pires da capital, era fazendeiro em Pedras Brancas, nas margens do Petim, onde tambem possuia uma casa de saude. Gomes Jardim não era me-dico, mas inteligente e estudioso, alma grande e filantropica, quiz, com o seu pouco saber contribuir para o bem e a saude do proximo. Examinava doentes, dava remedios que ele proprio fabricava, e recebia os doentes em sua casa de saude de onde era raro sair algum morto. Ricos e pobres, estancieros e peões, generais e nobres titulares, iam visita-lo e pedir os socorros de sua ciencia. A todos acolhia sempre com o maximo carinho e boa vontade. Nunca se negou a tratar de quem quer que fosse. Bastava procura-lo ou chama-lo.

Daf a sua grande popularidade em toda a provincia onde era considerado um verdadeiro bemfeitor. Gomes Jardim, apesar de velho já, foi um verdadeiro arrimo da revolução e da Republica, da qual foi presidente logo no inicio, por impedimento

de Bento Gonçalves, e também no fim, por renúncia do general farrapo.

A 12 de novembro é publicado o decreto criando a bandeira da República e o brasão e armas.

Apezar de todos esses aparatos, os chefes do novo Estado não se sentiam com forças bastantes para enfrentar as vicissitudes da guerra. O revez da ilha do Fanfa encheu-os de receios. Grande era a falta que sentiam de Bento Gonçalves e Onofre Pires e também de Côrte Real que se achava preso já.

Netto é o unico que ainda se mostra verdadeiramente encorajado. A 30 de outubro, logo após receber a noticia do desastre da ilha aliás já sabido por todos, esclama, numa proclamação: "O revez que sofremos é grande; mas é um só no circulo de tantos triunfos; redobrai vosso valor e venceremos".

Agora, ausente Bento Gonçalves, todas as esperanças estavam em Netto.

A lira popular o proclama:

Bento Gonçalves da Silva,
foi preso, foi desterrado;
mas deixou o bravo Netto
pra cumprir os seus tratados.

E realmente Netto foi um verdadeiro animador.

Comtudo, ou por vontade propria, ou instigado pelos companheiros de armas ou — quem sabe? — pelos senhores do governo recém-inaugurado, Netto fez uma tentativa de pacificação da provincia, a 12 de dezembro, o que prova a instabilidade da situação.

E' intermediario o general Frutuoso Rivera que desde muito ronda a provincia e os farroupilhas.

Bento Manuel recebe D. Frutuoso Rivera, mas ou porque quer a proposta por escrito, ou porque não confia (o que é bem de crer-se) em Rivera, escreve ao general Netto enviando o officio pelo coronel Gabriel Gomes Lisboa e major Manuel Luís Osorio, pedindo resposta pelos mesmos. Netto, porem, não responde logo. Pede mais alguns dias para enviar a solução. Queria antes, confabular com os demais comandantes e com o chefe do governo e o ministerio, Finalmente, a 31 de dezembro, devidamente autorizado por Gomes Jardim, Netto responde fazendo as proposições. Bento Manuel não as aceita por julga-las exorbitantes e absurdas (V. Efemérides : 31/12/36). Fracassa, assim, a segunda tentativa de pacificação.

* * *

Começa o ano de 1837. E começa mal para os republicanos. Logo no dia 4 o general Netto é atacado de surpresa, por Bento Manuel que o obriga a transpor a fronteira. Esse revez de Pedras Altas, si lhe não deu grande prejuizo de homens, levou-lhe, porem, 5 canhões.

Netto não desanima. Refaz-se e dias depois volta ao Rio Grande pela fronteira do Piraf.

O resto do mês passa-se sem grandes novidades. O mês de fevereiro também não apresenta grandes feitos de parte a parte. Parece que ambos os partidos se estão refazendo para novos embates.

Nesse mês, Silva Tavares que fôra aprisionado a 17 de dezembro por David Canabarro, consegue fugir. A legalidade tem, pois, mais um general em campo, embora esse general não cause grande receio aos republicanos.

Março, porem, está fadado a grandes acontecimentos que vem de um modo geral refazer as forças e reerguer o animo dos revolucionarios.

A 11 desse mês fogem da fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, Onofre Pires e Afonso Côrte Real que após uma série de peripécias chegam ao Rio Grande.

A 23 Bento Manuel Ribeiro aprisiona, no Passo do Itapeví o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, presidente da provincia.

Bento Manuel era, por esse tempo, comandante das armas imperiais. Antéro assume a presidencia com intenções de dar cabo em seguida dos republicanos. Tem tenções de dar cabo em seguida dos republicanos. Tem grandes planos e grandes ambições. Seus atos, pelo menos, assim nos fazem crer. Ele, brigadeiro e presidente. Bento Manuel general. Não se convence Ferreira de Brito que o sorocabano não tenha ainda dominado por completo os rebeldes, e censura, por isso, o comandante das armas. Em carta de 10 de janeiro (V. Efemérides: 31/12/36) promete a Bento Manuel uma visita ao campo de operações. Quer ver de perto a situação. Sua intenção, porem, era assumir ele mesmo o comando das armas. Motivos propriamente não tinha para depor Bento Manuel. Algumas intrigas fazem as vezes de documentos. Acusa-o de conivencia com os revolucionarios e sai a campo com o intuito de aprisionar o comandante das armas. Bento Manuel, porém, soube de tudo e aguarda Antero, espreitando-lhe os passos. A 23 de março ataca-o no passo do Itapeví e prende-o.

Com esse ato fica Bento Manuel em situação embaraçosa. Que fazer? Como justificar sua atitude? A justificativa seria facil. Mas atende-lo-ia o governo? Nessa contingencia resolveu aderir aos

republicanos e prestar seus serviços ás armas farrapas.

A republica recebe-o de braços abertos. Era um menos a combater e um a mais a auxiliá-los. Querem dar-lhe o comando das armas, que regeita. Não quer ser, na republica, sinão simples cidadão. A insistencia, porem, dos convites fazem-no, aceitar o comando de uma força que elle mesmo organiza. Chamam-no, agora, os republicanos de "benemerito" e nele põem a sua confiança.

Novamente muda-se o aspéto da guerra. Os republicanos vão dominando, a pouco e pouco, o terreno. Os imperiais sentem-se abatidos. Não pode o governo central cuidar devidamente da provincia pois por todos os recantos do Brasil ha commoções.

O governo da Republica inicia, tambem, a sua actividade, nomeando os primeiros coletores, afim de organizar, assim, o seu Tesouro, por iniciativa do ministro Vicente Lucas de Oliveira.

Ha uma estranha animação em tudo. Vende-se, compra-se, sequestra-se bens do adversario, paga-se a officialidade e a soldadesca recebe, tambem, os seus primeiros soldos. A capital, — Piratiní, — é uma verdadeira colmeia. E as forças espalhadas por toda a provincia agem destemidamente.

Os imperiais fazem seu ponto forte na cidade de Pôrto Alegre. A 11 de maio Netto assedia-a, mas sem resultado. Vendo inutil a tentativa de retomar a capital, abandona o assédio e volta á campanha.

Outro ponto forte dos imperiais era Caçapava defendida pelo coronel João Crisóstomo. Bento Manuel marcha sobre ella no dia 7 de abril. Crisóstomo não resiste ao combate. A cidade rende-se e os imperiais perdem toda a infantaria.

Tambem, já por esse tempo, voltára á provincia o marechal Sebastião Berreto Pereira Pinto. Bento Manuel soube que ele estava com uma regular força acampado nas proximidades de Cruz Alta. Encaminha-se para lá e a 5 de junho bate-o completamente nas margens do arroio Santa Bárbara.

A 12 de agosto Netto destroça por completo as forças imperiais, comandadas pelo coronel Gabriel Gomes Lisboa, na vila do Triunfo.

No penultimo dia de outubro Bento Manuel desbarata as forças imperiais comandadas pelo coronel Manuel dos Santos Loureiro, na coxilha do Espinilho.

Em novembro pisa novamente o solo rio-grandense o coronel Bento Gonçalves da Silva, que fugira, a 10 de setembro do forte do Mar, na Baía.

Preso no combate do Fanfá, é o general farrapo metido na *Presiganga*, e daí enviado ao Rio de Janeiro, de onde, mais tarde o remetem para a Baía.

Nessa cidade do Salvador, Bento Gonçalves encontra grande numero de admiradores que procuram, por todos os meios, auxilia-lo na fuga. Fôra já recomendado do Rio de Janeiro onde haviam trabalhado, mas infrutiferamente, para que fugisse. Na Baía, terra por completo desconhecida, tudo mudava de aspeto. Ninguem suspeitava que até lá haviam chegado a fama e o prestigio do grande farrapo. Deram-lhe relativa liberdade que aproveitou. Com 15 dias de forte do Mar, preparou tudo com o auxilio de seus abnegados admiradores.

Vê-se, por esse facto, como estava minado todo o Brasil, como em todos os recantos imperava o descontentamento.

Com relativa facilidade foge a 10 de setembro, como dissemos, e a 3 de novembro, depois de uma

viagem bastante acidentada, pisa terras rio-grandenses, "tive a satisfação de pisar neste país abençoado", escreve ele a um amigo. A 9 abraça os seus amigos da divisão do Centro e, em Piratini, a 16 de dezembro toma posse da presidencia. (V. Efemérides : 16/12/1837).

Forte estava, agora, a Republica que, durante todo esse ano nenhum revez que valesse a pena mencionar sofreu. Os seus annais só tiveram que registar vitoria sobre vitoria. Era, pois, de justiça que encerrassem com grandes festas esse anno. E a maior delas foi a posse de Bento Gonçalves que, depois de ter sido considerado perdido, volta á patria e assume a presidencia da Republica que, embora não fundada por ele, é, comtudo, a forma de governo que impéra em sua terra porque as circumstancias da guerra assim o exigiram. Não era republicano, mas ia fazer-se republicano e dirigir a republica para a federação, provando, desse modo, a todo o mundo o seu grande amor pelo Brasil uno, federado e forte. E esse patriotismo ele o acendeu em todos os peitos. Provam-no de sobejo os inumeros atos de sua vida nesse agitado periodo.

* * *

Emquanto o Imperio combatia, tambem, por agua, como senhor absoluto dos rios, a Republica sentia a falta que lhe estava fazendo uma esquadra.

Preso, no Rio, Bento Gonçalves não descurou esta importante arma e graças á apresentação que de Garaibaldi, recém-entrado no pôrto da capital do imperio como marítimo de uma náu francêsa, a *Nautonier*, Bento Gonçalves fornece-lhe uma "carta de corso"; o *condottiere*, sem mais delongas dá inicio á sua nova vida de aventuras.

Arma um pequeno navio, o *Mazzini*, e com ele inicia a carreira de corsario. Dias depois apodera-se de uma sumaca — *Luiza* — carregada de café e a substituí pelo pequeno *Mazzini*. Arvóra nela a bandeira da Republica e segue rumo de Montevidéo. Em Maldonado vê-se perseguido pela policia. Foge e segue para as barrancas de S. Gregorio, esperando Rossetti. Aí, porem, é aprisionado, e após dois meses de lutas, padecimentos e prisões é expulso. A bordo de um navio genovés Garibaldi e Rossetti chegam ao Rio Grande, onde desembarcam clandestinamente e daí seguem para Piratini. Logo após chega, tambem, de volta do exilio e da prisão, o general Bento Gonçalves. Tratam, então, da organização da marinha. Garibaldi é nomeado capitão-tenente e encarregado da consecução de navios, enquanto Rossetti fica em Piratini, como secretario do governo, tratando da fundação de uma imprensa official.

Estes dois italianos, condenados na sua patria por carbonários, dela conseguiram fugir seguindo rumos diferentes. Por uma verdadeira coincidencia encontram-se no Rio de Janeiro e proseguem, depois, juntos, a vida aventureira nas coxilhas do Rio Grande. Adeptos fervorosos de Mazzini, o grande revolucionario carbonario, autor da *Jovem Italia*, o codigo da mocidade republicana de sua terra, e que tambem no Rio Grande do Sul grande influencia exerceu graças a propaganda e tradução feitas por Rossetti no órgão official da Republica, *O Povo*.

Apezar de tudo isso, os revolucionarios rio-grandenses nunca se deixaram empolgar por completo pela doutrina *mazzinista*, não aceitando, nunca, o carbonarismo e sustentando, sempre, a intensa brasilidade que os arrastára á revolução e era ainda o ideal que os guiava na republica.

Tais os dois maiores italianos que se incorporaram ás forças revolucionarias rio-grandenses, já muito depois de proclamada a republica.

O ano de 1838 encontra como comandante das armas do imperio e presidente da provincia o marechal Antonio Elziario de Miranda e Brito.

Persegue este tenazmente os republicanos, não sendo, porem, muito feliz.

Num dos primeiros encontros, nas margens do rio Caf, Bento Manuel Ribeiro toma-lhe duas canhoneiras e obriga-o a uma retirada precipitada.

Si bem não fosse de grande importancia o combate, assume, comtudo, proporções grandiosas devido a conquista das canhoneiras que, entregues immediatamente a Garibaldi, aterram aos imperiais e põe Grenfell em constante sobressalto.

Em fevereiro, a 24, violento combate regista-se nas margens do S. Gonçalo onde Netto e Crescencio com uma fôrça de cerca de 1.000 homens se fortificaram. Ao tentarem a travessia do rio, são agradidos os chefes farrapos por duas canhoneiras. A luta durou cerca de 4 horas, havendo perdas de parte a parte, porem, em muito maior numero entre os republicanos que se viram obrigados a abandonar a posição, deixando o local coberto de cadaveres.

Apezar disso, e graças á ação de Garibaldi, por agua, e dos demais chefes, Bento Gonçalves, Netto e Bento Manuel, por terra, auxiliados por David Canabarro, Portinho, João Antonio, Onofre Pires e outros, ia em franco progresso a causa rio-grandense.

Rio Pardo, desde algum tempo, tornára-se, como a capital, ponto forte dos imperiais. Defendiam-na o marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto e José Joaquim de Andrade Neves que mais tarde, na guerra contra Solano López tanto brilho iria dar ás armas brasileiras.

A vila do Rio Pardo, quartel-general dos imperiais, era considerada quasi que inexpugnável. Os republicanos ha muito que a namoravam. E nem poderiam deixar em poder dos inimigos uma vila que tanta gente illustre lhe fornecêra, e fôra um verdadeiro fóco de revolucionarios, antes de 20 de setembro.

Resolveram, pois, retomar a sua vila, num ataque conjunto, decisivo.

Na manhã de 30 de abril apresentam-se nas portas do Rio Pardo os republicanos. Começam as escaramuças. Netto, Crescencio, Bento Gonçalves, Bento Manuel Ribeiro. A flor dos guerreiros farrapos allí estava.

Crescencio comanda os "bravos da Encruzilhada". Netto a cavalaria gloriosa. Bento Gonçalves e Bento Manuel, um por esta banda, outro por aquella, dispõem o assalto á frente de seus homens.

Começa a luta. Netto e Crescencio atacam, um por aqui, outro por allí. Dentro de poucas horas entram na vila que ainda resiste, da barraanca do rio, Procuram os farrroupilhas atira-los na agua, cercando tudo. Não o conseguem, porem, porque, tendo fugido os chefes Sebastião Barreto e Andrade Neves, depois de ordenarem aos seus soldados: resistam a todo o custo, — tambem os soldados debandam. Alguns se rendem. A maioria foge. E Rio Pardo cái em poder dos republicanos.

Possuiam os imperiais uma excelente banda de musica, organizada e dirigida pelo celebre maestro Joaquim José Mendanha. Esta banda, que Netto, na sua parte do combate qualifica de "rica" — "fizemos preza de uma rica banda de musica, que felizmente ficou intáta" (4-5-38) — ficou fazendo parte das fôrças farrapas até 1340, quando, numa sortida dos imperiais sobre Rio Pardo, foi resgatada.

Foi o maestro Mendanha que, a pedido dos chefes farroupilhas, compoz, ou antes: fez um arranjo de uma valsa de Strauss, o velho, dando, assim, origem, ao *Hino da Republica*. A primeira letra composta para esse Hino foi a do capitão Serafim José de Alencastre, um dos illustres poetas da revolução. Mais tarde Francisco Pinto da Fontoura, o popular *Chiquinho da Vóvó*, escreveu outros versos. Mas o jornal da Republica, — *O Povo* —, em seu numero de 4 de maio de 1839 publica uma outra letra, de autor desconhecido, precedido das seguintes palavras: "... postos de pé em torno do pavilhão todos os cidadãos e senhoras convidadas, cantou-se acompanhado da musica do Hino da Nação", na noticia da festa comemorativa do 30 de abril, em Caçapava. Essa letra, a nosso ver, é que deveria ter sido oficializada como o verdadeiro *Hino de 35*.

A vitoria do Rio Pardo foi de grande importancia para a Republica e grandemente influiu nos seus destinos. Consideravam-na os farrapos como "o principio do fim" da resistencia imperial na provincia.

Comtudo ainda muito haviam de lutar no vão empenho do reconhecimento da Republica e na federação da provincia a outras do Brasil.

Em 11 de maio, entusiasmados com a tomada do Rio Pardo, assediam os farrapos novamente a cidade de Pôrto Alegre, mas infrutiferamente. Com algumas interrupções esse novo assédio durou até 1840.

A 29 de agosto Bento Gonçalves publica o seu célebre manifesto, em que repete as causas da revolução, repetindo o que disséra no de 25 de setembro de 1835. Nele prega o chefe farrapo a federação. E'

o primeiro documento official que a isso publicamente se refere.

Outro terrivel adversario inicia a sua actividade, Francisco Pedro de Abreu, mais conhecido por *Chico Pedro* ou *Moringue*. Este guerrilheiro que atingiu os postos mais elevados na carreira militar, distinguio-se sobretudo pela sua guerra de surpresas em que se revelou mestre consumado. Muito deu Chico Pedro que fazer ás armas republicanas, lançando, em grande parte, o desalento em seu seio.

O primeiro combate em que ele figura como comandante, foi o das proximidades do Camaquã. Aí foi ele derrotado pelo tenente-coronel Rafael Fortunato de Abreu. Esta primeira derrota foi uma das raras que soffreu o famigerado legalista.

A 1.º de setembro a república publica, sob a direção de Luiz Rossetti, o seu órgão official, *O Povo*, que durou até 1840.

Já por essa época trabalhava activamente a Republica por se fazer reconhecer. Enviava embaixadores ao Prata e Paraguái. Pregava-se por todos os meios a grandiosidade da Republica, procurando desfazer em todos os átos do Imperio. *O Povo* transcrevia as noticias do Rio de Janeiro comentando-as, infundindo, desse modo, o descredito dos átos do Governo Central.

Mal, porem, deveria terminar esse ano.

Santo Amaro, porto nas margens do rio Jacuí, estava guarnecido pelas forças de Joaquim Teixeira, um dos mais briosos farroupilhas. Esse embate muito desalentou os revolucionarios pois desfalcou-os de uma fôrça disciplinada e briososa. O revez, porem, não foi de grandes consequencias apesar de tudo. Os republicanos, cheios de um ardor inquebrantavel, não se deixavam, nunca, desalentar por completo.

Comtudo o ano de 1839 deveria leva-los a um declinio estraordinario.

Começaram as vicissitudes com a perda de Piratini, que tiveram que abandonar. A vila já não correspondia ás necessidades da Republica e, alem disso, vivia constantemente assediada. Si nela se conservassem por mais tempo, o desastre seria total. Por isso, de acordo com o ministerio, Bento Gonçalves, a 9 de janeiro anuncia a transferencia da capital para Caçapava, ponto mais central, e a 14 de fevereiro fizeram a mudança.

Emquanto isso, Garibaldi, pelos rios, inquietava grandemente as fôrças navais do imperio. A sua flotilha, porem, era pequena demais e por isso resolveu abrigar-se por algum tempo afim de construir mais alguns barcos auxiliares.

Achava-se ele aportado na Estancia da Barra, propriedade de uma das irmãs de Bento Gonçalves, Af, num galpão, estabelecera ele o seu Quartel-general. Corria tudo ás mil maravilhas quando, a 17 de abril surge-lhe, de surpresa, Chico Pederero com um contingente de mais de 100 homens. Garibaldi possuia apenas 20 ou 30, dos quais a maioria estava ocupada, pelos matos, a cortar madeiras para a construção de barcos.

No momento do assalto, apenas 11 homens o cercavam, no galpão. Trava-se uma luta desigual, mas renhida, durante algumas horas. Finalmente, ferido Moringue, os imperiais recuam. Garibaldi perdeu um só homem, enquanto os legalistas tiveram regular prejuizo. Relata Garibaldi na sua ordem do dia: "No campo achamos algumas armas, patronas e outras miudezas. A minha mala e todos os papeis de contavilidade foi pelo inimigo roubada". Diz, tambem, que ficaram no campo seis mortos tendo, porem, Moringue levado os feridos,

Em seguida a esse feito foi o seu trabalho guardado por fôrças de terra.

* * *

Santa Catarina ha muito que vinha reclamando justiça ao Governo do Imperio sem que fosse atendida. A revolta, com ideais republicanos, bebidos no exemplo do Rio Grande do Sul, tomava incremento. Dá-se um inicio de revolução que é abafado.

As queixas continuam, porem. O Rio Grande do Sul, cujos ideais federativos são apregoados por todos os próceres, julga oportuna a intervenção.

Garibaldi, Canabarro e Teixeira, de acordo com o chefe do governo, tomam a sí o cargo da libertação de Santa Catarina que seria federada ao Rio Grande.

A 5 de julho, assentados todos os planos, Garibaldi, que, aliás, estava bloqueado na Lagôa dos Patos, deixando parte da esquadilha sob o comando de Zeferino Dutra, transporta os dois melhores barcos, — o *Seival* e o *Farroupilha* — da Lagôa dos Patos á barra do Tramandaí, onde a 15 os lança no Oceano. Infelizmente uma tempestade põe a pique um deles, o *Farroupilha*, que era comandado pelo proprio Garibaldi. Morrem alguns de seus bravos companheiros, mas o *condottiere* não desanima. Com o *Seival* começa a fazer o corsario pelas costas, esperando que Canabarro e Teixeira entrassem, por terra, na Laguna. Sabendo já perto os bravos guerrilheiros, entra Garibaldi a barra da Laguna, mas é desalojado em seguida. No dia 22 penetra no rio Tubarão onde se encontra com o lanxão *Imperial Catarinense*. Trava-se a batalha e o lanxão é queimado pelo seu comandante José de Jesus. Mais

alem encontram outro lanxão, o *Lagunense*, que é tomado sem grandes dificuldades.

Emquanto isso, mais e mais se aproximam Canabarro e Teixeira. Laguna é evacuada e abandonada. Garibaldi entra por agua e encontra, encalhados, a escuna *Itaparica* (que recbe o nome do *Rio Pardo*) e o lanxão *Sant'Ana*, e fica senhor da Laguna.

No dia 25 officia David Canabarro ao Cidadão Presidente e Vereadores da Camara Municipal da Vila da Laguna, concitando-os a aderirem ao movimento libertador.

Canabarro é aclamado comandante em chefe das armas libertadoras, cargo que aceita iniciando, com Teixeira, a conquista de todo o territorio catarinense, denominado *Republica Juliana*.

Após varias vitorias e varios revezes, chega ao fim a efemera Republica. Garibaldi é desalojado da Laguna, onde pratica atos de verdadeiro heroismo ao lado de Anita (Vejam-se as Efemérides : 2, e 15 de novembro). Canabarro e Teixeira são, tambem, derrotados e perseguidos até Coritibanos onde se entrincheiram mas são, tambem, obrigados a evacuar a 12 de janeiro de 1840.

Assim terminou a primeira tentativa de federação ardentemente desejada pelos farrapos.

Efemera, e sem importancia aparentemente, a proclamação da Republica Juliana teve grande influencia na vida do Rio Grande do Sul republicano, porque o governo imperial, grandemente alarmado com esses sucessos, tratou desde logo uma defeza mais eficiente e um combate mais sistematico aos rebeldes. Via que o ânimo dos republicanos era inquebrantavel e que, quanto mais os combatia, mais eles se alvorotavam e manifestavam. Urgia,

pois, empregar outras medidas. De pronto, porem, nada podia fazer. Maranhão estava convulsionado e requeria grande numero de fôrças. Em varios outros pontos era mister concentrar fôrças para evitar uma revolução. Tratou comtudo, como primeira medida, de fechar as fronteiras de Santa Catarina deixando allí estacionadas as fôrças do general Labatut.

Mas essa medida era de um todo inutil pois os republicanos não mais sonhariam em invadir Santa Catarina. As suas fôrças estavam diminuindo. O Tesouro, magro, nem siquer podia vestir a soldadesca que ha muito não via um real de soldo. Os proprios chefes empobreciam a olhos vistos, tudo entregando para a manutenção da Republica.

A luta era desesperadora. Comtudo não desesperavam os gloriosos rio-grandenses que da propria miseria faziam riqueza e da propria fraqueza invencivel força.

* * *

Emquanto em Santa Catarina lutavam pela libertação da Provincia, na aguas do Rio Grande, Grenfell destruia os remanescentes da esquadilha republicaba, nas aguas da Lagôa Formosa.

Para aí, fugindo a uma tenaz perseguição navegou Zeferino Dutra, na certeza de não ser alcançado devido o grande calado dos navios imperiais. Grenfell, porem, havia já conseguido lanxões que pudessem entrar em todos os recantos e assim surpreendeu Dutra, incendiando-lhe os ultimos barcos. Garibaldi, após desesperada luta na Laguna, incendiára tambem os seus navios. Agora o fogo consumia estes, liquidando de vez com a esquadilha que tantos serviços prestára e tanto trabalho déra.

Por essa mesma época recebe o governo republicano uma carta de Bento Manuel Ribeiro, em que este cabo de guerra pede a sua demissão dizendo-se insultado por ter o governo da republica promovido um cidadão que éle publicamente repreendera por insubordinado. "Esse insubordinado baiano, indigno até de cingir a banda que desdoura", segundo se expressa Bento Manuel, é Francisco José da Rocha. Assim, por um ato irrefletido, perde a Republica um de seus grandes sustentáculos, levando-a por isso ao despenhadeiro onde, é necessario que se diga, jamais tombou, graças a energia indomavel de seus chefes.

Mas o golpe foi tremendo e muito se fez sentir, si bem Bento Manuel, conforme prometêra, se alheia-ra por completo á revolução, até a vinda de Caxias, em 1842.

Encerram os farrapos o ano de 1839 com uma grande vitoria em Santa Vitoria, ganha por Joaquim Teixeira Nunes, (companheiro de Canabarro na conquista de Santa Catarina), Joaquim Mariano Aranha e Garibaldi, sobre a força legal comandada pelo brigadeiro Francisco Xavier da Cunha que é morto ao atravessar o rio.

Em meados desse ano de 1839, Rivera e Lavalleja, vendo a situação da Republica, e precisando eles tambem, como revolucionarios uruguaios, de auxilio para suas empresas, resolveram firmar um pacto de auxilio mútuo com o governo republicano do Rio Grande do Sul. Trabalhavam, assim, ativamente, para conseguir o seu fim, ou antes : o fim do tirano Rosas, que já então manifestára publicamente o seu plano de formar uma grande republica platina composta de diversas provincias argentinas, o Uruguai e o Rio Grande. Bento Gonçalves, ao que parece,

aceitou a proposta, mas dela nunca se serviu. Seu patriotismo não lhe permitia semelhante conluio.

Em carta a Lavalleja dizia Rivera que o "negocio está perfeitamente concluido e que agora vái dar-se a ultima demão para nossa segurança reciproca".

Comtudo, como ficou dito, nada de positivo se fez a respeito, ficando o pacto apenas no papel, primeiro porque o patriotismo rio-grandense repugnava semelhante conluio, segundo porque precisando, como estavam de sua gente para se manterem não podiam, de forma alguma, prestar auxilios aos caudilhos uruguaios. A unica cousa uruguáia de que se utilizaram os farrapos, foi armamento, pois estavam já quasi que desarmados. E talvez por isso, unicamente por isso, foi que Bento Gonçalves concordou em firmar o acordo.

* * *

Mal, tambem, inicia-se o ano seguinte.

Depois do recontro de Santa Vitoria é Teixeira Nunes desbaratado pelo tenente-coronel Antonio de Mello e Albuquerque comandante, dos guardas-nacionais de Cruz Alta, na Forquilha.

Em Pôrto Alegre, que sitiavam, outro revez sofrem os republicanos, ainda em janeiro na sânga, da Bananeira. Derrotam-nos e expulsam das proximidades da capital os tenentes-coroneis Chico Pedro e Andrade Neves.

A Republica perichitava cada vez mais. Comtudo, dando mostras de sua coragem, os próceres tentam ainda organizar de vez o Estado.

Em Caçapava, capital da Republica, é publicado o edital convocando o povo para eleições necessarias á instalação da Assembléa Constituinte.

Trabalhava, assim, por um lado o governo para mostrar que ainda tem vida e muita esperança, enquanto as armas vão decaindo a pouco e pouco.

Por isso, uma vez mais procuram os farrapos uma reconciliação.

Mas é o governo imperial que, dessa vez, dá os primeiros passos por intermedio do presidente da provincia, Dr. Saturnino de Souza e Oliveira.

Para tal fim, reúnem-se, na proximidade de Vião, em conferencia o marechal Gaspar Francisco Menna Barreto e o general Bento Gonçalves da Silva. Tudo estabelecem, verbalmente, ficando ajustado que o chefe farrapo repetiria, por escrito, as condições exigidas. A 3 de março dirige-se Bento Gonçalves, em carta, a Menna Barreto, dando-lhe as condições iniciais, pois que, por si só, nada poderia resolver no momento.

Pedia, porem, que Menna Barreto se apresentasse devidamente autorizado para tratar da pacificação e que, "verificado isso", devia o presidente imperial mandar que regressassem imediatamente para Pôrto Alegre as fôrças estacionadas no rio Caí, e para o Rio Grande, Norte ou Canudos, "as que porventura tenham avançado daqueles pontos, sem o que, — continuava, — jamais poderei fazer com que se evite a continuação do derramamento de sangue, e v. exc. sabe que os nossos patricios são incapazes de ceder quando ameaçados". Finalizava dizendo que, verificado quanto exigia nos dois primeiros paragrafos, tambem ele faria recolher imediatamente todas as fôrças, demonstrando, assim, "a bôa fé e empenho em concluir de pronto os males que pezam sobre nosso país". (V. 2/3/40).

O presidente provincial, porem, vendo segundas intenções nessas exigencias de Bento Gonçalves,

responde desabridamente, que não atenderá em cousa alguma os pedidos do chefe farrroupilha e que não desistirá de quaisquer operações contra eles, a não ser para os receber e perdoar quando tenham de posto as armas.

Si Saturnino de Souza tivesse procurado uma formula conciliatoria, por certo teria conseguido a pacificação, como tambem a teria conseguido o illustre paulista, Alvares Machado, em novembro desse mesmo ano. Falta de visão politica, ou simples orgulho? Seja como for: as atitudes tanto de Saturnino Oliveira, como de Alvares Machado foram erradas, e a elles deve-se a continuação da luta por mais quatro anos.

Em abril perde o imperio um de seus valentes soldados, o general Bonifacio Isás Calderon, morto repentinamente nas proximidades de Pôrto Alegre.

Esse fáto foi muito comentado attribuindo-se a envenenamento. Calderon estava com desinteria e ao passar por casa de uma familia farrapa, com colicas insuportaveis, apeou e pediu um chá, sendo prontamente atendido pela distinta matrona. Calderon tomou-o com vagar, sentindo que aquella bebida quente estava aliviando as dores que sentia. Ingerido o chá, descansou alguns minutos e montou novamente, cheio de agradecimentos, sentindo-se incomparavelmente melhor. Horas depois, no Passo do Azevedo, em frente da tropa em formatura, cái do cavallo, morto. A causa verdadeira foi uma sincope cardiaca (Calderon já devia estar pelos 60 anos de idade), mas a malicia espalhou a noticia de que o general fôra envenenado pela tal familia farrapa.

Comandava as fôrças do imperio, como comandante em chefe, o quasi otogenario general Manuel Jorge Rodrigues.

A 3 de maio estavam as suas fôrças acampadas nas margens do rio Taquarí, guardadas, por agua, pela esquadra sob as ordens de John Pascoe Grenfell. Rodrigues estava em excelente posição, dentro da vila de Taquarí.

Na madrugada desse dia aparece-lhe Bento Gonçalves. Trava-se o primeiro combate e as fôrças imperiais titubeiam. No segundo assalto recuam um pouco, mas sustentam, firmes, o fogo. A retaguarda, porem, procura atravessar o rio, em balsas e vapores pequenos, pois a esquadra, do porto, auxilia os defensores da vila. Os republicanos, impetuosos, avançam sempre. Uma chuva impertinente começa a cair, desorganizando tudo. Aproveitando uma pausa, os imperiais procuram, todos, a praia. Perseguem-nos os republicanos com acutiladas terriveis. Mas a chuva, cada vez mais forte, impede a continuação da luta. Bento Gonçalves manda tocar retirada. Cessa o fogo, mas os perseguidos, vendo os perseguidores em retirada, perseguem-nos, de longe, até fóra da vila. E assim termina essa batalha a que o general Jorge Rodrigues, em sua ordem do dia, se refere como tendo sido uma estrondosa victoria.

E o governo imperial dá-lhe, como gratificação pelo "glorioso feito", o titulo de barão do Taquarí...

Depois desse feito, o mais importante que se registou nas lutas desse ano de 1840, foi o ataque a S. José do Norte, por quasi todas as fôrças farrapas reunidas.

Por essa época, porem, já os republicanos choravam a perda de dois illustres guerreiros: Fileno de

Oliveira Santos e, sobretudo, Afonso José de Almeida Côrte Real, morto por seu parente João Patricio de Azambuja, a 18 de junho, na estancia de Santa Barbara.

* * *

Pela sua posição estrategica, São José do Norte era um ponto sumamente importante e por isso, desde muito cubiçavam-no os republicanos.

A 16 de abril, Bento Gonçalves, Crescencio e Garibaldi, este comandando a infantaria, e outros, com um contingente de cerca de 1.200 homens, atacam, quasi que de surpresa, a vila a uma hora da madrugada. Alertas, porem, estavam os imperiais, comandados pelo coronel Antonio Soares de Paiva, que tinha, á sua disposição, e em frente á vila, o lanhão *Torres*, comandado por Gama Rosa.

Uma grande tempestade dificultava não só os movimentos como o proprio comando. Chuva torrencial, relampagos e trovões.

A luta é terrivel, sangrenta, quasi que corpo a corpo. Mas a principal força do imperio estava fortemente intrincheirada. A peleia prolongar-se-ia ainda por longas horas, e as ruas já estavam cobertas de cadaveres. Alem disso, a invasão da vila, desorientara grande numero de soldados republicanos que se espalharam pelas diversas ruas, sem comando, ás soltas. Bento Gonçalves, em vista de tudo isso, reúne os officiais e pergunta-lhes qual o melhor meio e o mais rapido de acabar com o combate. Um deles disse que o unico meio seria o incendio. Bento Gonçalves horrorizou-se. Isso não. Nunca. Jamais consentiria em sacrificar inocentes pelo capricho de uma vitoria mesmo brilhante como seria essa, pois

o fogo, levado pelo vendaval reinante, devoraria tudo. Nada se salvaria. E num gesto altamente nobre exclamou :

— Por tal preço não quero a vitória.

E mandou tocar retirada.

Dias mais tarde, no acampamento farrapo, distante da vila, Bento Gonçalves via, com dor imensa os sofrimentos de seus soldados feridos. Nada tinha com que pudesse minorar-lhes os padecimentos e curar-lhes as feridas. Põe, então, de lado toda a vaidade, todo o orgulho, e escreve ao comandante da vila de S. José do Norte solicitando remedios, ataduras, algodão e o mais necessario para os seus pobres feridos e enfermos.

Soares de Paiva atende-o prontamente e põe á disposição de Bento Gonçalves tudo quanto necessitasse para a sua gente inclusive medico.

Gesto tão nobre e tão cavalheiresco só poderia ser correspondido por outro não menos cavalheiresco.

Grande numero de prisioneiros estavam ali. Bento Gonçalves, cheio de gratidão, manda chama-los e diz-lhes :

— Ide para a vila do Norte, apresentai-vos ao vosso superior e dizei-lhe que assim é que agradeço a sua grande gentileza.

Soares de Paiva recebeu o recado, e sorriu.

* * *

O resto do ano é quasi todo desfavoravel aos farrapos.

Em Roça-Velha, entre Santo Antonio da Patrulha e S. José, é destruido o capitão Maximo,

fugindo por acaso Garibaldi e Anita com o pequeno Menotti, recém nascido.

No Rio das Canôas, fronteira de Santa Catarina, o major Mariano Aranha sofre sério revez.

Na vila do Triunfo Joaquim Pedro tenta instalar-se chegando a invadir a praça e tirotear uma canhoneira que se achava no porto, mas recua em seguida.

Nas margens do rio Pelotas o coronel Jeronimo Jacinto Pereira bate o contingente farrapo do general João Antonio.

Em novembro, quando Bento Gonçalves se preparava para um forte sitio a Pôrto Alegre, é atacado e destrôgado pela vanguarda de Chico Pedro e perseguido tenazmente. Nesse encontro foi morto Luiz Rossetti, fundador e redator de *O Povo*, cujo ultimo numero circulára a 22 de maio desse ano.

A 30 de novembro Alvares Machado lança uma proclamação convidando os republicanos a um tratado de paz. Iniciam-se em seguida as negociações que são, afinal, regeitadas pelo presidente imperial que julga as propostas offensivas á dignidade do imperio. Nesse meio tempo, porem, Netto, que alcançára brilhante vitoria na campanha e que, consultado sobre a pacificação, discordára respondendo que "emquanto tivesse mil piratinienses e dois mil cavalos" a resposta seria a espada.

Em seguida, em virtude do fracasso das negociações, são as fôrças revolucionarias atacadas pelos tenentes-coroneis Chico Pedro e Juca Ourives e perseguidas, sofrendo regular prejuizo.

Só nas Missões, como no combate da campanha entre Netto e os imperiais, obtem os farrapos uma vitoria digna. Jacinto Guedes da Luz, o destemido e ousado coronel que tinha por divisa "morro seco e

não me entrego”, destroça por completo as forças do coronel José dos Santos Loureiro.

Encerra-se o ano com o decreto de D. Pedro II, promulgado logo após ter reunido o seu primeiro ministério, concedendo anistia geral por crimes políticos. Esse decreto que foi aproveitado em quasi todas as provincias em revolta, foi censurado e recusado pelos farrapos.

Infeliz bastante foi, como se viu, para os republicanos o ano de 1840, O de 41, porem, não lhes ia ser muito melhor. Aliás, desde 1839 que começaram a declinar sustentando-se apenas por um milagre de energia.

1841 é um ano pouco movimentado, sendo o fato mais importante nele registado a defecção de José Garibaldi.

Fugindo para o Uruguái, perseguido pelos imperiais, resolve o *condottiere* abandonar de vez a sua vida de aventureiro e dedicar-se ao commercio. Para isso procura o encarregado dos negocios do Barsil na capital uruguaia e pede anistia (V. Efemérides 18/8/41), terminando, desse modo, a carreira das armas na America do Sul.

Em julho assinam os chefes republicanos do Rio Grande do Sul e do Uruguái, Bento Gonçalves e Frutuoso Rivera, uma convenção secreta que não teve, aliás nenhum alcance pratico, pelos mesmos motivos, certamente, que fizeram ruir a de 1839.

Dessa convenção sabe-se apenas que os farrapos receberam de Rivera armamentos e munições, pois Chico Pedro em suas *Memorias* referindo-se ao combate de S. Gabriel, em 28 de outubro, em que esta cidade foi reconquistada pelos imperiais, diz : entre o material tomado aos republicanos figura armamento novo de infantaria, “mandado por Fruto Ribeiro” (sic).

Serio revez sofrem, também, os farroupilhas no Rincão Bonito, conseguindo apenas fugir os comandantes.

Foi também nesse ano que os republicanos, perseguidos tenazmente e sitiados constantemente em Caçapava, resolveram, mais uma vez mudar a capital da Republica, a qual foi transferida para Alegrete onde se instalou e se conservou até junho de 1843.



O ano de 1842 destaca-se sobretudo na Republica Rio-grandense pelo intenso movimento ministerial e de organização das leis básicas e instalação da Assembléa Legislativa.

Combates poucos se travaram e todos eles de pequena monta.

Um fáto, porem, que, si na apparencia em nada influiu na vida dos republicanos, moralmente muito os devia ter abatido, foi a chegada do barão de Caxias, a 9 de novembro desse ano de 1842, nomeado presidente da provincia e comandante das armas.

Caxias que foi a mais completa organização de soldado e perfeito diplomata do Brasil, o super-homem na paz e na guerra, aportou no Rio Grande do Sul com as aureolas brilhantes de pacificador do Maranhão, S. Paulo e Minas Gerais.

E' fáto que merece a maior attenção esse de ter provocado a nomeação de Caxias grande celeuma entre os republicanos. Nenhum outro presidente (e foram em numero de 13, sem contar Braga e os revolucionarios) provocou tanto comentario e chamou tanto a attenção dos farrapos. Desde a sua chegada a imprensa republicana — *O Americano*, de Alegrete

te, e depois a *Estrela do Sul*, que substituiu aquele, — occuparam-se seguidamente do illustre Caxias. Ora, a nosso ver, é este um dos sintomas mais certos do receio que invadia o governo republicano. A *Estrela do Sul*, em seu n.º 3 (e ultimo) pergunta, comentando uma carta do barão: “Pobre barão, virá perder aqui a gloria adquirida no Maranhão, São Paulo e Minas?”

Não antecipemos, porem, os fatos.

Poucos foram os combates travados nesse anno de 42, por isso mesmo, teve extraordinario movimento nas esferas governamentais.

O unico combate verdadeiramente digno de nota foi o do passo do Camaquã, onde a cavalaria de Bento Gonçalves foi derrotada por Chico Pedro. Os demais foram pequenas escaramuças.

Em compensação, explode, em S. Paulo, a revolução de maio, chefiada por Rafael Tobias de Aguiar e padre Diogo Antonio Feijó, desassocegando ainda mais o governo Central.

Esse movimento teria, por certo, o auxilio dos farrapos si não fosse tão rapidamente subjugado.

Quando a noticia ecoou pelas coxilhas gaúchas, o entusiasmo foi geral e Bento Gonçalves lançou uma proclamação annunciando-a aos rio-grandenses. Este anuncio, porem, foi espalhado quando já havia um mês estava pacificada a provincia. E o sonho farrapo de poder, tambem así, proclamar a republica federativa, como o fizéram em Santa Catarina, não passou de sonho. Logo após a noticia do movimento chegou a da pacificação, com a fuga de Tobias e prisão do velho padre Feijó.

Em outubro chega a noticia de ter sido nomeado o barão de Caxias presidente da provincia do Rio Grande e comandante das armas, quando já

os republicanos, após intensa campanha, publicaram a lista dos Deputados eleitos á Constituinte republicana (Veja 1/9/42). Davam, assim, o grande passo já ensaiado desde 1840. prorrogado sempre pelas circunstancias trágicas da guerra.

Designado o dia 1.º de dezembro para a instalação da Assembléa, no Alegrete, depois de três reuniões preparatorias, presididas pelo vigario apostolico p. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, o mais votado dos candidatos, instala-se a Constituinte saindo eleito seu presidente o p. Hildebrando de Freitas Pedroso.

Bento Gonçalves abre-a e na sua *fala* préga, ainda uma vez, a federação : "E' assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir para *estreitar os laços federais á magnanima Nação brasileira, a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses*".

Trabalham, então, com afinco os deputados, movidos, sempre, por um ideal superior.

Depois de dois meses apresentam ao publico o *projéto da constituição*, cujo valor e cujos ensinamentos com mão de mestre, que o é e dos maiores, o desembargador Florencio C. de Abreu e Silva comentou no seu trabalho *A Constituição e o projeto de constituição da Republica Rio-grandense*.

Esse projéto de constituição (V. Efemerides : 3/2/43) divide-se em 10 *titulos*.

No primeiro que trata da Republica, Territorio, Governo e Religião, proclamam, ainda, a federação :

"Art. 1.º — A Republica do Rio-Grande é a associação politica de todos os cidadãos rio-grandenses. Eles formam uma Nação livre e independente,

que não admite com qualquer outra laço algum de união, ou federação, que se oponha a independencia de seu regime interno”.

Nesse artigo fala alto o orgulho desses centauros que lutaram, como nunca se lutou, durante quasi um decenio contra poderoso imperio.

Na pratica, porem, não era assim que pensavam. Todos, com excepção, talvez, de dois ou três, queriam e pregavam, abertamente, a federação ás demais provincias do Brasil, sem falarem, jamais, na independencia ou no regime interno da Republica.

Documentos officiaes da Republica, e cartas particulares dos corifeus, encontramos em quantidade umas pregando, outras comentando o *sistema republicano federativo*, por ser o mais de acordo com a indole do povo.

Típica é, nesse sentido, a proclamação de Bento Gonçalves, de 11 de março, — publicada na *Estrela do Sul*, — mais de mês depois de publicado o projeto de constituição que tem á data de 3 de fevereiro.

Nessa proclamação, dirigida aos brasileiros, prega ainda o chefe farrano a federação, porque “reciproca conveniencia uniria hoje todas as provincias irmãs, tornando mais forte e respitavel a Nação Brasileira”, etc.

Foi esse sentimento de intensa brasilidade que sempre animou os farranos desde os primordios da revolução até a pacificação da provincia. Diga-se o que se quizer : os farroupilhas foram, antes de tudo, grandes patriotas, legando á Historia a pagina mais bela de sacrificios e os maiores exemplos do mais acendrado patriotismo.

Infelizmente dissensões internas, rivalidades e ciúmeiras politicas, dividiram em dois campos ad-

versarios os grandes farrapos. Apesar disso seguiam unidos, embora acompanhados pela intriga que andava ás soltas pelos acampamentos e no proprio recinto da Assembléa, enfraquecendo, comtudo, algo a vitalidade da Republica.

Essa attitude pouco digna de cidadãos que sempre lutaram, durante quasi dez anos, indifferentes a todas as contrariedades da sorte, era, principalmente, contra Bento Gonçalves, a quem accusavam de abusar do poder.

Em fevereiro de 1843, á noite, é ferido um dos vice-presidentes da republica, o cidadão Antonio Paulo da Fontoura. Bento Gonçalves é acusado como mandatario dessa morte, pois Antonio Paulo declarára-se contrario a Bento Gonçalves, sendo um um dos cabeças. Este fato que, unido ás precedentes intrigas, Antonio Vicente da Fontoura denomina, no seu *Diario, mashorca de Alegrete*, foi causa de graves acontecimentos, culminando com a morte de Onofre Pires.

Em consequência do ferimento recebido na noite de 3, faleceu, no dia 5, Antonio Paulo da Fontoura. Embora esse crime tenha sido atribuido a capangas de Bento Gonçalves, por ordem deste, nada tem ele de politica. A causa, conforme ficou provado mais tarde, é bem outra. Aproveitaram, porem, os adversarios do presidente essa oportunidade para jogarem contra ele a opinião publica.

Antonio Paulo da Fontoura era dado a negocios com mulheres. Resdia, em Alegrete, um casal cujo nome a Histsria não conservou, de fervorosos republicanos, casados havia pouco. Antonio Paulo trava relações com eles na melhor das intenções. Surge, porem, de permeio o "fero tentador". Ela toma-se de amores por Antonio Paulo que, amigo desses "pratinhos", adere, iniciando as suas relações cri-

minosas. Um dia o marido descobre a sua miserável situação, aliás ignorada também de todos, tal a prudência com que agiam os amantes, e certo de que a cousa não era publica, apaixonado pela esposa traidora, resolve livrar-se do rival, sem barulho e escandalo. Consegue-o. Tarde da noite, numa emboscada, alveja Anotnio Paulo e mata-o. E foi com admiração e intima satisfação que notou culpagem da morte do amante de sua esposa ao general presidente da República, Bento Gonçalves da Silva.

Somente muitos anos mais tarde foi que se veio a saber toda a verdade sobre esse acontecimento que muito prejudicou os já contados dias da Republica de 35.

Em consequência dessas intrigas que muito contristavam o herói farrapo, e procurando harmonizar a situação, a 4 de agosto entrega a presidencia ao velho e sempre ativo José Gomes de Vasconcelos Jardim, ficando, apenas como comandante de sua fôrça. Nada mais queria, o nobre farrapo, sinão a paz e a fraternidade entre os seus. Esse gesto de desprendimento, enobrece sobremodo o glorioso cabo de guerra que, tendo começado a revolução como coronel, e, agora, general, coloca-se sob as ordens de um valente, sim, mas que iniciou a sua vida como tenente nas hostes farrapas: David Canabarro.

Apezar de tudo isso, as intrigas continuaram, e como resultado, felizmente final, regista a Historia o tragico fim de Onofre Pires, herói de cem batalhas, tão ingloriamente morto, em duelo. (Veja-se: Efemérides: 27/2/44).

Com a chegada do barão de Caxias, novos rumos tomou a luta armada.

Em janeiro desse ano de 43 inicia o pacificador de S. Paulo e Minas, a sua marcha para S. Lourenço, de onde se dirige aos comandantes espalhados pela provincia e alguns que se haviam retirado da luta, como Bento Manuel Ribeiro, que aceita a incumbencia de combater aqueles a quem prometera, em 39, não mais perseguir.

Travam-se, em seguida, uma série de pequenas escaramuças sem grande importancia até que, em maio, se verifica o celebre recontro de Poncho-Verde, luta titanica, entre dois exercitos dispostos a vencer ou morrer. A luta é tremenda, mas as circumstancias obrigam ambas as facções combatentes a uma retirada, ao mesmo tempo, deixando indecisa a vitoria.

Muitos historiadores dizem victorioso o exercito imperial chefiado por Bento Manuel Ribeiro coadjuvado por Francisco Pedro de Abreu. Entretanto, a vitoria não foi deles, como também não foi dos farrapos comandados por Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, João Antonio e Jacinto Guedes da Luz.

Bento Manuel, comtudo, apregôa vitoria, mas depois de ter escrito a Caxias que a batalha fôra parecida com "a que houve no passo do Rosario no ano de 1827". E Chico Pedro, em sua *Memorias*, que "no campo houveram mortos e feridos de parte a parte e dos *legais alguns prisioneiros*, ficando *os rebeldes senhores da cavallhada e algumas bagagens assim como da carretinha de Bento Manuel Ribeiro*".

Esse depoimento cremos francamente favoravel aos republicanos e si vitoria houve, essa cabe, inegavelmente aos farrapos que *nada perderam* nesse serio recontro.

* * *

Mais ou menos por essa época perderam os republicanos a sua ultima capital — Alegrete — que ficou occupada pelas fôrças imperiaes ao mando do coronel Francisco de Arruda Camara, paulista.

Em junho David Canabarro tenta reconquista-la, mas é repellido. Comtudo, não desanima. Sitia-a por longo tempo privando os imperiaes de qualquer communicação.

Outro combate digno de nota foi o da cerca de pedras junto ao arroio de Santa-Maria-chico.

Abreu, com 150 homens entrincheirara-se af repelindo, com inaudita bravura, cerca de 600 farrapos que, afinal, vendo inutil o sacrificio que estavam fazendo abandonam a luta deixando no campo cerca de 100 mortos.

Ainda nesse mesmo mês de junho novo revez fez os farrapos perderem alguns de seus vultos eminentes como os coroneis José Mariano de Matos e Joaquim Pedro Soares. Foi isso no assalto levado a efeito por Chico Pedro á vila de Piratini. Esses dois eminentes vultos da epopéa, com alguns outros prisioneiros, foram remetidos, em seguida, para o Rio de Janeiro, de onde só se retiraram após a pacificação.

Em outubro novo revez sofreram os republicanos, chefiados por Bento Gonçalves, em Cangussú. Bateu-os Chico Pedro que diz ter Bento Gonçalves fugido a pé, pelo mato.

Apezar-de todas essas vitorias, o barão de Caxias não estava satisfeito com os resultados obtidos. Seu fim era dominar o mais cedo possivel a situação da provincia. Sabia já que não era por meio das ar-

mas que "se venciam tais homens". Queria, contudo, cerca-los o mais possível..

Para isso dividiu o seu exercito, em setembro, em três grandes colunas :

1.ª) *Caxias* — 2 mil homens - Bagé e S. Gabriel.

2.ª) *Bento Manuel* — 3.500 homens - Alegrete.

3.ª) *Chico Pedro* — 1.000 homens - Todo o territorio entre os rios Camoquã, S. Gonçalo e Jaguarão (4).

Com essa nova organização, iniciou Caxias uma luta tenaz de perseguições aos rebeldes, vencendo-os, em consequência dessa organização, em outubro, conforme acima dissemos, em Cangussú. Depois, na Encruzilhada, onde Bento Gonçalves sofre nova derrota. Em Jaguarí-oriental, Urbano Barbosa é também destroçado e perde toda a cavallhada que guardara para os farroupilhas. No Jaguarão também é repellido o coronel Joaquim Teixeira Nunes, e em Santa Rosa são batidos João Antonio da Silveira e Onofrê Pires. Encerra-se o ano de 1843 com o encontro da picada de S. Xavier, a 31 de dezembro, entre Agostinho Gomes Jardim, legalista, e João Antonio da Silveira. Gomes Jardim é morto em combate e substituido pelo capitão Manuel José de Albernaz, conseguem ainda os legais vencer os farroupilhas já quasi senhores do terreno.

Assim, todo esse de fracassos, passou-se o ano de 1843 para as forças farroupilhas. Era, pois, a decadencia completa. Nada mais lhes restava. Como os imperiais no principio da revolução, estavam, agora os republicanos sem eira nem beira, ora aqui, ora

(4) Conf. E. Vilhena de Moraes — *O Duque de Ferro*, obra de valor que muito se recomenda.

alí, sem ponto fixo, sustentando-se somente graças a sua indomável força de vontade e entranhado amor á causa que defendiam.

* * *

Sob tristes auspícios inicia-se o ano de 1844.

Caxias não dá um minuto de tréguas aos farrapos, insistindo estes, comtudo, em vigorosas represalias.

João Antonio que fôra obrigado a emigrar para Corientes após o revez de S. Xavier, volta disposto a tomar desforra, juntamente com Carvalhinho, Onofre Pires e outros, mostrando nisto, segundo a frase de Antonio Vicente da Fontoura, em seu *Diário*, "que são rio-grandenses e que as horas de emigração só são aquelas precisas para atravessar o país estranho, procurando volver a esta patria querida, como eles o fizeram".

Era essa, daí por diante, a perspectiva constante dos revolucionarios : emigrar e voltar em seguida, para vencer ou emigrar novamente.

Em março morre Onofre Pires em consequência do ferimento recebido no duelo com Bento Gonçalves.

Antonio Vicente da Fontoura assim lamenta essa triste ocorrência : "Mais uma vitima imolada pela mashorca do Alegrete!!! Neste momento chegou parte de haver expirado o Onofre, hoje ao amanhecer, resultado da gangrena que lhe sobreveiu ao ferimento que teve na peleja com Bento Gonçalves".

E' preciso notar-se que, como muitos outros, Antonio Vicente estava convencido da culpabilidade de Bento Gonçalves no assassinato de Antonio Paulo da Fontoura, seu irmão.

Desse modo, ingloriamente, vítima de sua própria bôa fé, morre o herói de 35, o companheiro inseparável de Bento Gonçalves durante mais de oito anos nos campos de batalha. O que não pôde a intriga, o que não pôde a inveja...

* * *

Mas nem só desastres registraria esse novo ano para as armas farrapas.

Em março trava-se o celebre combate do Cerro da Palma, entre os arroios Candiota e Candiota, em que é derrotado o famigerado Chico Pedro. Em abril Jacinto Guedes destroça uma guerrilha da divisão Bento Manuel Ribeiro, e Carvalhinho, — coronel Manuel Carvalho de Aragão e Silva, — faz uma de suas grandes proezas, espalhando o pânico entre o inimigo.

Ao anoitecer do dia 28 de abril entra ele, de surpresa, com um pugilo de bravos, no acampamento do coronel Francisco José da Silva, da divisão Bento Manuel. Entra como um raio levando tudo a ferro e fogo. Os imperiais não tem tempo sequer de defender-se e, tomados de pavor, dispersam-se, deixando varios mortos e feridos.

Carvalhinho, porem, não espera. Retira-se em seguida. Seu intento fôra conseguido: assustar os imperiais e bisbilhotar-lhe o valor e tamanho da fôrça.

Em junho perdem os farrapos mais um brioso oficial, o vencedor de Chico Pedro no Cerro da Palma, coronel Antonio Manuel do Amaral.

Jaguarão continuava em poder dos legalistas guarnecida pelas forças do capitão Baldino F. de Souza, e da escuma *Ibicut* e lanxões *Gaiyota e Torres*. O combate foi violento recuando os farrapos somente depois de verem morto o seu heroico comandante.

Em julho verifica-se a mais desconcertante derrota das forças imperiais, e firma-se a louca bravura de três farroupilhas: Carvalhinho, Sesefredo Alves Coelho de Mesquita, e Policarpo Pereira de Carvalho e Silva.

Tendo-se éstes retirado da fôrça para irem a estancia da *Caieira*, de um parente e amigo, o capitão Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, estavam, allí serenamente tomando chimarrão com o velho gaúcho estancieiro quando se lhes apresenta uma partida legal composta de 30 homens. Os três farrapos titubeiam um minuto, consultam entre sí se devem ou não fugir. O velho Prates quer que se escondam. Carvalhinho, porem, acha melhor atacar. E atacam.

“..... A loucura divina

corusca-lhes no olhar. A bravura domina
os fortes corações. Fugir, não. Já é tarde.
Um farrapo jamais fugiu como um covarde.

.....
.....
..... Um unico valente
ataca Policarpo ainda tenazmente.

Este vendo a bravura heroica do guerreiro
esclama-lhe: — E's um bravo. Entrega, companheiro,
as armas, que o farás com honra.

Então, confiando
no farrapo, o legal abate as armas.

Quando

Sesefredo voltou, sujeitando o bagual que o afastara dali, da partida imperial só restava no campo um morto e três feridos. que os outros, a correr, rédea solta, vencidos, tomados de pavor, já iam bem distante (5).

Vencem, assim, os três heróis, num abrir e fechar de olhos, a partida imperial comandada pelo capitão Militão do Canto que, para fugir melhor, abandona o cavalo aperado de prata.

Foram 3 contra 30, diz-se. Mas na realidade, somente dois — Carvalhinho e Policarpo, lutaram contra os 30, pois Sesefredo logo de inicio abandonou a luta não porque o quizesse, mas porque, reventadas as redeas do bagual que montava, este disparou. Sujeitou-o novamente, mas depois de muito trabalho, e quando voltou ao campo da luta, só encontrou Carvalhinho e Policarpo examinando o morto e os feridos que a partida imperial ali deixara como preciosos troféus dessa luta de titans.

O resto do ano foi todo ele de insucessos na luta armada.

O desastre maior de todo o periodo revolucionario, foi a *surpreza de Porongos*, a 14 de novembro de 1844.

David Canabarro, Netto, João Antonio e outros officiaes, acampados no Cerro de Porongos, aguardavam serenamente, uma oportunidade para continuar a marcha e evitar, o mais possivel, qualquer recontro com os legais, visto já estarem iniciadas as negociações para a pacificação da provincia. Não havia, para tal, suspensão de armas. A luta conti-

(5) Aurelio Porto — *A Epopéa dos Farrapos*.

nuaria. Comtudo, David Canabarro procurava evitá-la esperando que o mesmo fariam os legais. Si Bento Manuel e Caxias pensavam, tambem, em poupar sangue nesse final de tão prolongada guerra, Chico Pedro, sedento de glórias, não dava tréguas aos farrapos, procurando, não só, vence-los, como tambem desmoralizar o seu comandante em chefe — David Canabarro.

A surpresa de Porongos, que se não pôde considerar como combate, foi apezar disso de sérias conseqüências para as armas republicanas e, não fosse a intervenção de outros patriotas, o tratado de paz fracassaria, pois David, furioso, declarou que não queria mais saber de tratados de paz e que a sorte da provincia seria decidida pelas armas. Mas o que mais o deixou exaltado não foi tanto a surpresa que lhe fez Chico Pedro.

Para se ver que tudo aquilo era trama infernal do coronel Moringue, bastaria aquela frase de Caxias: “E’ sem duvida a primeira vez que David Canabarro é surpreendido, o que até agora parecia impossivel pela sua incançavel vigilancia”. E dizemos bastaria, porque o character nobre e generoso do grande cabo de guerra do Brasil não se exporia, jamais, ao ridiculo dizendo de Canabarro o que disse, porque um dos traços mais distinguidos do illustre barão era a veracidade e a sinceridade.

Ademais devemos notar que o general em chefe dos republicanos nunca perdoou ao coronel Francisco Pedro de Abreu (depois barão do Jacuí) aquella perfidia, a ponto de não admitir David que se fiasse em presença dele no guerrilheiro do imperio. E durante a campanha do Paraguái quasi houve um pugilato entre ambos, porque Chico Pedro, em conselho de officiais, fizera alusão á surpresa de Porongos.

Canabarro foi um grande e nobre guerrilheiro. Teve fraquezas, como o seu enfeitiçamento pela "Papagáia" que o deixou como que inerte. Mas desta e de outras se redimiou. De sua capacidade militar deu inumeras mostras e provou-a á saciedade, quasi por completo a Chico Pedro, na tremenda guerra contra o ditador paraguaio — Solano Lopez.

O resto do ano passou-se ainda em pequenas escaramuças, quasi todas nas fronteiras uruguáia e argentina.

O maior dos combates, depois, travados foi, ainda, provocado por Chico Pedro, no Arroio Grande. Este combate causou profunda impressão entre os farrapos não por terem sido derrotados, mas por ter perecido nele, lutando como uma féra, o heroico e brioso coronel Joaquim Teixeira Nunes, companheiro de Canabarro na invasão de Santa Catarina, em 1839.

Este combate foi o penultimo, sendo o ultimo, travado já em terras uruguáias a 29 de dezembro, o de Quaró. O coronel Bernardino Pinto sofreu, af, a sua ultima derrota, que foi, tambem a dos farrapos.

A fôrça que destroçou Bernardino foi a de Vasco Alves Pereira, pertencente á divisão de Bento Manuel Ribeiro. É interessante é notar-se que nesse dia fazia justamente 9 anos que o guerrilheiro sorocabano lançára sua proclamação, em S. Gabriel, abandonando, pela primeira vez, a causa farrapa e declarando-se defensor da legalidade (*galegalidade*, como diziam os farrapos).

* * *

Emquanto ainda em diversos pontos da provincia se registavam encontros de forças e combates

sangrentos, os maiores da Republica e emissario do governo imperial, o barão de Caxias, tratavam da pacificação.

E como conseguira o nobre pacificador do Maranhão, S. Paulo e Minas cativar os republicanos a ponto de aceitarem tratar da pacificação sem suspensão de hostilidades, como até então haviam exigido?

Caxias era uma figura insinuante. Sereno e energico, bondoso e afavel, psicologo profundo, desde o momento em que pôz os pés nas coxilhas do Rio Grande do Sul, viu que o gaúcho não se rendia pela força. Era mais facil esterminalo do que, pelas armas querer obriga-lo a abandonar o caminho começado, mormente quando levava, como no caso, a consecussão de um ideal. Viu, tambem, que eram, todos, patriotas estremados. Reconheceu neles o patriotismo no gráu mais elevado. Reuniu, então, a pouco e pouco esses dois elementos de primeira ordem, e começou a agir. A manutenção da guerra era obrigação sua, pois estava em guerra contra rebeldes que preferiam morrer a entregar-se. Abrandou-a, comtudo, o mais possivel, principalmente no ultimo ano, procurando um meio de atrair não só os soldados, mas os chefes.

Lá no Prata, D. Juan Manuel de Rosas, sanguinario, crudelissimo, exercia, com todo o furor a sua ditadura. Seu fim, apregoado já por todos os cantos era a fundação, tal o sonho de Solano Lopez, mais tarde, de uma grande Republica Platina, composta das provincias argentinas, do Uruguái e do Rio Grande do Sul. Caxias vendo que a atividade de Rosas assumia proporções extraordinarias, chamou, então, os republicanos rio-grandenses e lhes disse, sem mais preambulos : — Vêde o que se passa no Prata. Examinai a atitudo de Rosas. E que será

do Rio Grande, nessa conjuntura? E que será do Brasil?

Esquecidos, então, da sua Republica, sustentada com tantos sacrificios e com tanto sangue, bradaram :

— Basta, irmãos. Viva o Brasil e morra Rosas.

O que as armas não conseguiram, conseguiu, com meia duzia de palavras, o patriotismo, o amor ao Brasil, uno e forte.

E trataram da pacificação.

* * *

Iniciadas as negociações, andam emissarios de um para outro lado. Encontram-se e abraçam-se inimigos como amigos do coração.

A 2 de novembro vão em busca da barraca de Caxias os emissarios farrapos — Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, vigario geral, e Antonio Vicente da Fontoura, aos quais se reuniu o emissario de Bento Gonçalves, Ismael Soares.

Vão com o coração cheio das mais santas alegrias. Fontoura, desde muito partidario da paz, sente em si um estranho alvoroço. A esperança de, em breve, poder abraçar a sua querida esposa e filhos, sem os quais, segundo afirma, de nada lhe valia a vida: Avila e Souza, vigario geral da republica, uma especie de bispo dos republicanos, ao qual foram suspensas, as ordens sacras, dando, assim, origem a um pequeno cisma, sorria, tambem, á perspectiva de uma vida mais calma, no remanso sagra-do de algum presbiterio. Ismael Soares entoava, com os companheiros, a mesma canção de prazer intimo.

No dia 6 de novembro encontram-se finalmente com Caxias, em Bagé. O momento era solene e a data festiva. Não fosse essa circunstancia toda especial e mais feliz, estariam, a essas horas, festejando o oitavo aniversario do grandioso feito que foi a instalação definitiva, com festas e luminarias, da República na vila de Piratini.

Talvez nem da data se lembrassem os três farrapos ali na barraca do fidalgo e insinuante barão de Caxias. Seus corações ansiavam por uma solução que seria, para eles e para todos, como a abertura do paraíso : a ratificação de um tratado honroso de paz.

Caxias concordou com as clausulas apresentadas, mas disse que seria absolutamente necessario ir ao Rio um embaixador farrapo que ele faria acompanhar por um representante seu. Poderiam ir, descansadamente, sob sua palavra de honra, que seriam dignamente recebidos e atendidos pelo jovem monarca.

Serenos, satisfeitos, o coração em alvoroço, a alma em festa, voltaram ao acampamento, onde chegaram no dia 9, á tardinha.

No dia immediato reuniu-se o conselho de officiais, ao qual compareceram Manuel Lucas de Oliveira, David Canabarro, Antonio de Souza Netto, João Antonio da Silveira, o vigario apostolico Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza e Antonio Vicente da Fontoura.

E quantos mais poderiam estar ali, naquela hora? Côrte Real, Domingos Crescencio, Manuel do Amaral, Antonio Paulo, Onofre Pires, o bravo Teixeira Nunes... Mas ai ! a estes a morte levára. Repousavam já no seio da eternidade.

Apresentados os ultimos retoques e a sanção de Caxias, congratularam-se todos pelos resultados satisfatorios do tratado de paz.

Mas era necessario enviar, conforme o exigira Caxias, um representante á Côrte. Urgia elege-lo all mesmo. logo. E a eleição foi feita : Antonio Vicente da Fontoura fôra o escolhido quasi por unanimidade.

Antonio Vicente que tão anciosamente queria a paz, lastimou ter sido ele o escolhido. E queixa-se á esposa querida que, apezar de todos os seus esforços, terá que ir immediatamente ao Rio de Janeiro, concluir o tratado de pacificação, e que não poderá, ainda, bem contra sua vontade ir dizer-lhe adeus e aos seus queridos filhos.

No dia 13, parte. Semanas mais tarde chega á faustosa Côrte o glorioso gaúcho, simples e modesto no trajar, provocando a curiosidade de todos.

Reúne-se o ministerio e ele se apresenta. E' introduzido sob risinho de mofa e olhares perscrutadores.

— Que pretenderá conseguir este tipo de provinciano ?

Mas como se enganavam ! Como se iludiam todos com a apparencia chã, corriqueira, de Antonio Vicente, o embaixador dos farrapos ! Não, ele não era um tipo vulgar que se deixasse arrastar como arvore mal arraigada na margem de caudaloso rio. Não. Meia duzia de palavras bonitas, uma apresentação ao jovem monarca, não o fariam jamais calcar aos pés dez anos de luta continua, ao sol e á chuva, longe de seus entes queridos, arriscando a vida a cada passo.

All estava um cidadão de fibra, um homem de tempera que quebraria, si preciso fosse, mas jamais se curvaria. E venceu.

Venceu a arrogancia toda do ministerio, bombasticamente batisado de liberal.

Eram tipos com laivos de nobreza na sua quasi totalidade, altivos e cheios de empafia :

Ministro do imperio — José Carlos Pereira de Almeida Torres (2.º visconde de Macaé); da Justiça — Manuel Antonio Galvão, que já fôra presidente da provincia em 1831; da Fazenda — Manuel Alves Branco; (2.º visconde de Caravelas); dos Estrangeiros — Ernesto Ferreira França; da Marinha — Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti de Albuquerque (Visconde de Albuquerque); da Guerra — Jerônimo Francisco Coelho.

Foi esse ministerio que Antonio Vicente da Fontoura, metido no seu modesto e “pequeno casaco de campanha”, iria encontrar pela frente. Sabia-o já. E a eles se dirigiu, acompanhado de seu ajudante de ordens, Zeferino Martinho da Cunha, como se fosse para uma festa, na campanha.

Primeira conferencia.

Assistiram-na somente três ministros: do Imperio, da Justiça e da Guerra, e Manuel Márques de Souza, como emissario de Caxias e que acompanhára Antonio Vicente, ao Rio.

A conferencia foi agitada. Os ministros do Imperio e da Guerra diziam que o governo em nada cederia. O da Justiça, Galvão, conhecedor já do Rio Grande e de sua gente, basano nobre e magnanimo, procurou alisar as arestas.

Antonio Vicente, surprezo pela maneira aspera com que o tratavam aqueles fidalgotes, ficou decepcionado. Mas não se rendeu. Levantou-se e, altivamente, respondeu-lhes que, si não concordassem a guerra continuaria.

Os ministros, por sua vez, ficaram atonitos com tanta ousadia.

Márques de Souza, gaúcho como Antonio Vicente, sorria levemente da cara dos ministros.

Propuzeram uma nova reunião, depois de o apresentarem ao jovem Monarca, num beija-mão; negou-se :

— Não iria. Respeitava muito o sr. D. Pedro II, como monarca. Lá isso não se punha em duvida. Mas de forma alguma beijaria a mão a um menino. E para evitar escandalo não iria. E não foi.

Nova decepção por parte dos ministros.

Segunda conferencia.

Reuniu-se o ministerio todo. Novas discussões. Discussões acaloradas. O ministerio não queria ceder e Holanda Cavalcanti, acintosamente, propõe reter Antonio Vicente na Côrte, como refem. Márques de Souza protesta em nome de Caxias. Intervenem mais uma vez Antonio Galvão e ameniza a situação. Convence-se, por fim, o ministerio da inutilidade de suas discussões ás propostas dos farrapos, deixando ao barão de Caxias a solução definitiva.

Antonio Vicente vencêra. E saía, agora, daquela ampla sala luxuosa saudado com respeito, olhado não mais com olhos de maliciosa curiosidade, mas de profunda admiração.

Sem mais delongas, tratou de embarcar de volta ao pago. Estava aflito por trazer-lhes a noticia do bom exito de sua missão. E a 20 de dezembro embarcou no vapor *Paranapitanga*, de força de 60 cavalos, como escreve no seu *Diario*, rumo ao Rio Grande.

12 de janeiro de 1845. Antonio Vicente da Fontoura e seu ajudante, chegam, radiantes, ao acampamento.

O embaixador farrapo, aflito por se ver em casa, ao lado da espôsa e dos estremecidos filhos, escreve logo a Gomes Jardim concitando-o á reunião definitiva. Mas Gomes Jardim não pode comparecer. Está doente. Em carta lastima seu não comparecimento, delegando, porem, poderes ao ministro Vicente Lucas de Oliveira para representa-lo.

Caxias escreve, tambem, a Bento Manuel comunicando-lhe as demarches definitivas. Este officio o comandante da 2.^a divisão recebeu a 19, e participa a Caxias que, conforme ordenára, irá procurar David Canabarro e a 19 de fevereiro entrega um officio ao comandante em chefe dos farrapos para este o entregar a Caxias.

A 22 de fevereiro (V. essa data nas Efemérides), Bento Gonçalves, em resposta ao officio de Canabarro, comunica a impossibilidade de comparecer, por doente á reunião final, alvitrando varias medidas que, a seu ver, devem ser tomadas e propostas, e diz que é indispensavel fazer-se a paz porque o país altamente a reclama.

A 25 de fevereiro, reünidos, afinal, todos, por si ou por seus representantes, no acampamento da *Carolina*, em Poncho Verde, presentes os que estiveram na conferencia de 10 de novembro, e mais José Gomes Portinho, Jacinto Guedes da Luz, Manuel Carvalho de Aragão e Silva, o intrépido Carvalhinho, Manuel de Macedo Brum, Frutuoso Borges da Fontoura, Manuel Lucas de Oliveira por si e Gomes Jardim, Ismael Soares representando Bento

Gonçalves da Silva e todo o seu estado maior, iniciou-se a solene sessão.

Aberta por David Canabarro, pediu a palavra e dirigiu "uma fala" aos presentes o ministro da República Manuel Lucas de Oliveira.

Em seguida Antonio Vicente lê, tremulo de emoção, as clausulas da pacificação, accitas em linhas gerais pelo ministerio e *in-totum* por Caxias a quem fôra delegado poderes para tratar definitivamente do assunto :

1.º) O individuo que fôr pelos Republicanos indicado Presidente da Provincia, é aprovado pelo Governo Imperial e passará a presidir a Provincia.

E continua lendo, a voz tremula de comoção :
2.º, 3.º, 4.º, . . . 10.º, 11.º, 12 — Officiaes e soldados que pertenceram ao Exercito imperial, e se apresentaram ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais republicanos.

Muito bem. Tudo de acordo com os seus desejos. Aliás, que mais poderiam exigir, eles, que já estavam agonizando? Caxias bem o sabia e disséra a Canabarro :

— Vocês já estão pelas caronas e ainda andam com tantas exigencias.

Canabarro, porem, concio de seu valor e do valor dos rio-grandenses, de sua fé inabalavel, sereno, mas altivamente, respondeu :

— Engano, Excia. — Nós temos ainda elemento para mais dez anos de lutas.

Caxias sorriu. Sorriu mas na certeza de que os farrapos seriam capazes de levar avante a guerra, não por mais dez anos, como disséra Canabarro, mas por mais um ou dois, talvez três. Morriam todos, mas não se entrariam. A agonia seria longa. Longa e dolorosa.

“Estes homens não se vence pela fôrça”, já dissera ele. E era bem a expressão da verdade.

* * *

Três dias após essa solene sessão no acampamento da *Carolina*, David Canabarro espalha aos quatro ventos o seu vibrante e patriótico manifesto (Veja-se *Efemérides*: 28/2/45) em que avisa: “um poder estranho ameaça a integridade do imperio”, e conclue a frase num verdadeiro grito de brasilidade: “tão estolida ousadia jamais deixaria de ecoar nos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil”.

Desliga-se, em seguida, do poder que lhe conferiu a Republica e declara a seus soldados e a todos os soldados da extinta Republica, que volvam, tranqüilos, a seus lares, porque a segurança individual e a propriedade de cada um está *garantida pela palavra sagrada do monarca*. E termina o manifesto pedindo a todos “eterna gratidão ao inclito presidente da provincia, pelos afanosos esforços que ha feito na pacificação”.

Com 'essa proclamação ficava, virtualmente, terminada a guerra.

Caxias, comtudo, dirigiu-se tambem, numa proclamação, aos rio-grandenses, comunicando-lhes a alegria que lhe ia nalma por ver pacificada a “bela provincia” do Rio Grande do Sul.

E, consoante as ordens expressas do imperador, em carta a ele dirigida, Caxias, querendo obrigar a todos o esquecimento do glorioso decenio, esclama:

“Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões passadas...”

A provincia estava pacificada, sim, mas a Historia jamais poderia lançar no olvido pagina tão gloriosa, tão heroica, tão tragicamente béla, como a revolução de 35.

E é ella, ainda hoje, e se-lo-á, talvez, por todo o sempre, a mais nobre e elevada lição de civismo dado por um povo a seus irmãos e, — porque não dizê-lo? — á humanidade inteira.

CAPITULO IV

CONCLUSÃO

Dissemos, no começo, e julgamos ter ficado cabalmente provado com os proprios sucessos da revolução que sua finalidade não fôra a república e, menos ainda, o separatismo.

Comtudo, a República foi proclamada, e proclamada foi a independencia da provincia.

Premeditação?

Nunca. Af estão as proclamações de Marciano Pereira Ribeiro e Bento Gonçalves, e, sobretudo, as cartas particulares deste, e muitas outras de diversos próceres farrapos. Em todas elas ressaltam, claramente, a brasilidade e dedicação ao jovem monarca D. Pedro II.

O fim da revolução foi, unicamente desoprimir a provincia. Afastar dela elementos anti-nacionalistas. Livra-la de influencias estrangeiras e, como á provincia, todo o Brasil.

Nacionalizar a patria; crear dentro dela o verdadeiro amor á terra natal; faze-la grande e respeitada, completamente independente e capaz, por si só, de conhecer a grandeza de sua missão entre as nações livres. Crear, finalmente, a verdadeira nacionalidade, entregando o Brasil aos brasileiros.

E esta finalidade conseguiram os farrapos, Deus sabe com quantos sacrificios. Mas o conseguiram.

Foi somente depois de pacificada a provincia que começou a notar-se em todo o Brasil essa bra-

silidade fecunda que foi o apanagio dos ultimos anos do imperio.

Nenhuma outra revolução brasileira, até nossos dias, calou tão profundamente na consciencia nacional, como a dos farrapos.

E' que eles souberam querer e, de armas na mão, mostraram ao Brasil e ao mundo, como se combate por um ideal, e como se ama, devéras, a patria.

Foram eles, os valentes farrapos, os pioneiros da campanha brasilista e nativista. D. Pedro I, em 1822, não fez sinão abrir a porta. Não penetrou no remanso da nação que acabara de fundar. Ficou no limiar, como que a espera de um empurrão. Mas ninguem lhe deu esse empurrão bemdito, e a nação, a pouco e pouco ia sendo dominada por elementos estranhos e anti-nacionais. A independencia ficára, pode-se dizer, nas margens do Ipiranga, como uma cegonha, triste, a beira de uma lagôa.

Subito, um sopro de vida invade o exercito, e provoca a reacção de 7 de abril. O monarca já não satisfazia as exigencias da nação. Seu governo autoritario fazia cossegas em todo o mundo. Não havia mais tranqüilidade, e por isso as fôrças armadas obrigaram-o a abdicar.

A abdicacão, porem, não foi, ainda, um movimento nacionalista. Não foi, tampouco, uma reacção nativista. Foi um áto de violencia á prepotencia do monarca. Teve, é verdade, a virtude de assustar o elemento estrangeiro e, de certo modo, reduzi-lo a pequenas proporções.

Mas a vitoria do 7 de abril foi demasiado rapida, e o elemento estrangeiro que se retraíra com o susto do golpe, vendo que contra ele nada faziam começou, aos poucos, a apparecer. Vitalizou-se novamente e, imiscuindo-se, sorrateiramente, no gover-

no, começou a sua velha politica achincalhadora, da fôrça e da prepotencia.

Tornára-se novamente, como nos ultimos tempos do primeiro imperio, uma potencia a abafar todos os sentimentos nativistas, todos os anseios libertarios do Brasil.

Foi preciso que os farrapos ao grito de *Liberdade ou morte* fizessem o Brasil meditar no seu destino. Foi preciso que os farrapos, numa peleia titânica de dez anos propagassem aos quatro ventos os seus anseios de liberdade e dissessem ao Brasil que dele se separariam si não cultivasse, tambem ele, o verdadeiro patriotismo, si não se nacionalizasse.

Lutaram- os farrapos. Lutaram e venceram. A paz de Poncho Verde, ainda que honrosa, não se poderá considerar vitoria, vitoria politica, bem entendido. Foi vitoria, sim, e das maiores, mas no grande sentido do patriotismo.

Caxias foi o unico dos brasileiros, inclusive rio-grandenses que governaram a provincia durante esse longo periodo de lutas, que viu a finalidade dos farrapos. Foi o unico que penetrou no seu intimo, que sondou as feridas, e que soube, procurar o remedio para cura-las e applica-lo no devido momento. E' que Caxias, alem de guerreiro, era patriota, e alem de patriota — psicologo.

Dele pode-se dizer como do imperador romano :

“Chegou, viu e venceu”, embóra precisasse, para isso, pouco mais de dois anos.

* * *

Incutir no Brasil o amor á nacionalidade, foi certamente a maior das vitorias da revolução farrapilha. Muitas outras, porem, podem se lñe jun-

tar. Uma delas é a *federação*, isto é: o sentido nacional da revolução.

Historiadores ha, e muitos, que tal não admitem. Não podemos compreender como tais historiadores conseguem, á vista de tantos documentos autenticos da época, propugnar a desnacionalização da revolução farrapa. Quer-nos parecer que tais historiadores ou não são sinceros e agem sob a influencia de elementos estranhos, ou vêm estrabicamente ou não conhecem, embóra escrevam volumes e volumes, a historia do Rio Grande do Sul e, principalmente, a revolução de 1835.

Que essa revolução, verdadeira epopéa, teve um sentido profundamente nacional, provam-no inumeros documentos.

O manifesto de 8 de junho de 1838, assinado pelo presidente da República, dirigido *Aos cidadãos rio-grandenses, e brasileiros reunidos nas guarnecições de Porto Alegre e Norte, sob as insignias do governo imperial*, diz :

“*Compatriotas brasileiros* de todas as condições e estados, desgraçadamente submetidos ao jugo ignominioso de um despotismo execravel, a vós me dirijo, com vós outros unicamente falo”.

Não vái áí, já em plena república, um ideal de fraternidade entre todos os brasileiros?

Mas não só nesse manifesto esternam os próceres farrroupilhas sentimento nacional.

No de 29 de agosto de 1838, lemos tambem : “Os rio-grandenses reunidos ás suas Municipalidades solenemente proclamaram e juraram a sua Independencia politica, debaixo dos auspicios do sistema Republicano, *dispostos todavia a federarem-se,*

quando nisso se acorde, ds provincias irmãs que venham a adotar o mesmo sistema" (1).

E muitos outros manifestos de diversas épocas.

As cartas particulares não menos expressivas são nesse sentido. Vejamos, por exemolo o que diz Bento Gonçalves aos seus officiaes em resposta a uma carta de congratulações pela sua fuga do forte do Mar.

"O trono do Brasil se acha por toda a parte convulso e prestes se antolha sua quéda e nosso triumpho, ficando-nos a gloria imortal de haver orientado as demais provincias na senda da sua felicidade".

Note-se que procuramos citar documentos escritos após a proclamação da república, isto é: de 1837 em diante.

Em carta a Gaspar Menna Barreto, datada de 16 de maio de 1840, escreveu Bento Gonçalves:

"A causa que defendemos, não é só nossa, *ela é igualmente Causa de todo o Brasil*" etc. E mais adiante: "Uma republica federal baseada em solidos principios de justiça, e reciproca conveniencia, uniria hoje todas as provincias irmãs, tornando mais forte e respeitavel a Nação Brasileira," etc.

Essa *brasilissima* proclamação foi dirigida aos brasileiros que, si ainda arrastam "ferros ignominiosos, foi por uma cadeia de successo fortuitos, e circumstancias inesperadas".

Outra prova indestrutivel do sentido nacional da revolução farrapa foi a proclamação da *República Juliana*. Aí estão os seus manifestos, patrioticos, nacionalissimos.

E a revolução de S. Paulo? Tambem ela deu motivo aos rio-grandenses para darem mostras de seu grande sentimento patriotico.

(1) O grifo de todos esses trechos, é nosso.

No seu manifesto de 13 de julho de 1842, comunicando a revolução paulista e a abertura da Assembléa Constituinte, escreveu Bento Gonçalves :

“O Brasil em massa se levanta como um só homem para sacudir o ferreo jugo do segundo Pedro. E’ este o momento de mostrardes ao mundo que sois rio-grandenses”.

E Manuel Lucas de Oliveira, então Ministro da República, dirige-se aos paulistas revoltados, convidando-os á federarem-se ao Rio Grande. Diz ele :

“Atentái bem no que vos diz um vosso irmão rio-grandense que, em nome de seus consocios competentemente autorizado, ousa convidar a esse brioso povo paulistano a *formar um estado federal*”, etc.

E conclúe a carta com a seguinte frase :

“O que encontrais escrito nesta epistola é a vontade geral dos cidadãos da república do Rio Grande do Sul, que cordialmente desejam aliar-se, e viver em fraternal liga com um povo illustre, e tão morigerado a tantas provas como o vosso povo”.

E ainda, na *fala* de instalação da Assembléa republicana, em Alegrete, disse Bento Gonçalves :

“E’ assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realza da terra de Santa Cruz, *nos havemos de reunir para estreitar os laços federais á magnanima Nação brasileira a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses*”.

Mais, muito mais ainda poderíamos citar para provar o sentido nacional, a intensa brasilidade do grande movimento democratico brasileiro, que foi a revolução farroupilha.

Outras causas dignas de nota e de real vantagem para todo o Brasil: a libertação dos escravos que serviram nas colunas farrapas.

Diz a clausula IV do tratado de paz :

“São livres, e como tais reconhecidos, todos os cativos que serviram na República”.

Foi este o primeiro ensaio anti-escravocratico tornado realidade no Brasil. Foi um exemplo significativo mais de uma vez citado pelos abolicionistas de 1888.

Com essa clausula ficou quasi que completamente estinta a escravidão no Rio Grande do Sul. Verdade é que, mais tarde, novas levas foram importadas. Mas estas nunca atingiram ás proporções hediondas de outras provincias.

Para finalizar, devemos registrar ainda de um modo especial a exigencia do governo republicano no tratado de paz, a que se refere a clausula X : a questão da linha divisoria com o Uruguái.

“O Governo Imperial, — reza a clausula, — vái tratar definitivamente da linha divisoria com o Estado Oriental”.

Em consequência dessa exigencia, Caxias solicitou a Bento Manuel, Bento Gonçalves e outros, informes sobre as divisas da provincia com o Estado Oriental.

Respondendo aos quesitos formulados pelo barão de Caxias, Bento Gonçalves escreveu :

“A linha que presentemente divide esta provincia do Estado Oriental, nasce do arroio Chuf, que desagua no Oceano, e das pontas daquele arroio em linha réta a Lagôa Mirim, seguindo dali o curso do rio Jaguarão desde sua fôz té a nascente da Coxilha Grande ; desta segue em linha reta ás pontas do Rio Negro, descendo por este té o arroio de S.

Luiz, e desde sua nascente de onde se dirige pela Coxilha de S. Ana té a nascente do Quarafm, e por todo o curso deste até a sua fóz. A linha que no tempo da occupação do Estado Oriental pelas armas brasileiras no reinado de D. João 6.º foi estabelecida por uma convenção feita entre o general Lecor e o Cabildo de Montevidéu, começava pela Angustura de Castilho, descendo dalf pelo grande banhado denominado do Souza, que faz barra no rio S. Miguel, e deste té sua fóz na Lagôa Mirim, seguindo pela margem desta a dois tiros de canhão de 24 até o Jaguarão, subindo por este até Jaguarão-chico do Estado Oriental, seguindo o curso dele até acima de sua nascente na Coxilha Grande, tomando dalf o rumo do passo da Carpintaria no Rio Negro, e descia por este ao arroio Hospital, seguindo-o até sua nascente de onde parte em linha reta ás pontas do Arapeí, seguindo o curso deste até sua embocadura no Uruguái. A convenção que nos deu o terreno que fica mencionado, foi observada até a preliminar de Paz de 1828, época em que sem motivo plausivel foi abandonado: esta linha é a mais conveniente, tanto para segurança desta provincia, como por tornar-nos senhores de toda a navegação da Lagôa Mirim em ambas as margens e dos rios que nela desaguam, alem de dar-nos não pequeno aumento de territorio. Todo terreno entremedio entre a linha atual, e aquella estabelecida pelo general Lecor na convenção citada, se acha povoada por brasileiros com numerosas fazendas de criar; sua estensão mais ou menos deve montar no maior comprimento a 50 léguas, com 28 ditas de largura; o valor destas, computado pelo preço atual dos campos deve montar a 5.832 contos de réis fortes. Em meu sentir o restabelecimento desta linha sofrerá opposição da parte dos orientais, caso que se não dá na conservação da

atual. Eis quanto posso de pronto lembrar a S. Excia. o Sr. Barão de Caxias sobre os quesitos que enviou para sobre eles dar meu parecer. *Bento Gonçalves da Silva*. Jaguarão-chico, 27 de fevereiro de 1845". (1).

Pela pressa com que o ilustre barão de Caxias procurou colher, nas melhores fontes, dados sobre a questão de limites, vê-se que estava, também, grandemente interessado no assunto. O que é certo, porém, é que somente cinquenta anos mais tarde, mais ou menos, a questão dos limites com a Republica Oriental do Uruguái ficou definitivamente liquidado graças a intervenção do espirito clarividente do barão do Rio Branco.

(1) E' curioso fazer-se um confronto entre a linha divisoria que Bento Gonçalves dá ao barão de Caxias, e a que encontramos num documento arquivado no Museu do Estado, referente aos limites, governo, etc. da Republica Rio-grandense. Diz o documento:

"O Rio Grande de S. Pedro do Sul, seguindo a sorte do malfadado Brasil, foi sempre uma das capitánias mais tiranizadas por esses despotas lusitanos, de proposito mandados para oprimir a um povo digno de melhor sorte.

"Foi patria de muitos Heróis, e continua a não desmentir a ideia que fazem os estrangeiros do caracter e costumes dos seus habitantes. Estes são amigos das instituições livres; e na guerra tem dado a seus ingratos inimigos lições da mais nobre generosidade.

"Os limites politicos são: Estado Oriental Corrientes, Santa Catharina e Oceano. Tem por limites naturais os rios Jaguarão, Negro, S. Luiz, Quaraím, Uruguái e Oceano.

"A extensão do territorio é de perto de sete mil leguas quadradas, pela maior parte terras férteis e campinas cortadas por inumeraveis rios, dos quaes os mais consideraveis são: o Guaíba, Camaquã, São Gonçalo, Piratini, Jacuí, Vacacaí, Santa Maria, Ibirapuitã e Ibicuí.

"O seu governo é composto de um presidente eletivo, e de seis Ministros de Estado. Há um Tesouro Nacional, e 22 coletorias que rendem mais de 250 contos de réis annualmente.

"A Constituição do Brasil é provisoriamente a do Estado.

"Contem as cidades de Piratini e Pelotas; as vilas do Alegrete, S. Borja, Cruz Alta, Caxoeira, Caçapava, Setembrina e Jaguarão; e as povoações de S. Gabriel, Santa Maria, Encruzilhada, Cangussú, Bagé, Herval, Cerrieto, Santo Antonio, Aldeia dos Anjos, Mostardas, Belem, N. S. da Conceição do Arroio, S. João Batista, Dorea, Sant'Ana, S. José do Patrocínio, Passo Fundo, Soledade, S. Martinho, Novo Triunfo, Santo Amaro, e colonia de S. Leopoldo. Tem mais as cidades de Pôrto Alegre, e Rio Grande, e as vilas de S. José do Norte, Triunfo e Rio Pardo que por suas marinhbas estão hoje occupadas por forças brasileiras".

Em todo o caso, não deixa de ser uma prova do amor dos farrapos ao solo e integridade pátrias, a exigência estabelecida na clausula X do tratado de paz.

* * *

Por quanto ficou dito, pelas causas que a provocaram, pela sua finalidade, e mesmo pela proclamação da republica e independencia da provincia, não houve revolução mais justa e mais nacional que a de 1835.

Nela, lutando pelo ideal federativo, auxiliados por um pequeno numero de paulistas, mineiros, fluminenses e pernambucanos, jamais esqueceram os farroupilhas a grande patria brasileira que lhes não saía do coração e tinham sempre na lembrança.

Em tudo e por tudo procuravam, somente, a grandeza e felicidade do Brasil, a sua unidade e liberdade integral que, na sua exaltação patriótica, viam somente, e com justa razão, no ideal que defendiam e pelo qual batalhavam: a *Republica federativa*.

CAPITULO V

EFEMERIDES DA GRANDE REVOLUÇÃO (1835-1845)

SETEMBRO DE 1835

DIA 10: — Reünem-se em casa do dr. Francisco de Sá Brito, em Pôrto Alegre, os srs. Bento Gonçalves da Silva, dr. Marciano Pereira Ribeiro e o bacharel José de Paiva Magalhães Calvet.

Nessa reunião expoz Bento Gonçalves os planos da revolução, mas vendo a indecisão dos companheiros e amigos, declarou :

— Não se fará a revolução, mas eu não ficarei na provincia, não continuarei a estar exposto ao punhal dos encarniçados inimigos que tenho por aquí. Irei para Entre-Rios, viver fóra de meu país, ou ao menos viver lá algum tempo, até que esses assassinos reconhecidos se esqueçam de mim.

No mesmo dia tratou de obter licença para descançar na provincia de Entre-Rios e, dias mais tarde, ausentava-se de Pôrto Alegre mas, em vez de seguir para a Rep. Argentina, foi para Pedras Brancas confabular com José Gomes de Vasconcellos Jardim e Onofre Pires. (Conf. a *Memoria* escrita pelo dr. Sá Brito).

A revolução, porém, já estava assentada e tudo preparado para o golpe definitivo.

DIA 18 : — Em virtude de boatos alarmantes, o visconde de Camamú recebe ordem do presidente

da provincia, dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, para reunir toda a força da Guarda Nacional afim de ficarem prevenidos contra um possivel levante.

— Na madrugada deste mesmo dia, depois de reunida regular fôrça nas Pedras Brancas, José Gomes de Vasconcellos Jardim passa, com 60 homens, o rio, e acampa nas proximidades da cidade de Pôrto Alegre, no lugar em que está, hoje, o cemiterio, na Estrada da Cascata.

DIA 19 :— Em vista da energia da opposição, o presidente Braga, aconselhado por amigos, procura emendar alguns de seus erros e, em sessão secreta, dá plena satisfação á opposição, nomeando, em seguida, comandante da praça e guarnição de Pôrto Alegre o brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto. Mas já era tarde, pois neste mesmo dia a companhia de permanentes, do comando do capitão Francisco Felix Pereira Pinto, deserta e vái reunir-se ás fôrças rebeldes acampadas, sob o comando de Onofre Pires da Silveira Canto e José Gomes de Vasconcellos Jardim, nas imediações da ponte da Azenha.

Alta noite, tendo o presidente Braga tido conhecimento do acampamento rebelde, ordena ao Visconde de Camamú que faça um reconhecimento e, caso encontre os revoltosos, não os poupe em absoluto.

A empreza do major visconde foi mal sucedida, pois, sabedores do que se planejava contra elles, pelos secrétas, especialmente por Magalhães Calvet, destacaram os farroupilhas o capitão Manuel Vieira da Rocha com 30 homens para guarnecer a ponte de Azenha.

Pelas onze e meia da noite apresenta-se Camamú. Ocultam-se os farroupilhas, e quando o vis-

conde tenta atravessar o arroio Diluvio (o Riacho), um tiro adverte-o de que ali ha gente. Camamú assusta-se, mas não consegue recuar. Trava-se renhido embate. As fôrças legais são destroçadas e fogem, por fim, deixando morto o célebre Antonio José da Silva Monteiro, o *prosódia*, e 4 feridos, entre os quais o proprio visconde, que, porem, fogem com os demais legalistas.

De volta ao palacio Camamú dá noticias alarmantes, e Fernandes Braga prepara tudo para uma retirada, pois já notára, tambem, que a guarnição de Pôrto Alegre, em pêso, não lhe era fiel.

DIA 20 :— Tomada de Pôrto Alegre. — Entram na capital as fôrças farroupilhas de Onofre Pires e Gomes Jardim logo ao nascer do sol, sem a minima resistencia. Fernandes Braga, sorrateiramente, conseguiu evadir-se embarcando na escuna *Rio-grandense* para a vila do Rio Grande com todo o seu pessoal de confiança, dinheiros publicos, etc.

Neste dia, por todas as esquinas das ruas de Pôrto Alegre, viam-se, desde que amanheceu, proclamações assinadas por Bento Gonçalves, na qual este declarava não deporem os insurgentes as armas enquanto Fernandes Braga não resignasse o cargo de presidente.

Bento Gonçalves, porem, estava em Pedras Brancas onde dirigia todo o movimento e procurava comunicar-se com os amigos, na campanha. Neste mesmo dia, na campanha, levantaram-se em armas outros chefes rebeldes pondo em fuga o comandante das armas, então na fronteira, marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto.

DIA 21 :— O dr. Marciano Perelra Ribeiro, 4.º vice-presidente da provincia, assume, em Pôrto Ale-

gre, a presidencia e dirige ao povo a seguinte proclamação :

— “Riograndenses ! amigos ! compatriotas !

Chamado pela lei á vice-presidencia desta provincia, que deixou acéfala o dr. Antonio Rodrigues Braga, retirando-se clandestinamente da capital, eu não ousaria encarregar-me de tão melindrosa tarefa nas circunstancias dificeis em que nos achamos, si não depositasse a mais inteira confiança no vosso acrisolado patriotismo, character generoso, e amor á ordem, assim como nas virtudes civicas e sentimentos nobres do valente e honrado coronel Bento Gonçalves da Silva, que se acha á frente dos cidadãos armados, e cujos feitos e serviços vos são bem conhecidos. Fiel aos seus juramentos, e ao governo do nosso jovem imperador sr. D. Pedro II, ele não quererá ver dilacerada a nossa patria, e entregue aos horrores da anarquia. Cerrái ouvidos aos perversos e intrigantes que procuram amedrontar-vos com ideias e falsos boatos de repúblicas, roubos, mortes e separação da provincia (1). A probidade, patriotismo e honra das pessoas que figuram nos movimentos que acabais de presenciar, são sufficiente garantia da segurança e tranquillidade publicas, que todavia a administração procurará manter como lhe incumbe. Seja a lei o nosso norte,

(1) Refere-se o dr. Maroiano, nesta passagem, ao impresso que Fernandes Braga fizera espalhar ao fugir para bordo da escuna *Riograndense* :

“Concidadãos. Não vos deixeis iludir com as palavras e promessas dos que com as armas nas mãos pretendem depor autoridades, e nomear outras a seu bel-prazer. Não acrediteis que eles se contentarão com isso. Cenas lutuozas vos ameaçam ; os pretextos de que se servem, bem os demonstram pela sua futilidade, pois que o governo central já nomeou pessoa de sua confiança que tomasse em meu lugar as redeas do governo. Sustentái por alguns instantes a dignidade da administração provincial, e a vossa. Breve serão a vosso lado as forças que hei convocado de varios pontos de fóra da cidade. Tende confiança no brigadeiro Gaspar Francisco Menna Barreto, que hei nomeado para fazer as vezes do marechal Barreto, proximo a chegar.

Ás armas, cidadãos. Ás armas, que a patria se acha em perigo”.

e tranquilos esperemos as providencias que o governo de sua magestade imperial e constitucional tem dado, ou possa dar a bem do continente. Por esta forma confundireis os inimigos do sossego e prosperidade da nossa provincia, e o Brasil inteiro terá de aplaudir ao mesmo tempo a vossa coragem e as vossas virtudes.

Viva a nação brasileira ! — Viva a constituição reformada ! Viva o sr. Dom Pedro II, imperador constitucional do Brasil ! Viva a Regencia do imperio ! Vivam os rio-grandenses amigos da ordem !”

Esta proclamação desfez a impressão da de Fernandes Braga.

Com a posse de Marciano Pereira Ribeiro, succedeu a dualidade de governo na provincia : o farroupilha, em Pôrto Alegre, e o imperial, no Rio Grande.

— Neste mesmo dia um corpo de farroupilhas dirigidos pelo coronel Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Menna ataca a vila do Rio Pardo, então occupada pelos imperiais comandados pelos capitães José Ferreira de Azevedo e José Joaquim de Andrade Neves (mais tarde barão do Triunfo). Neste primeiro ataque foi Francisco de Paula repellido mas, insistente e persistente, continuou o assédio á vila que, 17 dias mais tarde, a 8 de outubro, capitulou.

DIA 22 : — João Nunes da Silva Tavares, official legalista, derrota, junto á capela do Herval, o coronel Rafael Verdum, imigrado politico do Uurguái, que se collocára a disposição dos revolucionarios. A fôrça comandada pelo coronel Verdum compunha-se, na sua quasi totalidade, de gaúchos orientais.

DIA 25 : — O coronel Bento Gonçalves da Silva publica o manifesto abaixo, emque justifica o movimento do dia 20 :

“Compatriotas. — O amor á ordem e á liberdade, a que me consagrei desde minha infancia, me arrancaram do gozo do prazer da vida privada para correr convosco á salvação de nossa querida patria. Vi a arbitrariedade entronizada, e não pude ser por mais tempo surdo a vossos justos clamores ; pedistes a cooperação do meu braço, e dos braços que me acompanham, e voei á capital afim de ajudar-vos a sacudir o jugo que com a mão de um inepto administrador vos tinha imposto uma fracção retrograda e anti-nacional.

Compatriotas ! vossos votos, e vossas justas exigencias já estão satisfeitas. Caducou aquella autoridade cujo manto cobria os atentados de homens perversos, que têm conduzido esta benemerita provincia á borda do precipicio. Corresteis ás armas depois de haver esgotado todos os meios que a prudencia e o amor á ordem vos sugeria, não para destruir, mas sim para consolidar a sagrada Constituição que juramos ; não para vingar-vos dos ultrajes que diariamente vos faziam os corifeus de um partido anti-nacional, mas sim para garantir as liberdades patrias de seus ataques, tanto mais terriveis, por isso que eram exercidos á sombra da Carta Constitucional ; correstes emfim ás armas para sustentar em sua pureza os principios politicos, que nos conduziram ao sempre memoravel *sete d’abril*, dia glorioso de nossa regeneração, e total independencia.

O resultado de vossa nobre empreza não podia ser duvidoso, pois que ela era reclamada pela justiça, e pela opinião, esta rainha do universo, cujo poder é irresistivel : triunfastes, brasileiros livres ! e com vossa decisão, e vosso triunfo déstes uma prova de que sois dignos dos beneficios da liberdade ; patenteastes os nobres sentimentos de nacionalidade, que inflamam vossos peitos ; comprovastes, emfim, que

vossa frente jamais dobrará ao pesado jugo da arbitrariedade.

Esses motivos, e estes sentimentos, que convosco partilham todos os corações verdadeiramente brasileiros, justificarão vossa conduta aos olhos dos mais rígidos censores dos movimentos populares. Apresuremo-nos, pois, a manifestar aos nossos irmãos habitantes das mais provincias da união brasileira, os fundamentos das nossas queixas e dos nossos temores. Conheça o Brasil que o dia *20 de setembro de 1835* foi a consequência inevitável de uma má e odiosa administração; e que não tivemos outro objeto, e não nos propuzemos a outro fim, que restaurar o imperio da lei, afastando de nós um administrador inepto e faccioso, sustentando o trono do nosso jovem monárca e a integridade do imperio.

Sim, compatriotas, devemos ao Brasil, que neste momento tem seus olhos fitos em nós, esta manifestação tanto mais sincera e pronta, quanto maior é o dever em que nos achamos de desvanecer os temores com que nossos inimigos o quizeram alarmar, accusando-nos de sustentar vistas de desunião e república. Desgraçadamente nesta provincia, como nas demais do imperio, existe uma facção retrograda adversa por principios e interesses á nova ordem de cousas, e inimiga implacável de todos aqueles que professam decidido amor ás liberdades patrias. Apoiado este partido anti-nacional pelo marechal Barreto, cuja ambição desmedida, e principios impopulares são assás conhecidos, deixou sentir sua fatal influencia em todas as presidencias anteriores á do sr. Braga; mas nunca ousou mostrar-se tão descaradamente como neste ultimo periodo.

Burladas foram as esperanças dos amigos de nossa patria, que regosijavam-se de ver, pela pri-

meira vez, um filho seu elevado á primeira dignidade da provincia !

Quantos bens deviam esperar-se ! quantos males precavidos ! mas uma triste fatalidade quiz o contrario.

A ináptidão que desde logo mostrou para tão elevado cargo, e a versatilidade de character do sr. Braga favoreceram os designios dos perversos, que nele acharam o instrumento de seu rancor contra os livres ; e no poder anexo á presidencia o meio de saciar suas ignobeis vinganças. Ninguem ignora os sucessos da noite de 24 de outubro do ano passado, (2) e dos dias consecutivos ; ninguem ignora como o partido anti-nacional, armando braços mercenarios, e estrangeiros, occupou militarmente o Trem de Guerra da capital, e ameaçou com apparatus bélicos os cidadãos pacíficos que festejavam em aquella noite com cânticos patrioticos as salutares reformas do nosso pacto social : o costume autorizava o festejo, a ordem presidia os passos de um povo que se entregava ao prazer, e marchavam na sua frente os juizes de paz dos distritos que percorria ; porém, apezar disso pouco faltou para que o estrondo do canhão, e o grito da morte não succedesse aos sons festivos, e á expansão da nacionalidade satisfeita.

Aquelas ameaças, aquele armamento desusado, não foi quiçá o primeiro insulto cometido contra a nossa nacionalidade ? Não merecia um pronto e exemplar castigo ? Não poderia executa-lo o braço poderoso de um povo irritado ? Podia sim, mas não o quizeram os patriotas, amigos da ordem ; sufocaram em seus peitos os justos ressentimentos ;

(2) Veja-se no cap. segundo deste trabalho — *Os Antecedentes* —, a descripção dos successos de 24 de outubro de 1834. Veja-se, tambem, Assis Brasil, — *Historia da Republica Riograndense* —, e Alfredo VARELA, — *Revoluções Cisplatinas e Historia da Grande Revolução*.

esperaram providencias e justiça de sua primeira autoridade. Vãs esperanças! Enquanto o vulcão das paixões ameaçava abraçar a capital, que fazia o sr. Braga? Embriagava-se, com mágua o dizemos, embriagava-se de prazer na cidade do Rio Grande entre festins e banquetes, deixando naquelas espinhosas circumstancias o timão do Estado entregue ao capricho de seu irmão o sr. Pedro Rodrigues Fernandes Chaves, jovem turbulento e faccioso, e o mesmo que dirigia e dava impulso ao partido que naquele momento aterrorisava a capital. As noticias sempre mais aterroradoras, que deste ponto recebia, pareceram despertar-lo por um instante do seu letargo; chamou-me então, e em nome da patria conjurou-me a que usando de todo o meu influxo fosse manter o sossego publico: vós sois o unico, me dizia, que podeis livrar a provincia dos males que a ameaçam; voai, acalmai, conciliai, e fazei deter o furor do povo; evitai toda a efusão de sangue; assegurai-lhe que pronto regressarei, e ele applaudirá minha justiça.

Compatriotas! O nome da patria nunca souu em vão aos meus ouvidos, e sempre me prestei voluntario a prestar-lhe meus serviços; acreditei as palavras enganadoras do sr. Braga, e voei ao vosso lado; doceis ouvistes minhas palavras de paz, detivestes o braço já pronto a descarregar o golpe mortal sobre vossos agressores, e por mim confiastes novamente em vosso presidente. Mas quem o acreditaria! o pérfido havia-me iludido, e meu patriotismo tão sómente lhe serviu de instrumento para tambem iludir-vos e desarmar-vos. Como poderá justificar-se semelhante conduta em a primeira autoridade, que não deve ouvir outra voz que a da justiça, nem ter outras vistas que as do bem do povo que rége! Si o ex-presidente houvesse desejado o bem-estar e

tranquilidade da provincia, não teria desamparado o lugar que a lei lhe confiou, teria acudido prontamente ao ponto que ameaçava a conflagração, e o castigo dos facciosos teria satisfeito a justiça de um povo ultrajado.

Não por certo, não tinha em vista o bem da patria quando levou des-do Rio Grande a confusão e a discordia a todos os ângulos da provincia ; quando em seu regresso á capital aprovou quanto de mais desatinado e criminoso havia cometido seu lugar-tenente Pedro Rodrigues Fernandes Chaves ; quando afastou de si seus antigos amigos, os sustentadores das instituições livres ; quando, ingrato a meu zelo pelo restabelecimento da tranquillidade publica, ousou chamar-me caudilho de fascinorosos, e revolucionario. Insensato ! Si eu tivesse querido levantar o estandarte da rebelião, que melhor oportunidade que a exaltação em que se achavam os espiritos ? Que motivo mais plausivel que o insulto feito á nacionalidade ? Que meios mais poderosos que as cartas que seu passado temor, e mais que tudo a certeza de que eu não abusaria delas, me havia confiado ? Mas já era surdo á austera linguagem da verdade, e prestava tão sómente ouvidos ás baixas lisonjas, e aos pérfidos conselhos de um partido que queria vê-lo envolvido em seus interesses, e cúmplice em seus crimes para assegurar-se da impunidade e do triunfo dos princípios retrógrados. Deixou o sr. Braga de ser administrador de um povo livre, desde que ao imperio da lei substituiu o espirito de facção, e o povo desde aquele instante deixou de respeitá-lo. Sem fôrça moral, sem opinião um governo não subsiste sinão pela desmoralização, pela intriga e pela oppressão, e este foi o caminho cheio de precipicios em que se lançou o sr. Braga. Vós o vistes, Rio-grandenses, apoiar na côrte com sua autoridade as

mais vergonhosas intrigas do marechal Barreto, para perder aqueles cujas luzes e patriotismo transformavam seus planos ambiciosos e despóticos ; em quanto com seu poder nesta cidade autorizava as desejadas vinganças. O primeiro golpe dado contra a liberdade conduz insensivelmente, e de um modo inevitável a todos os outros : é uma porta aberta á arbitrariedade, e uma vez que ela se introduz ninguem pode prever em que ponto parará.

Compatriotas ! Vós testemunhastes esta verdade, e os cidadãos mais decididos pela causa do povo foram o alvo de uma systematica perseguição ; prodigalizaram-se empregos aos homens mais impopulares, a aqueles que eram mais indigitados para professarem princípios mais retrógrados e antinacionais ; o direito de petição garantido por nossa Constituição foi desatendido, e os peticionarios tratados como sediciosos ; encheram-se os cárceres de patriotas, e toda a provincia foi envolvida em processos e querélas ; introduziu-se a desmoralização na guarda-nacional de infantaria para dispersa-la, e se suspendeu arbitrariamente do seu comando ao tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, cujo crime era seu inabalavel patriotismo ; creou-se uma guarda pretoriana debaixo do nome de guarda-nacional da cavalaria para custodiar a cidade ; mandou-se com ingentes gastos, e detrimento do erario publico ao valente batalhão de caçadores n.º 8 para as longinquas fronteiras de Missões ; removeu-se da vila do Jaguarão para Bagé a companhia de caçadores que ali se achava por ordem da Regencia, duplicando sem necessidade, nem motivo plausivel, as despezas, pelo custoso transporte de víveres, munições e bagagem, a pontos tão distantes. Silva Tavares, capitão da extinta segunda linha, foi nomeado comandante da fronteira

do Rio-Grande a despeito das instruções da Regencia de 8 de março de 1834, sujeitando assim á nulidade, e malvadez deste homem perverso, um sem numero de chefes valentes e aguerridos; retirou-se do commando da fronteira do Rio Pardo ao veterano dos nossos guerreiros, o sr. Bento Manuel Ribeiro, e foi substituido pelo tenente-coronel da mesma extinta segundo linha, José Antonio Martins, cujo unico titulo é a particular inimizade que consagra ao sr. coronel Bento Manuel Ribeiro, e pertencer á facção do marechal Barreto; vimos emfim debaixo da presidencia do sr. Braga o templo de Temis convertido em forja das mais injustas perseguições; vimos cidadãos armados contra cidadãos; vimos deportações; vimos violada por duas vezes a sagrada garantia do *habeas corpus* na pessoa do honrado patriota major José Mariano de Mattos; e vimos finalmente impunes a escandalosa introdução de africanos, e da moeda de cobre, terriveis açoites desta malfadada provincia. Com estes e muitos outros atentados, que por brevidade omito, se satisfizeram as exigencias do marechal Barreto, de Pedro Chaves, e da facção retrógrada; mas era forçoso capear as perseguições com o manto da utilidade pública, era forçoso legalizar atos perpetrados contra a opinião da grande maioria da provincia. Chegou a época da instalação da nossa Assembléa provincial, e a fala do presidente arrancou a mascara com que cobria uma politica hipocrita e rasteira: a calunia mais atroz foi proferida no seu seio com altivez e ousadia, e a provincia tremeu por sua tranquillidade e existencia, ouvindo a voz de sua primeira autoridade revelar-lhe uma conspiração, cujo fim era desmembrar-la da grande familia brasileira, e acusar como autores de tão nefando projéto aos mais conspicuos defensores das liberdades patrias, a aqueles que em

todos os tempos valorosamente expuseram suas vidas e verteram seu sangue em defesa da integridade do imperio. Projéto insensato ! O golpe mortal que o ex-presidente premeditou dar na honra e bem merecida opinião de seus adversarios, reverberou-se contra si ! Graças sejam dadas á energia dos generosos patriotas deputados da opposição ! Eles advogaram a causa da innocencia contra o aparato do poder, e contra a liga dos facciosos que se sentavam nos bancos da nossa Assembléa provincial : sua nobre e austera linguagem aterrou a calunia, perseguiu ao caluniador em suas ultimas trincheiras, e obteve a gloria de obriga-lo á mais abjéta retratação, e de tranquilisar a provincia manifestando-lhe que não existia a revelada conspiração : um clamor geral de indignação succedeu ao do temor que se havia querido incutir, e essa justa indignação acabou de fazer desprezível a autoridade do sr. Braga.

Depois desta derrota, quem teria ousado permanecer no eminente lugar que se tinha deshonrado ? Mas o sr. Braga já se não achava livre para retroceder ainda que o houvesse querido ; obsecado pelo partido retrógrado, por seus compromissos pessoais, e pelo fatal influxo de seu irmão, sempre pronto a incita-lo a toda a classe de violencias, persistiu na presidencia, e continuou sua marcha opressora e anti-nacional. O partido faccioso em sua mesma raiva achava novas fôrças para intentar novas empresas contra os interesses da maioria desta provincia que em seu delirio tratava de sediciosa e anárquica. Acreditou que sua posição era todavia a mais forte a despeito da opinião publica que lhe era contrária. Os lugares mais importantes estavam confiados a membros de sua facção, e inutilizados a maior parte dos influentes do partido liberal ; contava com um numero crescido de facciosos no seio da representação

provincial; contava com o apoio de seu corifeu o marechal Barreto, que ousava prometer-lhe sacar força armada de um Estado vizinho para sufocar qualquer tentativa dos homens livres; a liberdade de imprensa lhe servia de veículo para espalhar suas doutrinas retrógradas e impopulares, atacar com o fêl da calúnia reputações adquiridas por uma larga série de serviços feitos á patria, semear a discordia e dividir para reinar, contava com o tesouro nacional para comprar proscritos, e suprir os gastos de uma administração prodiga e desatinada, e contava enfim com magistrados corrompidos e prevaricadores para legalizar injustas perseguições, e os atos mais arbitrarios. Estes eram os elementos com que contava a transata administração, e podiam os brasileiros livres sofrer por mais tempo seu jugo pesado e immoral, e deixar a seus filhos o triste exemplo da arbitrariedade triunfante? O calice da amargura ainda não estava cheio, mas não tardou a se-lo. Não contente o partido retrógrado de apresentar em seus imundos periódicos aos nossos honrados e industriosos campônêses como sepultados nas trévas da mais crassa ignorancia, como ineptos para defender seus interesses politicos, e apelida-los bárbaros, pobretões e proletarios, projetou sobrecarrega-los com um novo e oneroso imposto de dez mil reis annual sobre cada legua quadrada; imposto contrario aos princípios de economia politica, imposto injusto e cruel, porque recái sobre o capital e não sobre o produto; injusto e cruel finalmente, porque pesa com desigualdade em razão da maior ou menor fertilidade dos campos. Vãos foram os esforços dos deputados liberaes para oporem-se a tão oppressiva lei; ela passou a despeito da sã razão, e do bem-estar dos nossos comprovincianos. O sr. Braga que pelo art. 15 da lei das reformas estava autorizado a negar sua sanção a qualquer

lei quando entendesse não convir aos interesses da provincia, e que podia por consequencia, suspendendo a execução, prevenir os males que ella arrastava após si, longe de querer faze-lo, desde logo sancionou e mandou cumprir. Faltavam-lhe porventura razões em que fundasse a sua negativa? Não por certo; filho desta provincia tinha todos os conhecimentos necessarios para julgar o imposto impolitico e injusto; porém o espirito de facção dirigia todos os atos de sua funesta administração. Devia-se necessariamente prever o descontentamento que excitaria este novo imposto, e que a sua execução occasionaria um pronto e geral levantamento; deviam pois os facciosos arbitrar modo de conjurar a tempestade provendo-se uma força armada devota á sua vontade, e comandada por chefes de sua facção. Em vão a buscariam elles nos valentes veteranos! Aqueles que combateram pelas liberdades patrias jamais poderiam converter-se em algozes de seus concidadãos, jamais desembainhariam a espada para degolar seus páis, seus filhos e seus amigos! Não. Os militares do Brasil regenerado vertem seu sangue para defender a patria, e não para oprimil-a. Buscariam elles esta fôrça entre os benemeritos guardas nacionais da campanha? Certamente que não; são estes os mais vexados e oprimidos pelo imposto.

Aonde buscariam pois esta fôrça? Custa dize-lo! Na creação de um corpo de policia de setecentas praças, na organização de um corpo de janizaros que com a ponta de suas espadas fizessem exequiveis as medidas mais impopulares e opressivas. Podemos assegurar por honra desta provincia que este revoltante projéto jamais passaria em nossa Assembléa si tivesse sido proposto e discutido com as formalidades do estilo; mas a cabala e a surpresa lhes fez obter o que de outro modo nunca teriam obtido;

este corpo foi creado por uma simples emenda do sr. Manuel Felizardo quando se discutia a lei do orçamento provincial, autorizando ao mesmo tempo o presidente para fazer seu regulamento ! Semelhante modo de crear um batalhão achou a mais forte opposição da parte dos nossos deputados liberaes, e a-pezar-de haver sido aquella emenda firmada maliciosamente pelos deputados partidarios da administração facciosa e por alguns outros que iludidos se prestaram ás vistas iniquas dos srs. Chaves e Felizardo, a-pezar, dizemos, daquela nova especie de abaixo-assinado (até agora desconhecido nos debates parlamentares) que representava a maioria da Assembléa, equivalia a uma votação antes da discussão, apenas passou por dois votos, e esta coôrte formidavel cujas despezas teriam absorvido a enorme soma de duzentos contos de réis anuais, de facto foi feita e organizada pelo sr. Braga, que desta arte assumiu os dois poderes. Tantas arbitrariedades e tantos atentados em um povo que se preza de ser livre deviam enfim cançar seus sofrimentos. A inquietação que desde os primeiros menses da presidencia do sr. Braga se tinha derramado na maior parte desta provincia, e que por tantas vezes a prudencia e amor á ordem haviam acalmado, como acendida por virtude electrica, appareceu novamente e se fez geral.

A nossa patria pareceu ao esperto observador como um enfermo, a quem uma febre ardente mortifica, e que alternativamente espera e teme que a crise que o atormenta lhe dê saude ou morte. Em vão, compatriotas, buscaveis uma táboa de salvacão, ela estava na Carta, mas naqueles momentos a Carta era letra morta, as vias legais vos eram obstruidas, a apatia do Governo central não vos deí-

xava transluzir a mais pequena esperança de melhoramento, os males vos ameaçavam já de perto, qualquer dilação era perigosa, e a fôrça vos ia dominar, e destruístes, cidadãos, a fôrça com a fôrça. Cumprimos, riograndenses, um dever sagrado repelindo as primeiras tentativas de arbitrariedade em nossa cara patria; ela vos agradecerá e o Brasil inteiro aplaudirá o vosso patriotismo e a justiça que armou vosso braço para depor uma autoridade inepta e facciosa, e restabelecer o imperio da lei. Compatriotas, eu acrescentarei á gloria de haver sido em outros tempos vosso companheiro nos campos de batalha, e haver-vos conduzido contra vossos inimigos externos, a gloria ainda mais nobre e perduravel de haver concorrido a liberta-la dos seus inimigos internos, e salva-la dos males da anarquia. O governo de facção desapareceu de nossas cena politica, a ordem se acha restabelecida. Com este triunfo dos princípios liberais minha ambição está satisfeita, e no descanso da vida privada a que tão somente aspiro, gozarei o prazer de ver-vos desfrutar os beneficios de um governo ilustrado, liberal e conforme com os votos da maioria da provincia. Respeitando o juramento que prestamos ao nosso Codigo sagrado, ao trôno Constitucional, e á conservação da integridade do Imperio, comprovareis aos inimigos de nosso sossego e felicidade, que sabeis preferir o jugo da lei ao dos seus infratores, e que ao mesmo tempo nunca esqueceis que sois os administradores do melhor patrimonio das gerações que vos devem succeder, que este patrimonio é a liberdade, e que estais na obrigação de defende-la á custa de vosso sangue e de vossa existencia. A execração de nossos filhos cairá sobre nossas cinzas, si por nossa desmoralisação e incuria

lhes transmitirmos este sagrado deposito desfalcado e corrompido ; e suas bênçãos nos acompanharão ao sepulcro si lhes deixarmos o de virtude e patriotismo.

Porto Alegre, 25 de setembro de 1835.

Bento Gonçalves da Silva".

DIA 29 :— Em virtude do movimento revolucionario o dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga proclama a mudança da séde do governo de Pôrto Alegre para a cidade do Rio Grande. Na sua proclamação, entre outras cousas, diz o dr. Braga :

"A essa hora soube que os permanentes tinham desertado para os rebeldes, á excepção do 1.º comandante Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, do 2.º comandante o tenente Alvarenga, de um cabo, um soldado e um corneta.

"Foi forçoso abandonar a cidade de Pôrto Alegre.

"Fiz passar o rio a alguns officiaes que declararam querer unir-se ao marechal comandante das armas, e dei ordem ao brigadeiro Menna Barreto para que, antes de desamparar o trem, inutilizasse o armamento e encravasse as peças, que não pudesse fazer transportar para bordo das embarcações de guerra surtas no pôrto, mas infelizmente esta ordem não foi cumprida.

"Fui então para a escuna "Rio-grandense" e, acompanhado pela outra escuna "Vinte e nove de outubro", dirigi-me para esta cidade do Rio Grande, onde tenciono conservar a séde do governo temporariamente".

OUTUBRO DE 1835

DIA 8 :— Sem encontrar resistencia entram os revolúcionarios na vila de Piratini, depondo, em seguida, as autoridades que não aderiram á revolução.

DIA 9 : — Rio Pardo foi das vilas e cidades que maior resistencia ofereceu aos farroupilhas. Defendiam-na 150 homens, mais ou menos, bem armados e municados e munidos de 4 bocas de fogo, comandados por José Joaquim de Andrade Neves, capitão José Ferreira de Azevedo, tenente João da Silva Barbosa e o juiz de paz Manuel Alves de Oliveira. Cercavam a vila cerca de 450 homens divididos em três colunas comandadas pelo tenente-coronel Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Menna, Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento Menna e pelo major Fontoura. Os sitiados estavam em situação muito favoravel de modo que caro venderiam a sua derrota e a carnificina seria tremenda. Querendo Bento Gonçalves evitar a efusão de sangue, conseguiu, depois de uma tentativa infrutífera, e graças ao eficiente trabalho de Antonio Vicente, que os sitiados se rendessem com plena garantia de suas vidas, podendo seguir para onde lhes aprouvesse. E assim, sem derramamento de sangue, entraram os farroupilhas neste dia na vila do Rio Pardo, ocupando-a.

DIA 13 : — Combate ás margens do Arroio Grande entre as forças legais de Silva Tavares e Manuel Márques de Souza, e as farroupilhas ao mando de Manuel Antunes da Porciúncula. Estas foram derrotadas.

DIA 19 : — E' nomeado presidente da provincia o dr. José de Araujo Ribeiro.

DIA 21 : — Bento Gonçalves que assediava a cidade do Rio Grande, a convite da Camara Municipal da mesma, abandonada pelo dr. Fernandes Braga, que no brigue-escuna *Parobé* fugia para o Rio de Janeiro, entra na cidade neste dia, tomando conta da mesma, militarmente, no dia 22.

Neste dia 21, do "Campo junto á cidade do Rio Grande", dirige duas proclamações sendo uma *Aos Cidadãos Armados*, e outra aos *Habitantes da cidade do Rio Grande*. . . São dois documentos dignos de nota :

AOS CIDADÃOS ARMADOS

Compatriotas e companheiros d'armas ! Neste dia uma nova corôa ornará vossos frentes. A benemerita cidade do Rio Grande vos deve a sua liberdade : vosso brio e vossa decisão pela causa das leis, bastaram para afugentar os poucos facciosos que nela se abrigavam. Uma justa e nobre satisfação deve encher vossos corações. Oh ! quanto é doce ter concorrido a salvar a Patria ! Já livre a provincia da facção inimiga de vosso sossego e liberdade, e desfrutando os bens que emanam de um governo patriótico e liberal, podereis com orgulho dizer a vossos filhos : — eu fui dos bravos que combatendo a arbitrariedade coadjuvei a restaurar o imperio da lei, segui o meu exemplo, e vosso côlo nunca se dobre ao pesado jugo do despotismo. A nossa bela provincia jamais será habitada por um povo de escravos. — Compatriotas ! Essa será a linguagem que tereis, e a lembrança dos serviços feitos á Patria será para vós a fonte dos mais puros prazeres : mas que-reis dar maior lustro a vossos louros ? Usái de moderação depois do triumpho. Sim, os briosos riograndenses que libertaram a capital, Rio Pardo, São Gabriel, e demais pontos da provincia aonde encontraram opposição, vos deram o exemplo dessa virtude propria dos livres : generosos por caracter, dóceis e respeitadores das leis, estou certo que os seguireis. O mais pequeno insulto ás pessoas e bens de vossos inimigos, será uma mancha á vossa gloria. As leis, tão sómente as justas leis, devem punir os perversos,

que cavaram o abismo á nossa cara patria ; íntegros magistrados cumprirão esse sagrado dever ; descançai em sua justiça, o crime jamais ficará impune. Compatriotas ! Em nome da Patria, eu agradeço vossos altos serviços, ela vos deverá sua prosperidade e sua grandeza ; este é o digno premio a que tão só aspiram os homens verdadeiramente virtuosos e livres.

Viva a liberdade ! Viva a Constituição reformada ! Viva o nosso jovem monarca constitucional o sr. D. Pedro II ! E vivam os briosos rio-grandenses !

Campo junto á cidade do Rio Grande,
21 de outubro de 1835.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva*".

HABITANTES DA CIDADE DO RIO GRANDE !

O duro jugo da arbitrariedade que tão cruelmente pesava sobre vós, quebrou-se neste fausto dia ; não mais vitimas do poder intruzo, que uma odiada facção sustentava, apparecerão. Agora gozaeis da paz e prosperidade, frutos certos do governo justo e patriótico do exm^o. sr. vice-presidente, o dr. Marciano Pereira Ribeiro. Vossos irmãos, os briosos rio-grandenses, que me acompanham, se gloriam de ter corrido em vosso socorro, e eles velarão sempre pela vossa segurança e tranquillidade. Compatriotas ! Completou-se um mês desde o dia 20 de setembro em que soou nesta provincia o grito de liberdade e já não existem facciosos a combater. Oh ! quanto é poderosa a força da opinião ! Ela completou seu triumpho na vossa cidade : regosijái-vos e abraçái vossos patrícios que correram ás armas para

salvar a patria. Esquecei os males que vos fez sofrer a intruza governança do dr. Braga ; e o mais justo jubilo substitúa a dor que com sobeja razão opprimia vossos corações, vendo a arbitrariedade triunfante em nossa patria. Esquecei sua infausta duração e em mais serenos dias unidos, trabalharemos para o bem, e prosperidade de nossa béla provincia.

Viva a liberdade ! Viva o nosso jovem monarca constitucional o sr. D. Pedro II ! E vivam os briosos rio-grandenses livres !

Campo junto á cidade do Rio Grande,
21 de outubro de 1835.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva*".

DIA 23 : — Em carta desta data ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, escrita de S. José do Norte, Bento Gonçalves dá por pacificada a provincia.

"Completo-se neste dia a pacificação da provincia e com ella a grande obra encetada no dia 20 de setembro p. p. pelos sustentadores das leis, e dos principios liberaes, ou para melhor dizer, pela grande maioria dos riograndenses ; apresso-me, portanto, a participar a V. Excia. este feliz acontecimento, que deve encher do mais puro prazer a todos os corações verdadeiramente amantes do bem estar de nossa cara patria, e de nossas liberdades. No dia 21 avançando a columna dos livres que tenho a honra de comandar para a cidade do Rio-Grande, recebi officios da Camara Municipal da mesma, em que reconheciam a autoridade de V. Excia., convidando-me a tomar posse da dita cidade, o que verifiquei no mesmo dia. Alí tive a certeza que a Camara, em consequência do meu officio com data de 20, tinha officiado ao dr. Braga, que se achava a bordo de uma das embarcações fundadas na Barra, requisitando-lhe a

liberdade do benemerito deputado Domingos José de Almeida, a qual teve efeito ontem, com grande satisfação do povo e da fôrça armada. Sendo voz pública que o dr. Braga no seu embarque tinha levado todos os dinheiros dos cofres das diversas repartições públicas, contando-se vinte contos em moeda corrente, duzentos e tantos em cédulas não firmadas, oitenta e tantos em letras para vencer-se, além de sessenta e mais gastos em assalariar marujos portugueses, que ele tinha armado, assim como os facinorosos que seguiam as ordens de Silva Tavares, Manuel Márques de Souza e Antonio Soares de Paiva, e mais despesas em compra de armamentos de uma embarcação, julguei do meu dever, afim de salvar qualquer responsabilidade, officiar, como immediatamente officiei, ás diversas repartições públicas, tanto desta vila, como da cidade do Rio-Grande, para que declarassem o que fôr verdade a respeito, o que se não tem verificado até o presente. Hoje pelas oito horas da manhã o dr. Braga fez-se á vela no brigue-cscuna Parobé, tomando a direção do norte, com as canhoneiras da nação, e oito embarcações mercantes, deixando a canhoneira que esteve estacionada em Itapuã, sem armamento, velames e &c. Com objéto de passar revista aos cidadãos armados ao mando do distinguido cidadão Onofre Pires da Silveira Canto, passei hoje para esta, e á minha chegada os vereadores receberam-me na porta da Camara Municipal, donde passamos á Matriz aonde se cantou o Te-Deum em ação de graças pela pacificação de nossa patria; e depois de ter passado revista, proclamei aos briosos rio-grandenses, cuja copia junto lhe remeto; reinando em todos a melhor harmonia e bôa ordem. As noticias que tenho da fronteira são tambem altamente satisfatórias. Com data de 16 do corrente o Exmo. sr. Comandante das armas

officiou-me communicando-me que os movimentos observados no Estado visinho eram medidas de pura prevenção daquele Governo, e que o marechal Barreto e o coronel Rodrigues ainda se acham na estancia do ultimo em Taquarembó. A' vista de todo o referido e nada constando-me que presentemente existam na provincia facciosos com armas na mão, seria mui conveniente que o povo visse quanto antes realizados os seus votos, reunindo-se extraordinariamente seus escolhidos na Assembléa Provincial, afim de sanar as profundas chagas que tem feito no nosso corpo social a infausta administração do dr. Braga. Esta medida salutar acabará infalivelmente de co-roar a grande empreza : cumpre-me agora felicitar V. Excia. pelo feliz desenlace do movimento de 20 de setembro, e pela gloria que tem adquirido os riograndenses militares e cidadãos, que menosprezando os trabalhos e perigos, e dando sempre provas de virtude e constancia, concorreram para a salvação de nossa cara patria. Prasa aos Céus que nunca mais, pelas intrigas da facção retrógrada e anti-nacional, sejam turbados os dias de felicidade que a esperam !

Deus guarde a V. Excia. — Vila de São-José-do Norte, 23 de outubro de 1835. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-presidente desta provincia.

O coronel *Bento Gonçalves da Silva*".

DIA 29 :— Fernandes Braga chega ao Rio de Janeiro encontrando já na Regencia o padre Diogo Antonio Feijó que; em virtude da reforma constitucional de 12 de agosto de 1834, substituiu a regencia trina. Logo de chegada desenvolveu o dr. Braga a sua atividade de despeitado, pintando a Feijó as cousas de uma maneira verdadeiramente desesperadôra. Feijó que ignorava a calma já reinante na pro-

vincia, em vez de atender ás exigencias dos revolucionarios pondo, assim, termo á luta, fomentou ainda mais a rebelião com ordens severas.

NOVEMBRO DE 1835

DIA 1.º :— E' posto em circulação, em Pôrto Alegre, o jornal *O Mensageiro*, impresso na Tipografia de V. F. de Andrade. Foi seu redator Vicente Xavier de Carvalho. Destinava-se *O Mensageiro* a defender o governo do dr. Marciano Pereira Ribeiro. Susteve sua publicação a 3 de maio de 1836.

DIA 28 :— E' aberta, extraordinariamente, a Assembléa Legislativa Provincial, após duas sessões preparatorias (26 e 27), com a *fala* do dr. Marciano Pereira Ribeiro, publicada em *O Mensageiro*, de 1.º de dezembro de 1835, n.º 9.

DEZEMBRO DE 1835

DIA 4 :— A Regencia dirige aos rio-grandenses a seguinte proclamação, prometendo anistia geral :

“Rio-grandenses : Os movimentos de ilusão, que vos levaram ao passo irrefletido e criminoso de conspiradores contra a primeira autoridade da provincia, já certamente tem passado, e deixado lugar á meditação de uma razão tranquila. O Governo atual proclamando nos primeiros dias da sua administração os principios de justiça, por onde pretendia guiar, e julga com efeito ter guiado a sua conduta politica, e mandando-vos outra autoridade para substituir aquella que se achava demitida, deve merecer a vossa confiança. Um só motivo, pois, poderá conservar-vos na posição infeliz em que vos collocastes : o temor do castigo.

Rio-grandenses ! Quanto não tendes bem merecido da patria pelo denodo com que em todos os tempos expusestes a vida para conserva-la sem ignominia ! O Rio-Grande desde 7 de abril de 1831, tem servido sempre de asilo aos perseguidos, tem sido o exemplo da moderação : e hoje ! rio-grandenses ! E' preciso apagar a nódoa de uma provincia heroica. Um desvio momentaneo uma simples alucinação, podem ser perdoados, enquanto não se convertem em acintosa resistencia, e decidida rebelião. Voltái á obediencia devida as autoridades legitimas, e, longe de acreditardes nos que vos aterram com a ideia de castigos, e perseguições, confiai nas vistas paternais do Regente em nome do Imperador o sr. D. Pedro II, que, indulgente todas as vezes que o puder ser sem quebra da dignidade nacional, e dos seus deveres, vos promete, por meio de uma anistia geral, o total esquecimento dos vossos erros.

A Assembléa Geral, tendo diante dos olhos os relevantes serviços que tendes prestado ao imperio, não poderá deixar de dar o seu assenso, e approvação a este ato do Governo.

Entretanto voltái sem susto ás vossas ordinarias occupações. O presidente da provincia vigiará que ninguem seja perseguido e apoiado pelos verdadeiros amigos da patria desterrará o temor e a consternação dessa béla, e interessante parte do solo brasileiro.

Rio-grandenses ! Correspondei á expectação do Governo, aos votos dos homens de bem. Coadjuváí com vossos esforços o Regente em nome do imperador o senhor D. Pedro II, que será fiel, e solícito em manter intactas as nossas instituições, em firmar as públicas liberdades, em consolidar a integridade do imperio, e em tornar, abraçados com todos os brasileiros, a monarquia constitucional cada vez mais

digna do seu amor, e veneração, assim como é penhor mais seguro de paz, e de união, que a Providencia nos concedeu. — Palacio do Rio de Janeiro em 4 de dezembro de 1835, decimo quarto da Independencia, e do Imperio. — Diogo Antonio Feijó, — Antonio Paulino Limpo de Abreu, — Manuel Alves Branco, — Manuel do Nascimento Castro e Silva, — Manuel da Fonseca Lima e Silva”.

DIA 8 :— *O Mensageiro*, n.º 11, desta data, publica a seguinte nota :

“No dia 2 do corrente, natalicio de S. M. I. o senhor D. Pedro Segundo, houve na Igreja Matriz um solene Te-Deum, a cujo ato assistiram o Exmo. vice-presidente, autoridades civis, militares e um numero concuro de cidadãos. O que porém nos causou admiração foi que, excepto a barca de vapor, e um bergantim americano, nenhuma das embarcações surtas neste pôrto se embandeirassem por um dia tão esplendido ; este procedimento faz que suspeitemos que da parte dos proprietarios dessas embarcações nenhuma afeição consagram ao augusto monárca do Brasil !”

DIA 9 :— A Assembléa Provincial nega a posse, por unanimidade de votos, ao dr. José de Araujo Ribeiro, novo presidente nomeado. Este fáto foi de grande importancia para os acontecimentos que depois se desenrolaram. (Veja-se nosso — *Farrapos!*)

A negação de posse teve iniciativa fóra da Assembléa. Todos os juizes de paz da capital dirigiram, na manhã deste dia, officios ao secretario da Assembléa, pedindo, em nome do povo, fosse sustida a posse do presidente :

“Ilmo. Sr. — Agora sei que em todos os distritos desta cidade se estão reunindo os seus moradores, pedindo aos juizes de

paz respetivos, que se suste a posse do dr. José de Araujo Ribeiro, nomeado presidente da provincia até que o Governo central aprove a revolução do dia 20 de setembro do corrente e confirme todas as medias tomadas depois dela ; por isso o faço saber a V. S., afim de que a Assembléa Provincial tome as medidas que julgar conveniente. — Deus guarde a V. S. — Pôrto Alegre, 9 de dezembro de 1835. — Secretario da Assembléa Provincial. — Vicente Ferreira Gomes, Juiz de Direito, e Chefe de Policia interino”.

DIA 15 : — A Assembléa Legislativa Provincial representa ao Governo de S. M. I. e C. explicando os motivos que a levaram a demorar a posse do dr. Araujo Ribeiro. (*O Mensageiro*, n.º 14, de 18-12-1835, publica a integra da representação).

DIA 25 : — E’ posto em circulação o primeiro numero do jornal *O Liberal Rio-Grandense*, impresso na Tipografia do *Mercantil*, (tambem recém-fundado) sob a direção do major Mateus Gomes Viana. Fundado na cidade do Rio-Grande, para defender a legalidade, allí existiu até 1836.

DIA 30 : — Bento Manuel Ribeiro depois de, secretamente, unir-se ao dr. Araujo Ribeiro hipotecando-lhe solidariedade completa, em vista da attitude da Assembléa com a qual não pactuou, — proclama, de São-Gabriel, na qualidade de comandante das armas, sustentar o governo do dr. Araujo Ribeiro e ordenando ás tropas prestarem absoluta obediencia ao mesmo, como legitimo presidente da provincia.

JANEIRO DE 1836

DIA : 4 — Tendo a Assembléa Provincial deliberado empossar o dr. Araujo Ribeiro, o vice-presidente dr. Marciano Pereira Ribeiro divulgou a seguinte

PROCLAMAÇÃO

“Rio-grandenses ! A Assembléa Legislativa Provincial, que extraordinariamente convoquei para minorar os males que sobre nós pesavam, sempre solícito pelo vosso bem-estar, e pela prosperidade desta provincia, tendo resolvido em sessão de 9 do preterito espaçar a posse do presidente nomeado, o dr. José de Araujo Ribeiro até que o Governo de S. M. melhor informado do verdadeiro estado das nossas cousas houvesse de lançar sobre o continente suas vistas paternais, dirigindo-lhe com esse fim uma representação motivada ; hoje convencida das intenções pacificas e conciliadoras do mesmo Governo acaba de dar um solene desmentido aos falsos e aterradores boatos de pretender-se separar a provincia da comunhão brasileira, resolvendo empossar quanto antes da presidencia da provincia do dito presidente, a quem passo a comunicar esta deliberação. Rio-grandenses : Não trepideis um momento ; o homem destinado para presidir-vos não é estranho, e tambem é feitura vossa, vosso patricio e amigo e saberá bem aliar os deveres de delegado do Governo Supremo ao de administrador de um povo livre. Retenhamo-nos, pois, em torno dele, e dias serenos brilharão em nossos horizontes. — Viva a nação brasileira ! Viva o sr. D. Pedro II Imperador Constitucional do Brasil ! Vivam os rio-grandenses livres ! Viva o dia Vinte de setembro ! — Palacio do governo da provincia em Pôrto Alegre, 4 de janeiro de 1836. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*”.

DIA 5 :— O dr. Marciano Pereira Ribeiro expede a seguinte circular ás Camaras Municipais da provincia :

“Havendo a Assembléa Provincial em sessão de õntem deliberado empossar da presidencia deste provincia ao dr. José de Araujo Ribeiro, cumpre que Vmm. o façam constar em seu municipio, publicando para esse fim a proclamação que junto envio. — Deus Guarde a Vmm. — Pôrto Alegre, 5 de janeiro de 1836”.

Nesta mesma data dirigiu-se o dr. Marciano ao dr. Araujo Ribeiro dando notficia da deliberação da Assembléa :

“Illmo. e Exmo. sr. — Havendo a Assembléa Legislativa Provincial deliberado em sessão de õntem empossar a V. Excia. quanto antes da presidencia desta Provincia, o que immediatamente fiz público pela proclamação junta, que nesta data dirijo a todas as Camaras ; tenho a satisfação de comunica-lo a V. Excia. rogando-lhe de parte da mesma Assembléa que haja de comparecer com urgencia perante ela para tomar posse do cargo.

Deus guarde a V. Excia. — Pôrto Alegre, 5 de Janeiro de 1836. — Illmo. e Exmo. sr. dr. José de Araujo Ribeiro, presidente nomeado para esta provincia. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*”.

DIA 8 :— Segue do Rio de Janeiro, com destino ao Rio Grande, então sublevado, uma força naval dos brigues “Três de Maio”, comandada pelo 1.º tenente Bernardino José Coelho, e “Niger”, do comando de José Maria Ferreira, do patacho “Po-

juca” e um transporte, conduzindo 316 praças de caçadores e 64 de artilheria. (Garcez Palha).

DIA 11 :— O dr. José de Araujo Ribeiro, respondendo a carta do dr. Marciano, de 5 (veja esta data), disse :

“Illmo. e Exmo. sr. — Tive a honra de receber o officio de V. Excia. de 5 do corrente mês, e com ele a certeza de que a Assembléa Provincial anuira na sessão do dia antecedente, a que eu tomasse posse da presidencia da provincia.

Muito agradavel foi esta noticia, não só a mim, como a todos os bons rio-grandenses, que sinceramente se interessam na paz e concordia da provincia ; o que eu só lamento é que meu actual máu estado de saude me não permite fazer a viagem para essa cidade com aquella urgencia que V. Excia. por parte da Assembléa me recomendou ; mas não deixarei de assegurar que farei todo o esforço para aí comparecer o mais cedo que me fôr possivel.

Deus guarde a V. Excia. — Norte. 11 de janeiro de 1836. — Illmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Percira Ribeiro. — *José de Araujo Ribèiro*”.

DIA 15 :— Em virtude da denegação de posse pela Assembléa provincial, em Pôrto Alegre, o dr. José de Araujo Ribeiro, apesar da nova resolução da mesma Assembléa, toma posse da presidencia da provincia perante a Camara Municipal da cidade do Rio-Grande, quasi toda dominada pelos revolucionarios.

— Nessa mesma data, e talvez á mesma hora, escrevia o dr. Marciano Pereira Ribeiro o seguinte officio ao dr. José de Araujo Ribeiro :

“Ilmo. e Exmo. sr. — Com o pretexto de se haver demorado a posse de V. Excia. se trama uma contra-revolução, de cujos preparativos tenho não só denuncia, mas ainda documentos autenticos. Para a fazer abortar me vi obrigado a lançar mão de medidas capazes de aterrar os revoltosos, e de defender a cidade de qualquer tentativa da parte deles. O melhor meio porem de acabar com este estado de inquietação é V. Excia. apressar sua vinda para tomar posse ; pois que com esse passo se tira o pretexto de que se servem os revoltosos ; e por isso espero que V. Excia. se não demore tempo algum. — Deus guarde a V. Excia. — Pôrto Alegre, 15 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. José de Araujo Ribeiro, presidente nomeado para esta provincia. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*”.

DIA : 16 — O dr. José de Araujo Ribeiro participa ao dr. Marciano Pereira Ribeiro a sua posse na presidencia da provincia, perante a Camara Municipal da cidade do Rio-Grande :

“Ilmo. e Exmo. sr. — Tenho a honra de participar a V. Excia. que anuindo aos desejos já manifestados pela maior parte das Camaras Municipais e cidadãos da provincia, deliberei-me a tomar posse da presidencia dela, e o fiz ôntem 15 do corrente pelas onze horas da manhã na Camara desta cidade com todos os requisitos e solenidades

da lei. Não me permitindo ainda o meu debil estado de saude seguir immediatamente para essa cidade, officio nesta occasião ao Official Major dessa secretaria, que interinamente serve de secretario, dando as providencias que julgo mais necessarias á respeito da guarda dos arquivos do Governo, e aproveito-me tambem desta oportunidade para agradecer a V. Excia. a solicitude que sempre manifestou pela conservação do sossego da provincia, durante a sua vice-presidencia. — Deus guarde a V. Excia. — Rio-Grande, 16 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro. — *José de Araujo Ribeiro*”

DIA 22 :— Ao dr. José de Araujo Ribeiro respondeu o vice-presidente, dr. Marciano Pereira Ribeiro pelo teor seguinte (Veja dia 16) :

“Ilmo. e Exmo. sr. — Acabo de receber o officio de V. Excia. de 16 do corrente, em que me comunica haver-se deliberado a tomar posse da presidencia da provincia, e have-la tomado de fato na Camara Municipal da cidade do Rio-Grande, o que me não surpreendeu.

Sem pretender qualificar o passo que V. Excia. acaba de dar, e muito menos entrar no exame dos motivos que o indusiram a da-lo, só me cumpre dizer-lhe em vista da sua participação, que hei por concluida a minha missão, e me dou por demittido da vice-presidencia da provincia, como faço constar pela proclamação que junta envio, ficando a V. Excia. muito agradecido pela justiça que me faz. — Deus guarde a V

Excia. — Pôrto Alegre, 22 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. José de Araujo Ribeiro. — *Dr. Marciano Pereira Ribeiro*".

— Renunciando a vice-presidencia da provincia em virtude da posse de Araujo Ribeiro no Rio-Grande, o dr. Marciano Pereira Ribeiro divulgou a seguinte proclamação :

"Rio-grandenses ! Pela comunicação official que com esta faço correr, vereis que o sr. José de Araujo Ribeiro deliberou tomar posse da presidencia da provincia na cidade do Rio-Grande. O cumprimento de um dever sagrado, o amor da ordem, e o zelo do bem público me obrigaram aceitar a vice-presidencia ; estes mesmos motivos me induzem hoje a renuncia-la ; e ao momento de despedir-me tenho a satisfação de anunciar-vos que a causa da razão e da justiça ganhou mais um triumpho. Os retrógrados, que animados por mão oculta, e conseguindo seduzir alguns incautos colonos, ousaram tentar uma contra-revolução levantando o estandarte da revolta nas imediações de São Leopoldo, acabam de depor as armas a vista das patriotas falanges, comandadas pelo invicto Bento Gonçalves da Silva, e seus cabeças fogem dispersos e espavoridos em todas as direções ; emquanto que os pacificos e industriosos colonos continuam em suas uteis e louvaveis occupações.

Compatriotas. Patenteando-vos todos os atos da minha administração julgo ter-vos dado a melhor prova da pureza de minhas intenções. Aos poderes públicos da nação, e ao juizo imparcial e seguro dos sinceros amigos da provincia e do Brasil entrego a avaliação do meu procedimento e dos atos da benemerita e patriotica Assembléa Provincial. Entretanto eu vos exorto a permanecer tranquilos, para evitar os males que de nova comoção possam sobre-

vir-nos, na certeza de que, vosso concidadão e amigo, vos acompanharei em todas as vossas justas reclamações.

Viva a nação brasileira! Viva o sr. D. Pedro II! Viva o Regente do Imperio! Vivam os rio-grandenses! Viva o dia Vinte de setembro.

Pôrto Alegre, 22 de janeiro de 1836.

Dr. Marciano Pereira Ribeiro

DIA 27 :— A Assembléa Provincial dirige-se em termos energicos ao dr. Araujo Ribeiro, protestando contra sua posse ilegal no Rio-Grande.

“Ilmo. e Exmo. sr. — A Assembléa Legislativa desta provincia, a quem foi presente o officio datado de 16 do corrente, que V. Excia. houve por bem dirigir ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, então vice-presidente da mesma, participando-lhe que no dia 15 do citado mês havia tomado posse perante a Camara dessa cidade do emprego de presidente que lhe foi conferido, resolveu protestar-lhe, como de fato protestado tem contra a illegalidade de sua posse. A’ V. Excia. não é desconhecido que semelhante ato só podia ter lugar perante esta Assembléa, estando ela reünida, e não o estando perante a Camara da capital. Ora, praticando V. Excia. — o contrario, é evidente que encetou a marcha de sua administração por uma manifesta infração da lei, quando aliás por sua posição elevada, devia ser o primeiro que dêsse o exemplo de a respeitar.

Bastante doloroso foi para esta Assembléa o menoscabo com que V. Excia. a tra-

tou, desprezando o convite que lhe fez para vir á esta capital tomar posse do seu cargo na forma da lei ; e ainda mais doloroso lhe foi o procedimento anárquico que V. Excia. acaba de ter, expondo a provincia aos males de uma funesta rivalidade e aos horrores da guerra civil. Por todos estes fatos e suas consequencias a Assembléa o faz desde já responsavel perante a nação, e ao Governo do Brasil ; e querendo dar a ultima prova do quanto almeja o bem público insiste em exigir que V. Excia. repare seu erro, e venha sem perda de tempo empossar-se legalmente do emprego, até o dia 15 de fevereiro proximo futuro, ficando V. Excia. na intelligencia de que esta Assembléa se conservará reünida até esse tempo, para curar o mal que pôde sobrevir á provincia si tenaz V. Excia. em seu propósito continuar a infringir a lei. — Paço da Assembléa Provincial, 27 de janeiro de 1836. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. José de Araujo Ribeiro, — presidente nomeado para esta provincia. — *Francisco Xavier Ferreira*, presidente ; — *José Mariano de Matos*, 1.º secretario ; — *Antonio Alvares Pereira Coruja*, 2.º secretario”.

DIA : 28 — A Assembléa Provincial proclama aos “Rio-grandenses” justificando o seu protesto contra a posse ilegal de Araujo Ribeiro e provando ter feito o possivel e ainda o estar fazendo, para manter a paz e a ordem na provincia.

DIA 31 : — Bento Manuel Ribeiro que discordára da attitude dos revolucionarios com relação ao dr. José de Araujo Ribeiro e declarando-se disposto

a defender a este, conforme proclamação divulgada a 30 de dezembro anterior, escreve, nesta data, a seguinte carta a Antonio Vicente da Fontoura :

“Ilmo. amigo e sr. Fontoura. — Recebi a sua apreciavel carta e a adjunta copia que o mesmo me tinha dito o coronel Bento Gonçalves em carta de 27 do que finda ; era o mesmo que devia esperar aquella cambada de impostores, que só para transtornar a ordem servem. No mesmo dia 27 se reuniu a Assembléa, e officiaram ao presidente fazendo ver o transtorno na capital com a falta dele, pois o dr. Marciano demitiu-se no dia 22 como se vê de sua proclamação, e me parece com a vinda do presidente para Pôrto Alegre ficará tudo concluido no entanto eu me retiro para Boca do Monte até ver os ultimos resultados.

Sou com estima de V. Sa. amigo parente e obgo. — *Bento Manuel Ribeiro.*

As cartas juntas terá a bondade remeter aos seus destinatarios”.

A esta carta, que copiamos do arquivo de Fontoura, hoje pertencente ao Museu e Arquivo Histórico de Pôrto Alegre, o destinatario fez, no fim dela, o seguinte reparo : “Que coincidencia ! Aqui cambada de impostores que só para transtornar a ordem servem, e na proclamação junta — são os míseros anciãos cujas venerandas cãs adereçadas de serviços á Patria e á Religião mereciam que se lhes catasse (sic) mais respeito”.

FEVEREIRO DE 1836

DIA 3 : — A Assembléa dirige veemente accusação ao ato ilegal de posse, de Araujo Ribeiro, ao Governo de S. M. I.

— Aparece, em Pôrto Alegre, o primeiro numero de *O Colono Alemão*, jornal dirigido por Herman von Salisch, editado na Tipografia de F. V. de Andrade. Seu ultimo numero foi publicado em março de 1836. Foi jornal puramente farroupilha. — Sobre seu diretor, encontramos nas Atas da Assembléa Legislativa Provincial o seguinte requerimento firmado por Domingos José de Almeida :

“Sendo tão relevantes os serviços a esta cidade e á provincia em geral prestados pelo honrado estrangeiro Hermano Salisch que não exitou em arriscar a sua existencia em o dia 21 do passado mês, para vedar que o sangue brasileiro derramado fosse por brasileiros degenerados, instigados pelo genio do mal, não só ousaram desenrolar o estandarte da anarquia, mas ainda comprometer a nascente e prospera colonia de São-Leopoldo, sendo tão transcendentés tais serviços, que remetidos ao esquecimento seria verdadeiro espolio a prosperidade, que tem de ver com assombro nossos esforços para estabelecer a primeira monarquia constitucional no torrão americano, requeiro que se consigne na Ata de hoje o nome do benemerito estrangeiro Hermano Salisch, recomendando-o assim á gratidão dos brasileiros que ardentemente almejam a liberdade e prosperidade de seu país. — Sala das sessões, 5 de fevereiro de 1836. — *Almeida*”.

DIA 11 : — A Assembléa dirige ao Governo de S. M. I. violenta accusação contra o ex-presidente dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, historian-

do os acontecimentos. (*O Mensageiro* de 19-2-1836, n.º 30, publica a acusação na íntegra).

DIA 16: — Toma posse, em Pôrto Alegre, da presidência da provincia, o vice-presidente dr. Americo Cabral e Mello em virtude da renuncia do dr. Marciano Pereira Ribeiro que, em vista da attitude do dr. José de Araujo Ribeiro, no Rio-Grande, se julgou livre do encargo que lhe fôra imposto. Os farrroupilhas que dominavam a capital não estavam, porem, de acordo e não tendo Araujo Ribeiro siquer respondido ao convite da Assembléa (Veja dia 27 de janeiro precedente) empossaram o dr. Cabral e Mello que dirigiu, no dia seguinte, a circular abaixo a todas as Camaras Municipais da Provincia :

“Não tendo acudido o dr. José de Araujo Ribeiro ao chamamento da Assembléa Provincial até o dia que lhe foi destinado para verificar a posse da presidencia nesta capital ; fui eu chamado pela mesma Assembléa para o substituir, e tomei posse no dia 16 do corrente : O que participo a a Vmm. para sua intelligencia. Aproveito a ocasião para tambem lhes participar que tendo suspenso o coronel Bento Manuel Ribeiro do comando das armas, nomeei interinamente o major João Manuel de Lima e Silva para o substituir, e que encarreguei ao coronel Bento Gonçalves da Silva da pacificação desse lado da provincia, cumprindo por isso a Vmm. prestarem-lhe todo o auxilio e coadjuvação de que carecer. Deus guarde a Vmm.

Pôrto Alegre, -17 de fevereiro de 1836.

Americo Cabral e Mello”.

DIA 24 :— Encontro no passo do Capané entre as forças legais comandadas por Bento Manuel Ribeiro, e as farrroupilhas chefiadas por Afonso José de Almeida Côrte Real. Bento Manuel foi derrotado celebrando a musa popular o feito na seguinte quadra :

No dia vinte quatro,
no passo do Capané,
Bento Manuel escapou-se
só com uma bóta no pé.

Este recontro é geralmente mencionado como ferido no dia 24 de março. Entretanto, pelo trecho que a seguir transcrevemos, de uma carta de Gaspar Francisco Gonçalves ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, de 25 de fevereiro, vê-se claramente que o feito teve lugar nos dias 23 e 24 de fevereiro :

“No dia 23 de manhã, — diz o missivista, — postada a divisão de Bento Manuel aquem do Iruí, e a nossa divisão de Afonso além do dito arroio, os facciosos expeditaram uma guerrilha a nossa gente fazendo fogo ; mas a nossa gente em defesa repeliu esta guerrilha ; então se assomou no passo toda a gente de Bento Manuel ; e reforçada a nossa guerrilha continuou o fogo com vantagem nossa. E’ notavel que a gente de Cima da Serra da Cruz Alta apenas viu o nosso estandarte puzeram-se em desordem dizendo que contra aquele estandarte em que estava, as armas do imperio, não brigavam, e que vinham iludidos por Bento Manuel. Mas continuando algum fogo de guerrilhas rapidamente se assomou na coxilha em que estava a nossa gente as forças chegadas em auxilio dessa comandadas pelo major Moraes ; pelo que Bento Manuel fez tocar retirada ; e veiu a fala, em cuja conferencia querendo cada um

fazer o outro desarmar a gente, e dispersa-la não se convencionaram; teimandô Afonso em obedecer legalmente a V. Excia. e o faccioso em obedecer ilegalmente ao presidente intruso; pelo que se retiraram; e ao outro dia Afonso procurando o inimigo não o achou, que havia fugido com a gente;...”.

DIA 27 :— Araujo Rineiro depois de tomar posse no Rio-Grande, e vendo as cousas mal paradas, como medida preventiva ordenou a reunião da flotilha imperial composta das canhoneiras *Oceano* e *São-Paulo*, da barca *Líberal* e do cúter *Minuano*, no pôrto do Rio-Grande. Além desses navios havia ainda varios lanxões e hiates armados em guerra.

A ordem presidencial foi por todos cumprida, excepto por Tobias dos Santos (Tobias Antônio dos Santos Robálo), comandante do cúter *Minuano*. Como resistisse á intimação, foi atacado por ordem de Araujo Ribeiro, pelas canhoneiras, á frente das quais a *Oceano*, com a qual sustentou encarniçada luta. Vendo, por fim, impossivel continuar a resistencia, Tobias, com mulher e filhos á bordo, preferindo morrer a entregar-se, põe fogo no paiól da pólvora. Uma detonação ribombou, levando tudo pelos ares... (Veja-se nosso *Farrapos!*). — Segundo Aurelio Pôrto, são páis de Tobias: Manuel da Silva Carvalho e Maria Plácida dos Santos, sendo seu avô materno Manuel dos Santos Robálo, capitão-mór de Sorocaba.

MARÇO DE 1836

DIA 3 :— O Governo da Regencia dá o “tiro de misericordia” nas esperanças de reconciliação dos revolucionarios, reconhecendo a legalidade da posse arbitraria de Araujo Ribeiro, no Rio-Grande, com o decreto desta data mandando fossem transferidas

para aquela cidade todas as repartições públicas de Pôrto Alegre.

DIA 17 :— No Passo do Rosario é Côrte Real, comandante de forças farroupilhas, desbaratado pelos imperiais ao mando de Bento Manuel Ribeiro.

DIA 28 :— Toma novamente posse da presidencia farroupilha, perante a Assembléa Legislativa Provincial, o dr. Marciano Pereira Ribeiro, em virtude da renuncia do dr. Americo Cabral e Mello que se dizia doente. Entretanto, ao que parece, o motivo foi terem-se frustrado as esperanças de pacificação...

ABRIL DE 1836

DIAS 7 - 8 :— As fôrças revolucionarias, comandadas por João Manuel de Lima e Silva, — tio do mais tarde Duque de Caxias, — entram em Pelotas após renhida batalha. Os imperiais, comandados pelo major Manuel Márques de Souza (mais tarde conde de Pôrto Alegre) resistiram até o fim, e só se renderam ao terem conhecimento da derrota do coronel Albano de Oliveira Bucno, no São-Gonçalo, pelas fôrças de Neto que formava a retaguarda das de Lima e Silva. Nesse combate do São-Gonçalo, depois de heroica resistencia, foi preso o coronel Albano e, em viagem para Pôrto Alegre, cobardemente assassinado por negros que, em seguida ao crime, fugiram, nunca mais se tendo noticias deles.

Na tomada de Pelotas ficou prisioneiro o major Márques de Souza que foi enviado para Pôrto Alegre e metido na celebre *Presiganga*, de onde, com a conivencia do carcereiro e de colonos de S. Leopoldo chefiados pelo dr. João Daniel Hillebrand, promoveria, em grande parte, a reacção de 15 de junho que restituiu a capital aos imperiais.

Foi o seguinte o termo de capitulação assinado por Márques de Souza :

“A fôrça que tenho a honra de comandar, querendo evitar efusão de sangue de seus compatriotas, que necessariamente correrá sinão lhe admitirem uma capitulação honrosa, declara que deporá as armas, si o comandante da fôrça que nos sitia garantir as vidas e todas as mais considerações com que entre povos civilisados se costumam tratar os prisioneiros ; protestando no caso de se lhe negarem estas condições não as abandonar sinão quando tenham exalado o ultimo suspiro ; pois que prezam mais a honra, que a vida sem ela.— *Manuel Márques de Souza*. Major comandante militar da cidade de Pelotas”.

“O comandante da fôrça sitiante da cidade de Pelotas desejando evitar efusão de sangue brasileiro, que impreterivelmente haveria si a fôrça sitiada não depusesse as armas ; declara que aos militares, e mais individuos da fôrça sitiada serão garantidas as vidas ; e todas as mais considerações com que entre povos civilisados é costume tratar-se os prisioneiros, e isto em toda a sua plenitude desde o momento em que eles depuzerem as armas. — Cidade de Pelotas, 7 de abril de 1836. — *João Manuel de Lima e Silva*, comandante interino das armas”.

DIA 12 :— Juca Ourives (José Inacio da Silva Ourives), chefe legalista, tenta apoderar-se de Pôrto Alegre ainda em poder dos farroupilhas, mas, vendo malogrado o seu plano pela aproximação das fôrças revolucionarias de João Manuel de Lima e Silva, bate em retirada.

DIA 22 :— O capitão Francisco Pinto Bandeira, á frente de 430 imperiais, encontra-se, junto á freguesia de Mostardas, com as fôrças farroupilhas

comandadas pelo coronel Onofre Pires da Silveira Canto. Pinto Bandeira é derrotado e morre em combate. Querem alguns, apoiados no depoimento de fugitivos da força imperial, que Pinto Bandeira tinha sido feito prisioneiro e, depois, degolado, ou fusilado, com toda a officialidade que fôra, na ocasião, aprisionada.

Em carta ao dr. Marciano Pereira Ribeiro, assim se refere Onofre Pires ao combate :

“Ilmo. sr. — Acuso a recepção do officio de V. Excia. datado de 15 do corrente, recebido a 21 ás 8 horas da noite junto a freguezia de Mostardas, lugar em que já me achava com uma fôrça de cento e cincoenta homens de meu mando para o fim de repelir os facciosos comandados pelos traidores capitão Francisco Pinto Bandeira, Juca Ourives, e outros iguais perversos, de cujos planos só tive noticia no dia 17, em que me puz em marcha ; e esta accelerada ; deixando o resto de minhas fôrças sitiando a vila do Norte para marchar no dia 19, o que com efeito efetuou-se ; e tendo uma completa participação de meus bombeiros de que o inimigo se achava immediato á freguezia, e por isso distante de minha fôrça de uma legua ; tencionei com efeito atacal-os com os meus cento e cincoenta bravos por conhecer o quanto se achavam possuidos de valor, e brayura, como verdadeiros defensores da patria. Porem não o fiz por esperar fazer junção com o resto da fôrça, que marchava na forma que já ponderei ; comtudo ás 9 horas da noite levantei o campo, e fiz uma marcha para

o passo do Capão do Marcelino, distante do acampamento 3 leguas, não só para mencionar a esperada junção, como para ganhar melhor posição. Com efeito, ao meio dia de hoje se apresentou essa horda de escravos, compostas suas fileiras de quatrocentos e trinta degenerados; e fazendo eu marchar minha fôrça sobre os mesmos; logo que achei posição, que me pareceu sufficiente, fiz uma parada té que com effeito á 1 hora da tarde se reüniu a fôrça que esperava ficando composta de trezentos e cincoenta homens o total da columna de meu mando. Tendo disposto o ataque em campo proprio, havendo o inimigo feito o mesmo, este pediu falar-me, ao que lhe mandei dizer que a unica mercê que lhe tinha a ceder era renderem as armas para pôr esta forma pouparem o derramamento de sangue; e quando assim não o fizessem experimentariam o quanto lhe seriam terriveis as espadas dos livres, que defendem a liberdade. Responderam que o não faziam, que estavam dispostos e que portanto iam principiar o fogo: a vista desta resposta conhecendo eu o incomparavel entusiasmo que existia entre os bravos e valorosos de meu mando, determinei a ação, dando vivas á nação brasileira, e á revolução do dia Vinte de setembro, e a todos os livres amantes de sua patria. Mandei avançar de espada na mão sobre os mesmos, havendo já aqueles facciosos atirado 5 tiros de peça com metralha; e debaixo de mais três tiros de canhão e uma descarga de mosquetaria, avançaram os dignos patriotas com deci-

dido valor e brio proprio de guerreiros da liberdade ; conseguindo logo debandar completamente nossos inimigos apreendendo duas bocas de fogo com sua competente munição, e grande porção de cavallhada. Ficaram prisioneiros 250 e tantos, e 30 e tantos mortos, entrando neste numero o capitão Francisco Pinto Bandeira, Joaquim Barcellos juiz de paz da Costa de Miraguaia, José Joaquim Ferreira, capitão João Crisostomo da Silva Salazar, e José Caetano escrivão do juiz de paz da Costa de Miraguaia : e de nossa parte, com pesar o digo, morreram 4 bravos, e 3 feridos, mas não mortalmente. Ficaram na mesma ocasião restaurados os patriotas conduzidos presos por aqueles crucis, o tenente-coronel Pedro Pinto de Araujo Correia, Juiz de paz Joaquim José Monteiro, Felisberto Henriques de Carvalho e seu irmão Clodoveu, ambos da vila de Santo-Antonio e outros mais, que não menciono nos seus nomes, posso afiançar a V. Excia. que foram aqueles perversos perseguidos em distancia para mais de quatro léguas, e logo que se recolheram todas as fôrças que os perseguiam, fiz sair outra em numero sufficiente, não só para ver si apreendia mais alguns dos inimigos dispersos, como tambem ao facinoroso Juca Ourives, que me dizem escapou-se por uma lagôa a nado. Amanhã pretendo fazer uma completa averiguação, e do resultado dela serão alguns dos prisioneiros influentes remetidos para prisão dessa cidade, e o restante farei soltar, alguns ficarão na força e outros mandarei para suas casas ; bem como farei seguir

uma força de 50 homens, comandados por Jeronimo José Castilhos para avançar até a freguezia da Serra e Torres, a-fim-de me inteirar do ocorrido por aqueles lugares, e mesmo prender alguns homens, que tornam-se precisos suas capturas para a salvação da nossa causa. Quando V. Excia. julgue esta minha deliberação acertada, determinará sobre a força como julgar conveniente, podendo asseverar-lhe, que pelos officios apreendidos a nossos inimigos, e que junto verá, V. Excia. achará criminoso, e como um dos cabeças da sublevação o juiz de paz da freguezia da Serra Antonio Ferreira Márques. — Campo da Honra, 22 de abril de 1836 — ás 11 horas da noite. — Ilmo. e Exmo. sr. dr. Marciano Pereira Ribeiro, vice-presidente da provincia. — *Onofre Pires da Silveira Canto*, coronel chefe da Legião”.

MAIO DE 1836

DIA 25 :— E’ nomeado presidente da provincia o brigadeiro Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

JUNHO DE 1836

DIA 2 :— Trava-se, no rio de São-Gonçalo, reñhido combate entre três navios da esquadra imperial e três baterias farroupilhas postadas duas na foz do arroio de Pelotas e uma no Passo dos Negros. Contra as duas primeiras baterias bateram-se denodadamente o vapor *Liberal* (comandante segundo tenente Joaquim Raimundo de Lamare) e a canhoneira *Oceano* (segundo tenente Santos Márques). Contra a bateria do Passo dos Negros bateu-se a canhoneira *São Pedro-Duarte* (segundo tenente Junqueira).

Os farroupilhas haviam-se colocado, durante a noite, nessas posições, sob o comando de João Manuel de Lima e Silva. O combate foi renhidissimo, perdendo os imperiais a canhoneira *São-Pedro-Duarte* que ficou completamente destruída, sofrendo os dois outros vasos grandes avarias. Assim mesmo conseguiram os imperiais fazer calar as baterias farroupilhas principalmente por ter sido gravemente ferido João Manuel de Lima e Silva. A' noite desse dia retiraram-se os rebeldes levando as suas peças e mais duas que retiraram da *São-Pedro-Duarte* que ficára abandonada. O número de mortos e feridos de ambos os lados foi consideravel, sendo maior o dos das guarnições imperiais.

DIA 5 : — Segue do Rio de Janeiro, no briguescuna *Leopoldina*, do comando do capitão-tenente Guilherme Parker, o capitão de mar e guerra John Pascoe Greenfell, nomeado comandante das fôrças navais em operações contra os rebeldes do Rio Grande do Sul (Garcez Palha).

DIA 13 : — Crescencio, á testa de pequena fôrça revolucionaria, ataca o forte de São-Miguel defendido pelos legais Silva Tavares e Bonifacio Isás Calderon. Depois de pequeno combate, vendo inutil continuar o ataque pela falta de gente e munição, Crescencio recua, deixando no campo alguns mortos.

DIA 15 : — Desde o 20 de setembro de 1835 estabelecera-se em Pôrto Alegre o governo revolucionario. Na *Presiganga* (navio-prisão surto no Guáiba) havia inumeros presos imperiais, contando-se entre eles o então major Manuel Márques de Souza. Graças a este, auxiliado pelos demais officiais prisioneiros e, especialmente, — com a conivencia do carcereiro, — por um grupo de colonos alemães de S. Leopoldo

dirigidos pelo dr. João Daniel Hillebrand, conseguem os legais, nesta data, apoderar-se novamente da cidade prendendo o então presidente dos revolucionarios, dr. Marciano Pereira Ribeiro e varios outros próceres entre os quais o famoso "Marat farroupilha", o juiz de paz Pedro José de Almeida (Pedro Boticario). — Em seguida ao golpe, assumiu o comando da praça de Pôrto Alegre o marechal João de Deus Menna Barreto (mais tarde Visconde de S. Gabriel). A capital, desta data em diante, apesar de varias vezes sitiada, nunca mais voltou ao ao poder dos farroupilhas. — A respeito da reação e do que se seguiu na capital, relata Antonio Alvares Pereira Coruja, secretario da Assembléa, e testemunha ocular dos acontecimentos de então: "Uma senhora, ao ouvir grande barulho na rua, depois da reação neste dia 15 de junho, chegou á janela e voltou em seguida, explicando ao esposo: — Marido, mingáu virou água; os caramurus tomaram conta da cidade". Em seguida, relata o cronista citado, referindo-se á falta de alimentação na praça: "O café, o chá e o mate, em muitas casas eram adoçados com rapadura e o pão branco com manteiga substituido por pão de milho sem ela". E isto, diz ainda o citado autor, porque depois do 15 de junho "começaram logo os saques de gente de casa em casa, e depois tambem o saque das dispensas, porque a cidade ficou logo sitiada por terra e por água, e com falta de recursos alimenticios". Apesar disso resistiram Márques de Souza e seus homens até que Bento Manuel Ribeiro, dias depois, conseguiu atravessar o Guáiba com gado de munício aos habitantes da *muito heroica e valerosa* cidade de Pôrto Alegre, — Este titulo lhe foi dado, depois, por esse acontecimento.

DIA 20 :— Querendo evitar um combate, Bento Gonçalves que se aproximára da cidade de Pôrto Alegre em poder dos imperiais, intima-a a render-se á discrição, não sendo, porém, atendido.

DIA 26 :— Travam-se as primeiras escaramuças entre os legais defensores de Pôrto Alegre e as fôrças sitiante, farroupilhas, comandadas por Bento Gonçalves da Silva.

DIA 30 :— Afastados de Pôrto Alegre com a contra-revolução vitoriosa, os farroupilhas, contudo, não desistem de seu intento movendo forte assédio. Nesta data teve lugar o primeiro grande assalto á cidade, chefiado por Bento Gonçalves. Após três horas de encarniçada luta, foram os farroupilhas repellidos pelos imperiais chefiados pelo marechal João De Deus Mena Barreto.

JULHO DE 1836

DIA 4 :— Na cidade do Rio-Grande toma posse da presidencia da provincia o brigadeiro Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

DIA 9 :— E' novamente nomeado, a pedido do povo, presidente da provincia, o dr. José de Araujo Ribeiro.

— O chefe Greenfell (Capitão-de-mar-e-guerra John Pascoe Greenfell), com a barca a vapor *Liberal* e a canhoneira n. 2, reconhece um forte que os rebeldes do Rio Grande haviam levantado na barra do arroio Pelotas e que era armado com um canhão de 9 e dois de 6. (Garcez Palha).

DIA 11 :— Ataque ao forte da barra do arroio de Pelotas. — Descendo o rio de São-Gonçalo, as canhoneiras ns. 3 e 4 e o cúter *Guarani* forçam a pas-

sagem junto ao forte e conseguem reunir-se á barca a vapor *Liberal* e ás canhoneiras n.ºs 1, 2 e 5. Com esses sete navios, Greenfell que os comandava inicia, logo após o meio dia, insistente ataque ao forte, mas sem resultado, retirando-se, por isso ao escurecer completamente decepcionado.

DIA 16 :— Novo assalto á Pôrto Alegre pelos farroupilhas. — A cidade estava cercada por todos os lados e os imperiais procuravam, por todos os meios repelir os rebeldes que mais e mais se aproximavam. Atacados, de-repente, por 23 legais no campo da Azenha, a pequena partida farroupilha, composta de 40 homens comandados por Antonio Manuel do Amaral Sarmento Menna, defende-se briosamente. — Ouvindo o tiroteio, a toda a brida parte para o campo da luta um irmão de Antonio Manuel, — Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna — que, vendo o irmão ferido, assume o comando da pequena força sendo, tambem, ferido, e gravemente. Dos legais, 19 jaziam mortos, um gravemente ferido no rosto e dois prisioneiros.

DIA 18 :— Em consequência do ferimento recebido no combate da Azenha, a 16, falece o bravo Francisco de Paula do Amaral Sarmento Menna, moço ainda, e poeta de valor. — Sua morte foi sentidissima, sendo espalhado, no dia do sepultamento (19), o seguinte soneto, sem designação de autor :

“Tranquilo no teu fim como Juliano
expiraste, Amaral, mortos deixando
vinte malvados do contrario bando,
escravos de Feijó, cruel tirano.

Em vão esse regente deshumano
irado contra nós se vái mostrando ;
em vão vái nossa patria devastando,
querendo executar terrivel plano.

As ideias da sã democracia,
que inspiraste, Amaral, á tua gente,
não baixarão comtigo á campã fria.

Justiça ha-de fazer-te o Sul prudente,
quando emfim proclamar com alegria
a república livre e independente”.

DIA 20 :— Pela terceira vez, depois da reacção de 15 de junho, tentam os farroupilhas apoderar-se de Pôrto Alegre, conseguindo, desta vez, entrar pelo lado dos Moinhos de Vento. — Foram, porem, repellidos pelo general Chagas Santos que os perseguiu até o alto dos Moinhos de Vento, pondo-os fóra dos muros da cidade. — O cerco continuou, contudo, até o dia 24, data em que Bento Manuel Ribeiro chega, com forte contingente, em socorro da cidade.

DIA 23 :— A escuna *Farroupilha*, dos rebeldes do Rio-Grande-do-Sul, passa-se para a legalidade com toda a guarnição, composta de 31 homens. Era armada com cinco canhões de bronze e 30 espingardas: (Garcez Palha).

DIA 24 :— Os farroupilhas levantam, á tardinha, o cerco de Pôrto Alegre.

— Na cidade do Rio Grande assume novamente a presidencia da provincia o dr. José de Araujo Ribeiro.

AGOSTO DE 1836

DIA 2 : — Em viagem, para Pôrto Alegre, John Pascoe Greenfell força, com exito, a passagem de Itapuã, fortificada pelos farroupilhas, e chega á capital tratando, logo, de arranjar meios para os atacar e destruir o forte.

DIA 6 : — Greenfell ordena o primeiro ataque ao forte de Itapuã, sendo repellido.

DIA 22 : — Diz Garcez Palha : — O chefe Parker (capitão-tenente Guilherme Parker), tendo recebido de Pôrto Alegre, vindos na canhoneira n. 4 e três hiates mercantes, 240 praças comandadas pelo coronel Francisco Xavier da Cunha, resolve atacar o forte de Itapuã. — A's 10 horas da manhã, na canhoneira n. 3, reconhece a praia e decide efetuar o desembarque no ponto denominado *Desertas*, ás 4 horas da madrugada seguinte. — As canhoneiras ns. 1, 2 e 4 e os hiates em que estava a tropa, deviam fazer-se de vela ás 10 da noite ; os patachos *Leopoldina* e *Venus*, e as canhoneiras ns. 4, 3 e 6 suspenderam ao romper do dia, e, aproximando-se do flanco do forte, romperam fogo, que devia continuar até que de terra, por sinal convencionado, se lhes avisasse estar a força assaltante junto ás trincheiras ; e, finalmente, ordenou-se que o segundo tenente Daniel Tompson e toda a tropa da brigada de marinha existente a bordo (28 praças) desembarcassem, servindo de sapadores. — A hora convencionada suspenderam as embarcações, mas o forte vento SSE e a grande cerração obrigaram-nos a fundear de novo adiando a operação.

DIA 23 : — Diz ainda Garcez Palha : — A's 5 horas da madrugada, tendo acalmado o vento, suspendem os navios do capitão-tenente Parker para

efetuar o desembarque em Itapuã, mas, havendo na praia que se tinha escolhido, mar de rolo, resolve-se dirigir a fôrça para o Saco do-Faria, e atacar, primeiro, o forte do Junco. — A's 9 horas da manhã começa o desembarque. — A canhoneira n. 1, comandada pelo primeiro-tenente Joaquim Raimundo de Lamare (depois Almirante e Visconde de Lamare), e n. 2, do comando de Rodrigo de Lamare, batem o flanco esquerdo da fortaleza; a de n. 6 bombardeia o flanco direito; as de ns. 4 e 5 e os hiates permanecem em frente ao ponto do desembarque, para assegurar a retirada no caso de um revez. — Apesar-da resistencia que oferecem, os rebeldes são rechaçados até ás trincheiras, que á uma hora e trinta caem em poder dos legais. — Perdem os revoltosos 32 praças mortas, 10 prisioneiros, duas peças de calibre 9, uma de 12 e uma coronada.

DIA 28 :— As fôrças legais, comandadas, por terra, pelo coronel Francisco Xavier da Cunha, e as de marinha pelo capitão-tenente Guilherme Parker, occupam o forte de Itapuã, abandonado pelos Farrroupilhas, depois de terem encravado toda a artilheria e posto a pique um patacho e um brigue que os auxiliava na defeza. — Essas peças encravadas, em numero de 5, foram, juntamente com as 4 tomadas no forte do Junco, enviadas para Pôrto Alegre como troféus da vitoria.

SETEMBRO DE 1836

DIA 5 :— Bento Gonçalves continuava o sitio de Pôrto Alegre, sem resultado satisfatório, aliás. — Cheio, porem, de nobres sentimentos, resolveu tentar um accordo para pacificar a provincia e, nesse sentido, escreveu, nesta data a Bento Manuel Ribeiro propondo um accordo :

“Tocaio e amigo. — O maior bem que V. S. e eu podemos fazer á nossa patria, na actual crise, é promover-lhe a paz, evitando, assim, os novos males que a ameaçam ; creio que a ambos nos sobram desejos disso. Eu não duvido que tudo se conseguirá uma vez que obremos conforme nossos corações, não prestando ouvidos a exigencias exageradas. Julguei conveniente fazer esta proposição preferindo a paz a uma batalha entre irmãos cujos resultados, a qualquer que sejam favoraveis, custará muito derrame de sangue, e si V. S. prefere o mesmo não nos faltará meios de conseguirmos os fins a que nos propomos, contanto que eles sejam honrosos para ambos os partidos que estão em campo. Si nos dias passados nada se acordou foi porque, por seus enviados se me fizeram proposições muito opostas as que verbalmente havíamos acordado. A sua resposta decidirá, ou do sossego da provincia, ou da continuação de seus males. — Sou com estima seu amigo e tocaio —

Bento Gonçalves da Silva.

Viamão, 5 de setembro de 1836”.

A esta proposição respondeu Bento Manuel :

“Ilmo. sr. Tocaio e amigo. — Campo, 5 de setembro de 1836. — Recebi sua comunicação e sinto já não poder anuir a nada, a tropa está desesperada e a sorte das armas decidirá, visto a audacia com que os senhores seus companheiros decidiram na

Olaria as nossas pacificas proposições a que chamaram intimação. — Sou com estima de V. S. Tocaio e amigo

Bento Manuel Ribeiro".

Sobre essa primeira tentativa de pacificação de que se fala nas cartas acima, na Olaria, documento algum encontramos. A única referencia a ela é essa.

DIA 10 :— Trava-se o combate do Seival entre as forças do coronel Antonio de Souza Netto e as do coronel legalista João da Silva Tavares:— Após renhida luta é derrotada a força imperial. Netto, em seguida, marcha para o campo dos Menezes onde proclama a independencia do Rio Grande do Sul, sob a forma republicana, no dia seguinte.

Este feito do Seival foi cantado pela musa popular nas seguintes quadras :

"Já vem o Silva Tavares
com a sua força armada,
perguntando pelo Netto
mais a sua farrapada.

Com forças três vezes mais
em campo raso alinhado,
o legal Silva Tavares
foi batido e destroçado.

No dia 10 de setembro
lá nos campos do Seival.
foi derrotada a soberba
dos tais barbudos do Herval.

O dia 10 de setembro
foi um dia soberano
em que no Seival soou
o grito republicano".

DIA 11: — Diante da sua tropa, Antonio de Souza Netto, coronel comandante da primeira brigada, lê, no campo dos Menezes, a seguinte proclamação aos

BRAVOS COMPANHEIROS DA 1.ª BRIGADA DE CAVALARIA !

Ontem obtivestes o mais completo triunfo sobre os escravos da côrte do Rio de Janeiro, a qual, invejosa das vantagens locais da nossa provincia, faz derramar sem piedade osangue dos nossos compatriotas para, deste modo, faze-la presa das suas vistas ambiciosas.

'Miseraveis ! Todas as vezes que seus vis satélites se têm apresentado diante das fôrças livres, tem sucumbido, sem que este fatal desengano os faça desistir dos seus planos infernais.

São sem numero as injustiças feitas pelo governo : seu despotismo é o mais atroz. E sofreremos calados tanta infamia ? — Não.

Nossos compatriotas, os rio-grandenses, estão dispostos como nós a não sofrer por mais tempo a prepotencia de um governo tirano, arbitrario e cruel, como o atual.

Em todos os angulos da provincia não sôa outro éco que independencia, republica, liberdade ou morte.

Este éco magestoso, que tão constantemente repetis, como uma parte deste solo de homens livres, me faz declarar que proclamamos nossa independencia provincial, para o que nos dão bastante direito os nossos trabalhos pela liberdade e o triunfo que ôntem obtivemos sobre estes miseraveis escravos do poder absoluto.

Camaradas ! Nós que compomos a 1.ª brigada do exercito liberal, devemos ser os primeiros a pro-

clamar, como proclamamos, a independência desta província, a qual fica desligada das demais do império, e fórma um Estado livre e independente, com o título de *Republica Rio-grandense*, e cujo manifesto ás nações civilisadas se fará competentemente.

Camaradas ! Gritemos pela primeira vez ; — Viva a República Riograndense ! Viva a Independência ! Viva o Exercito republicano rio-grandense !

Campo dos Menezes, 11 de setembro de 1836.

Antonio de Souza Netto, coronel comandante da 1.ª brigada”.

Note-se, porem, que Netto sómente deu esse passo devido as grandes insistencias de Manuel Lucas de Oliveira e Joaquim Pedro Soares, os mais convictos republicanos daqueles tempos.

DIA 12 :— Acampada a primeira brigada de cavalaria comandada pelo coronel Netto, nas margens do rio Jaguarão, formada “em grande parada” foi, neste dia, lavrada, solenemente, a áta da proclamação da *Republica Rio-grendense*, assinada por Netto e mais 52 pessoas entre chefes, officiais e sargentos. E’ o seguinte o seu teor :

“Aos doze do mês de setembro do ano de 1836, no acampamento volante da costa do rio Jaguarão, achando-se a brigada em grande parada, estando presente o coronel comandante da mesma, os officiais e officiais inferiores que subscrevem, por unanime vontade destes e a tropa da dita, foi declarado que a província do Rio-Grande de ora em diante se constituia nação livre e independente, com o título de *Republica Rio-grandense*, não só por ter todas as formalidades para representar entre as demais nações livres do universo, sinão também obrigados pela pre-

potencia do governo do Rio de Janeiro, que por muitas vezes tem destruído seus filhos, ora deprimindo sua honra, ora derramando seu sangue e finalmente desfalcando-a de suas rendas públicas. — Por todos os motivos que se declaram em a proxima reunião de Assembléa Nacional Constitucional Legislativa, protestam ante o Ser Supremo do Universo não embainhar suas espadas e derramar seu sangue, antes que retroceder de seus principios politicos proclamados em a presente declaração”. (Seguem-se as assinaturas).

DIA 20 :— A Camara Municipal de Jaguarão adere á República e Independencia da provincia em sessão especial.

“Aos vinte do mês de setembro de 1836, 1.º da independencia e liberdade rio-grandense, nesta vila de Jaguarão, ás quatro horas da tarde, abriu-se a sessão com cinco srs. vereadores, e, tomando assento, o sr. presidente disse haver convocado a camara para fazer-se presente neste momento a deliberação da maioria da provincia, respeito a ficar desligada da familia brasileira, instituindo um governo republicano.

E, sendo aprovada com unanime aplauso de toda a camara esta nova instituição, deliberou o sr. presidente e foi aprovado que isto se fizesse público por editais, e se officiasse ao exmo. sr. comandante superior Bento Gonçalves da Silva, mostrando-lhe a deliberação que tomou este corpo municipal, pedindo-lhe queira dirigir interinamente o leme do governo deste Estado, como chefe dele, e protetor da republica e liberadde rio-grandense, devendo marcar o dia em que se ha-de proceder á eleição dos deputados para a Assembléa Constitucional, em cuja mão deve depositar os poderes que ora interinamente, se lhe

confiam, para que esta os transmita a quem achar conveniente.

Em seguida o sr. presidente deu os vivas seguintes: — Viva a independencia! Viva o exmo. comandante superior Bento Gonçalves da Silva, chefe do Estado! Viva a revolução de 20 de setembro de 1835, e todos os livres que cooperaram para ella! Os quais com regosijo e grande entusiasmo foram repetidos pela Camara e demais circunstantes que estavam presentes.

E não ocorrendo nada mais, lavrou-se esta ata, que se aprovou e firmou, e fechou-se a sessão.

Eu *Joaquim Floriano de Paiva*, secretario, a escrevi, — *Domingos Moreira*; — *José Fernandes Passos*; — *João Antonio de Oliveira Vale*; — *Manuel Gonçalves Meireles*; — *Severino Antonio de Medeiros*"

OUTUBRO DE 1836

DIA 2: — Bento Gonçalves, tendo desistido do sitio que fazia á Pôrto Alegre, rumou com destino á Serra. Pressentido, porem, as fôrças legais procuram cortar-lhe o caminho. Para isso marcham, por terra, as fôrças sob o comando geral de Bento Manuel Ribeiro e por agua, chefiados por Greenfell, a barca a vapor *Liberal*, a escuna *Legalidade*, e as canhoneiras ns. 3, 5, 6 e 7, que sobem o Jacuí tomando posição em linha desde a ilha da Paciencia até a ilha do Araujo, guardando os pontos por onde poderiam passar os farroupilhas. — Durante a noite deste dia Bento Gonçalves, Onofre Pires e Tito Livio Zambicari, com sua gente e toda a artilheria instalam-se na ilha do Fanfa, para, pela madrugada, passarem o rio e unirem-se ás fôrças de Crescencio, o que, porém, não conseguiram devido a vigilancia de Greenfell,

DIA 3 : — Vendo-se assediados e impossibilitados de abandonar, já agora a ilha do Fanfa, os farroupilhas, pelas 11 horas da manhã rompem o fogo de uma de suas baterias contra a escuna *Legalidade*, sendo logo ferido o seu comandante, segundo tenente Luiz Alves dos Santos Márques. As canhoneiras ns. 5 e 6, porém, rebocadas pelo *Liberal*, tomam posição pela pôpa da escuna, e até o escurecer continua o combate entre os navios e a terra. — A' noite os farroupilhas mudam a posição de sua artilheria, ocultando-a dentro do mato.

DIA 4 : — Desde as primeiras horas da manhã reinicia-se o combate da ilha do Fanfa. Pelas 9 horas da manhã desembarca na ilha uma fôrça de infantaria comandada por José Joaquim de Andrade Neves, e pelas 10 horas outra comandada pelo coronel Francisco Xavier da Cunha que avança, iemdiatamente, pelo flanco direito da bateria farroupilha. — Atacados, assim, por terra e por agua, sem possibilidade alguma de vitoria, Bento Gonçalves, disposto a tudo, consegue que Porciuncula fuja levando ordem a Crescencio e Netto para que não esmoreçam na luta porque ele e Onofre estavam perdidos. — Finalmente, á tardinha, exaustos já, aceitam a intimação de Bento Manuel Ribeiro que lhes faz honrosas condições e mil promessas que, depois, não cumpriu, alegando que “o coronel Bento Gonçalves faltou inteiramente ao que no dia 4 tratou comigo, em lugar de mandar ordem para Crescencio se apresentar ôntem mandou por seu cunhado Antunes (Antunes da Porciuncula) ordem para o mesmo Crescencio se retirar quanto antes da costa mostrando por esta forma falta de fé e vontade de fazer correr mais sangue na Provincia por isso remeto preso a ele e Onofre á disposição de V. Excia. e do gover-

no”, etc. Esta carta ao presidente da provincia tem a data de 6 de outubro.

DIA 11 :— Por “Carta de Lei”, desta data, o governo imperial suspende as garantias individuais na provincia :

“O Regente, em nome do Imperador o sr. D. Pedro II, faz saber aos subditos do imperio que a Assembléa Geral decretou e ele sancionou a lei seguinte :

Art. 1.º — Ficam suspensos, na provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul, por espaço de um ano, contado da publicação da presente lei na dita provincia, os §§ 6.º, 7.º 8.º, 9.º e 10.º do art. 179 da Constituição, para que o governo possa autorizar o presidente da referida provincia :

§ 1.º — Para mandar prender sem culpa formada e poder conservar em prisão sem sujeitar a processo, durante o espaço de um ano, os indiciados em qualquer dos crimes de resistencia, conspiração, sedição, rebelião, insurreição e homicidio.

§ 2.º — Para fazer sair para fóra da provincia e mesmo assinar lugar certo para residencia áqueles dos indiciados nos referidos crimes que a segurança pública exigir que se não conservem na dita provincia.

§ 3.º — Para mandar dar busca de dia ou de noite, em qualquer casa, nos casos do art. 189 §§ 2.º, 4.º e 5.º do Codigo do Processo Criminal.

Art. 2.º — São declaradas ilicitas todas as associações secretas na Provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul, e as públicas não sendo autorizadas pelo presidente da provincia ; e sedição todo o ajuntamento, armado em todo ou parte, que houver de mais de cinco pessoas contra as autoridades, seus

agentes e execução de seus atos legais; e qualquer comandante de força poderá dissolvê-lo pelo uso das armas, si os seus fautores não se dispersarem á primeira intimação que elle lhes fizer.

Art. 3.º — Os officiaes do exercito de 1.ª e 2.ª linha e os da armada que, sendo chamados pelo presidente da provincia, não se reunirem ás forças da legalidade, no praso que elle lhes assinar, alem de outras penas em que possam incorrer, perderão as suas patentes e todos os vencimentos que, por qualquer titulo que seja, percebem da fazenda pública.

Art. 4.º — Os guardas-nacionais que, na provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul, forem chamados ao serviço e deixarem de comparecer no tempo que lhes for determinado, sem terem obtido escusa, ficarão sujeitos ao recrutamento para servir, como obrigados, nos corpos de 1.ª linha.

Art. 5.º — O governo é autorizado a mandar, si julgar necessario, um corpo destacado de guardas-nacionais que não exceda de 600 praças, para servir na referida provincia do Rio-Grande por espaço de um ano, podendo para isso dispender até a quantia de 250:000\$000.

Art. 6.º — Ficam anistiados todos os que tiveram parte na sedição de 20 de setembro de 1835 e se submeterem depois á ordem legal e cooperarem para que esta prevaleça.

Art. 7.º — Ficam suspensas as leis em contrario.

Manda, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contem.

O Secretario dos Negocios da Justiça a faça imprimir, publicar e correr.

Dado no palacio do Rio de Janeiro, aos 11 de outubro de 1836, 15.º da independencia e do imperio.

Diogo Antonio Feijó

Gustavo Adolfo de Aquilar Pantoja".

NOVEMBRO DE 1836

DIA 6 : — Instala-se, na vila de Piratini, a *Republica Rio-grandense*. — E' a seguinte a áta da instalação e eleição de seu presidente :

"Aos seis dias do mês de novembro de 1836, 1.º da independencia do Estado Rio-grandense, nesta vila de Piratini, ás 9 horas do dia, reunidos os vereadores, srs. Verde, Silveira, Morais, Correia, e Ceza-rio, com a presidencia do sr. Oliveira foi aberta a sessão. Depois de ouvidos os srs. Côrte, Netto e Almeida, resolveu a Camara proceder a eleição do Presidente o que se praticou.

Propoz o sr. presidente a nomeação de uma deputação para acompanhar o officio para sua Excia. (o comandante em chefe do exercito) e sendo resolvido pela afirmativa foram nomeados os srs. vereadores Silveira, Verde e Morais, os quais cumprindo esta deliberação apresentáram á Camara um officio de S. Excia. em que respondendo ao que lhe foi entregue pela deputação diz que sobremaneira se congratula com esta Camara pela deliberação de ser hoje o dia da eleição do Presidente deste Estado ; e exige que logo que a pessoa que fôr eleita preste juramento se lhe comunique para prestar-lhe a devida obediencia ao Presidente em nome da Camara se fez saber aos espectadores que nesta sessão se havia de proceder á eleição do Presidente e vice-presidente Constitucional da Republica, cumprindo

ao mesmo convocar, logo que o permitam as circunstancias, uma Assemboéa Geral Legislativa Constitucional da Republica Rio-grandense, para formar a Constituição da Republica, em cujo seio depositará os poderes que se lhe delégam, e governará fielmente este Estado pelas Leis em vigor em tudo aquilo que fôr compativel com nossas circunstancias, e estado de revolução em que nos achamos. O que sendo ouvido pelos espectadores, passaram a depositar sobre a mesa suas cédulas, e o mesmo praticou a Camara, a qual passando a proceder nos termos de apuração das mesmas publicou que a maioria absoluta de votos recaiu na pessoa do distinto patriota o exmo. coronel Bento Gonçalves da Silva, e durante o seu impedimento na do cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim, e que para vice-presidentes foram eleitos os cidadãos Antonio Paulo da Fontoura, o coronel José Mariano de Mattos, o coronel Domingos José de Almeida, e o cidadão Inácio José d'Oliveira Guimarães”.

Em seguida foi nomeada uma comissão para convidar o cidadão José Gomes de Vasconcellos Jardim afim de prestar o juramento, o que foi feito. Terminada a cerimonia do juramento, foram nomeados, por decretos desta mesma data, os seguintes auxiliares do governo: Ministro do Interior e, interinamente, da Fazenda: *Domingos José de Almeida*; — Ministro da Justiça e, interinamente, dos Estrangeiros: *José Pinheiro de Ulhoa Cintra*; — Ministro da Guerra e, interinamente, da Marinha: *José Mariano de Mattos*.

E' interessante notar-se que, desses auxiliares, nenhum é rio-grandense. Os dois primeiros, — Almeida e Cintra, — mineiros, e Mariano de Mattos, carioca...

DIA 12:— O Governo Republicano, instalado em Piratini, publica o decreto abaixo, criando o “escudo d’armas da República”, isto é: a bandeira:

“Ocupando já na grande família das nações o lugar que lhe compete, o Estado Rio-grandense, e convindo que ele tenha um escudo d’armas, o presidente da Republica decreta:

O escudo d’armas do Estado Rio-grandense será de ora em diante de forma de um quadrado dividido pelas três côres, assim dispostas:

A parte superior junto á haste verde, e formada por um triangulo izoceles, cuja hipotenuza será paralela á diagonal do quadrado;

O centro escarlate, formado por um exagono, determinado pela hipotenuza do primeiro triangulo, e a de outro igual e simetricamente disposto, côr de ouro, que formará a parte inferior.

Domingos José de Almeida, ministro e secretario de Estado dos Negocios do Interior, assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios.

José Gomes de Vasconcellos Jardim
Domingos José de Almeida”.

Como no decreto acima se fala em *escudo d’armas*, muitos historiadores viram, nele, a criação do brasão de armas da Republica, e o barão do Rio Branco, não sabemos porque cargas d’agua, em suas *Efemérides brasileiras*, nesta data, diz que o decreto fôra escrito por um matematico que nada entendia de heraldica, e dá a seguinte definição do brasão: “escudo quadrado, partido em banda (tranché), a primeira de sinople, a segunda de ouro, cortado por uma banda de golés”. Isto, parece, é para ser a propria definição heraldica, da bandeira. Contudo,

historiadores, dão esse decreto como creador do brasão, pura e simplesmente, e fazem, em seguida, a descrição heraldica do que foi, erroneamente, adoptado pelo Estado, depois de 1889.

(Veja-se, a respeito, nosso trabalho inserto na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R.-G.-do-Sul, III trimestre de 1936 — *Bandeira e Brasão Farroupilhas*).

DIA 21 :— E' nomeado presidente da provincia o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito.

DEZEMBRO DE 1836

DIA 12 :— Tendo-se apresentado a Bento Manuel Ribeiro o exilado politico uruguaio general D. Frutuoso Rivera, dizendo-se autorizado a tratar de uma suspensão de armas para definitiva pacificação da provincia, o general legalista, nesta data, enviou ao acampamento do general Netto, com o officio abaixo, o coronel Gabriel Gomes Lisbôa e o major Manuel Luis Osorio :

“Ilm. sr. — O cornel Gabriel Gomes Lisbôa, comandante da primeira brigada da fôrça legal, vái encarregado por mim de tratar e ajustar com V. S. uma suspensão de armas por um termo que não exceda 3 dias, os quais serão aproveitados em tratar da convenção que V. S. me fez saber hoje, por conduto do general D. Frutuoso Rivera, estar disposto a efetuar para pôr um termo á guerra que infelizmente está desolando esta provincia.

Acompanhará ao referido coronel o major da terceira brigada Manuel Luis Osorio.

Ao mesmo coronel pode V. S. entregar as proposições que tivesse que fazer ; e,

assegurando a V. S. que tanto o governo como todos os brasileiros desejam ardentemente que se termine uma guerra fratricida, não omitirei que me acho disposto a uma convenção que, sendo proveitosa a V. S. e a seus companheiros, seja ao mesmo tempo justa e decorosa á nação.

Deus guarde a V. S. — Campo em a costa do Jaguarão a 12 de dezembro de 1836. — *Bento Manuel Ribeiro*.

Ilmo. sr. Antonio de Souza Netto”.

Netto não mandou as proposições pelo coronel Lisbôa, mas pediu mais alguns dias de prazo para examinar detidamente o assunto, e a 31 deste mesmo mês (Veja esta data) remeteu dois emissarios com as proposições a Bento Manuel Ribeiro que as rejeitou *in totum*. Cremos, aliás, que a severidade com que esse ilustre sorocabano rejeitou as proposições foram motivadas, principalmente, pela intriga que fizeram entre Bento Manuel e o general Oribe, o que motivou troca de correspondencia entre ambos. O jornal *Sentinela da Liberdade*, de Pôrto Alegre, n.º de 28 de fevereiro de 1837, reproduz toda essa correspondencia e a carta que acima transcrevemos.

DIA 17 : — No Arroio Grande, onde se achava com alguns officiaes do imperio em casa de seu sogro, foi preso o coronel João da Silva Tavares, — uma das figuras mais salientes na defesa da legalidade desde os primordios da revolução, — pelas fôrças farroupilhas do comando de David Canabarro, então ainda simples capitão. Depois de 53 dias de prisão, posto a ferros, num acampamento no Estado Oriental, conseguiu Silva Tavares evadir-se graças

ao sentinela, — um baiano, — ao qual pagou regularmente o auxilio prestado nos preparativos e, afinal, na fuga.

DIA 31 : — Autorizados por José Gomes de Vasconcellos Jardim, presidente interino da Republica Rio-grandense, e conforme fôra, anteriormente, tratado pelo general Netto, apresentam-se no acampamento de Bento Manuel Ribeiro, nos campos do Seival, o coronel Joaquim Pedro Soares e o major Antonio Paulo (ou Paulino) da Fontoura, levando as proposições de paz que foram regeitadas (3). Bento Manuel Ribeiro assim explica a entrevista que com elles teve, em officio ao presidente da provincia, dr. José de Araujo Ribeiro :

“Ilmo. e exmo. sr. — Conforme me havia assegurado o anarquista Netto e eu participei a V. Excia. em meu officio de 30, vieram õntem Antonio Paulo da Fontoura e Joaquim Pedro Soares, autorizados por José Gomes Jardim, que se intitula presidente da República Rio-grandense, para fazerem as proposições tendentes a se terminar a guerra. Foram, porem, tão exorbitantes as proposições que me fizcram e todas ellas tendentes a um explicito reconhecimento da fantastica Republica, que tive de desprezar todas e hoje me puz em marcha sobre os rebeldes com o desígnio de os bater. Eles seguem com direção ao Veleda e acredito que dali farão a mesma volta que da viagem passada, com o fim de nos cansar e estra-

(3) Infelizmente não conseguimos encontrar as tais proposições de paz feitas por Netto. Provavelmente Bento Manuel as inutilisou, — sabe Deus porque! —, pois nem no officio ao presidente incluiu, copia sequer, das tais proposições, o que é estranhavel...

gar a cavallada, e esta coluna necessariamente tem de seguir na retaguarda deles. Asseguro, porem, a V. Excia. que, conseguindo aproximar-me a eles, o menor descuido que tiverem farei aproveitar.

Deus guarde a V. Excia. — Campo em marcha no Seival, 1.º de janeiro de 1837.
— Ilmo. e Exmo. sr. José de Araujo Ribeiro.

Bento Manuel Ribeiro".

O officio supra, porem, não mais encontrou na presidencia a Araujo Ribeiro, e quem o respondeu foi Antéro José Ferreira de Brito, recriminando, ainda que veladamente, a atuação de Bento Manuel abrindo, assim, caminho para o descontentamento do "comandante das armas da provincia" e ocasionando o dessidio que terminou com a prisão de Antéro no passo do Itapeví (Veja-se 23 de março de 1837).

"A' vista do conteúdo no officio de V. Excia. datado de 1.º do corrente, — escreveu Antéro, — em que se faz menção de outro de 30 do passado, que não recebi, entendo que as extravagantes proposições que a V. Excia. foram presentes por parte do intitulado presidente da sonhada república José Gomes de Vasconcellos Jardim, não podem ter outro fim sinão o de ganhar tempo e nos apanhar em descuido, pois que não é possível ignorarem que nem eu nem V. Excia. somos autorizados para entrar em negociações com tal quadrilha de salteadores.

E' bem sabido que, das muitas e reiteradas contemplações que com eles têm

havido, nenhum proveito resultou ainda a favor do sossego público ; antes, pelo contrario, elles tem servido para exacerbar os males que nos estão affligindo ; porque, fazendo recair acres censuras sobre as pessoas que sob sua responsabilidade as praticaram de bôa fé, lhes diminuem a força moral e, por necessária consequencia, encorajam os criminosos, desanimam os legalistas e, finalmente, por qualquer parte que sejam considerados, produzem um effeito diametralmente opposto aos fins a que eram dirigidas.

Que rumo seguiram tantos aposentados e agraciados ? Onde estão esses que, na ilha do Fanfa, foram soltos ? Que é feito de outros que o tem sido por duas ou três vezes ? Com bem poucas excepções, si é que as ha, elles existem nas fileiras dos rebeldes. Desenganemo-nos, pois, que não ha outro meio para pôr termo a esta desordem, sinão o de debelar os sediciosos e atirar-lhes como a fêras indômitas e devastadoras. A V. Excia. pertence applicar o remedio, atacando-os e prendendo-os para serem entregues ao poder judiciario, em cujas mãos unicamente existe a faculdade de legalmente os punir ou absolver. O contrario é desmontar a máquina de seus eixos, é seguir uma vereda tortuosa.

V. Excia. deve considerar que está hoje atraindo as vistas e atenções do Brasil inteiro e que, pelo resultado desta luta, elle ajuizará dos meritos de V. Excia., cujo nome lhe é já bem conhecido. Eu, como interessado na sua gloria, muito desejo que

aproveite qualquer ocasião que se lhe offereça para os bater e derrotar ; e, como primeira autoridade da provincia autorizado para dispor da fôrça armada, assim o determino, contando desde já com o triumpho, não só pelas boas disposições do vitorioso exercito que V. Excia. comanda, mas tambem pela anciedade que os bravos de que ele se compõe tem patenteado de terminarem a contenda, para irem, entre os braços de suas familias saudosas e aflitas, gosar do fruto de tão longos incomodos e fadigas.

Depois que em data de 5 signifiquei a V. Excia. o quanto me empenho em socorrer essa columna, com os auxilios reclamados, tive participação de que no dia 6 fôra aprisionado em Santo Amaro o tenente-coronel Antonio Manuel de Azambuja e que os rebeldes, animados com as correrias que a seu salvo tem feito pelas visinhanças do Rio Pardo, pretendem assaltar a vila do Triunfo. Esta noticia fez retroceder já do caminho os mantimentos que se dirigiam a Caçapava ; e, não havendo fôrça para tentar a opposição, vejo-me privado da correspondencia com V. Excia., ao mesmo passo que, com a maior magua, observo lavrar de novo a devastação nestas visinhanças e o temor apoderar-se de seus habitantes.

Dado af um golpe decisivo, é provavel que tudo inteiramente mudasse de figura. Ora, havendo em V. Excia. valor e disposição militar e nas suas tropas fôrça e entusiasmo, é sem duvida que esta medida deve quanto antes verificar-se.

Eu tenciono ir ao exercito, logo que me desembarace de alguns assuntos entre mãos, e muito estimarei então congratular-me com V. Excia. pelo restabelecimento do imperio da lei e completo exterminio dos rebeldes.

Deus guarde a V. Excia.

Pôrto Alegre, 10 de janeiro de 1837.

Antéro José Ferreira de Brito.

Illmo. e exmo. sr. Bento Manuel Ribeiro, comandante das armas da provincia”.

JANEIRO DE 1837

DIA 4 :— José de Araujo Ribeiro deixa a presidencia, conforme se vê do seguinte officio aos “srs. Presidente e mais veradores da Camara Municipal desta Cidade” :

“Ao deixar a presidencia da provincia, cumpre-me louvar a essa Camara e, pelo seu intermedio, aos cidadãos deste municipio que prestaram serviços a bem do restabelecimento das leis e da tranquillidade pública, durante o tempo de minha administração ; e, não ja como presidente, mas como rio-grandense, lhes suplico a continuação de seus patrioticos esforços, para se extinguir para sempre a fatal discórdia que nos arrasta á mais miseravel anarquia, sob o especioso nome de liberdade.

A prosperidade do continente depende essencialmente da união com o Brasil e o

governo brasileiro é dos governos mais livres que existem sobre a terra.

Deus guarde a V. M.

Pôrto Alegre, 4 de janeiro de 1837.

José de Araujo Ribeiro.

— Estavam os farroupilhas, comandados pelo general Netto, acampados em Pedras Altas. Pela madrugada deste dia são eles atacados por Bento Manuel Ribeiro que os obriga a se retirarem para as margens do arroio Candiota. Ativamente perseguido pelos imperiais, superiores em fôrças, Netto atravessa a fronteira com toda a sua gente, indo acampar na Rep. Oriental do Uruguai. Dias mais tarde volta ao Rio-Grande-do-Sul pela fronteira do Pirai.

Com esse ataque de Bento Manuel perderam os farroupilhas 5 canhões e tiveram varios mortos, feridos e dispersos.

DIA 5 :— Em Pôrto Alegre, toma posse da presidencia da provincia o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito.

FEVEREIRO DE 1837

DIA 4 :— E', neste dia, posto em circulação o ptimeiro numero de *O Campeão da Legalidade*. Esse jornal foi fundado sob os auspicios do brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, e destinado a defender este presidenete, "acusando fortemente o illustre dr. Araujo Ribeiro a quem Antéro substituíra" (Aurelio Pôrto). Era este jornal de linguagem violenta e desabrida. Impresso na Tipografia de J. Girard, seu proprietario, *O Campeão da Legalidade* desapareceu com a morte misteriosa, em 1839, de Girard.

MARÇO DE 1837

DIA 11 :— Da fortaleza de Santa-Cruz, onde se encontravam presos, conseguem fugir os oficiais farroupilhas Onofre Pires da Silveira Canto e Afonso José de Almeida Côrte Real.

DIA 23 :— O brigadeiro Antéro José Ferreira Brito, logo após a sua posse na presidencia da provincia (5-1-837), inicia o seu governo com instruções policiaes draconianas que dão margem a toda especie de perseguições. O proprio comandante das armas então, general Bento Manuel Ribeiro, não foi poupado. Este, profundamente orgulhoso e vaidoso, conscio de seu valor militar, poz-se de atalaia. E quando o brigadeiro Antéro deixa a capital com o intuito de visitar o exercito, conforme avisára (veja-se a carta referida em a data de 31 de dezembro de 1836), espalha-se a noticia, veridica ou não, de que Antéro pretendia demittir Bento Manuel do comando das armas e prende-lo por não ter, ainda, exterminado os farroupilhas. Sabedor de tudo e, dizem, tendo em mãos officios comprometedores para Antéro referentes á sua attitude para com o comandante das armas, este resolve marchar ao encontro do presidente com o fim de prende-lo antes dele o prender. A vanguarda de Bento Manuel, assim, encontra o brigadeiro Antéro no Passo do Itapeví e dá-lhe voz de prisão. Antéro, vendo inutil qualquer resistencia, entrega-se.

Em virtude desse facto Bento Manuel Ribeiro dirige uma proclamação aos seus soldados e officiaes convidando-os a abraçar a causa farroupilha e, a respeito, escreve a Bento Gonçalves.

Vinte mêses mais tarde Bento Manuel procura os chefes republicanos, afim-de concertar planos novos para a campanha. *O Povo*, n. 24, de 21 de novembro de 1839, assim se expressa no seguinte

“CONVITE

Apressamo-nos a anunciar aos srs. piratinienses, que o benemerito e digno sr. general Bento Manuel Ribeiro se acha no Exercito, onde viéra, segundo nos dizem, concertar com os Exmos. srs. Presidente e general comandante em chefe do exercito, o plano de campanha a pôr-se em execução, depois do que é provavel immediatamente regresse para os pontos occupados pelas divisões a seu mando; e como por aquí pouco mais acrescenta o seu trajéto, é de presumir-se que de passagem nos honre com a sua presença, o que, a verificar-se, convidamos os senhores piratinienses a receberem o exmo. hospede com as homenagens de que é credor,”

Cheio de si, convencido de que era um grande patriota, Bento Manuel Ribeiro agradece a amabilidade do convite na seguinte carta dirigida ao

“Sr. REDATOR DO POVO

Lendo o importante n.º 24 do seu jornal, nele deparei com o officioso anuncio que me diz respeito, e no qual convida V. S. aos honrados srs. habitantes dessa cidade para obsequiarem-me em minha passagem por esse lugar: com quanto eu reconheça, e aprecie uma prova real de tanta bonhomia, sinto ao mesmo passo não poder desfruta-la, porque o interesse do Estado, e o serviço da Patria assim o permitem; mas nem por-isso eu deixo de agradecer a generosidade de V. S., e a parte que os srs. patriotas

piratinienses tomaram, em o dito seu convite. — Can-gussú, 26 de novembro de 1838. — *Bento Manuel Ribeiro*".

ABRIL DE 1837

DIA 1 : — Em virtude da prisão do brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, a 23 de março, assume, interinamente, a presidencia, legal desta vez, o dr. Americo Cabral e Mello.

DIA 7 : — Bento Manuel Ribeiro, chefe republicano desde 23 de março, marcha sobre a cidade de Caçapava defendida pelo chefe imperial coronel João Crisóstomo da Silveira. Depois de regular assédio, rende-se a cidade, nesta data, perdendo João Crisóstomo toda a infantaria que comandava.

DIA 14 : — E' nomeado presidente da provincia o tenente-general Francisco das Chagas Santos, veterano da "guerra das Missões", e comerciante na cidade de Pôrto Alegre.

DIA 28 : — Fundeia no porto de Maldonado uma embarcação com carta de côrso, trazendo içada a bandeira da Republica Rio-grandense, que é perseguida, frustrando-se, porem, o seu aprisionamento tentado pelo brigue *Real Pedro*, em virtude dos ventos contrarios que demoraram o navio imperial.

A carta de côrso fornecida no Rio de Janeiro por Bento Gonçalves a José Garibaldi, deve ser a seguinte, conforme o declara dona Anita Garibaldi, bisneta do *condottieri*, em seu livro "Garibaldi na America";

"O Governo da Republica Rio-grandense autoriza a sumaca Farroupilha, de 120 toneladas, poder cruzar para todos os mares e rios onde trafegam barcos de guerra

ou commercio do governo do Brasil, podendo apropriar-se deles e toma-los por fôrça de suas armas, os quais serão tidos por bôas prezas como emanadas de autoridade legitima e competente. Da mesma forma ordeno ao cap. Giuseppe Garibaldi, comandante no dito corsario que, em razão de não haver por enquanto neste Estado um porto adequado para ancorar... pode servir-se dos portos de Estados Republicanos... vistas as relações ofensivas e defensivas que tem contraidas contra o Governo do Rio de Janeiro”.

MAIO DE 1837

DIA 11 :— Começa, neste dia, novo assédio á cidade de Pôrto Alegre pelas fôrças repúblicas.

A guarnição que defendia a capital compunha-se, na maioria, de paizanos armados, setecentos soldados de infantaria, duzentos e poucos de cavalaria e 22 bocas de fogo. Fazia parte dessa guarnição o major Manuel Luis Osorio, o unico official que com apenas 27 companheiros conseguira escapar de Caçapava ás fôrças de Bento Manuel (Veja-se dia 7 de abril anterior).

DIA 16 :— Em Pôrto Alegre toma posse da presidencia da provincia o tenente-general Francisco das Chagas Santos.

— Neste mesmo dia é nomeado presidente da provincia o sr. bacharel Feliciano Nunes Pires.

DIA 20 :— Nova tentativa de pacificação, entre Netto e John Pascoe Greenfell, da qual resultou, apenas, dissabôres ao chefe da marinha imperial no Rio-Grande-do-Sul.

Assim descreve Alexandre Lucas Boiteux, em seu excelente trabalho *A Marinha Imperial na revolução Farroupilha*, essa tentativa de pacificação que foi, talvez, a mais séria de quantas se tenham tentado antes de 1844 :

“O referido chefe farroupilha (Antonio de Souza Netto), a 29 de abril, encontrando-se na vila do Triunfo e sabendo achar-se estacionado em Santa Cruz o palhaborde da marinha imperial *Parker* (4), resolveu enviar um officio e um parlamentar ao seu comandante, o 2.º tenente Antonio Moraes dos Santos, solicitando a cooperação deste para pôr termo á guerra civil, e, ao mesmo tempo, apresentando-lhe “sinceros protestos de amizade e gratidão pela generosa conduta patenteada com meus patricios perseguidos”.

Esse official pôz logo o seu chefe ao par das intenções do general revolucionario.

O chefe Greenfell, animado por nobiletante espirito conciliatorio, conhecendo a bôa vontade de varios cabos da revolução em procurar uma solução airosa á guerra ingrata e sangrenta a que se haviam atirado e, ainda com sua notavel visão politica, enxergando nos horizontes internacionais do continente acumulos de nuvens procelosas, achou que, dentro das instruções que recebera, se encontravam justificativas a permittir-lhe intentar uma composição honrosa e incruenta com a facção adversa. Empenhou-se, pois, em alcançar essa occasião favoravel.

Voltára o chefe naval imperialista ao Rio-Grande em inspecção ás suas fôrças ; e, a 1.º de maio

(4) Trata-se do rio Santa-Cruz, que deságua no rio Taquari, entre as vilas de Taquari (hoje cidade) e do Triunfo. — *Parker*, nome dado ao palhaborde imperial, era, tambem, o nome de um dos comandantes da marinha imperial, Guilherme Parker, inglês a serviço da armada brasileira de então. Inglês tambem era o comandante John Pascoe Greenfell. (Nota de W. S.).

informava ao ministro da sua situação no rio São-Gonçalo. Dias depois, á margem do Pelotas, davam-se varias escaramuças entre as guarnições das canhoneiras, que Greenfell fizera desembarcar, e as fôrças revolucionarias do coronel Crescencio de Carvalho.

Os farrapos reforçaram logo a posição com cinco canhões e 200 homens e romperam fogo contra as canhoneiras.

Greenfell, cuja insignia fôra desfraldada a bordo da canhoneira n.º 7 fez espalhar, a 10 de maio, uma proclamação impressa entre as fôrças contrarias, chamando-as ao seio da ordem e da legalidade. Ei-la :

“Brasileiros das fôrças rebeldes ! De-tende-vos antes de banhar vossas mãos no sangue de vossos patricios : até onde chegará esta loucura e cegueira ? Pensais que os chefes que vos arrastam no caminho do crime farão vossa felicidade ? Não vedes que sua miseravel politica vos entregará escravos aos espanhois, vossos ambiciosos visinhos ? Deixai-vos de enganos, paixões, partidos e guerra e uni-vos outra vez aos fieis e constantes defensores do trono constitucional do sr. D. Pedro Segundo. — Bordo da Canhoneira 7, em S.-Gonçalo, 10 de maio de 1837. — *João Pascoe Greenfell*, Chefe da divisão e comandante das fôrças navais”.

Tendo sabido do abalo por ela produzido entre os soldados farrapos e conhecendo já os propositos do general Souza Netto, resolveu pôr em pratica o seu acariciado projeto de conciliação.

No dia 12 animou-se a escrever longa carta ao coronel Crescencio, apelando para os seus sentimen-

tos de honra e patriotismo, concitando-o a voltar a prestar seus serviços á Patria comum e ao Imperio.

Precioso documento esse, que bem merece ser transcrito :

Ilmo. sr. Domingos Crescencio. — Como estou convencido de que V. S. se acha animado dos verdadeiros sentimentos que caracterizam os homens de honra, e que por isso como amigo da sua Patria só deseja a prosperidade dela, dirijo-me a V. S. para com franqueza expor-lhe os meus sentimentos.

Ninguem ha que desconheça o estado infeliz a que está reduzida esta provincia, e os males que sobre ela tem arrastado a luta em que nos achamos, o que será interminavel si os verdadeiros amigos da patria não escutarem a voz da razão e da justiça.

O partido da lei, creia V. S. não succumbirá : quando menos esperados forem, seus defensores disseminados pela campanha, apparecerão reunidos, seus chefes mais aptos que o traidor Bento Manuel saberão dirigir melhor nossas operações, e o resultado não será duvidoso : áquem do rio temos uma fôrça de 500 homens de cavalaria, e mais 800 resolutos a perderem a vida antes dó que cederem ; defendem as trincheiras do Rio-Grande.

Não podemos receiar mesmo quando tentem, como projetam tirar-nos os recursos da barra ; essa mesma artilheria talvez lhe scja tão funesta como foi ao coronel Bento Gonçalves ; mas quando mesmo se effectuasse o projeto de separação e de republi-

ca, seria a provincia feliz? Reinaria o sossego? Ninguem o dirá. Chefes ambiciosos apoiados pela fôrça se sucederiam de dia em dia; a virtude e o merito seriam preteridos pela estupidez, depravação (como já hoje acontece). O Estado Oriental que nos dá estes exemplos, e que ocultamente os apoia seria o primeiro a querer nos ditar a lei, e um total aniquilamento seria o fim da melhor provincia. Um unico meio nos resta para a sua salvação, dar fim á presente luta; aquelle que dêr o primeiro passo será o verdadeiro patriota e amigo de seus concidadãos. A posição actual de V. S. lhe depára essa gloria; unamo-nos e debaixo do unico titulo de brasileiros trabalhemos para renascer a paz e a felicidade. Estes são meus desejos que *como estrangeiro* desconheço toda a influencia dos partidos e só desejo a prosperidade do *Brasil que adotei por patria*, e por isso firme na opinião que faço de V. S. espero que não desprezará o convite que lhe faz. De V. S. ato. venr. — *John P. Greenfell*. — Bordo da canhoneira n. 7, em frente a S. Francisco de Paula(5), 12 de maio de 1837".

No dia seguinte, teve o comandante das fôrças navais do Imperio a seguinte resposta do chefe farraço:

"Illmo. Exmo. sr. — Achando-me animado de sentimentos que caracterizam o homem verdadeiramente amigo de sua patria e só deseja a prosperidade dela, não ponho duvida em anuir a qualquer proposi-

(5) São Francisco de Paula era o nome primitivo de Pelotas.

ção de V. Excia. uma vez que seja a prol da felicidade, engrandecimento desta República. V. Excia. se acha convencido, segundo diz, que o partido da lei não succumbiu nem succumbirá por ter chefes que melhor saberão dirigir as operações de campanha que o general Bento Manuel, (quando iludido por esse governo, era chefe do exercito do Brasil). Eu tambem estou assaz convencido que o Exercicio que tenho a honra de comandar digo, pretende não succumbir, nem succumbirá ainda que seus chefes não iguaem aos do partido do exercito a que V. Excia. pertence. Enquanto á fôrça numerica que V. Excia. diz ter na margem desse rio, eu acho bastantemente crescida á vista da que tenho para operar ; porem me alenta a lembrança que os primeiros brigam porque são mandados e os segundos pela sua liberdade, e convicção propria ; e assim pesando na balança as qualidades destes, estas equilibrarão o aumento daqueles. V. Excia. me faz reflexões, que me não são alheias, sobre as divergencias que deve haver nesta República entre estes chefes, logo que se firme o governa delas ; mas como isto não é novo, mesmo nas nações, que como nós, procuram a sua regeneração politica, não nos desanima a ideia de tais acontecimentos. Eu me acho inteiramente alheio sobre o sonhado recurso da Barra : e quanto assim fosse, e que o exercito do Brasil tomasse á força d'armas as nossas artilherias, como fizeram ao benemerito coronel Bento Gonçalves da Sil-

va (6), um tal successo não tinha nada de admiravel, porque a sorte das armas pende por diferentes maneiras, assim como aconteceu cair em nosso poder 15 bocas de fogo que se achavam guarnecidas por 600 homens infantes ao mando do coronel João Crisóstomo, que cobardemente as desamparou sem vomitar um só tiro entregando-se prisioneiro com o batalhão (7), e quando o coronel Bento Gonçalves só cedeu depois de lhe faltar munição, e por uma capitulação que foi tanto honrosa para ele, e para os livres, que o acompanharam quão falta de fé para os que deviam faze-la cumprir. V. Excia. me diz que o unico meio que ha para salvar a minha patria da presente luta é unir estas forças ás do Brasil, e que aquelle que der este primeiro passo será o verdadeiro patriota, o amigo dos seus concidadãos: certo nisto atrevo-me a convidar V. Excia. para unir as fôrças do seu comando com as desta Republica, e a posição actual em que V. Excia. se acha pôde dar-lhe essa gloria, ficando debaixo do unico titulo de Herói Republicano Rio-grandense: e assim trabalharemos juntos para fazer renascer a paz e a felicidade deste Estado. Estes são os meus desejos e de todos os meus compatriotas. — De V. Excia. ato. venr.

Domingos Crescencio de Carvalho.
Cidade de Pelotas, 13 de maio de 1837".

(6) Refere-se Domingos Crescencio de Carvalho ao combate da ilha do Fanfa, occorrido de 2 a 4 de outubro de 1836.

(7) Referencia á tomada de Caçapava pelas forças farroupilhas commandadas já por Bento Manuel Ribeiro, a 7 de abril de 1837. (Notas de W. S.).

Com a sua natural fleugma britannica leu Greenfell a carta ironica do seu adversario. Não se agastou nem desanimou o sereno chefe naval. Nova tentativa fez, de acordo com Silva Tavares, comandante da guarda-nacional do Rio Grande, que foi aceita.

Afim de conferenciar com o chefe adverso, no dia 18 apresentou-se Greenfell ás margens do S.-Gonçalo acompanhado dos comandantes das canhoneiras ns. 2 e 6, sendo recebido pelo coronel Crescencio e dois officiaes.

Entenderam-se, por fim, os dois illustres militares, resultando daf uma suspensão de armas, estabelecida no dia 20, sob as seguintes clausulas :

Art. 1.º — Ficará servindo de divisão s fôrças comandadas pelas partes assinadas o rio S.-Gonçalo, até que pelo Governo a que pertencerem se decida a suspensão d'armas, hoje tratada.

Art. 2.º — Que as fôrças navais ocuparão o rio S.-Gonçalo, conforme lhes parecer mais conveniente, enquanto as ditas fôrças estiverem debaixo do comando do chefe de divisão João Pascoe Greenfell.

Art. 3.º — O comandante superior mandará retirar toda a fôrça que tiver na margem esquerda do rio S.-Gonçalo, e da mesma maneira o comandante das fôrças republicanas fará parar qualquer fôrça que tiver na margem direita do rio, ou que para al se encaminhe.

Art. 4.º — Esta suspensão d'armas s  admissivel enquanto o Exmo. chefe de divisão João Pascoe Greenfell vi a Pôrto Alegre, a tratar com o Exmo. sr. presidente da prpvincia Francisco das Chagas Santos e com o general em chefe das fôrças republicanas Antonio de Souza Netto.

Art. 5.º — De hoje em diante ficam cessadas todas as hostilidades entre as fôrças ao mando das partes contratantes.

Art. 6.º e ultimo. — O objeto desta suspensão é procurar dar fim a guerra civil, que tanto tem affligido a provincia do Rio-Grande-do-Sul e dar tempo para se obterem da côrte do Rio de-Janeiro meios conciliatorios para evitar o derramamento de sangue brasileiro.

E para firmesa do que assinam as partes contratantes.

Margem esquerda do rio S.-Gonçalo, 20 de maio de 1837.

João Pascoe Greenfell — João da Silva Tavares — Domingos Crescencio de Carvalho”.

Durante a conferencia dos dois distintos militares, de que resultou o convenio acima, o coronel Crescencio — diz-nos o almirante H. Boiteux — “protestou que elle e seus amigos estavam em armas não para se separarem da familia brasiliense e do governo central; mas sómente para se livrarem de varios abusos provincias e da administração e influencia de homens aborrecidos por elles e seus inimigos inveterados, e que a necessidade sómente os havia obrigado a adoptar o sistema republicano. — Contestou-lhe Greenfell que haviam meios constitucionais para remediar todas as suas justas queixas; que o Governo imperial nunca poderia abandonar os seus direitos; porem, que tudo se poderia esperar da sua generosidade, uma vez que os rebeldes desistissem do seu projecto de separação e de república; que neste sentido desejava facilitar-lhes os primeiros passos”.

A referida suspensão d'armas trouxe, logo de inicio, preciosa vantagem ao partido da legalidade, pois determinou a paralisação da "marcha de Juca Netto que, com 300 homens, vinha do Estado Oriental para entrar por S.-Miguel e atacar pela retaguarda as fôrças de Silva Tavares, cuja cavalaria já por três vezes derrotada se achava por isso completamente desmoralizada". Com ela, todavia não concordou o farrapo Manuel Lucas de Oliveira.

Logo no dia seguinte á assinatura do pacto acima, fazia-se de véla para Pôrto-Alegre o chefe João Pascoe Greenfell, deixando no comando da fôrça naval, constante da barca a vapor *Liberal* e de duas canhoneiras, o primeiro-tenente Antonio José Francisco da Paixão, munido das seguintes instruções : — "Fique Vme. comandando as fôrças no rio S.-Gonçalo, devendo regular-se pelas seguintes instruções : — Fará observar religiosamente, na parte que lhe toca, os artigos da suspensão d'armas, cuja copia junta lhe remeto ; — Conservará as canhoneiras unidas no fundeadouro entre o Passo dos Negros e o arroio de Pelotas, e fará de tempo em tempo, rondar pelo rio S.-Gonçalo desde a barra do mesmo até a do Mirim, a barca a vapor e na sua falta um lanchão armado ; — Proibirá toda a correspondencia de um para outro lado do rio que não seja autorizada pelo comandante superior João da Silva Tavares, com quem Vme. deverá entender-se a obrar de accordo em tudo o mais que ocorrer ao serviço nacional e imperial". (Extraído de *A Marinha Imperial na revolução farroupilha*, do capitão de mar e guerra Lucas Alexandre Boiteux, pag. 53 a 58).

DIA 25 : — Afim de tratar com o presidente sobre o que combinára com Crescencio, isto é : a suspensão de armas e a pacificação da provincia, chega

a Pôrto-Alegre, John Pascoe Greenfell. O que então se passou, e o que se seguiu, extraímos, ainda, da citada obra do cap. de mar e guerra Alexandre Lucas Boiteux :

“O chefe Greenfell ao chegar a Pôrto-Alegre, officiou e logo conferenciou com o presidente e comandante das armas, o tenente-general Francisco das Chagas Santos, nomeado por decreto de 14 de abril, sobre a suspensão das hostilidades, pondo-o ao par da correspondencia que trocára com o chefe revolucionario Crescencio de Carvalho.

Chagas Santos, soldado rude e de ideias reacionarias assás estreitas, respondeu-lhe a 26 que “não estando autorizado para fazer ou ajustar tratados, e muito menos com rebeldes e anarquistas”, só aceitava a “deposição incondicional das armas pelos revolucionarios, que deviam implorar perdão ao Imperador”...

O chefe naval, diante dessa crua e inesperada resolução presidencial, retirou-se profundamente maguado para o Rio-Grande.

Nesse inteirim, o brigadeiro Bento Manuel, já ao serviço da revolução, surpreendia e destroçava junto ao arroio de Santa Barbara as tropas do general Sebastião Barreto Pereira Pinto”.

JUNHO DE 1837

DIA 5 : — Nas margens do arroio Santa Bárbara é destroçado, numa surpresa levada a efeito por Bento Manuel Ribeiro, o general Sebastião Barreto Pereira Pinto.

DIA 6 : — Toma posse da presidencia o bacharel catarinense Feliciano Nunes Pires. — Cheio dos mais nobres sentimentos de concordia. lancou a seguinte

PROCLAMAÇÃO

Rio-grandenses ! Acabando de tomar posse da presidencia desta provincia, o meu primeiro passo é dirigir-me a vós para exortar-vos á paz e á concordia.

Demasiadas perdas, trabalhos e privações tendes experimentado, demasiados odios e vinganças se têm cevado, demasiado sangue, e sangue brasileiro se tem, enfim, derramado : tempo é, pois, de cessarem tantos males e tantos horrores : oxalá pudessem eles ser de uma vez varridos de vossa memoria !

Riograndenses ! A unica táboa de salvação que vos resta é submeter-vos sinceramente ao imperio da lei e manter as instituições que a nação abraçou na sua regeneração : essa táboa eu vo-la ofereço, assegurando-vos que aqueles que assim o fizerem, aqueles que para isso concorrerem merecerão toda a contemplação dos poderes nacionais, merecerão de mim toda a protecção que for compativel com a dignidade do governo, e, o que é mais, merecerão as bênçãos da patria que, oprimida e quasi aniquilada, reclama de seus filhos os mais heroicos sacrificios a prol da paz e da prosperidade da provincia.

Viva a nação brasileira ! Viva o nosso jovem imperador constitucional ! Viva a pacificação da provincia ! Viva a integridade do imperio !

Pôrto-Alegre, 6 de junho de 1837.

Feliciano Nunes Pires''.

DIA 11 : — Na sua viagem de regresso ao Rio-Grande, depois da decepção soffrida com a resposta de Chagas Santos, visita, Greenfell, naquella cidade, o novo presidente nomeado, bacharel Feliciano Nunes Pires que se dispunha a ir á capital tomar posse, como realmente tomou, a 6.

Não perde o ilustre marinheiro bretão a oportunidade de falar ao novo presidente em cujo animo infiltrou, é bem de crer-se, as ideias pacifistas que aparecem na sua proclamação (Veja-se 6-6).

Deixemos, ainda, a cargo de Alexandre Lucas Boiteux, na já citada obra, relatar os sucessos que se seguiram até o final desta séria tentativa pacificadora :

“Mostrando-se o ilustrado catarinense (Nunes Pires) acorde com os conciliatorios propositos e processos de que lançava mão para a pacificação da provincia, o chefe Greenfell obteve esta autorização para entrar em correspondencia com o general Souza Netto, comandante em chefe das fôrças da Republica.

Nessas condições endereçou a carta abaixo áquele prócer :

“Ilmo. sr. Antonio de Souza Netto. —
— Havendo-me assegurado o comandante da fôrça de Pelotas que V. S. está animado de sentimentos correspondentes aos dele, tinha-me aqui dirigido afim de ver si V. S. concorreria para terminar esta guerra fratricida, antes que mais vitimas aumentem a profunda miseria em que está submergido este país. O exmo. sr. presidente da provincia, que acaba de chegar da côrte do Imperio, me autoriza a dizer a V. S. e a seus amigos que o governo imperial está disposto a contemplar com toda a generosidade e favor áqueles que desistindo da impraticavel empresa da separação desta provincia do imperio, reünirem-se sinceramente á causa nacional. Quando terá V. S. e seus amigos melhor ocasião de se acomodar? Podem requerer as garantias que lhes parecerem ne-

cessarias : mas não desprezem a voz da razão e da humanidade.

Tenho a honra de ser de V. S. ato. obro.”

O general Souza Netto respondeu-lhe nos seguintes termos :

“Ilmo. sr. John Pascoe Greenfell. — Pelo tenente-coronel Florentino, me foi entregue sua carta de 11 do corrente, pela qual, e o que verbalmente o mesmo me comunicou, fico imposto das benignas intenções de V. Excia. e do novo presidente ; nada desejo com tanta efficacia, como o termo da guerra civil, que infelizmente assola este estado, e gostoso me prestarei a fazer qualquer compostura com o governo brasileiro, tanto que ela for compativel com as circunstancias e interesses do Continente. V. Excia. é testemunha ocular das injustiças e barbaras perseguições que homens frenéticos e mal intencionados hão prodigalisado indistintamente a virtuosos rio-grandenses para cevarem particulares vinganças, maximé em Pôrto-Alegre, que ha sido teatro de todas as maldades : até o belo sexo ali experimenta o rigor da tirania !! Tantas atrocidades tem feito desaparecerem os desejos de conciliação ; todavia por esta empregarei meus incessantes esforços. Informado da suspensão de armas, e convenção celebrada por V. Excia. e o comandante da divisão da esquerda, e a tempo que dessa mesma cidade se me assegurou haverem sido presos os officiais daquela divisão, que a V. Excia. acompanharam, expedi no mesmo

instante minhas ordens áquele comandante para romper as hostilidades, visto que se nos tratava com tanta má fé, e ainda ignoro qual a conduta dele a respeito, por não se ter regressado o proprio, que lhe dirigi; hoje, porem, informado da conduta franca e leal de V. Excia. espeço ordem ao mesmo para obstar as hostilidades, té que faça presente ao exmo. presidente, officiais superiores e mais autoridades republicanas os desejos do governo brasileiro e seus delegados, isto porque não é possivel por mim tomar resolução definitiva a respeito: havendo muita franqueza, e bôa fé nas fôrças imperiais, como ha nas republicanas, creio conseguiremos em pouco o termo da fatal discordia, que nos flagela, e que me será em extremo lisongeiro. — Sou com prazer, de V. Excia. ato. venr.

Antonio de Souza Netto.

Sitio da cidade de Pôrto-Alegre, 13 de junho de 1837”.

Nessas condições, designou o presidente Nunes Pires ao seu conterraneo, coronel José Maria da Gama Lobo d’Eça, futuro barão de Saicã, e o dr. Joaquim Vieira da Cunha, vice-presidente da provincia, afim de entenderem-se com o chefe farroupilha. Enquanto se discutiam as bases de uma composição honrosa, partia o chefe Greenfell para a cidade do Rio Grande estando de volta ao S.-Gonçalo no dia 23 de junho.

No entanto, durante sua ausencia, Silva Tavares e Crescencio se haviam extremado. Reclamára o coronel Crescencio do comandante imperialista contra o aprisionamento de um dos seus soldados. Tavares, temperamento colerico e violento, mandou-lhe

dizer, em som de desafio, que fosse busca-lo ao seu acampamento. Crescencio, tambem assás assomado, ante aquella resposta perdeu a cabeça, e, violando o convenio, -atravessou o S.-Gonçalo, a 10 de junho, e, apesar dos protestos do comandante da fôrça naval, marchou contra Tavares até sitia-lo no Rio-Grande.

Dias antes, a 4, Silva Tavares oficiára ao comandante Paixão informando-lhe de que José Netto, que se encontrava na fronteira do Chuí a caminho do Taím (8) e que chegára naquela madrugada aos Canudos (9) com o fito de passar para a outra margem ou para proteger a passagem de Crescencio; e insinuava-lhe a necessidade de, com brevidade, acorrer áquele ponto com uma canhoneira e a barca a vapor pelo menos. Dois dias após, Paixão respondia-lhe que logo que recebêra o referido officio voára áquele ponto não encontrando o que se dizia. Procurára ter uma conferencia com Netto, que não se deu.

Nesse mesmo dia respondeu-lhe Silva Tavares não convir hostilizar Netto até a volta de Greenfell. Retrucou-lhe o comandante Paixão que se permitisse a passagem de Netto ficaria infringido o convenio; mas desde que Silva Tavares tomasse a inteira responsabilidade por tudo o que corresse, o avisasse. No dia 8, o comandante Paixão dava parte a Tavares que notára haver passado fôrça inimiga na volta do Pesqueiro (10) (cerca de 20 homens) e que fôra encontrada ali uma canôa, que os marinheiros haviam destruido.

(8) Arroio desaparecido em 1878. Desaguava na lagoa Mirim, municipio do Rio Grande. E' tambem o nome de um povoado no municipio do Rio Grande á margem da lagoa Mirim, mais conhecido pelo nome da Capilha. Dista 11 léguas da estação da Quinta.

(9) Passo sobre o Rio S. Gonçalo, municipios de Arroio Grande e Rio-Grande. (Notas de W. S.)

(10) Passo e arroio tributario de S. Gonçalo, no municipio do Rio Grande. (Idem.)

No dia 10 de junho o comandante Paixão recebia a seguinte carta do coronel Crescencio :

“Ilmo. sr. — Com bem pesar meu comunico a V. S. que os motivos que me obrigaram a romper as hostilidades foi procedido por falta de intelligencia praticada pelo coronel João da Silva Tavares por não me ter entregue uma praça que aprisionaram em ocasião de suspensão de armas cuja praça reclamei, assim como para passar para esta parte do rio o general Pedra dando prazo de seis dias para se efetuar o que acima digo e os motivos ponderados são os que me obrigaram a passar o rio que servia de divisa. Protestando a V. S. que nenhuma hostilidade praticarei contra as forças navais ao mando do exmo. general Grinffo (sic) enquanto esta não romper fogo contra as do meu mando até que de Pôrto-Alegre venha a decisão que tão anciosamente esperamos. — Deus guarde a V. S.

Campo em marcha, 10 de junho de 1837.

Domingos Crescencio de Carvalho”.

O chefe Greenfell, ao chegar de volta, a muito custo conseguiu convencer o coronel Crescencio a voltar para o seu antigo posto e esperar o resultado das negociações, que se faziam em Pôrto-Alegre (4 de julho).

A imprensa legalista, ao saber das preocupações e passos dados pelo illustre official general d’armada, em favor da pacificação da provincia por meios brandos e conciliatorios, abriu contra ele forte e pertinaz campanha, taxando-o de infame, estrangeiro e trai-

dor ; e de tal modo acusou-o diante da opinião pública que esta, enfurecida, chegou a pedir a cabeça do bravo e desinteressado official.

Entretanto, ele, surdo ás infames invectivas, não abandonava seus nobres propositos, e convencido disso não desanimou, esperando que o governo aprovasse o seu comportamento que, afinal, era conforme ao espirito das instruções recebidas". (Idem, pags. 59 a 61).

Apesar de abortados, virtualmente, os planos conciliatorios de Greenfell pela opposição dos legalistas e de alguns farroupilhas, entre os quais se destacava Manuel Lucas de Oliveira, o bravo marinheiro inglês não desanimou na nobre campanha pacificadora, tentando ainda novos acordos, como se verá. mais adiante, nestas efemérides.

DIA 12 : — José Garibaldi, munido da "carta de corso" da Republica Rio-grandense, entra em Maldonado, conforme se vê da seguinte noticia inserta em *El Universal*, de Montevidéo, desta data : "Um corsario com a bandeira republicana do Rio-Grande, entrou no pôrto de Maldonado conduzindo uma presa carregada de açucar. Ao saber, porem, que as autoridades estavam providenciando para o prender, pôz-se ao largo com a sumaca apresada, ignorando-se o ponto a que se dirigiu. O governo comissionou (*governo urugudío*) um empregado da Fazenda para formular o correspondente sumario assim que teve noticia da chegada dos navios. Quando chegou áquelle pôrto, já haviam zarpado". (Conf. Setembrino E. Pereda, in *Garibaldi en el Uruguay*).

DIA 25 : — Pôrto-Alegre continua sitiada. Nesta data o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha pretendendo romper o cerco da capital, investe fortemente contra as hostes farroupilhas, travando-se

renhida luta no sitio denominado Fortalesa, no município de Viamão. Nesse recontro sangrento morreu, bravamente, o major Jorge de Mazaredo, comandante do 8.º batalhão de caçadores de 1.ª linha. Após essa luta bombardearam os farroupilhas a capital, a cujas portas chegaram, sendo, porém, violentamente repelidos.

AGOSTO DE 1837

DIA 3 :— Greenfell faz espalhar entre os habitantes de Pelotas e os de Piratini a seguinte proclamação :

“As fôrças navais tornam a ocupar o rio S. Gonçalo ; os mesmos sentimentos que ditaram a suspensão de armas em 20 de maio, as animam. Vemos em vós outros patricios dominados ou iludidos por homens ambiciosos, que procuram lucrar com o fruto do vosso trabalho e do vosso sangue. O barbaro procedimento dos sitiantes, no bombardeamento de Pôrto-Alegre, onde somente morreram alguns inermes e inocentes, acumulará sobre suas cabeças a maldição dos rio-grandenses. Facil era á fôrça naval vingar-se de semelhantes atrocidades nas cinzas dessa cidade (11) ; porem, longe das armas imperiais esteja semelhante nódoa. Descançai em vossas casas, ou, como brasileiros, apresentai-vos com franquesa a nós. Somos patricios e amigos”.

DIA 12 :— Combate do Triunfo, entre as fôrças legais ao mando do brioso coronel da guarda nacional, Gabriel Gomes Lisbôa, e as farroupilhas chefiadas por Antonio de Souza Netto que, após o recontro de 25 de junho, abandonára o sitio da capital.

(11) Refere-se á cidade de Pelotas, então occupada pelos farroupilhas, comandados por Domingos Crescencio de Carvalho.

Depois da mais renhida luta, perdendo os legais quasi todos os homens, mortos e feridos, Gomes Lisboa entrincheira-se entre cadaveres e morre, afinal, heroicamente, quebradas ambas as pernas, entre os soldados mortos e feridos que o cercavam. Netto, sabedor do fato, acorre ao local e ordena continencia militar ao bravo imperialista que tombára, mandando fazer-lhe imponente funeral.

Gabriel Gomes Lisboa era veterano das guerras platinas, tendo feito as campanhas de 1811 e 1812, 1816 a 1820 e 1825 a 1828, distinguindo-se sempre por seu valor e sangue frio. A morte de Gomes Lisboa foi grande perda para as fôrças do imperio.

DIA 15 : — Prosseguindo nos seus nobres intuitos, Greenfell escreve, nesta data, novamente ao coronel Crescencio longa carta na qual, entre outras cousas dizias :

“Não temo que estes homens perversos de um e outro partido alcancem seus fins (*Refere-se aos que não queriam a pacificação*). O espirito brasileiro, mais cedo ou mais tarde, os ha de subjugar ; porém, desejo sobremaneira o termo de tantas desgraças, e persuadido que nisto concordo com os sentimentos de V. S. reclamo de V. S. mais um esforço para uma causa tão sagrada. V. S. têm mostrado seu prestigio na campanha ; seus talentos militares são admitidos por todos ; não desejo que V. S. dê um passo indecoroso. Os ilmos. srs. Antonio Netto e José Netto ambos são meus amigos, e pensam do mesmo modo ; em suas mãos está o terminar gloriosamente esta fatal contenda, reünindo-se á familia brasileira debaixo de garantias seguras e razoaveis, merecendo assim a bênção da patria e os aplausos de todo o mundo sensato”.

Crescencio responde-lhe em seguida lamentando não serem unânimes as intenções pacificadores e mostrando-se deveras indignado por não saberem “perfidos galegos e os degenerados rio-grandenses, seus partidarios”, avaliar os inestimaveis serviços prestados por Greenfell ao Brasil. Sobre as condições dizia que o governo republicano estava pronto a fazer a pacificação imediata “uma vez que ele reconheça a independencia rio-grandense, e que tirado disto, sempre serão baldadas tais esperanças”. E concluia sua carta :

“Firme nas puras intenções das pessoas que hoje compõem o governo deste Estado, ofereço a V. Excia. toda a hospitalidade e franqueza, uma vez que esses tiranos julgam no caracter é honra de V. Excia. a traição, e menos avaliam os serviços de um militar, que em todas as épocas tem mostrado ao Brasil o seu desenvolvimento”.

Contudo, a guerra continuava... e Greenfell, apesar de impiedosamente atacado, não esmorecia na sua campanha pacificadora.

DIA 18 :— Depois de forte combate entre os imperiais comandados por Manuel dos Santos Loureiro, e os republicanos, apanhados de surpresa, chefiados por João Manuel de Lima e Silva, são estes destroçados no povo de São Luis de Missões, sendo aprisionado Lima e Silva entre 9 e 10 horas da manhã. Levado pelas forças imperiais com destino a Pôrto-Alegre, foi, entretanto, Lima e Silva assassinado nas proximidades do passo Geral do Piratini na tarde deste mesmo dia.

João Manuel de Lima e Silva nasceu no Rio de Janeiro a 2 de fevereiro de 1805, sendo filho legitimo do brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva e d. Joana Maria da Fonseca Lima e Silva. Era tio do futuro duque de Caxias.

SETEMBRO DE 1837

DIA 10 :— Bento Gonçalves foge do forte do Mar, na Baía, para onde fôra transferido. O fâto foi grandemente comentado, até na Camara, onde a opposição acusou o governo de conivencia na fuga do chefe farroupilha. (Veja-se a descrição completa do feito em nosso *Farrapos!*)

DIA 19 :— Diogo Feijó entrega a Regencia ao ministro Pedro de Araujo Lima.

DIA 28 :— E' nomeado presidente do Rio-Grande-do-Sul o marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

OUTUBRO DE 1837

DIA 1 :— Tendo Guilherme Parker, capitão de fragata, tido ordem de subir o Jacuí até a vila do Triunfo afim de distrair os republicanos e dar tempo a que os legais fossem ás Charqueadas buscar gado de muncio e cavallhada, trava-se, nesta data, pequeno tiroteio entre o patacho *Leopoldina* e canhoneira n.º 6, e os farroupilhas então aquartelados na vila do Triunfo.

DIA 6 :— Pedro de Araujo Lima, ministro do Imperio, a quem coube governar o Brasil em nome do Imperador, pela desistencia do energico padre Diogo Feijó, — Araujo Lima encarou sob outro aspeyto a revolução sul-riograndense, e nesta data, com o intuito de ver si conciliava os animos, divulgou a seguinte proclamação aos

RIOGRANDENSES !

As desordens de vossa provincia têm consternado o coração de todos os brasileiros. Unidos pelo sagrado vinculo da mesma religião, da mesma lei

fundamental, dos mesmos interesses e recordações gloriosas, eles sempre consideraram proprias as desgraças de qualquer dos membros da grande familia.

Interprete fiel dos seus e dos vossos proprios sentimentos, zeloso guarda da monarchia constitucional e integridade do Imperio, condições essenciaes da nossa atual e futura felicidade, o Regente interino, em nome do imperador o senhor D. Pedro Segundo, vai de novo esforçar-se em restaurar a paz, e o imperio da lei, que alguns homens insidiosos ou iludidos tem calcado aos pés em vossa provincia.

De diversos pontos do imperio marcham fôrças, e fôrças suficientes para tão desejado efeito : e não receeis que vos faleçam jámais os recursos necessarios para o triunfo da ordem e da liberdade.

Rio-grandenses ! O Regente interino, em nome do Imperador, não tendo em vista a vingança nem a perseguição, ao mesmo passo que arma os generais com a espada, tambem lhes entrega o ramo da oliveira. O mais glorioso feito das armas imperiais será o de conciliar irmãos.

O recurso ás armas só terá lugar contra aqueles que inteiramente surdos á voz da razão e da justiça, surdos á voz de seus proprios interesses, e de seus compatriotas, que lhe oferecem o abraço fraterno, continuarem na carreira da anarquia e da deshonra.

Rio-grandenses ! O governo imperial fará quanto deve : cumpre que o coadjuveis. A Divina Providencia que vela sobre os preciosos dias no nosso jovem monarcha, bem como sobre os destinos do Brasil, coroará os nossos esforços com o mais feliz successo.

Viva a religião ! — Viva a constituição e o ato adicional ! — Viva o Imperador ! — Vivam os Rio-grandenses, defensores de tão sagrados objetos !

Palacio do Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1937.
— *Pedro de Araujo Lima*. — *Bernardo Pereira de Vasconcellos*".

DIA 7 : — Greenfell, a quem já nesta data o proprio governo via com máus olhos devido ás calunias e ataques que lhe fazia a imprensa legalista, responde, nesta data, o officio de 12 do passado que lhe enviou o vice-almirante Tristão Pio dos Santos, então Ministro da Marinha do Imperio, no qual era o chefe naval do Rio-Grande-do-Sul censurado por serem as despesas com a marinha demasiado elevadas, etc., forjando-se, para isso, um novo decreto datado de 15 de setembro, com finalidades, pode-se dizer, vexatorias.

E' o seguinte o officio de John Pascoe Greenfell ao Ministro :

"Ilmo. exmo. sr. — Acabo de ver, com bastante sentimento, o decreto de 15 de setembro pelo qual V. Excia. quiz privar a mim e aos meus valentes companheiros d'armas da distincção e adiantamento na marinha, que nos foram outorgados pelo antecessor de V. Excia., e sancionados por uma lei da Assembléa Geral Legislativa por relevantes serviços em combates com os inimigos do governo imperial.

Eu seria indigno do comando que me está confiado, e do posto que á custa de meu sangue repetidas vezes derramado pela causa do Brasil tenho sido elevado, si não representasse a V. Excia. contra um áto, cuja tendencia é diretamente de extinguir

toda a emulação na Marinha ; toda a confiança na sua administração e estabelecer o princípio que os officiaes que passam tranquilos em suas casas e que se excusam dos serviços de perigo, tenham a mesma sorte que os que se arrojam aos trabalhos e aos combates e que os premios concedidos por por um ministro por serviços á nação possam ser anulados á vontade de outro.

Esta guerra, todavia, não está acabada e ainda que V. Excia. nos prive de um forte incentivo, restam-nos os principios de honra e patriotismo que afiançam o desempenho dos nossos deveres, e a esperanza de que V. Excia. atendendo ao que acaba de representar dará o remedio que as circumstancias e justiça exigem. — Deus guarde e V. Excia. — Bordo da barca *Liberal*, surta no Rio-Grande-do-Sul, 7 de outubro de 1837”.

Com esse ato Greenfell desanimou por completo e não mais tratou da pacificação da provincia mesmo depois do manifesto do ministro do Imperio, Pedro de Araujo Lima (Veja-se dia 6 de outubro).

DIA 30 : — Na coxilha do Espinilho, nas Missões, o general Bento Manuel Ribeiro derrota o coronel legalista Manuel dos Santos Loureiro.

Homero Baptista (Almanaque do Rio Grande do Sul para 1901) assim descreve esse acontecimento : Loureiro estava nas Missões. “Marchando, de volta, para reünir-se a uma columna legalista, encontrou Boaventura Soares, proximo ainda a S.-Borja, com pouca fôrça. Atacou de súbito o grupo de insurgentes, desbaratando-o, apezar do inexcedivel esforço de seu valente comandante, que estava des-

prevenido, no desconhecimento da volta dos legalistas. Continuando a marcha foi derrotado em 30 de outubro de 1837, na coxilha do Espinilho, por forças de Bento Manuel, que viéra ao encalço do companheiro e poderoso auxiliar da vespera. Batido, assim, contramarchou rapidamente, sendo tenazmente perseguido por Bento Manuel, que o levou sobre o Ibicuí, no passo de Mariano Pinto, compelindo-o a transpor o rio. Bento Manuel o seguiu com dois corpos de infantaria e um pequeno troço de cavaleiros, deixando do outro lado o cornel Zeferino Manuel Pereira. Loureiro sem detença repassou o rio poucas leguas adiante e casu de chofre sobre Zeferino, que morreu no começo da refréga, o que determinou a derrota de sua brigada. Depois dessa sortida, Loureiro vitorioso, mas sem elementos para enfrentar os terribes adversarios, afastou-se com a possivel rapidez dessas paragens, prosseguindo sua marcha até ao exercito imperial”.

NOVEMBRO DE 1837

DIA 3 : — Tomma posse da presidencia, em Pôrto-Alegre, o marechal de campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

— Bento Gonçalves da Silva entra novamente no Rio-Grande-do-Sul, após sua fuga do forte do Mar, na Baía (Veja-se 10-9-1837).

“Cidade de Piratini, 17 de dezembro de 1837. — Meu bom amigo. — No dia 3 do passado tive a satisfação de pisar neste país abençoado chegando a Torres, e no dia 9 tocou-me a gloria de abraçar os ami-

gos que compõem a divisão do centro. Dalí parti para esta cidade onde tomei posse no dia 16, do emprego de presidente. As occupações imensas que me distraem, privam-me absolutamente de cumprir o que havíamos tratado; mas logo que tiver ocasião não obstante alguma demora remeti á sua senhora 200\$000 rs. e juntamente as cartas que me havia entregado, sabendo tambem que ela e mais familia gozam saude. Até hoje nenhuma noticia de vós tenho tido, assim como do Cabo d'Esquadra, e como supponho se ache em vossa companhia vos recomendo o façais seguir com a brevidade possivel para a estancia de meu mano Manuel, e juntamente o meu escravo que deve estar hoje em casa de minha comadre D. Ana Lavalleja. Inclusa lhe envio a proclamação que depois da minha posse dirigi a meus patricios, e peço-lhe haja de a mandar imprimir porque ainda nos falta uma tipografia. As continuadas vitorias que tem tido as armas repúblicas nos asseguram em breve completa vitoria, e ainda mais noticias que gaora tivemos de que a Baía deu o grito de liberdade. Os nossos inimigos estão reduzidos a Pôrto-Alegre, Rio-Grande e Norte e mui pronto serão carregados nestes ultimos pontos. — Dai-me sempre noticias vossas e contaí com o vosso amigo e I. —

B. G. Silva''.

DIA 16 : — Bento Gonçalves da Silva presta juramento e assume a presidencia da Republica Rio-grandense.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA

Aos 16 dias do mês de novembro de 1837, 2.º da independencia do Estado Rio-grandense, nesta cidade de Piratini, ás 9 horas do dia, reünidos os vereadores srs. Verde, Silveira, Correia, Moraes, Ramão, Abreu, Pires e Miranda, com a presidencia do sr. Barbosa foi aberta a sessão e declarou que o motivo de haver convocado esta Camara era para ser lido um officio dirigido a ela pelo Exmo. Ministro do Interior, datado de 15 do corrente, no qual comunica que, achando-se nesta cidade o exmo. sr. general Bento Gonçalves da Silva, tinha este de ser investido do cargo de presidencia desta República, como lhe competia segundo a vontade geral dos povos, especificada na áta das sessões da Camara de seis de novembro do ano p. p. ; e que por, isso prevenia á Camara para que hoje pelas 11 horas da manhã se achasse reünida, afim de ser investido o mesmo Exmo. general dos poderes nacionais e prestar-se-lhe juramento, pelo que se deliberou unanimemente que se officiasse ao mesmo convidando-o a comparecer na sala das sessões na hora indicada e para dito fim ; em consequencia o sr. presidente nomeou os srs. vereadores Silveira, Correia e Abreu para levarem o officio de convite ao exmo. sr. e igualmente nomeou aos srs. Verde, Moraes e Ramão para convidarem ao exmo. sr. presidente, afim de assitir ao áto de posse, depois do que suspendeu a sessão.

Comparecendo na sala das sessões o atual exmo. sr. presidente e o exmo. sr. general Bento Gonçalves da Silva, a este depois de lida a áta de seis de novembro p. p. este nas mãos do sr. presidente da Camara prestou juramento que se acha transcrito no livro competente.

Concluído este áto, o sr. presidente da Camara propoz que se participasse ao exmo. sr. general em chefe do exercito que neste dia havia empossado as redeas do governo desta Republica ao exmo. sr. Bento Gonçalves da Silva, e que o mesmo se fizesse público por editais, publicando a posse e juramento que prestou ao exmo. sr. presidente, o que foi aprovado.

Em nome da Camara, o sr. presidente da mesma convidou ao mesmo exmo. sr. e em geral aos espectadores para assistirem a um Te-Deum Laudamus que manda celebrar em ação de graças.

E de como esta Camara assim resolveu e praticou, mandou lavrar esta áta em que assinaram todos os srs. vereadores, e eu João José Dias da Cruz Miranda vereador e secretario interino, que a escrevi e assinei. — *Manuel Rodrigues Barbosa, Serafim José da Silveira, Francisco Moreira da Silva Verde, João Antonio de Moraes, Antonio José de Abreu, Bernardo Pires, João José Dias de Cruz Miranda, Ramão Garcia de Vasconcellos*".

DIA 29 : — Por decreto desta data o governo da República Rio-grandense promove Bento Manuel Ribeiro, "outrora brigadeiro do imperio", ao posto de general do exercito republicano.

DEZEMBRO DE 1837

DIA 1 : — Greenfell, de regresso ao S.-Gonçalo, comunica ao governo a existencia de partidas republicanas nas redondezas, as quais havia hostilizado por varias vezes. Conclúi dizendo que era muito de seu desejo que as fôrças imperiais transpusessem o rio S.-Gonçalo "para o desengano dos insurgentes que todavia não acreditavam nos auxilios chegados e nas fôrças de que dispunham os legalistas".

DIA 3 :— Ainda com referencia aos successos anteriores sobre a pacificação, Greenfell escrevia ao ministro da marinha do Imperio : (12) :

“Fiquei muito satisfeito de S. M. não se ter iludido com as calunias que contra mim têm profendido homens perversos ; lembra-me de haver prevenido a V. Excia. disto antes de eu partir para esta provincia, e pôde V. Excia. estar certo que sómente a anarquia que succede á prisão de Antéro (Veja-se 23 de março de 1837) fez-me apparecer na arena politica ; assim mesmo não tenho pesar do que fiz e os brasileiros sensatos me farão justiça. Sinto muito que a marinha não possa influir mais para acabar esta guerra ; há muito tempo que os rebeldes estão escarmentados do mar, e não querem nada connosco ; com a entrada da expedição a nossa maior tarefa está concluida e foi uma fortuna que Crescencio não ousasse ocupar a barra”.

JANEIRO DE 1838

DIA 9 :— Os farroupilhas permutam o brigadeiro Antéro José Ferreira de Brito, que fôra aprisionado por Bento Manuel Ribeiro em 23 de março de 1837, — pelo tenente-coronel Francisco Xavier do Amaral Sarmiento Menna, preso pelos imperiais.

DIA 21 :— Antonio Elzeario de Miranda e Brito, presidente da provincia e comandante das armas, põem, nesta data, em ordem de marcha, as tropas imperiais, cerca de 1.600 homens, para romper o cerco de Pôrto-Alegre que estava sob a chefia de David Canabarro.

(12) Joaquim José Rodrigues Torres (Gabinete de 19 de setembro de 1837).

DIA 30 :— Nesta data suspendem os farroupilhas o cerco de Pôrto-Alegre, temporariamente, afim de levar a efeito o ataque á vila do Rio-Grande que mais os interessava, nomomento, frustrando, desse modo, a tentativa de Elzeario, cognominado o “presunçoso cabo imperial”.

DIA 31 :— As fôrças farroupilhas, comandadas por Bento Manuel Ribeiro, tomam, nas margens do rio Caf, duas canhoneiras aos imperiais depois de pequena luta. Estes navios foram incorporados á esquadilha republicana sob a chefia do capitão-tenente José Garibaldi.

FEVEREIRO DE 1838

DIA 2 :— Em consequencia da perda das duas canhoneiras, e vendo-se na impossibilidade de resistir aos farroupilhas, retiraram-se precipitadamente das margens do rio Caf os imperiais comandados diretamente pelo presidente da provincia, Antonio Elzeario de Miranda e Brito.

DIA 24 :— Combate do São-Gonçalo. — Sob o comando dos generais Antonio Netto e Domingos Crescencio procuram os farroupilhas, em numero superior a 1.000 homens, forçar a passagem do rio S.-Gonçalo. Para esse fim construíram, na volta do Medeiros, nas margens do mesmo rio, pequeno forte. O S.-Gonçalo estava ocupado pelas canhoneiras ns. 1 e 6, comandadas, respetivamente, pelos primeiros-tenentes Manuel Maria de Bulhões Ribeiro e Antonio José Francisco da Paixão. Ao avistarem a fôrça inimiga, as duas canhoneiras que se achavam na barra do Piratini, suspenderam imediatamente a espiã, contra forte vento NE., e collocaram-se do inimigo á distancia de tiro de metralha.

“O fogo, — diz Garcez Palha, ob. cit. — que se prolongou desde as 4 horas da tarde até o escurecer, produziu tanto estrago nos revoltosos, que desistiram do intento e, á noite, se retiraram abandonando o forte que, cheio de sanguinolentos vestígios do combate, foi arrazado”.

Essa tentativa frustrada foi consequencia da resolução tomada no cerco de Pôrto-Alegre (Veja-se 30-I-1838).

DIA 25 :— Apesar da manhã tempestuosa que fazia, os farroupilhas tão fortemente carregados na vespera, tentaram, na barra do Pavão, (arroyo tributario do S.-Gonçalo) enfrente á ilha do mesmo nome, novamente atravessar o rio afim de levar avante o planejado ataque á cidade do Rio-Grande. Os navios imperiais, porem, não se descuidavam. Apesar de algo avariados, ao primeiro sinal rumaram á barra do Pavão, resistindo á investida farroupilha. Finalmente estes, com grandes perdas, relativamente, recuaram afim de evitar maior sacrificio de gente. Os imperiais tambem tiveram prejuizos de gente e nos navios, especialmente na canhoneira n.º 1.

MARÇO DE 1838

DIA 3 :— Bento Manuel Ribeiro abandonára a vila do Rio Pardo por estar com falta de cavallhada. O presidente e comandante das armas da provincia, marechal Elzeario de Miranda e Brito que seguira para aquella vila com o intuito de vingar a derrota de 2 de fevereiro (veja-se essa data), chega, nesta data á vila e, áchando-a desocupada, aí deixou o marechal Sebastião Barreto Pereira Pitno, retirando-se em seguida para a capital. Sebastião Barreto ficou no Rio Pardo á testa de forte e aguerrida guar-

nição, da qual comandava a infantaria o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha e a cavalaria o brigadeiro Bonifacio Isás Calderon.

ABRIL DE 1838

DIA 13 :— Sáí de Pôrto-Alegre, comandada pelo marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto forte columna destinada a bater os republicanos que, sob o comando de Bento Gonçalves da Silva, estavam acampados nas margens do S.-Gonçalo, proximo ao passo dos Canudos, vigiando os movimentos de Silva Tavares. Houve alguns pequenos recontros vantajosos aos imperiais, mas, em consequencia, cheios de vaidade, estes descuidaram-se um tanto, resultando a junção de varios chefes republicanos, Netto, João Antonio e Canabarro com Bento Gonçalves, os quais, immediatamente se puzeram em marcha rumo ao Rio Pardo.

DIA 30 :— Na vila do Rio Pardo trava-se um dos mais memoraveis combates registados no periodo revolucionario, entre as fôrças imperiais comandadas pelo marechal Sebastião Barreto, e as republicanas dirigidas por Bento Manuel Ribeiro, Antonio Netto e Domingos Crescencio.

Depois de heroica resistencia imperial, entram os revolucionarios na vila, pondo em fuga o comandante imperial, Sebastião Barreto Pereira Pinto, e o sub-comandante José Joaquim de Andrade Neves.

Narram cronicas da época que, vendo-se esses dois chefes perdidos, ordenam aos soldados que resistam até o ultimo cartucho. Mas, enquanto estes se portam como verdadeiros heróis, Sebastião Barreto e Andrade Neves occultam-se numa lancha e, a todo o pano, afastam-se da luta, rio Pardo abaixo.

“Esse tremendo desastre, — escreve A. L. Boiteux, ob. cit. — foi logo comunicado ao chefe da fôrça naval e ao presidente da provincia pelo comandante G. Parker que se encontrava emfrente á vila do Triunfo no patacho *Leopoldina*, onde o comandante das tropas imperiais, marechal Barreto, chegára fugitivo em companhia de outros officiais e se salvaram graças a alguns navios da esquadilha que os acolheram com solicitude e presteza.

Os remanescentes da divisão destroçada — continúa Boiteux, — recolheram-se á capital enquanto o coronel Cabral com a sua divisão era compelido a repassar o S.-Gonçalo e a escudar-se nas trincheiras da vila do Rio-Grande”.

Neste combate foi aprisionada a banda de musica imperial, que era dirigida pelo maestro Mendanha. Dias mais tarde, a pedido dos farroupilhas, Mendanha escreveu a musica do *Hino da República* que, aliás, é simples decalque de uma valsa do velho Strauss, escrevendo os primeiros versos para o hino o illustre farroupilha Serafim Joaquim de Alencastre.

O 30 de abril foi sempre festejado com pompa pelos republicanos.

MAIO DE 1838

DIA 7 : — Entra, vitoriosamente, em Lages, um troço de fôrças farroupilhas, que é recebido entusiasticamente.

“Em principios de 1838, o governo de Santa Catarina enviava reforços para a região serrana, pois era esperada a toda a hora uma irrupção de fôrças republicanas naquelas paragens ricas em gado manteúdo.

“O coronel legalista Santos Loureiro, que policiava aquella circunscrição, cometia em Lages toda

sorte de arbitrariedades, estomagando e maltratando a população ordeira e sofredora.

“Tais prepotencias deram causa a que o povo se inclinasse simpaticamente para os sublevados da provincia vizinha, que lhe acenavam com promessas sobremodo liberaes, e acabasse por alcançar auxilio deles para sacudir o jugo tiranico dos delegados do Imperio”. (LUCAS ALEXANDRE BOITEUX, ob. cit. pag. 87).

DIA 11 : — Nesta data tem inicio o terceiro assedio á cidade de Pôrto Alegre, em cuja defesa o presidente Elzeario punha o melhor de seus esforços. Este assedio durou até 1840, com pequenas interrupções.

— Nesta mesma data é proclamada, em Lages, pela primeira vez, a Republica, com grandes arruידos. “Todavia, — diz Lucas Alexandre Boiteux, ob. cit., — não foi duradouro o dominio rio-grandense, pois, logo no mês seguinte, as tropas imperiaes compeliam os insurgentes a abandonar a zona serrana de Santa Catarina”.

JUNHO DE 1838

DIA 22 : — Por decreto desta data é nomeado Vigario Apostolico da República Rio-grandense o rev. padre Francisco das Chagas Martins de Avila e Souza.

AGOSTO DE 1838

DIA 1 : — Cuidando da instrução publica, o governo da República Rio-grandense expede ás Camaras Municipais republicanas a seguinte circular :

“Convencido o governo da República, que só por meio da difusão das luzes e da moral é que podem prosperar e robustecer

os Estados como este, baseados nos principios representativos : e tomando em consequencia por aquelle motivo na mais seria consideração a educação e instrução da mocidade Rio-grandense, inteiramente derrocadas em todos ou quasi todos os pontos do Estado pelas vicissitudes de uma guerra de três annos, qual a que sustentamos contra os oppressores de nossa liberdade e independencia, determina que Vossas Mercês pondo em vigorosa ação o patriotismo e mais qualidades que os distingue, façam instalar provisoriamente, com a possivel brevidade tantas escolas de primeiras letras, quantas forem as povoações ou lugares notaveis de seu municipio, provendo-as logo de mestres idoneos, morigerados, e instruidos, na falta dos conhecimentos do sistema de Lencastre, pelo menos nas quatro primeiras operações aritméticas e suas definições, e na escrita com acerto, aos quais farão examinar por duas pessoas entendedoras da materia, e perante Vossas Mercês, que igualmente lhes arbitrarão ordenados adequados ás circumstancias do local onde tiverem de exercer tal magisterio, dando de tudo parte ao governo por esta repartição para intelligencia ; e assentamento no tribunal do Tesouro. — Outrosim lhes previno que tais provimentos não prejudicam aos professores que na conformidade das leis em vigor despachados forem pelo governo. — Deus guarde a Vossas Mercês. — Secretaria do Interior em Piratini, 1.º de agosto de 1838. — *Domingos José de Almeida*".

DIA 23 :— De Bordo do brigue-barca *Sete de Abril*, em São-José-do-Norte, John Pascóe Greenfell escreve, nesta data, ao Ministro da marinha do Imperio, José Joaquim Rodrigues Torres, queixando-se mais uma vez das perseguições que vem sofrendo por parte do presidente da provincia, marechal Antonio Elzeario de Miranda e Brito, e novamente pede a sua exoneração do comando das fôrças navais no Rio-Grande.

Entre outras cousas diz Greenfell no referido officio :

“Devo advertir a V. Excia. que o exmo. sr. Elzeario desde que chegou a esta provincia tem se mostrado indisposto comigo ; ora com ordens, insinuando injustas censuras á marinha, ora dirigindo ordens aos comandantes das embarcações de guerra na minha presença, sem se importar comigo, ora intrometendo-se com o detalhe da esquadra que sómente a seu chefe cabe ; de maneira que sem embargo dos elogios que noutras occasiões ele tem feito a briosá divisão do meu comando, tem-me sido sumamente penoso suportar o meu lugar, — Essa indisposição de S. Excia. nasce de simpatias que ele tem para com homens de um partido, que aqui existe, de quem eu havia adquirido inimizade por opor-me ás violencias que eles praticaram na anarquia que succedeu á prisão do sr. Antéro”.

E conclui dizendo : “Esta influencia ainda reina e é mais um motivo pelo qual de novo me obriga a pedir a V. Excia. o meu retiro deste comando, e assim agora faço, confiado de que a maior tarefa da marinha está concluída,” etc. etc.

Mas essa campanha contra Greenfell não era sómente de Antéro : a imprensa liberal da côrte e o proprio parlamento faziam-na tambem...

DIA 29 : — Bento Gonçalves da Silva publica o seu longo *Manifesto do presidente da republica Rio-grandense em nome de seus constituintes*, em que faz o historico das causas da revolução de 20 de setembro, já divulgadas, em grande parte, no seu manifesto de 25 de setembro de 1835 (Veja-se esta data), e o porque da proclamação da Republica e declaração da independencia. (Esse "Manifesto" encontra-se, na íntegra, em *O Povo*, ns. 2, 3 e 4, de 5, 8 e 12 de setembro de 1838, e na *Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio-Grande-do-Sul*, I semestre de 1928).

DIA 30 : — O tenente-coronel farroupilha, Rafael Fortunato de Abreu, derrota, nas proximidades des de Camaquã, o famigerado Moringue (Francisco Pedro de Abreu) que se distinguiu durante toda a revolução por suas façanhas e surpresas.

SETEMBRO DE 1838

DA 1 : — Aparece, em Piratini, o primeiro numero do jornal *O Povo, Jornal politico, literario, e ministerial da Republica Rio-grandense*, dirigido pelo jornalista italiano Luis Rossetti. Traz no cabeço, logo abaixo do titulo, a seguinte legenda :

"O poder que dirige a revolução, tem que preparar os animos dos cidadãos aos sentimentos de fraternidade, de modestia, de igualdade e desinteressado e ardente amor da Patria — *Jovem Italia*, Vol. V".

No dia 4 o ministro Domingos José de Almeida fez publicar e distribuir amplamente uma circular anunciando a publicação do jornal e dizendo que "não podendo atentas as reptidas carencias do exercito, espalhar gratis como cumpria, o referido Jornal", pede que tomem assinaturas.

Do n.º 46 (6-III-1839) em diante, passa *O Povo*, a ser publicado em Caçapava (Veja-se 9-1 e 14-II-1839), desaparecendo após a publicação do n.º 160, datado de 22 de maio de 1840.

DIA 4 : — José Garibaldi participa ao Governo que nesta data fez presa da sumaca imperial *Mineira*, “com a unica despeza de um tiro de peça e dois de espingarda”. A tripulação fugiu de bote desaparecendo ao norte de Bojurú. A sumaca ficou perdida, mas toda a carga foi salva.

DIA 20 : — Em consequencia do officio de 23 de agosto ultimo (Veja-se esta data) é dispensado do comando das fôrças navais no Rio-Grande-do-Sul, o chefe de divisão John Pascoe Greenfell, e nomeado para substitui-lo o capitão-de-mar-e-guerra Frederico Mariath.

— Por decreto desta data o Governo da República Rio-grandense ordena o côrso contra o Brasil.

OUTUBRO DE 1838

DIA 12 : — A Camara Municipal de Cachoeira nomeia o padre-mestre João de Santa Bárbara, procurador geral do municipio, cargo que não aceitou conforme officio seu de 29 de outubro deste ano, pretextando máu estado de saude e falta dos conhecimentos dos negocios públicos por estar afastado ha cinco anos (?) da provincia e dos negocios politicos.

DIA 25 : — O capitão-de-mar-e-guerra Frederico Mariath assume o comando da divisão naval do Rio-Grande-do-Sul, em operações contra os farroupilhas.

Mariath, português de nascimento, (como Elzeario) militou nas campanhas do Prata, na da Independencia e por ultimo na do Pará, onde dirigira

as operações navais. Em todos essas campanhas distinguuiu-se sempre, sem, contudo, poder-se considerá-lo oficial de grandes merecimentos.

NOVEMBRO DE 1838

DIA 5 :— Os imperiais comandados pelo coronel Salustiano Severino dos Reis e major Francisco Pedro de Abreu, num total de 755 homens, atacam os farroupilhas, comandados por Bento Manuel Ribeiro, nas proximidades do Triunfo, destroçando-os em parte. Perderam os republicanos : 24 mortos, 8 prisioneiros, 160 cavalos e 20 bois além de alguns mantimentos. Poucas, relativamente, foram as baixas sofridas pela fôrça de Chico Pedro e Severino dos Reis.

DIA 19 :— Guarnecia Santo-Amaro, pôrto nas margens do rio Jacuí, um contingente farroupilha comandado pelo brioso Francisco Teixeira. Esse contingente, que tomára parte no combate do Rio Pardo (Veja-se 30 de abril de 1838) trazia prisioneiros varios soldados e oficiais legalistas entre estes o major Lopo de Almeida Henriques Botelho e Melo, que, naquele combate, comandava parte da artilheria, sendo um de seus heróis na resistencia. De surpresa (as surpresas eram o sistema habitual dos *combates* de Chico Pedro), de surpresa desembarca com forte contingente nas proximidades de Santo-Amaro, ataca o povoado e derrota completamente os republicanos, libertando os prisioneiros de 30 de abril. Por este e outros ataques, de surpresa quasi todos, foi que o governo imperial agraciou Chico Pedro com o titulo de barão do Jacuí.

DIA 23 :— Bento Gonçalves da Silva reassume o comando do exercito republicano, passando as re-deas do governo ao coronel José Mariano de Mat-

tos, então Ministro da Guerra, e põem-se em marcha para a vila Setembrina (Viamão) afim de reforçar o cerco á cidade de Pôrto-Alegre que estava sendo relaxado.

DIA 2 :— Segunda invasão da vila de Lages pelos republicanos rio-grandenses, chefiados pelo capitão Prestes. Mas, como da primeira vez, breve foi sua permanencia naquela provincia.

DEZEMBRO DE 1838

DIA 28 :— O capitão revolucionario Vasco Márques de Souza derrota uma partida imperial comandada por José Alves de Simas (Juca Cipriano), na fazenda de Tacuarembó, de propriedade do marechal Sebastião Barretó Pereira Pinto. Simas vinha sendo perseguido desde Camaquã, no dia 26, onde se deu o primeiro encontro, perdendo 2 homens. Em Tacuarembó, porém, foi totalmente destroçado, perdendo toda a cavallhada, muitos mortos e feridos e cerca de 30 homens extraviados.

JANEIRO DE 1839

DIA 9 :— Constantemente ameaçados, e já um tanto em decadencia, não mais podem os farroupilhas manter sua capital em Piratini. Alem disso, essa localidade ficava já um tanto afastada do seu centro de operações. Resolveu, então, Bento Gonçalves de acordo com o ministerio de república, transferir a capital de Piratini para Caçapava. Nesta data foi oficialmente annunciada por Bento Gonçalves essa transferencia.

(Veja-se dia 14-II-1839).

DIA 10 : — E' divulgado, em Pôrto-Alegre, o seguinte "Aviso" :

"Ilmo. e exmo. sr. — O Regente em nome do Imperador ha por bem ordenar o seguinte, a respeito dos escravos que os rebeldes têm armado, e com os quais tambem hostilizam as fôrças imperiaes :

1.º) Todo o escravo que for preso e tiver feito parte das fôrças rebeldes, será logo af, ou no lugar mais proximo em que possa ter lugar, correccionalmente punido com duzentos a mil açoites, por ordem da autoridade militar ou civil, independentemente de processos. Depois de assim castigados, serão remetidos para esta capital, publicandose seus nomes e senhores, afim-de-que saibam o destino de seus escravos, e possam dispor deles como lhes convier, contanto que não revertam á provincia do Rio-Grande, enquanto não estiver plenamente pacificada ao que por si, ou por seus procuradores se obrigarão por termo perante o juiz de direito chefe da policia encarregado de fazer a entrega aos que se legitimarem.

2.º) Os escravos que ao tempo da publicação desta providencia fizerem parte da fôrça armada dos rebeldes, e que abandonando o seu partido, se apresentarem ao general em chefe, ou ás autoridades que este designar, ficam anistiados e isentos de todo o serviço forçado, e ser-lhes-ha passada a carta de alforria, para ficarem gozando de sua plena liberdade.

E para que não fiquem expostos a reações e vinganças, ou por alguma funesta

casualidade, a recairem nas mãos dos rebeldes, serão a custa do governo transportados para fóra da provincia.

3.º) Os escravos que se apresentarem, e estiverem nas circunstancias da disposição antecedente, serão avaliados por dois louvados, um nomeado pelo procurador fiscal ou pelos fiscaes que suas vezes fizerem, e o outro por seu dono, se estiver presente, na sua falta pelo que designar, ou tiver designado a respectiva Camara Municipal, ou pelos fiscaes desta devidamente autorizados. Esta avaliação será feita sumariamente, e V. Ex. expedirá as precisas ordens para que não deixem de haver louvados, de que trata o paragrafo antecedente. Si os escravos pertencerem aos subditos imperiaes fieis ao seu juramento, ao Trono e á Patria, ser-lhe-á o preço de avaliação pago logo que o requererem. Si, porém, forem esses escravos pertencentes aos rebeldes, seus colaboradores e protectores, só tera lugar o sobre-dito pagamento depois da devida indenisação, e da liquidação final, sendo para esse fim depositados no cofre da tesouraria provincial as quantias em que forem avaliados.

Transmitindo a V. Excia. esta ordem do Regente em nome do Imperador, espero que se desvelará em adoptar as medidas, e fazer todas as diligencias que possam produzir o resultado que delas espera; pelo que lhe dará toda a publicidade pelos periodicos, por editais nas cidades, vilas, povoações, e quaisquer outros meios que oportunamente ocorrerem.

Deus guarde a V. Excia. Palacio do Rio de Janeiro em 19 de novembro de 1838. *Bernardo Pereira de Vasconcellos*. — Sr. Presidente da provincia de São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul.

Cumpra-se e registe-se. — Palacio do Governo em Pôrto-Alegre, 10 de janeiro de 1839. — *Brito*".

Em represalia, o Governo da República Rio-grandense publicou, com data de 11 de maio de 1839, decreto em que, depois de fazer varias considerações em torno do "aviso" imperial, diz :

"o presidente da República para reivindicar os direitos inalienaveis da humanidade, não consentindo que o livre rio-grandense, de qualquer côr com que os accidentes da natureza o tenham distinguido, sofra impune e não vingado o indigno, bárbaro, aviltante e afrontoso tratamento que lhe prepara o infame governo imperial, em represalia ao que é provocado, Decreta :

Artigo unico. — Desde o momento em que houver noticia certa de ter sido açoitado um homem de côr a soldo da República pelas autoridades do governo do Brasil, o general comandante em chefe do exercito, ou comandantes das diversas divisões do mesmo, tira á sorte aos officiais de qualquer gráu que sejam das tropas imperiaes nossos prisioneiros, e fará passar pelas armas áquele que a mesma sorte designar". (Veja-se 16 de maio de 1839).

FEVEREIRO DE 1839

DIA 1 : — Bento Manuel Ribeiro destroça duas canhoneiras imperiaes e um lanchão armado, no rio Caf.

“Ilmo. e exmo. sr. — Em data de òntem me dirigi a V. Excia. comunicando-lhe sucintamente o resultado do ataque que empreendi contra as canhoneiras imperiaes Ns., 7 e 9 e o lanchão armado N. 2 na madrugada do 1.º do corrente. Agora porem, devo estender-me sobre os pormenores de tal empreza. Depois de uma marcha seguida de 9 a 10 leguas chegamos sobre a margem direito do Caf, e immediatamente se postaram duas emboscadas do 3.º batalhão que rompeu o fogo mais vivo, entretanto que se collocava uma peça de artilheria sobre a barranca comandada pelo tenente França, havendo se collocado outra mais abaixo sob o comando do tenente Bento Gonçalves (13) para impedir a retirada das canhoneiras no caso que isso tentasse, mais que logo veiu secundar o fogo da outra peça. O inimigo não deixou de fazer-nos bastante fogo, porem não puderam sofrer a bravura irresistivel de nossos soldados, e precipitadamente abandonaram as embarcações, lançando-se ao rio ganhando a margem oposta. A maior parte da guarnição pereceu no fogo, escapando-se apenas 8 ou 10 a pé pelo mato. Foi morto o comandante da canhoneira n. 7 (14), e ficou prisioneiro o comandante da canhoneira 1.º de fevereiro (15) (outrora n. 9) inclusive 10 feridos, e passando-se dois. O lan-

(13) Filho de Bento Gonçalves da Silva, presidente da Republica Riograndense.

(14) Primeiro-tenente Antonio Dias dos Santos Bellico.

(15) “Primeiro de fevereiro” foi o nome que os farroupilhas, aliás, Bento Manuel Ribeiro, deu á canhoeira n.º 9, que passou, depois, a servir na marinha republicana, por algum tempo.

chão trazia 2 morteiros, um de ferro e um de bronze de calibre 3. A canhoneira N. 7, tinha dois rodízios, um de bronze, outro de ferro, e a canhoneira N. 9, uma peça de 9 reforçada em 12 e uma columbina, e mais 3 escaleres. Ficou-nos imensa quantidade de pólvora, e 620 tiros de artilheria, sendo a maior parte de metralha; uma porção de cartuchame, e perto de 50 armas de infantaria, não mencionando varios outros objectos que pouco interessam. Os feridos inimigos os fiz seguir para Pôrto-Alegre, e o comandante da canhoneira N. 9, que é o filho do Marquês de Inhambupe (16), como o encontrasse mui abatido e choroso, me compungi do seu estado lastimavel, e o soltei, dando-lhe passaporte para aquella cidade, certo de que V. Excia. me desculpará este áto de filantropia e humanidade. A canhoneira N. 7 ficou mui esbandalhada do fogo da artilheria, fazendo agua por toda a parte, apenas nos deu tempo para tirar a pólvora, indo depois ao fundo com uma peça, tendo-se salvado outra com muito trabalho: a dita canhoneira fica no mesmo lugar, isto é, no passo do Contrato, e presumo que o inimigo não se atreverá a vir busca-la. As outras embarcações as fiz seguir pelo Caf acima até onde possam ficar sem risco de serem tomadas. Acho mui acertado que V. Excia. mande algum official de marinha, e marinheiros tomar posse

(16) Marquês de Inhambupe — Antonio Luis Pereira da Cunha. O filho, de que fala Bento Manuel, era o então primeiro-tenente Manuel Luis Pereira da Cunha, que se tornou um dos maiores heróis na campanha contra o governo paraguaio, da marinha imperial.

delas pois ainda nos podem servir de muita vantagem ; compôr-se a outra, e conservarem-se neste rio, até que em uma ocasião favoravel possam ganhar o Guaíba, e subirem por ele acima. Nesta jornada toda a tropa se conduziu o melhor possivel, como mostro na ordem do dia junta por copia, que V. Excia. se dignará mandar imprimir no jornal da República. A nossa perda foi de 2 homens mortos no fogo, 2 depois de feridos, e 8 feridos levemente, inclusive um official do 3.º batalhão.

Deus guarde a V. Excia. — Quartel General no passo do Pesqueiro, 2 de fevereiro de 1839. — *Bento Manuel Ribeiro*. Ilmo. e exmo. sr. general *Bento Gonçalves da Silva*, presidente da Republica”.

DIA 14 : — Conforme fôra anunciado a 9 de janeiro ultimo, o governo, da República Rio-grandense instala-se, nesta data, em Caçapava que é elevada á cidade e capital.

A mudança dos arquivos e da tipografia foi todo feito em carretas de bois, e mesmo durante a viagem composto em grande parte o n.º 46 do jornal *O Povo*, e o boletim extra datado de Caçapava, 5 de fevereiro, com o decreto que manda passar pelas armas todos os officiais legalistas que haviam sido soltos depois de terem feito o juramento de não mais pegarem em armas contra os republicanos.

DIA 19 : — “Os lanchões dos rebeldes do Rio-Grande, saindo do Camaquã, surgem a barlavento de um comboio de embarcações legais, que se dirigia para a cidade do Rio-Grande e se achava fundeado perto de Itapuã, á espera de vento. — Perseguidos

pela canhoneira n. 4 e pelo cúter *Murai*, puderam escapar-se por um riacho, onde não era possível navegarem os nossos navios". (GARCEZ PALHA, ob. cit.)

MARÇO DE 1839

DIA 21 :— Bento Gonçalves da Silva dirige veemente proclamação aos lageanos convidando-os a pegar em armas contra o Imperio :

"Fazei troar no meio de vossas montanhas, — dizia o presidente da republica Rio-grandense, o brado glorioso da vossa emancipação absoluta ; despedaçai o imperioso grilhão do despotismo, e cheios de indignação lançai-o fóra !

Que podeis recear contando-nos a nós e aos nosos poderosos aliados no numero dos vossos amigos?

Vossas posições geograficas, vosso character, vossos habitos e usos, tudo concorre a irmanar-nos para sempre em um anel firme : sejamos um e o mesmo povo ; pois a Providencia que a todos os homens fez livres, não deixará (porque é justo abençoar os nossos esforços) de fazer prosperar as nossas armas".

DIA 28 :— Desembarca em Pôrto Alegre o Ministro da Guerra Sebastião do Rego Barros, ficando em seu lugar, na pasta, o Ministro da Marinha Joaquim José Rodrigues Torres.

ABRIL DE 1839

DIA 12 :— Nas pontas de Cunchã-Peru, sobre nossas divisas com o Uruguái, foi destroçado pelo capitão Manuel Cavalheiro de Oliveira junior uma partida legalista chefiada pelos capitães Venceslau e Dedeco. Ficou em poder dos republicanos toda a cavallhada que levavam, e da fôrça poucos homens se salvaram, não escapando, mesmo, o capitão Dedeco.

DIA 13 :— No Curalão, em São-Borja, uma força imperial ao mando de Chará e Catalão, composta de 70 homens, foi rechassada pelas fôrças do general Portinho composta, na ocasião, de 50 homens.

Retirando-se os imperiais, sempre perseguidos pelos homens de Portinho, foram, ambos, engrossando suas colunas com fôrças volantes que estavam pelas redondezas. Por isso, a luta entre ambas as partidas continuou sempre, sem treguas, finalizando somente no dia 20, com a passagem dos imperiais, depois de sério revez, pelo passo de Santa-Maria, no Uruguái. Tiveram os imperiais 10 mortos, 4 prisioneiros, varios feridos, toda a cavallhada perdida, grande parte de arreamento e muito armamento caíu em poder dos farroupilhas.

DIA 17 :— Francisco Pedro de Abreu, o célebre Chico Pedro, ou *Moringue* (mais tarde barão do Jacuí), ataca, na estancia da Barra, com mais de 100 homens, o quartel de Garibaldi no qual somente se encontravam, no momento, 11 homens inclusive o *condottiere*. Valentemente resistem ao ataque os marinheiros republicanos conseguindo, depois de terem, casualmente ferido a Chico Pedro, po-lo em retirada.

Em officio desta data Garibaldi relata o feito :

“Ilmo. sr. — Hoje fomos acometidos por um grupo de mais de cem homens, segundo calculo, entre cavallaria e infantaria montada. Passando a noite em contínuo alarme, logo que o sol dissipou a cerração, e não ocorreu novidade mandei recolher as sentinelas e piquetes avançados afim-de principiar o trabalho nos lanchões ; mas como tornasse a cerração, o inimigo appareceu de repente quasi a meio tiro de pistola, saindo de um mato que flanqueia o quartel, no qual

existiam, então, 11 homens somente; o que posto, depois de vivo fogo por espaço de algumas horas, essa horda de escravos e assassinos se retirou, deixando no campo seis mortos e levando muitos feridos, entre os quais o mesmo Francisco Pedro, baleado no peito e em uma mão. Nós temos seis homens levemente feridos, e lastimamos a morte de um camarada. Cumpre-me notar que estando a gente da guarnição espalhada, não lhe foi possível reunir no calor do combate, cabendo por isso toda a gloria dele aos onze bravos de que acima fiz menção, cujos nomes levarei á presença do Governo, para que sejam devidamente premiados, visto a bizarrria com que se votaram á morte na defeza da nascente República Rio-grandense, contra inimigos em numero tão desigual, o que ainda uma vez prova que um livre é para doze cátivos. — No campo achamos algumas armas, arreios, patronas e outras miudesas. A minha mala e todos os papeis de contabilidade foi pelo inimigo roubada. E' necessario que V. S. faça marchar alguma cavalaria para este ponto, porque ainda podemos ser visitados por aquela canalha, si bem que não tememos. — Deus guarde a V. S. — Brejo do Camaquã, 17 de abril de 1839. — Ilmo. sr. Serafim Inacio, comandante de polícia. — *José Garibaldi*, capitão-tenente, comandante da esquadilha da República".

DIA 23 : — Não desacoroçoados com o revez sofrido de 13 a 20, as fôrças imperiaes de Chará e Catalão voltaram a atacar o general Portinho nas mar-

gens do Uruguái, junto ao passo de Santa Maria, sendo, porem, novamente repellidos e, desta vez, postos em fuga. Perderam os imperiais 7 mortos alem de feridos, 14 cavalos ensilhados e 300 "gordos e sãos". — As baixas sofridas pelos republicanos foi diminuta.

DIA 24 : — Por decreto desta datao governo da República Rio-grandense estipula os vencimentos do Vigario Apostolico da República e indica o titulo que se lhe deve dar. Reza o decreto :

"Artigo unico. — O Vigario Apostolico do Estado vencerá anualmente a congrua de dois contos e quatrocentos mil reis aos quais tem direito de vinte e dois de junho do ano ultimo em diante, e o seu tratamento deverá ser o de Excelencia Reverendissima, quer verbalmente, que por escrito".

DIA 29 : — Regressa á côrte o Ministro Sebastião do Rego Barros, "muito convencido de que a revolução estava em vespera de ser debelada".

Chegando á côrte a 6 de maio declarou, com empáfia, que não "trepidaria em afirmar ao parlamento que o triunfo da Constituição e do trono não estava distante, e que a duração da campanha não podia ser longa", etc. Mas, a politica, na côrte, modificára profundamente e Rego Barros fôra, em consequencia, apeado do poder pelo novo Ministério de 16 de abril.

MAIO DE 1839

DIA 16 : — Decreta o Governo da República Rio-grandense o retorno ao cativo de todo "o homem de côr a soldo da República e por ela livre", que se tiver passado para os imperiais e for aprisionado. (Veja-se 10-1-1839).

DIA 23 :— E' exonerado do comando das fôrças navais na provincia do Rio-Grande-do-Sul o capitão-de-mar-e-guerra Frederico Mariath, e nomeado para substitui-lo o capitão-de-mar-e-guerra John Pascoe Greenfell.

Mariath foi exonerado do cargo em consequencia do desastre soffrido nas margens do Caf em 1.º de fevereiro deste anno (Veja-se essa data) aliado ao fâto de não ser *persona grata* do então Ministro da Marinha, chefe de divisão Jacinto Roque de Senna Pereira (Gabinete de 16 de abril de 1839), em virtude de desinteligencias havidas durante a campanha Cisplatina.

Greenfell, assim, embóra estivesse ainda na presidencia da provincia o presunçoso marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito, que tanto o maltratára, e apesar de toda a campanha difamatória contra ele feita por ocasião de suas tentativas de pacificação (Vejam as datas : 20-V-1837, 25-V-1837, 6-VI-1837, 11VI-1837, 3 e 15-VIII-1837, 7-X-1837, e 23-VIII-1838) volta ao Rio-Grande-do-Sul, com novas instruções e completa independencia, conforme rezam as instruções que lhe foram enviadas com data de 31 deste mês, firmadas pelo proprio Ministro da Marinha : “e para esse fim fica V. S. encarregado da direção, e em tudo quanto for peculiar á força de mar, com independencia do general-chefe da fôrça de terra”.

DIA 22 :— E' nomeado presidente da provincia o dr. Saturnino de Souza e Oliveira.

JUNHO DE 1839

DIA 12 :— Por ter sido já nomeado o seu substituto, o marechal-de-campo Antonio Elzeario de Miranda e Brito, profundamente melindrado, en-

trega a presidencia ao vice-presidente, Dr. João Dias de Castro que tomou posse em seguida — Antonio Elzeario de Miranda e Brito foi, depois, de Caxias, o presidente que mais tempo governou a provincia no periodo revolucionario (Veja-se : 28-IX e 3-XI-1837).

DIA 24 : — E' empossado na presidencia da provincia o dr. Saturnino de Souza e Oliveira.

DIA 25 : — De conformidade com o decreto de 6 de outubro de 1838, firmado por Bento Gonçalves da Silva e Domingos José de Almeida, foi, neste dia, ereta oficialmente com o titulo de *Vila Setembrina de Viamão*, a antiga Capela Grande do Viamão, e instalada a sua Camara Municipal, cujos vereadores eleitos, empossados neste dia, foram os srs. : Sargento-mór Manuel Vaz Ferreira, Rev. Hildebrando de Freitas Pedroso, Amancio Gonçalves Viana, Tomé José de Araujo, cap. José Ferreira da Silva, Francisco Rodrigues de Barcelos e cap. Joaquim da Costa Moreira.

DIA 29 : — Já Greenfell assumira novamente o comando das forças navais na provincia. Estavam os farroupilhas instalados nas suas posições de Itapuã e Ponta do Junco. Nesta data, porem, notando que Greenfell iria ataca-los, protegidos pela noite extremamente escura abandonam as posições, retirando-se em um lanchão que estava amarrado junto ás baterias.

“O chefe Greenfell, — diz GARCEZ PALHA, ob. cit., — na barca *Cassiopéa*, persegue-os por toda a costa do sacco do Capivarí, até que os revoltosos se internaram por um riacho onde não foi possivel navegar a *Cassiopéa*. — O primeiro-tenente José Ricardo Coelho de Abreu, com quatro canhoneiras ficou bloqueando esse ponto”.

JULHO DE 1839

DIA 5 : — Definitivamente deliberada a ideia de serem estendidos ás demais provincias do Brasil os ideais republicanos, David Canabarro e José Garibaldi resolvem iniciar o plano em Santa Catarina, onde já em mais de um ponto o republicanismo grassava, atormentando o governo imperial (Veja-se : 7 de maio de 1838 e 21 de março de 1839).

Afim de levarem, com exito, a termo a ideia, concebeu Garibaldi o plano de transportar por terra os seus lanchões da Lagôa dos Patos até a barra do Tramandaí, — visto estar a barra do Rio-Grande bloqueada pelos imperiais, enquanto Canabarro e Joaquim Teixeira encetariam, por terra, a marcha sobre Laguna, o que foi feito.

E esse memoravel projéto executado por Garibaldi, — o transporte dos barcos *Seival* e *Farrowpi-lha* por terra desde a Lagôa dos Patos na fôz do Capivarí, até ás praias de Tramandaí, — tornou-se célebre não tanto pelo transporte em si, pois nada de novo nele havia (Fournier e Sorriano, na guerra entre o Brasil e as provincias Unidas do Rio da Prata, executaram façanha identica, e os venezianos, em 1439, fizeram identico transporte, mas em maiores proporções, pois levaram 30 navios, de Revoredo a Torbole), mas pela audacia do feito desorientando completamente os imperiais que o julgavam perdido pelo bloqueio que lhe faziam no sacco do Capivarí, e pela rapidez do transporte de um a outro ponto (9 dias).

DIA 10 : — A respeito da convenção para auxilios reciprocos entre o governo republicano rio-grandense e o governo uruguáio, encontramos numa carta de D. Frutuoso Rivera, firmada de Montevidéu,

10 de julho de 1839, ao general D. Antonio Lavalleja, o seguinte trecho :

“O general Martins parte para Caçapava com o caracter de agente confidencial junto ao governo republicano, com o fim de fazer efetivo o tratado privado que teve lugar em setembro do ano passado, em meu quartel general em frente a Paisandú, quando ali chegou o coronel Matos, de que V. tem noticia. Já lhe disse que esse negocio está perfeitamente concluido e que agora vá dar-se-lhes a ultima demão para nossa segurança reciproca”.

Infelizmente nada encontramos sobre o “tratado privado” feito em Paisandú...

DIA 15:— Desatrelados, na véspera, as lentas juntas de bois que transportaram até Tramandaf os dois navios *Farroupilha* e *Seival*, da esquadriha republicana, Garibaldi com seus intrepidos patricios e mais companheiros, lançaram n'agua, apesar do tempo tempestuoso, os dois navios. O *Farroupilha*, comandado pelo proprio Garibaldi, porem, naufragou levando consigo para o fundo das aguas alguns marinheiros. Garibaldi e 14 homens da tripulação salvaram-se. O *Seival* era comandado pelo norte-americano João Griggs a quem Garibaldi tece elogios nas suas *Memorie autobiografiche* (17).

(17) A respeito de João, ou John Griggs, diz o capitão-de-mar-e-guerra Lucas Alexandre Boiteux, em sua já citada obra, transcrevendo o que colheira o almirante Henrique Boiteux :

“Sobre este ultimo (John Griggs), conhecido por *João Grande*, devido á sua avantajada corpulencia, estatura e força herculea, merece que se diga algo a seu respeito. — Dizia-se americano ; depois de haver sido vigario de uma pequena igreja em sua terra natal, na Irlanda, passou a dirigir um recolhimento de raparigas, donde, devido aos seus desregramentos com as penitentes á sua guarda, teve que fazer vispere ; foi alistarse entre os membros da seita *Quakers*, bando religioso este cuja denominação proveiu das contorsões que faziam seus primeiros adeptos para mostrarem o medo do Juizo Final. — Proibindo os ritos o uso de armas brancas ou de fogo e o derramamento de sangue, servia-se John Griggs, para combater, de um bas-

Serenada a tempestade, seguiram, todos, no navio escápo ás ondas, rumo da Laguna, onde chegaram dias mais tarde apresando dois novos barcos que denominaram *Rio Pardo* e *Caçapava*.

DIA 18 :— Bento Manuel Ribeiro exonera-se do cargo de general da República Rio-grandense, e, a respeito, justificando sua exoneração, dirige a seguinte carta ao Ministerio e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, coronel José Mariano de Mattos :

“Ilmo. e exmo. sr. — Depois de haver feito sacrificios quasi superiores ao esforço humano na defesa da integridade do Brasil, em cujo serviço havia encanecido, me vi forçado a abandona-lo pela ingratidão que se usou comigo, e sobretudo por não comportar um desaire que a estupidez do brigadeiro Antéro de Brito e perversidade de seus conselheiros me destinavam por galardão. Sabe-o a provincia inteira, e sabem-no até os visinhos Estados. Entretanto minha posição social não tolerava ficasse eu então neutro no meio da violenta agitação em que estavam os espiritos, nem jamais o meu character lhano me permitiria o figurar de hipócrita ; e alem disso, meus bens (que avultavam no Estado) (18) e a conservação deles a bem de minha numerosa familia reclamavam a minhã adesão á causa

tão muidó na extremidade de um castão de ferro, que manejava com extrema agilidade e dextresa ; cada golpe que descarregava podia-se contar uma vitima sem derramamento de sangue. Diz-se que, de consciencia tranquila, acompanhava a queda do adversario repetindo o versiculo dos psalms : — *Accipe adhuc illum, Domine, in misericordiam tuam* (Senhor, recebe mais este na tua misericordia)”. (Pag. 83/84.)

(18) Ao contrario de todos os demais, Bento Manuel sempre fala nos seus bens... Veja-se na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio G. do Sul, III trim. 1933 o artigo CAXIAS e BENTO MANUEL RIBEIRO.

que começou a contar dessa época a maioria do país por si. Dediquei-me pois a ajudar os republicanos, porem foi o meu intento servi-los na classe de simples cidadão, sem exercer cargo algum. Viram-me todos prestar meus serviços ao lado do cornel João Antonio e de outros dignos rio-grandenses, expondo-me assim ás amargas sátiras dos meus inimigos, sem outro objéto mais do que ser util ao Rio Grande. Por fim, havendo regressado de seu exterminio o exmo sr. Presidente, nos encontramos em Rio Pardo, marchamos até o Padre Eterno (19) e retrocedemos juntos para a vila do Triunfo. No decurso desta jornada ocupei-me somente em eximir-me do comando das divisões para que s. excia. me havia nomeado ; já o coração presago me anunciava futuros dissabores : já bastantes ingratidões havia sofrido daqueles a quem melhor tinha servido, e eu não duvidava quão brevemente m'as causariam esses que então tanto me lisongeavam. Afinal sacrifiquei minha opinião e meus principios a uma pura condescendencia com aquele exmo. sr, Eis que sem distar muito tempo vejo já realizados meus pressentimentos, notando com estranheza no n.º 79 do *Povo*, jornal da República, publicado um decreto referendado por V. Excia., onde nomeia para tenente-coronel e comandante do 2.º batalhão de caçadores Francisco José da Rosa, (20) desai-

(19) Nome de um arroio e serra no atual municipio de S. Leopoldo. E', tambem, o nome de um nucleo colonial na mesma zona.

(20) "Tomando em consideração os serviços prestados á causa da liberdade e independencia deste Estado pelo digno patriota o tenente-coronel de caçadores de 1.ª linha Francisco José da Rocha, que por ella tão de-

rando-me desta arte aos olhos de todo o país, pois é geralmente sabido que repreendi asperamente esse insubordinado baiano, indigno até de cingir a banda que desdoura. Dedicado desde os meus primeiros anos á carreira militar, me tenho nela avantajado, não pelos meios do servilismo, sinão por ações de esforço e intelligencia; e servindo nesses tempos com os generais d. Diogo de Souza, Conrado Jacob e tantos outros que temos o costume de chamar déspotas, nenhum deles jámais me desairou.

Alí estão os rio-grandenses todos testemunhas do apreço e consideração com que sempre me honraram, sem que eu soubesse curvar-me á prepotencia. Hoje, já proximo á sepultura e cheio de cãs ganhadas em arduos serviços á patria prestados, não pôsso nem devo tolerar que por um obscuro baiano fira V. Excia. nem o exmo. governo minha honra e pundonor militar. Pelo que levo ao conhecimento de V. Excia. para sua intelligencia, que desde a data desta me reputo demittido da graduação que tenho na República e exonerado do serviço militar; ambicionando a honra de ser considerado sempre como um simples cidadão rio-gran-

cidida e francamente mostrára suas generosas sympathias na Bala, sua patria, á despeito da espionagem inquisitorial de governo do Rio de Janeiro, concorrendo com quanto lhe era possível em favor dos riograndenses que alí se achavam detidos em ediondas masmorras, e cooperando para po-los em plena liberdade: o Presidente anuindo ao seu oferecimento de prestar-se ao serviço deste país, o admite no mesmo posto, e lhe confere o comando do 2.º batalhão de caçadores de 1.ª linha, cujas funções exerce desde 6 de novembro proximo passado, época da qual contará seus vencimentos, e antiguidade.

José Mariano de Mattos, Ministro e Secretario de Estado nos Negocios da Guerra, Marinha e Exterior assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. — *Bento Gonçalves da Silva* — José Mariano de Mattos" — Cumpra-se" etc.

Este decreto está datado de Caçapava, 25 de junho de 1839.

dense, favor a que meus serviços me dão algum jus.

Deus guarde a V. Excia. — Cachocira, 18 de julho de 1839.

Ilmo. e Exmo. sr. coronel José Mariano de Mattos, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra.

Bento Manuel Ribeiro".

DIA 22 :— Desalojado da barra da Laguna pela escuna *Itaparica* e lanchão *Lagunense*, no dia 21, entra no rio Tubarão onde sabia não existir fôrças imperiais, o navio farroupilha *Seival* a cujo bordo estava Garibaldi e Griggs. Descendo o rio encontra-se com o barco republicano o lanchão *Imperial Catarinense*, comandado por José de Jesus. Trava-se a luta entre os dois até que, faltando munição ao lanchão imperial, o comandante resolve queima-lo. Desce, em seguida, o barco republicano encontrando, pouco mais abaixo, o lanchão legal *Lagunense*, que é tomado sem dificuldade. Daí rumam novamente para Laguna já evacuada pelos legais comandados pelo coronel Vicente Paulo de Oliveira Vilas-Bôas que soube terem os farroupilhas fôrças muito superiores ás suas. Tendo Vilas-Bôas tambem ordenado aos navios fundeados no pôrto que saíssem barra fóra, ficaram encalhados a escuna *Itaparica* e o lanchão *Santana*, que foram tomados pelos farroupilhas na manhã do dia seguinte. Todas as manobras de evacuação ordenadas por Vilas-Bôas foram executadas durante a noite deste dia.

DIA 25 :— Vendo-se senhores de Laguna e varios outros pontos da provincia de Santa Catarina, proclamou David Canabarro, nesta data, a Repú-

blica Catarinense, ou Juliana, conforme se vê do officio seguinte, da mesma data, "ao cidadão Presidente e Vereadores da Camara Municipal da Vila da Laguna":

"Incessantes deprecações do povo catarinense a favor de sua independencia e liberdade foram dirigidas ao governo republicano rio-grandense; elas foram acolhidas e já mias deixariam de o ser entre uma nação livre, e em resultado veiu a divisão libertadora sob meu comando. Seus primeiros passos anunciam a breve terminação desse punhado de baionetas do imperio, e a consolidação do sistema livre nesta parte no sólo americano. A vitoria que no dia 22 do corrente a face desta vila obtiveram nossas armas: e as mais que saíram sucedendo; a espontanea vontade com que vôm os livres americanos, de todos os cantões do nascente Estado Catarinense ás fileiras libertadoras, são o gârante de sua estabilidade. Que deveremos praticar em um nexo vitorioso quando os frutos procuram aos homens e não estes a aqueles? Quais os embaraços que faltam superar? Nem um só resta para declarar já e já solenemente a Nação Catarinense livre e independente, formando um Estado Republicano Constitucional. Esse dia de grandesa nacional pertence hoje a esta representação Municipal que deverá ser a da capital interinamente visto que o municipio da cidade do Deserto, unico onde esse limitado numero de baionetas se conservam, ainda que por curto espaço de tempo, está privado de partilhar a gloria de elevar com os demais concidadãos a patria ao nivel das Nações do Globo". etc. etc.

Por este fato grande foi o regosijo em todo o Rio-Grande-do-Sul republicano.

AGOSTO DE 1839

DIA 3 : — Trava-se, na Azenha (Pôrto-Alegre), pequeno combate entre os legais comendados pelo brigadeiro Felipe Néri de Oliveira e as forças farroupilhas que citiavam a capital, comandadas pelo general Antonio de Souza Netto. Este combate não teve consequencia alguma apesar de sair ferido em um braço o brigadeiro Néri.

DIA 24 : — Comandando a esquadilha imperial no Rio-Grande-do-Sul o habil marinheiro bretão John Pascoe Greenfell, via-se a esquadilha republicana constantemente perseguida. Garibaldi com os navios *Seival* e *Farroupilha* seguira para Laguna, ficando a manobrar com o restante da esquadra republicana no Rio-Grande o destimido marinheiro farroupilha Zeferino Dutra. Estava esta composta dos lanchões *Rio-Pardo*, *Independencia* e *Setembrina*.

Dutra, fugindo sempre á ação de Greenfell, internou-se na lagôa Formosa onde, julgando-se bem abrigado, iniciou a fabricação de um brigue e de uma sumaca. Aí, porem, nesta data, veio encontra-lo o chefe imperial, Greenfell. Zeferino Dutra, vendo-se perdido, com apenas meia duzia de homens em cada lanchão, rendeu-se após curto combate.

Greenfell mandou incendiar os lanchões farroupilhas e o madeiramento dos que estavam sendo construidos por estes.

SETEMBRO DE 1839

DIA 19 : — No Arroio-dos-Ratos (São-Jeronimo) após violento e desigual recontro, o coronel legalista Francisco Pedro de Abreu consegue destroçar completamente regular partida farroupilha comandada pelo bravo catarinense coronel José Manuel de Leão. Este ficou no campo da luta, entre os cadaveres. .

OUTUBRO DE 1839

DIA 19 :— Tendo desembarcado em Ponta Grossa, na então aldeia dos Anjos (Gravataí), a fôrça imperial comandada pelo brigadeiro Felipe Néri de Oliveira, a 18, e sabendo que nas imediações havia fôrças farroupilhas, destacou o brigadeiro o major Francisco Pedro de Abreu com o fim de surpreender os revolucionarios o que, porem, não conseguiu. Na tarde deste dia 19, o proprio brigadeiro encontrou-se com pequena fôrça republicana, volante, composta de cerca de 60 homens que foram dispersos, mas em seguida teve que recuar á vista de fôrça revolucionaria maior, retirando-se para uma ilha onde ficou abrigado e defendido por um lanchão. Na retirada, porem, para a ilha, foi acometido por cerca de 300 farroupilhas travando-se pequeno combate do qual resultou ficarem varios imperiais feridos, sofrendo os republicanos tambem algumas baixas. Na madrugada de 20, temendo mais violento ataque, Néri reembarca sua gente rumando para Pôrto Alegre.

DIA 20 :— Garibaldi, comandante da esquadriha farroupilha, com duas escunas e um palhabote, zarpa do pôrto da Laguna numa viagem de curso pelas costas de São-Paulo.

DIA 31 :— Na madrugada deste dia o major José Joaquim de Andrade Neves, com 40 cavalaria-nos e 31 infantes, fez uma batida no campo da Varzea, junto á capital, onde existia uma fôrça farroupilha assediando a cidade. Carregados pelo esquadrao ligeiro do comando do sargento Machado protegido pelo resto da cavalaria, os farroupilhas tiveram que recuar perdendo, no embate, 6 lanceiros negros e 3 cavalos, todos mortos. Cairam em poder dos legais 10 cavalos arreados, 3 armas de infante-

ria, uma espada, 3 lanças, malas, cartucheiras e munições. Os imperiais perderam alguns homens feridos, e duas espadas que se quebraram. Após o embate recolheram-se os imperiais precipitadamente á capital porque novo contingente republicano se aproximava, em numero superior ao dos legais.

NOVEMBRO DE 1839

DIA 2 :— O capitão-tenente José Garibaldi, comandante da esquadilha dos revolucionarios, volta de seu cruzeiro pelas costas de São Paulo com a escuna *Rio-Pardo*, o palhabote *Seival* (cada um desses navios montava uma peça de 9) e três navios mercantes apresados, — as sumacas *Bizarria* e *Elvira* e um hiate, quando na altura da ilha de Santa Catarina é atacado pelo patacho *Andorinha* (2 peças de 18), comandado pelo capitão-tenente Francisco Romano da Silva. O *Andorinha* represou a *Elvira* e o hiate, e perseguiu até a noite os outros navios. No mesmo dia a sumaca *Formiga*, que era outra presa das quatro que Garibaldi fizera, foi retomada em Cananéa. (Rio Branco).

DIA 3 :— Garibaldi perseguido na vespera pelo patacho *Andorinha* (diz Rio Branco nas suas Efemérides), colocou-se junto á ponta de Imbituba (Santa Catarina) com a escuna *Rio Pardo*, o palhabote *Seival* e a escuna *Bizarria*, unica presa que lhe restava. Em terra, 200 atiradores e uma peça protegeram esses navios, que foram atacados pelos patachos *Andorinha* (2 peças, 35 homens) e *Patagonia* (1 peça, 4 caronadas, 62 homens) e pela escuna *Béla Americana* (1 peça 2 caronadas, 38 homens), comandados pelo capirão-tenente Francisco Romano da Silva e pelos primeiros tenentes Jorge Benedito Ottoni e João Custodio d'Houdain. O combate co-

meçou 10 minutos depois do meio dia e terminou ás 4 e 45 da tarde. Os navios imperiais afastaram-se, indo os dois patachos fundear em frente da enseada e seguindo a *Béla Americana* para a ilha de Santa Catarina, afim de pedir tropas, que desalojassem as fôrças de terra, e pequenas canhoneirs, que, sem perigo de encalhe, pudessem chegar á posição occupada pelo inimigo. O tempo era de aguaceiros com vento S. S. E. fresco. No dia 4 bordejaram os dois patachos e trocaram alguns tiros com o inimigo. Durante a noite Garibaldi incendiou a presa e pela madrugada conseguiu escapar com os seus dois navios e entrar na Laguna. (Rio Branco).

DIA 15 : — Nas suas já citadas *Ejemérides*, assim descreve o barão do Rio Branco o combate naval da Laguna, eentre farroupilhas e legalistas :

“Os revolucionarios rio-grandenses estavam senhores da vila da Laguna e seus arredores desde 23 de julho. David Canabarro comandava as fôrças de terra (1200 homens) e o capitão-tenente José Garibaldi era o chefe da esquadilha guarnecida principalmente por italianos. O forte da Barra tinha 9 peças e era comandado pelo capitão Felipe Capote. A esquadilha, disposta em se-mi círculo, perto do forte, compunha-se dos navios seguintes : escunas *Itaparica* (5 peças, comandante João Henrique, dos arredores da Laguna, “Juan Henrique del paese de la Laguna”, diz Garibaldi), *Rio Pardo* ou *Libertadora* (1 rodizio de 9, Garibaldi) e *Caçapava* (1 rodizio de 12, John Griggs), canhoneira *Lagunense* (1 rodizio de 6, Manuel Rodrigues), cinco navios guarnecidos de atiradores, palhaborde *Seival* (1 rodizio de 9, Lorenzo Valerigni) e lanchão *Santána* (1 rodizio de 9, Inácio Bilbáo). Canabarro evacuou a vila e passou-se para o sul, ao saber que o tenente-coronel

José Fernandes dos Santos Pereira avançava de Vila Nova com uma brigada (2.º de infantaria, batalhão provisório de Pernambuco, batalhão da Guarda Nacional da Serra, cavalaria da Guarda Nacional de Imbaú e do Desterro e um contingente de artilheria). Essa coluna entrou sem resistencia na vila, pelas cinco horas da tarde, quando terminava o combate naval. A's quatro, o capitão-de-ma-re-guerra, depois almirante, Frederico Mariath forçava a entrada da barra com os navios seguintes: canhoneira n.º 14 (comandante Moreira da Silva, 2 bocas de fogo), lanchão n.º 1 (comandante A. J. Pereira Leal, 2), lanchões ns. 2, 3 e 4 (cada um com uma boca de fogo, comandantes Rodrigues da Costa, J. M. da Silveira e Bernardo de Souza), canhoneira n.º 6 (comandante Gama Rosa, 2), canhoneira n.º 13 (comandante F. Pereira Pinto, depois barão de Iviunheim, 2), patacho *São-José* (comandante J. de Jesus, 5), brigues-escunas *Eolo* (navio chefe, comandante Paixão, 2) e *Cometa* (comandante Senna e Araujo, 6), escuna *Bêla Americana* (comandante d'Houdain), patacho Desterro (comandante Marcos Evangelista, 2), canhoneira *Bellico* (comandante M. J. Vieira, 1) e canhoneira n. 16 (comandante João M. Wandenkolk, 1). Ao todo, 14 navios, 31 bocas de fogo e 379 homens. O combate durou menos de uma hora, e nele pereceram todos os comandantes dos navios de Garibaldi, menos o seu chefe que combateu, como sempre, intrepidamente. A *Caçapava*, foi a pique; a *Lagunense*, o *Seival* e o *Santána* foram tomados pela *Bêla Americana* e pelos lanchões ns. 1 e 3; A *Rio-Pardo* e a *Itaparica* foram incendiados por Garibaldi. A perda dos vencedores foi de 17 mortos e 38 feridos, segundo a participação oficial de Mariath; mas ele proprio, em artigo publicado anos depois, deu algarismos muito maiores. . . .”

Ainda a respeito desse combate, na sua fase final, lê-se nas *Efemérides Navais*, de Garcez Palha :

“Debaixo de vivissimo fogo, ateou-lhes o incendio (nos navios *Rio-Pardo* e *Itaparica*), ao mesmo tempo que Anita desembarcava o armamento que podia carregar em um pequeno bote de dois remos, fazendo viagens successivas, de terra para bordo, sob a metralha inimiga. — De pé na pôpa da embarcação, cujos remadores se curvavam ao sibilar das balas, a legendaria brasileira apparecia calma, firme e arrogante como a estatua de Pallas — assevera Garibaldi — e “Deus, que me protegia com o seu braço, a cobria ao mesmo tempo com a sombra desse braço”.

DIA 22 :— Nesta data responde José Fernandes Barbosa uma carta do bacharel Saturnino de Souza e Oliveira, presidente da Provincia, em a qual incitava o referido José Fernandes Barbosa a abandonar a causa republicana.

Topicos da carta de José Fernandes Barbosa, em resposta a do presidente da provincia :

“Releve V. S. dizer-lhe : os rio-grandenses republicanos manterão firmes seus principios”... Quanto á anistia que V. S. promete, muito agradeço, porque jurei de bem servir a República, mantendo em minha curta esfera e deveis forças a sua independencia e liberdade, e jámais hei-de ferir meu juramento”.

DIA 23 :— Bento Gonçalves da Silva assume o comando em chefe do exercito republicano e passa, em consequencia, a presidencia a José Mariano de Mattos, ministro da guerra, marinha e exterior (Veja-se 16-III-41).

DIA 25 :— Francisco Pedro de Abreu entra de surpresa, pelas 8 horas da manhã, em Rio-Pardo, com 180 homens de cavalaria e infantaria, pondo em

fuga a pouca força ali aquartelada sob o comando do tenente-coronel Antonio Joaquim de Souza, chefe de policia do municipio. Chico Pedro ficou cerca de 6 horas na vila, isto é: o tempo necessario para apoderar-se do que fosse possivel de armamentos, munições e viveres, que levou em quantidade. — Nesta sortida foram mortos varios republicanos, entre os quais o tenente Manuel Inácio da Silveira.

DEZEMBRO DE 1839

DIA 14 :— Em Santa Vitoria trava-se combate entre as forças imperiais ao mando do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, e as republicanas comandadas por Joaquim Teixeira Nunes e Joaquim Mariano Aranha. Nas farroupilhas estava, tambem, o capitão-tenente José Garibaldi que, desde a derrota da Laguna (15-IX-839) acompanhava as forças de Teixeira Nunes, como comandante da infantaria. Nesse combate foi completamente destroçada a divisão imperial, morrendo afogado o seu brioso comandante, brigadeiro Xavier da Cunha, ao atravessar a nado o rio Pelotas.

O brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, natural de Torres-Vedras (Portugal), onde nasceu em 1782, fez as campanhas do Prata, de 1816 a 1825, distinguindo-se sempre pelo seu valor e constancia. O brigadeiro Cunha era pái do tribuno gaúcho, politico e poeta Felix Xavier da Cunha, e do destemido propagandista da República, Francisco Xavier da Cunha que nos legou, dessa sua atividade, a obra (postuma) *Reminiscencias* (Propaganda contra o Imperio), editado pela Imprensa Nacional, em 1914.

JANEIRO DE 1840

DIA 12 : — O coronel Joaquim Teixeira Nunes, após o combate de Santa Vitoria, voltára seus passos sobre Santa Catarina, indo estacionar, com 450 homens, inclusive a infantaria de Garibaldi, em Coritibanos. Estavam aí descansadamente, pois tendo derrotado o brigadeiro Cunha não esperavam, tão cedo, e principalmente do Rio-Grande-do-Sul, novo ataque de forças imperiais. Mas eis que, neste dia, aparece-lhes, inesperadamente, o tenente-coronel da Guarda Nacional, Antonio de Melo e Albuquerque, comandando 400 voluntarios e guardas nacionais da Cruz Alta. Trava-se o combate que vái, de escaramuça em escaramuça até o encontro final em Forquilha onde são, por fim, desbaratados os republicanos.

Este combate foi o ultimo, da ultima tentativa, travado no territorio de Santa Catarina.

Morreu, aí, a República Juliana...

DIA 29 : — Combate da "Sanga-da-Bananeira", proximo a Pôrto-Alegre. — O "Mercantil do Rio-Grande", de 12-II-1840, assim descreve esse "combate":

"Na noite de 28 de janeiro saíram pelo Portão da cidade (vindo á meia noite do outro lado Francisco Pedro) 140 homens comandados por este e 90 por José Joaquim (*de Andrade Neves*). O primeiro foi emboscar-se pelo lado direito e José Joaquim para o esquerdo; e, carregando sobre a força rebelde, mataram 33, aprisionaram 28 e passaram-se 7. Vieram 60 magros cavalos com miseraveis arreios e os prisioneiros com desprezivel roupa. As lanças que apanharam eram de facas amarradas com guasca, pistolas e armas em pessimo estado. Tudo mostra a falta de recursos que eles têm, pois que a gente da

frente, que deve estar bem armada e municuada por estar mais exposta, se acha neste estado, é justamente certo que não ha sobra de armamentos, antes muita falta..." etc.

FEVEREIRO DE 1840

DIA 10 : — Datado de Caçapava, foi publicado em *O Povo*, n.º 141, de 12 deste mês e ano, o decreto para a eleição dos deputados, concebido nos seguintes termos :

“Sendo necessario que se instale a Assembléa Constituinte e Legislativa deste Estado, e bem assim que se nomeie os vereadores das Camaras Municipais e Juizes de Paz dos diversos termos, e distritos do mesmo, como em consulta do Conselho de Procuradores gerais se resolveu a 21 de dezembro proximo passado ; o vice-presidente da Republica ha por bem que se proceda á eleição dos Deputados que devem compor a referida Assembléa, e assim a de Vereadores, e Juizes de Paz, pelo metodo estabelecido nas instruções desta data, que com o presente baixam assinadas por Domingos José de Almeida, Ministro e Secretario de Estado dos negocios do interior e fazenda, marcando o dia 30 de abril proximo vindouro para a instalação nesta capital da precipitada Assembléa e posse dos Vereadores, e Juizes de Paz. — O mesmo Ministro o tenha assim entendido, e o faça excutar com os despachos necessarios. — *José Mariano de Mattos* — Domingos José de Almeida” (vejam-se : 23-XI-1838 ; 5-X e 1-XII-1842).

Nas instruções a que se refere o decreto acima, lê-se, no art. 11 ;

“Podem ser deputados todos quantos podem votar nas Assembléas primarias : exceptuando-se os seguintes :

§ 1.º — Os que não tiverem de renda líquida anual a quantia de trezentos mil reis, commercio, industria ou emprego ;

§ 2.º — Os libertos ;

§ 3.º — Os estrangeiros ainda que naturalizados sejam ;

§ 4.º — Os criminosos pronunciados em querrela ou devassa ;

§ 5.º — Os que não professarem a Religião Catholica, Apostolica, Romana”.

MARÇO DE 1840

DIA 2 : Reunem-se em conferencia para tratarem da pacificação da procinvia, o general Bento Gonçalves da Silva, chefe farroupilha, e o marechal Gaspar Francisco Mena Barreto, comandante das armas imperiais na provincia, que leváva proposições do presidente imperial, Saturnino de Souza e Oliveira. E' a essa conferencia inicial realizada nas proximidades de Viamão, que alude Bento Gonçalves na seguinte carta :

“Ilmo. e exmo. sr. — Em resposta ás proposições verbais, que V. Excia. me fez de parte de S. Excia. o sr. Presidente imperial, em nossa conferencia de õntem, cumpre-me dizer-lhe que, sobrando-me desejos de ver terminada a guerra de um modo digno, tanto do governo imperial como dos riograndenses, forçoso me é dizer a V. Excia. : 1.º que nada posso tratar definitivamente, sem que V. Excia. se me apresente plenamente autorizado para o feito ; 2.º que verificado isto, o presidente imperial faça ime-

diatamente regressar para Pôrto-Alegre a força que fez estacionar em o rio Caí, e do mesmo modo para o Rio-Grande, Norte ou Canudos, as que porventura tenham avançado daqueles pontos, sem o que jámais poderei fazer com que se evite a continuação do derramamento de sangue, e V. Excia. sabe que os nossos patricios são incapazes de ceder quando ameaçados; 3.º finalmente, verificado quanto exijo nos artigos antecedentes, eu igualmente farei retirar as forças ora destinadas ao encontro das que menciono, e desde já retrocedem as que havia feito avançar para esta parte; o que bem deixa ver a bôa fé e empenho em concluir de pronto os males que pezam sobre nosso país.

Nos artigos acima, claramente deixo ver quanto por ora tinha a ponderar a S. Excia.; crescendo que, quando isto se tenha de fazer, será o mais breve possível, e visto que o momento do combate se aproxima; como já fiz ver a V. Excia., e não devo nem posso trepidar em aceita-lo. Outrosim si o sr. Presidente julgar acertado fazer intervir em negocio de tanta transcendencia uma outra pessoa qualquer, peço que seja alguma das que mereçam nossa confiança.

No comando da linha avançada continúa o tenente-coronel Amaral, com quem V. Excia. se entenderá afim de que me seja de momento remetida a contestação que me servirá de governo.

Deus guarde a V. Excia. como lhe deseja quem é com estima de V. Excia. patri-

cio, amigo e camarada, — *Bento Gonçalves da Silva*. — Campo, 3 de março de 1840. — Ilmo. e Exmo. sr. marechal Gaspar Francisco Menna Barretõ”.

Saturnino de Souza e Oliveira, pouco politico, em vez de procurar uma solução harmonizadora, respondeu pela negativa a todas as proposições de Bento Gonçalves :

“O presidente da provincia do Rio-Grande--do-Sul, abaixo assinado, recebeu as proposições que por intermedio do Exmo. sr. marechal Gaspar Francisco Menna Barreto fez o sr. Bento Gonçalves da Silva, e pela contestação que se pede, responde : que não só não mandará retirar fôrças algumas do Caf e de outros pontos, como que não desistirá de quaisquer movimentos e operações que tem a fazer com as forças imperiais, sinão para receber e perdoar a qualquer que deponha as armas e se acolha ás bandeiras imperiais, sem excepção alguma.

O Governo Imperial não pode ser mais generoso e benigno do que em dar um completo perdão e esquecimento do passado a todos os brasileiros que se mostrarem arrependidos, garantir-lhes a conservação de suas honras e postos legáis, a segurança de suas pessoas, e os meios de subsistencia ; isto é, mostrar sumo desejo de evitar o derramamento de sangue brasileiro, não querer mais vítimas. Para os que quizerem aceitar este generoso perdão, não é preciso tratar com outros ; a cada um fica livre acompanhar os primeiros, que derem o exemplo.

O presidente garante o mesmo perdão, as mesmas seguranças a todos os que o sr. Bento Gonçalves designar, uma vez que eles o aceitem, dentro de três dias, depois que lhe for intimado, e deponham as armas.

Aqueles que recusarem tão generoso procedimento, e forem causa de se derramar mais sangue, e sacrificarem mais vítimas para desgraçarem sua patria, e perpetuar a anarquia, esses só serão os responsaveis perante a patria, e perante o Supremo Arquitéto do Universo, pelos males que fizerem.

Pôrto-Alegre, 4 de março de 1840.
Saturnino de Souza e Oliveira, presidente da provincia do Rio-Grande".

DIA 4 :— Falece em São-Gabriel, quasi repentinamente, em "consequencia de um aneurismo interno", o dr. Marciano Pereira Ribeiro que fôra o primeiro presidente farroupilha, empossado em Pôrto-Alegre no dia 21 de setembro de 1835, exercendo o cargo, com pequena interrupção, até o dia 15 de junho de 1836, quando, com a reação,, foi preso e remetido para o Rio de Janeiro, de onde voltou, após ter-lhe sido concedido "habeas corpus", via Buenos Aires, ao Rio-Grande-do-Sul, no ano seguinte (1837). — Nasceu o dr. Marciano Pereira Ribeiro em Minas Gerais, tendo-se formado em medicina na Universidade de Edimburgo.

DIA 21 :— As fôrças imperiais occupam, á tarde deste dia, a capital da República Rio-grandense, — Caçapava, — que havia sido, pela madrugada, evacuada, em consequencia da pouca fôrça que possuíam, nela, os republicanos em relação ao numero consideravel que traziam os imperiais.

A 22, porém, fazem junção diversas fôrças republicanas e os imperiais, sabendo-o abandonaram a cidade, em seguida.

A circular firmada por Domingos José de Almeida relatando os sucessos, diz, quanto aos prejuizos sofridos pelos farroupilhas :

“Ainda a 22 é que a divisão da esquerda fez sua completa junção a vista da capital e ás dez horas do dia, tempo em que esta foi evacuada pelo inimigo depois de lançar ás chamas os arquivos do Tesouro e Trem que se não puderam salvar, algumas peças de Tipografia Nacional, reparos, solas, correames, e tudo pertencente ao Estado ; mas não insultou a familia alguma, e não cometeu por falta de tempo os horrores de costume ; e a 29 se recolheu o Governo e empregados á Capital”. “O cofre do Tesouro, a livraria do Gabinete de Leitura, e quasi tudo que se achava na Igreja é nos armazens do Trem, se ha salvado por diversas casas ; pelo que em pouco mais de doze contos se orça o prejuizo da República, posto que de monta o arquivo de contadoria do Tesouro”.

ABRIL DE 1840

DIA 13 :— Nas proximidades do Herval, encontram-se as fôrças legais, comandadas por Chico Pedro, e as republicanãs chefiadas por Felix Vieira. Do recontro resultou a derrota do major Felix Vieira que perdeu, alem de ficar ele proprio prisioneiro com mais 11 homens, 22 mortos, quasi toda a munição e armamento e 116 cavalos dos quais 26 completamente arriados.

DIA 17 :— No Passo do Azeredo, arrabalde de Pôrto-Alegre, morre repentinamente o general Bonifácio Isás Calderon quando marchava á testa da

cavalaria imperial que comandava. Os imperialistas fizeram espalhar que Calderon fôra envenenado com um chá que tomára em casa de uma familia farroupilha. Este chá o proprio Calderon mandára preparar pois desde dias que se sentia bastante mal do estomago e intestinos. Esse envenenamento, porem, não passa de lenda. Calderon ao toma-lo sentiu-se melhor continuando, por isso, a marcha. Horas depois, sem se queixar de cousa alguma, cái do cavallo, morto. (21).

Bonifácio Isás Calderon era uruguaio. Mocinho ainda, sentou praça nas fôrças de D. Diogo de Souza, primeiro governador da capitania de S.-Pedro, empossado a 9 de outubro de 1809, — tendo sempre se distinguido por sua conduta e cavalheirismo. Na campanha de 1825-1828, tomou o partido uruguaio mas, feita a paz, voltou ao Brasil em cujo exercito continuou até a morte, atingindo todos os postos da hierarquia militar. Foi um dos mais valorosos officiais do imperio no periodo de 1835 a esta data. Nunca aprendeu a falar corretamente o portuguez.

Varios historiadores referem a morte de Calderon como tendo ocorrido a 27 de abril.

DIA 25 : — No boletim do governo Republicano, datado de Caçapava, 30 de abril de 1840, lê-se a seguinte notícia :

“Em o dia 25 uma pequena partida que o general em chefe do exercito havia lançado de vanguarda para explorar o inimigo no Passo do Caf, no Pa-reef, com o fim de passa-lo, bateu uma força inimiga que defendia aquele ponto com 80 homens de infantaria e 200 de cavalaria, matando-lhe dois homens, e fazendo-lhe cinco prisioneiros, tomando-lhe toda a

(21) Veja-se na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, III trimestre de 1935, o artigo PEDRO CHAVES e CALDERON.

sua bagagem e correspondencia official, e deixando livre o Passo ao exercito que veiu collocar-se deste lado”.

DIA 27 :— No mesmo boletim acima referido vem mais a seguinte noticia :

“Motivos que pertencem ao plano de batalha adotado pelo chefe do exercito, haviam exigido que o general Netto passasse a este lado do Guaíba para dirigir as operações da coluna de 2.000 homens da cavalaria que se achava em Taquarí. O inimigo por suas evoluções havia conseguido cortar as communicações entre esta coluna e o exercito, e dirigia todos os seus esforços para conserva-la separada. O general Netto por meio de um movimento rapido, e de uma constancia atrevida em superar os obstaculos que se lhe atravessavam, burlando a vigilancia e os cuidados do inimigo, conseguiu reunir-se ao exercito no dia 27. — Este acontecimento é um novo penhor da victoria que ha-de finalmente dar patria e liberdade aos rio-grandenses”.

MAIO DE 1840

DIA 3 :— Batalha de Taquarí. — Estavam as forças imperiais comandadas pelo já velho general Manuel Jorge Rodrigues, coadjuvado pela esquadra imperial comandada por Greenfell na vila de Taquarí. Chovia torrencialmente quando os republicanos, comandados por Bento Gonçalves da Silva atacam os imperiais impelindo-os para as margens do rio onde iniciaram o movimento de retirada embarcando nos navios de Greenfell. Em consequencia, porém, do mau tempo, Bento Gonçalves manda tocar retirada, e pequeno numero das forças imperiais que não haviam ainda embarcado, notando o movimento dos republicanos, resolvem acossa-los. Por esse feito foi o general Rodrigues agraciado com o

titulo de barão do Taquarí. Entretanto, deve-se notar, a batalha ficou indecisa. (Veja-se nosso *Farrapos!* a completa descrição desse feito).

DIA 30 :— Estando Caçapava constantemente ameaçada pelos legalistas, resolvem, nesta data, os farroupilhas, devido a aproximação de Manuel dos Santos Loureiro, transferir a capital da republica para outro ponto, indo recolher-se á estancia de Luis Machado de onde, mais tarde, (Veja-se 15-VII-1842) transferiram a séde do governo para São-Gabriel.

JUNHO DE 1840

DIA 10 :— E' nomeado presidente da provincia do Rio-Grande-do-Sul o tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa.

DIA 11 :— Junto ao arroio do Salso, tributario do Vacacaí, encontram-se as fôrças do coronel Manuel dos Santos Loureiro, da Guarda Nacional, e as do farroupilha Fileno de Oliveira Santos. Depois de renhida peleia Fileno é morto dispersando-se os seus homens. Loureiro, que seguia para S.-Gabriel, então em poder dos farroupilhas, continúa sua marcha e entra, sem mais novidades, na vila, no dia seguinte, pois os republicanos a haviam evacuado abandonando, nela, três bocas de fogo, aliás, inuteis para eles.

DIA 18 :— Na estancia de Santa Barbara, ou do Salgado, de propriedade do velho Marcos Alves Pereira Salgado, é morto o coronel republicano Afonso José de Almeida Côrte-Real, um dos melhores e mais jovens officiais das hostes farroupilhas. Matou-o seu parente João Patricio de Azambuja ao dar-lhe ordem de prisão a que resistiu. Essa morte foi precedida pelo ataque, de surpresa, ás fôrças de Netto,

a que Córte-Real precedera, como vanguarda, — por uma fôrça superior ao mando de Chico Pedro. O maior prejuizo dessa surpresa foi a morte de Córte-Real, acontecimento esse que só se deu porque um dos prisioneiros disséra ao Moringue que o valoroso official esperava, na estancia de Santa Barbara, com poucos homens, as fôrças do general Netto.

JULHO DE 1840

DIA 16 : — Combate de São-José-do-Norte. — Sendo S.-José-do-Norte ponto de suma importancia para os farroupilhas, estes atacaram, nesta data, a vila cuja guarnição, cerca de 600 homens, comandava o coronel Antonio Soares de Paiva. Domingos Crescencio de Carvalho, José Garibaldi e Bento Gonçalves da Silva, com um contingente de cerca de 1200 homens, iniciaram o ataque pela uma hora da madrugada, prolongando-se o combate, cuja vitoria ficou indecisa, até o amanhecer.

Toda a luta desenrolou-se debaixo de grande tempestade, e vendo Bento Gonçalves que se prolongaria por muitas horas ainda o combate, consultou os demais chefes sobre um melhor e mais eficiente modo de desalojarem os imperiais, sendo-lhe alvitrado o incendio como unico recurso. Bento Gonçalves, sereno e energico, respondeu :

— Por tal preço não quero a vitoria. E tocou retirada.

Os imperiais foram eficazmente auxiliados nessa luta pelo lanchão *Torres*, comandado por Gama Rosa, e pela guarnição de *Andorinha*, que, por não poder aproximar-se da vila esta escuna, fôra para terra, onde lutaram heroicamente.

Garzez Palha, nas suas já citadas *Efemérides Navais*, assim descreve a atuação de Francisco Romano e sua gente :

“O comandante do brigue-escuna *Andorinha*, Francisco Romano da Silva, diz a parte dirigida pelo inspetor do arsenal, Antonio Pedro de Carvalho, ao chefe Greenfell, procurando aproveitar esta ocasião para prestar maiores serviços, por não poder o brigue-escuna de seu comando mover-se como o lanchão *Torres*, foi para terra com um piloto e um soldado de artilheria, deixando ordem ao seu imediato para lhe mandar na lancha os demais soldados, para com estes guarnecer uma das peças das trincheiras ; porém, quando o imediato mandou á terra buscar a lancha, que na véspera ficára enalhada para limpar, já se não pôde tirar por causa do fogo dos rebeldes, e por isso não foram os soldados, como lhe havia ordenado seu infeliz comandante. O soldado foi encontrado morto em terra, do piloto ha indícios de que morrera afogado, mas do comandante não ha o mais leve vestigio. Houve quem o visse ainda fazer fogo com suas pistolas ; mas carregando a cavalaria rebelde com grande fôrça sobre a rua da Alfandega da vila, ninguém mais o viu e presume-se que viera entreverado com essa fôrça rebelde e que caíra morto ao mar de cima da estacada”.

As baixas registadas foram : Farroupilhas cerca de 380 homens entre mortos e feridos ; imperiais, cerca de 250.

DIA 23 : — D. Pedro II é investido do exercicio pleno de suas funções magestáticas.

DIA 24 : — D. Pedro II organiza o seu primeiro ministerio que ficou assim constituido : Imperio — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva ; Justiça — Antonio Paulino Limpo de Abreu ;

Estrangeiros — Aureliano de Souza Oliveira Coutinho; Fazenda — Martin Francisco Ribeiro de Andrada; Marinha — Antonio Francisco de Paula Holanda Cavalcanti; Guerra — Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

DIA 27 :— Precedido da fama de tirano na “Guerra dos vinagres”, no Pará, toma posse da presidência da provincia o tenente-general Francisco José de Souza Soares de Andréa, mais tarde barão de Caçapava. Foi durante a presidência de Andréa que se deu o comico “combate dos tamancos”, no campo da Varzea. (Veja-se nosso *Farrapos!*) — Aliás, toda a presidência do general Andréa está cheia de átos comicos, registados pela historia uns, e outros pela tradição.

A titulo de curiosidade transcrevemos, a seguir, alguns de seus famosos despachos :

Hilario Gomes Ferrugem requer dispensa do serviço militar. — Despacho presidencial de 4-8-1840 : “Não tem lugar a dispensa do suplicante enquanto tiver braços para pegar em uma arma”.

Pedro J. Gomes d’Abreu pede favores ao governo. — Despacho : “Pode receber o seu requerimento e não lhe prometo cousa nenhuma”. Em 6-8-1840

Vasco Alves Charão. — “Si o suplicante teve ordem do sr. ex-presidente Nunes Pires, porque não cumpriu no tempo dele?”

João da Motta. — “Desde que o suplicante deu baixa não me importo com a sua vida”. Em 22-8-1840.

Silverio Francisco de Oliveira. — Em 16-XI-1840. ““Indeferido; e si o suplicante tornar a mudar de nome terá o castigo que merece”.

José Cupertino de Abreu. — Em 28-XI-1840. “Pague-se ao suplicante somente o soldo simples e

fardamento do tempo que requer ; não tendo lugar outra alguma gratificação, pois que não está em serviço da nação, e quanto ás etapas, tendo o suplicante já vivido todo esse tempo não precisa tornar a comer o tempo passado”.

AGOSTO DE 1840

DIA 1.º : — Bento Manuel Ribeiro é anistiado.

“Quartel General em Porto Alegre, 19 de outubro de 1840. — Ordem do dia n.º 28. — O marechal-de-campo presidente e comandante das armas desta provincia declara que está anistiado, desde o 2.º de agosto do corrente ano, por assim o ter pedido, o exmo. sr. brigadeiro Bento Manuel Ribeiro ; na mesma data tambem foram anistiados os srs. José Ribeiro de Almeida, Rodrigues Felix Martins e Sabino Antonio da Cunha Pacheco. — O mesmo brigadeiro tem licença para residir fóra do imperio e no Estado Oriental, para onde se retira, segundo acaba de participar em officio de 27 de setembro ultimo. — *Francisco José de Souza Soares de Andréa*”.

DIA 7 : — Pelo vapor *Baiana*, entrado neste dia no Rio-Grande, chega a noticia de ter o imperador assumido as redecas do governo em virtude da declaração de maioridade.

Por esse motivo grandes foram as festas que se prolongaram por três dias, em toda a cidade.

DIA 21 : — Tem, nesta data, inicio nova tentativa de pacificação da provincia.

DIA 23 : — Com respeito ás negociações de paz, nesta data responde Bento Gonçalves ás propostas do tenente-general Andréa, dizendo, em conclusão :

“...apenas recebi as primeiras proclamações do senhor D. Pedro Segundo, aproveitei-me logo de tão favoravel ensejo ; e procurei entender-me directamente com o governo imperial por intermedio de um dos senhores ministros : correspondencias minhas nesse sentido já lhe foram dirigidas ; é de esperar que mui breve receba resposta delas e então me persuado que, sem quebra da união e da integridade do imperio se apagará o archote da guerra civil nos braços da concordia e da fraternidade para a qual empregarei a minha influencia e popularidade”.

E conclui a carta com as seguintes palavras : — “Entender-me directamente com o governo imperial, em quem supponho sufficiente authorisação para o efeito, me pareceu o meio mais proficuo de chegar a estes fins.

Isto foi justamente o que fiz por 1.^a e 2.^a via : tal é o meu empenho em terminar com os horrores que nos affligem.

O exmo. sr. ministro do imperio, a quem V. Excia. pôde dirigir-se, enviando-lhe copia desta minha carta, atestará sem duvida a veracidade desta asserção.

Falando deste modo creio que não posso ter mais franqueza, e nutrir desejos mais veementes de concorrer para a pacificação da patria.

Si V. Excia. pois descobrir algum meio de se evitarem entretanto os males desta luta, enquanto não chega semelhante decisão, não duvidarei adota-lo, si for razoavel ; do contrario, obrigado pela fôrça das

circunstancias, eu não serei responsavel nem a Deus nem ao mundo pelo sangue que ainda se derramar.

Sou com respeito e consideração de V. Excia. atento venerador.

Bento Gonçalves da Silva.

Setembrina, 23 de agosto de 1840".

DIA 25 :— Respondendo a carta de 23, de Bento Gonçalves, Andréa declara rompida a negociação de paz :

“A vista da recusa formal, que V. S. faz, de aceitar os prontos meios que lhe offereci para acabar a guerra fratricida em que, ha cinco anos, é desolada esta provincia, só me cumpre declarar-lhe que fica subsistindo o principio de que são inimigos do imperador do Brasil aqueles que desconhecem as suas leis, atacam as suas instituições, e desobedecem as suas autoridades, conservando-se com as armas na mão para melhor continuarem sua criminosa conduta.

Sou de V. S. muito atento e venerador.
Francisco José de Souza Soares de Andréa.
Porto Alegre, 25 de agosto de 1840".

Estas negociações que já vinham sendo tratadas desde 5 de agosto, contudo não esmoreceram com a resposta acima, de Andréa, prosseguindo até 28 de novembro desse anno, (vejam-se documentos na Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, tomo XLVI) para continuarem, depois, no governo Alvarcs Machado. (Vejam-se 30-XI e 7-XII-1840).

DIA 28 :— E' assinado e publicado no Rio de Janeiro o decreto n.º 246, perdoando as penas em que

incorreram os guardas-nacionais que se não haviam apresentado para o serviço do exercito, no Rio-Grande-do-Sul, e outras provincias.

DIA 29 : — Em carta a um “camarada e amigo”, o general Bento Gonçalves refere-se ás proposições de paz feitas pelo tenente-general Andréa.

“Bôa-Vista, 29 de agosto de 1840. — Camarada e amigo. — Da Setembrina vos escrevi pelo major Urbano Barbosa, respondendo a que trouxe o ministro ; agora repito por Manuel Lucas de Lima, unicamente para dizer-vos que nada ocorre de novo por esta parte e só vos acrescentarei que Andréa novamente mandou o marechal Gaspar, com novas communicações, as quais o Joaquim Pedro devia receber hoje ou õntem. Inda não as recebi, por isso nada vos digo de seu conteúdo, mas supponho que nada se arranjará : 1.º porque nenhuma confiança nos merece o tirano do Pará ; 2.º porque este tirano não deve fazer proposições que não sejam para nos iludir e ganhar tempo. Foi por isso que eu me dirigi, como já vos disse, ao patriota Antonio Carlos (22), hoje ministro do imperio e creio que deverá vir em pessoa ou seu irmão, e não duvido que consigamos a paz, porque ele nos deve fazer as condições de que somos credores. Por enquanto isto não aparece, forçoso é redobrar nossos esforços. Labatut não tem avançado de Lages e sua fôrça não chega a 1.000 combatentes. Já

(22) Ministro do Imperio, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (Veja-se 24-VII-1840). Note-se que todas as esperanças de Bento Gonçalves foram frustradas...

temos na Vacaria uma vanguarda e mui pronto ela estará elevada a mais de 400 homens. Os de Santo Antonio diariamente são acoçados, e mais de 30 prisioneiros temos daquela Serra.

Contái com o vosso camarada e amigo
Bento Gonçalves".

SETEMBRO DE 1840

DIA 25 :— No sitio denominado Roça-Velha, em que haviam acampado Farroupilhas sob o comando do capitão Maximo, aparece, de surpresa quasi, o tenente-coronel Chico Pedro, destroçando completamente a pequena fôrça. No embate morreu o comandante farroupilha. Garibaldi e Anita tambem estavam acampados af não sendo, porem, aprisionados Anita por se ter internado pelos matos com Menotti, recém-nascido, e Garibaldi por ter ido, horas antes, para Setembrina (Viamão), em busca de roupas e agasalhos para Anita e o pequeno que estava quasi nú.

DIA 28 :— No rio das Canôas, em Santa Catarina, é repelida a fôrça farroupilha comandada pelo major Joaquim Mariano Aranha, Comandava as fôrças imperiais o capitão Taborda, da Guarda-Nacional de Cruz Alta, af postada pelo coronel Antonio Manuel de Melo e Albuquerque.

OUTUBRO DE 1840

DIA 13 :— Bento Manuel Ribeiro escreve a seu amigo Manuel Veloso Rebelo, da Barra-do-Arapeí, mencionando o nome de varios republicanos que se passaram para os legais, queixando-se dos chefes re-

publicanos, e pedindo ao amigo que lhe obtenha o indulto do soberano para si e também para o rev. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza. Este, entretanto, ainda em 1842, figura entre os deputados á Constituinte Republicana, e assina a "Ata da instalação", como presidente, e somente em 1843, por doente, pede demissão do cargo de ministro. Antonio Vicente da Fontoura, em seu *Diario*, já citado, ainda fala nele, em fins de 1844, quando tratavam da pacificação.

"Amigo e sr. Veloso. — Tratei relativamente aos nossos negocios, e agora vamos a um pouco de politica. Já ha-de saber que abandonei o partido que lhe chamam republicano: a copia do indulto que me passou o Andréa e a minha retirada para este Estado o justifica; porém, desejo que me alcance um indulto do mesmo soberano, e igualmente a minha demissão do serviço (23), pois que me quero ligar á simples classe de cidadão; e quando isto não possa obter, ao menos dois anos de licença para

(23) É curioso notar-se certas coincidencias na vida e actividade de Bento Manuel Ribeiro. Veja-se, a respeito, na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. o trabalho CAXIAS e BENTO MANUEL RIBEIRO, e leia-se a seguinte carta de Caxias sobre Bento Manuel:

"Illmo. e Exmo. sr. — Quando fui nomeado presidente desta provincia, e comandante em chefe do exercito nela em operações, tive ordem expressa do governo de Sua Magestade o Imperador para não empregar em comando de forças legal o brigadeiro Bento Manuel Ribeiro, e tendo dividido o exercito em divisões não o contemplei em nenhuma delas, declarando em ordem do dia, que o dito brigadeiro ficava pertencendo ao estado maior do exercito; e me constando que ele se chocára por isso, rogo a V. Excia. haja de declarar-me si posso ou não empregar em comandos o mesmo brigadeiro, e confiar dale forças isoladas do grosso do exercito.

Devo declarar a V. Excia., que grande indisposição existe da parte dos chefes das cavalarias contra o mesmo brigadeiro; mas essas indisposições vão acalmando em alguns com as maneiras persuasivas que tenho empregado.

Deus guarde a V. Excia. — Palacio do governo no Passo de São Lourenço, 22 de fevereiro de 1843. — Illmo. e exmo. sr. Salvador José Maciel, ministro e secretario de Estado dos negocios da guerra. — *Bardo de Caxias*" — (O grifo é nosso).

eu residir neste Estado, visto me persuadir que Bento Gonçalves ainda anuirá, fazendo por esta forma a continuação da guerra civil na infeliz provincia do Rio-Grande, não obstante a decadencia dele, a quasi geral desmoralisação e o grande numero de fôrças imperiais que ha. Nossos compadres Carvalho, Freitas, Araujo, Teles e mesmo Prado Lima (24), estão hoje legais; as arbitrariedades de Bento Gonçalves, Mattos e Almeida (25) os têm desenganado que o tal sistema republicano parece em teoria governo de anjos, porém na pratica nem mesmo para diabos serve; emfim, todo municipio de Alegrete hoje está legal (com a devida venia), e si houvesse homem com a capacidade de dirigir a guerra, nem rastos de republicanos apareciam.

Desejo tambem que me alcance indulto de S. M. I. para o rev. Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza (26), bem como indulto e demissão para o alferes do 3.º corpo de cavalaria de 1.ª linha, Francisco Soares Leiria.

De V. S. amigo e obrigado,

Bento Manuel Ribeiro''.

(24) Joaquim dos Santos Prado Lima. Deve haver, apenas, conversas de Bento Manuel, pois Prado Lima continuou entre os revolucionarios, tendo sido eleito deputado para a Assembléa Legislativa Constituinte da Republica, com 1.747 votos, e seu nome ainda é encontrado nos documentos republicanos até 1844, como "persona grata" da Republica.

(25) José Mariano de Mattos e Domingos José de Almeida, respectivamente Ministro da guerra e Ministro da fazenda da Republica.

(26) O padre Chagas tambem nunca abandonou os republicanos. Foi o mais votado dos deputados (3.025 votos) e foi presidente da Assembléa, conforme notamos no texto da efeméride.

NOVEMBRO DE 1840

DIA 3 :— Joaquim Pedro Soares, comandante de uma fôrça republicana, invade a vila do Triunfo, guardada por uma canhoneira, contra a qual rompe cerrado tiroteio, mas sem maiores conseqüências, voltando, em seguida, para as margens do rio Caf.

DIA 7 :— E' nomeado presidente da provincia o deputado paulista Francisco Alvares Machado.

DIA 16 :— Na fazenda de São-Felipe, nas margens do rio Pelotas, em Santa-Vitoria, encontram-se as fôrças imperiais comandadas pelo coronel Jerônimo Jacinto Pereira, e as republicanas chefiadas pelo general João Antonio da Silveira. Depois de renhida luta, mas breve, Jeronimo Jacinto é destroçado.

DIA 23 :— Encontro entre uma fôrça imperial, de reconhecimento, que se dirigia para Viamão, e uma partida farroupilha que fazia reconhecimentos. Estes, em numero bastante menor, são desbaratados, deixando no campo alguns mortos e feridos que foram buscar depois, e varios prisioneiros.

DIA 24 :— As fôrças republicanas, comandadas por Bento Gonçalves da Silva, acampavam no Passo do Vigario, proximo a Setembrina (Viamão), com o fim de apertar o sitio de Pôrto-Alegre. Calmamente preparava-se o chefe farroupilha para o ataque, quando na manhã deste dia, seus bombeiros avisam a aproximação de fôrças inimigas. Era o tenente-coronel João Nepomuceno da Silva, da vanguarda de Chico Pedro, que, com o 5.º de caçadores e mais 430 guardas nacionais (fôrça essa superior a de Bento Gonçalves), vinha desaloja-lo. Trava-se o combate, desigual mas violento, e Bento Gonçalves é destroçado e perseguido pelos legais até ás lombas

do Amorim (arroyo afluente do Jacuí, no município de Cachoeira). Nesse recontro foi morto o italiano Luis Rossetti que, como jornalista, dirigira o jornal *O Povo* desde a fundação até 22 de maio de 1840. Bento Gonçalves, porém, dias mais tarde voltou a Viamão, com o mesmo intuito de sitiar a capital, iniciando, porém, negociações de paz com Alvares Machado, ou antes, concluindo as negociações que iniciára com Andréa. (Veja-se, 23, 25 e 29 de agosto e 5 e 7 de dezembro).

DIA 30 :— Toma posse da presidencia da provincia, em Pôrto-Alegre, o deputado Francisco Alvares Machado. Após o ato, o dr. Alvares Machado divulgou a seguinte patriotica proclamação, impressa, em avulso, na Tipografia de “O Comercio” :

“Brasileiros rio-grandenses !

Possuido da importancia do juramento que acabei de prestar — de bem servir o emprego de Presidente desta provincia, a que fui elevado pela benignidade de S. M. I. ; possuido ainda mais da importancia da missão que me cabe desempenhar — de pacificar a mesma provincia, — o primeiro e mais nobre pensamento do augusto monarca a quem estão confiados os destinos do Brasil, eu não poderia corresponder á sublime espectação do soberano, nem cumpriria a obrigação agora contraída, si não estivesse seguro dos principios que a educação brasileira, a honra e o dever vos impõem de serdes leais e fieis brasileiros, monarquistas constitucionais e sobretudo votados ao augusto imperante.

Com esta só ideia e com a lisongeira esperança que alimento de firme apoio nos amigos das instituições juradas e do engrandecimento deste vasto imperio, sem receio me apresento entre vós e desde já

conto que as paternas sollicitudes e desvelado amor de S. M. mesmo para com aqueles de seus subditos desta provincia que o genio do mal levou ao precipicio, donde presto devem sair, serão correspondidas, trabalhando todos á porfia para o complemento do grandioso 23 de julho.

Sim, brasileiros rio-grandenses ; as esperanças da nação converteram-se nesse dia em realidade e a nova éra de união e prosperidade que apontou seja o alvo a que deveis dirigir vossa carreira, arrepiando-a do abismo em que leis despenhar-vos.

O sangue de irmãos a largos jorros espalhado pelas campinas do Continente, as lagrimas das carinhosas esposas, os gemidos dos inocentes órfãos, a tristeza dos páis sem arrimo para a cançada velhice, a insuportavel saudade do bemfeitor e do amigo cuja perda é irreparavel, a desolação de novas e florescentes cidades e vilas, a destruição de consideraveis fortunas, a estagnação das fontes de riqueza ; tudo, tudo clama pelo dia de conciliação, paz e ventura.

O genio tutelar do Brasil o apresenta ; os manes de milhares de irmãos nossos, cujas vidas foram ceifadas nos campos de batalha e nos das vinganças, o reclamam. É o que vos cumpre fazer, rio-grandenses ?

E' tempo : abra-se de par em par as portas da provincia á fugida prosperidade e sossego.

Triunfe por um lado a fidelidade dos que, por amor da lei, mil vezes têm afrontado a morte, arrostando perigos, e por largo tempo sentido o amargo paladar do infortunio — mal devido á virtude ; pelo outro, cedam á razão, ao dever, á honra e aos proprios honestos interesses, os que, inexpertos, fanatisados por vãos fantasmas, correm não a Juno, que lhes foge, sim á negra nuvem prenhe de males ; e,

abraçados todos debaixo do pavilhão imperial, trabalhem só pela prosperidade do Brasil, nossa patria comum.

Legalistas generosos! defensores nunca vencidos desta inconquistavel cidade de Pôrto-Alegre, Rio-Grande e S.-José-do-Norte; bravos guardas nacionais da campanha, cidadãos armados de todas as classes e graduações, confiai em mim, que hei-de defender a integridade do imperio, os direitos do sr. D. Pedro II, a constituição e as leis, ou ficarei esmagado debaixo das ruinas da patria!

Na administração da provincia jamais me desviarei dos principios de justiça e honestidade e assim com vigor fiscalizarei a repartição da fazenda; á administração civil presidirá a imparcialidade; o capricho não decidirá da sorte do empregado publico: o que for honrado e fiel encontrará todo o apoio; ao improbo não darei guarida.

Finalmente, firme em meus principios de obediencia, amor, fidelidade e respeito á sagrada pessoa do nosso monarca e ao seu governo, e de céga submissão á constituição e leis do país, procurarei cooperar para que esta provincia toque o esplendor e suba ao lugar que lhe compete.

E vós, brasileiros dissidentes, não acudireis ao chamado que ao seio da patria vos faz a inexaurivel bondade de S. M. o imperador? Vinde; abrigai-vos das tempestades politicas e dos horrores da guerra civil debaixo do manto imperial do pái comum dos brasileiros.

Vossos valorosos irmãos legalistas, prestes a combater-vos, preferem a reconciliação; eles a deem honrosa ao imperio, efetiva para vós, e digna da lealdade dos brasileiros rio-grandenses.

Brasileiros dissidentes! Basta de anarquia! Reúni-vos ao imperio; obedientes a S. M. o imperador, contai com a mais imparcial justiça do governo.

Viva a nossa santa religião catolica, apostolica, romana! Viva o sr. D. Pedro II! Viva a constituição do imperio! Viva a familia imperial! Viva a fidelidade do exercito e marinha imperial!

Porto Alegre, 30 de novembro de 1840.

Francisco Alvares Machado".

DEZEMBRO DE 1840

DIA 4 : — Bento Gonçalves da Silva officia ao dr. Alvares Machado, presidente da provincia, participando-lhe que festejára, na sua fôrça, o natalicio de D. Pedro II, no dia 2 de dezembro, e que estava disposto a tratar da pacificação da provincia, o que dependia, apenas, da resposta dos demais chefes militares e civis da república.

DIA 5 : — Nesta data, respondendo ao officio de Bento Gonçalves, dizia Alvares Machado :

"Foi-me sobremaneira agradavel o officio que V. S. me dirigiu com data de ôntem, não só pelas esperanças que me dá da sua proxima e verdadeira adesão á pessoa do sr. D. Pedro II, como pelos festejos feitos por V. S. e pela fôrça ao seu mando aos anos do mesmo augusto senhor.

Praza aos céus que tão doces esperanças se não definham e esvaecem! Eu conto com a sua palavra.

O ilmo. sr. coronel Bibiano José Carneiro da Fontoura é portador desta e vái abraçar V. S. por motivo de sua nobre resolução de render-se ao melhor dos monarcas.

Não sei si já chegaram os poderes que V. S. espera para render-se com todo o exercito; si já V. S. está autorizado, posso designar a conferencia; si V. S. quer preparar alguns trabalhos para o dito fim, então pode escrever-me com franqueza, que com a mesma franqueza responderei a V. S. Em mim encontrará, ao lado da maior fidelidade ao nosso soberano um igual gráu de candura e bôa fé e sincero desejo da paz e da reconciliação.

Renovo a V. S. os protestos de consideração, com que sou de V. S., a quem Deus guarde, patricio e muito venerador.

Francisco Alvares Machado.

Porto-Alegre, 5 de dezembro de 1840".

DIA 8 :— Alvares Machado responde ás proposições feitas por Bento Gonçalves da Silva, dido, segundo nos relata Alfredo Ferreira Rodrigues, "que o imperador não aceitava condições de Nação alguma, por mais rica e poderosa que fosse, e muito menos de uma parte de seus subditos desviados da estrada da lei, e que a conferencia por ele solicitada só se poderia realizar depois que os rebeldes depuzessem as armas".

Mas, neste mesmo dia recebia Bento Gonçalves a resposta de Netto que, ao receber o officio do presidente da República Rio-grandense sobre uma possível pacificação, o mostrou a Domingos José de Almeida a quem pediu dissesse a Bento Gonçalves que não concordava com a pacificação e, batendo arrogantemente nos copos da espada, concluiu : — "Diga a Bento Gonçalves que, enquanto tivermos mil piratinenses e 2.000 cavalos, a resposta será esta..."

— Bento Gonçalves desiste do assédio á cidade de Pôrto-Alegre e enceta a retirada para Cima-

da-Serra. Canabarro que o precedêra chega neste dia á Vacaria. A retirada dos farroupilhas foi hostilizada constantemente pelo tenente-coronel Chico Pedro e por Juca Ourives. Rio Branco, nas suas *Efêmérides*, diz que os revolucionarios “perderam a artilheria e muita gente” e afirma, tambem, que “não menos desastrosa pelo máu estado dos caminhos e falta de recursos, foi a marcha, por esta região, da coluna de trópas do governo imperial, comandada pelo general Labatut”.

DIA 9 :— Alvares Machado escreve para a côrte dando noticia da tentativa pacificadora e diz estar desiludido da sinceridade dos homens da revolução. Mostra, por isso, a conveniencia de ser sufocado o movimento republicano e que para tal era de absoluta necessidade um corpo do exercito bem apetrechado ao par de outras medidas que deveriam ser tomadas ao mesmo tempo. E concluiu dizendo : “O general em chefe do exercito (João Paulo dos Santos Barreto) já tem hoje em movimento as fôrças imperiais para fazer com que cedam ás baionetas, os que não quizeram ceder á razão e á suma bondade de V. Magestade Imperial”.

DIA 21 :— Jacinto Guedes da Luz, coronel farroupilha de grande valor, que tinha por divisa, segundo afirmam — “*squ do Guedes, morro seco e não me entrego*”. — destroça em Missões, na estancia de São-José, as fôrças legais do comando do coronel José dos Santos Loureiro.

DIA 24 :— D. Pedro II promulga, nesta data, decreto de anistia geral por crimes politicos. Este decreto foi censurado e repudiado pelos farroupilhas, os unicos que, em todo o Brasil, dele se não utilizaram.

JANEIRO DE 1841

DIA 5 :— Os farroupilhas instalam-se no Passo Fundo, onde estabelecem, passageiramente, seu quartel-general, sem a menor dificuldade, por ter Pedro Labatut, contra as ordens de João Paulo dos Santos Barreto, descido a Serra.

DIA 17 :— Combate do Rincão-da-Cruz. — Boaventura Soares, coronel republicano, encontra-se, nesta data, com as forças de Santos Loureiro, destroçando-o completamente. A gente de Loureiro foi toda dispersada.

FEVEREIRO DE 1841

DIA 6 :— A Camara Municipal de Pôrto-Alegre, em nome de seus municipcs, apresenta ao Imperador os protestos de sua gratidão pela resolução tomada de manter na presidencia da provincia o dr. Francisco Alvares Machado e Vasconcellos.

DIA 13 :— A Ordem do Dia, n.º 32, de 16 relata uma vitoria dos republicanos, no municipio de Caçapava :

“O exmo. sr. general comandante em chefe do exercito tem a maior satisfação em publicar ao mesmo, que no dia 13 do corrente junto á casa do Albernaz, no municipio de Caçapava, foi completamente destroçada uma partida de 40 homens da intitulada legalidade, ao mando do facinoroso José Cipriano, ficando este morto, um sargento, e 8 soldados, e prisioneiros 17, inclusive o alferes Francisco Sévero ; devendo-se este feito d’armas ao conhecido valor, e habilidade do sr. tenente-coronel Jacinto Guedes, que por ordem do sr. coronel João Antonio, havia marchado com o fim de bate-lo. — *Ulhoa Cintra*, primeiro deputado do general chefe do Estado Maior”.

DIA 26 :— Nesta data o tenente-coronel Portinho destroça, nas visinhanças da Palmeira de Missões, uma partida imperial de 80 homens comandados pelo cap. Feliciano. Do embate perderam os imperiais 8 homens mortos, armamento e alguma cavalhada.

MARÇO DE 1841

DIA 4 :— E', pela segunda vez, nomeado presidente da provincia no periodo revolucionario, o dr. Saturnino de Souza e Oliveira (Veja-se 22 de maio e 24 de junho de 1839).

DIA 14 :— Bento Gonçalves da Silva, já senhor de toda a campanha, reassume o governo da Republica, em São-Gabriel, onde estava provisoriamente instalado (Veja-se 15 de julho de 1842). Por julgar seus serviços necessarios na chefia do exercito, havia ele passado o governo ao vice-presidente major José Mariano de Mattos, a 23 de novembro de 1839.

A respeito foi publicada a seguinte Ordem do Dia :

“Cessando os motivos pelos quais o exmo. general presidente da republica tomára o comando em chefe do exercito em 23 de novembro de 1839, o vice-presidente da mesma devolve a administração do Estado.

Domingos José de Almeida, ministro e secretario de Estado dos negocios do interior assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. — *José Mariano de Mattos* — *Domingos José de Almeida*”.

DIA 16 :— Bento Gonçalves da Silva publica decreto especial reintegrando José Mariano de Mat-

tos no seu posto de Ministro da Guerra, Marinha e Exterior. (Veja-se dia 14-III-1841).

DIA 26 :— O brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto é substituído por decreto desta data, pelo general Tomaz Joaquim Pereira Valente, conde do Rio Pardo, português adesista, cujo comando foi desastrado.

ABRIL DE 1841

DIA 17 :— E' empossado na presidencia da provincia o dr. Saturnino de Souza e Oliveira e, no comando das armas, o general Tomaz Joaquim Pereira Valente, conde do Rio Pardo, nomeado por decreto de 26-III.

MAIO DE 1841

DIA 8 :— A um "Amigo e camarada", datada de São-Gabriel, escreve Bento Gonçalves da Silva a seguinte carta *Reservada* :

"Lembro-me mais de dizr-vos que, constando que Bento Manuel viera ao Quarúm, convem que examineis si assim é ; e em tal caso forçoso é que o mandeis agarrar com segurança, pois esse homem, não padece duvida, que só se emprega em fazer-nos mal, e talvez seja o principal agente de compra de cavalhadas.

Será bom que, ao menos quando ele não esteja por alí, mandeis levantar-lhe toda a cavalhada do Quaró, que toda levou roubada.

Saude vos deseja vosso amigo e camarada certo.

Bento Gonçalves da Silva".

DIA 13 : — Recontro no Passo de São-Borja, em que os imperiais, com duas divisões, comandada a primeira pelo brigadeiro Seára e a segunda pelo coronel Silva Tavares, depois de atravessarem, com dificuldade, o passo, e sendo atacados pelas forças republicanas, conseguem dominar a situação repellido o ataque.

Na ordem do dia n. 71, de 18 de junho, diz o brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto : “Quando a coluna rebelde pretendeu disputar e impedir a passagem foi repelida e obridada a vergonhosa retirada, não obstante ter uma peça de calibre 9 assentada com direção ao mesmo passo”.

DIA 18 : — Entrincheirados na estancia do Meio, os farroupilhas recebem, a pé firme, o ataque das forças imperiais sendo, porém, obrigados a se retirarem, perdendo 10 mortos, varios feridos e um prisioneiro. As forças legais tiveram apenas 3 feridos, dos quais um gravemente. Comandavam as forças legalistas os coroneis Fernandes de Lima, Antonio de Medeiros Costa e Jeronimo Jacinto.

— Neste mesmo dia travou-se pequeno recontro no banhado do Inhatium, proximo a São-Gabriel, entre farroupilhas e imperiais, comandados estes por Chico Pedro e Arruda Camara. Os farroupilhas comandados por David Canabarro tiveram que recuar, sofrendo pequena perda.

DIA 22 : — Segundo comunica a ordem do dia do brigadeiro João Paulo dos Santos Barreto, foi, pelo general Seára, coadjuvado pelo coronel Silva Tavares, destroçado uma força republicana nas proximidades de São-Gabriel. Os farroupilhas tiveram cerca de 30 mortos, outros tantos feridos e varios passados. Dos imperiais a perda foi de 5 mortos e

17 feridos, contando-se entre estes o ajudante Vitorino José Carneiro e o tenente Manuel Barreto Pereira Pinto.

JUNHO DE 1841

DIA 1 : — Em Morretes um grupo de 12 homens das forças imperiais ataca, a pé, pequena força farroupilha comandada pelo capitão Francisco Xavier que foi obrigado a fugir com sua gente. Ficaram em poder dos imperiais 3 ponchos, 2 espadas, 2 facas e uma clavina, sendo regular o numero de feridos de parte a parte.

DIA 3 : — Na estancia das Palmas, onde se encontrava uma partida republicana comandada pelos capitães Mauricio Figueiró e Leonardo, foi, de surpresa, atacada esta na madrugada deste dia por uma partida legal comandada pelo capitão Atanasio Seixas. Os farroupilhas tiveram que recuar após encarniçada luta, deixando no campo 8 mortos. Varios foram os feridos de parte a parte. Ficaram em poder dos imperiais cerca de 300 cavalos, potros e eguas e 3 carretas.

DIA 5 : — E' celebrada a convenção secreta entre os farroupilhas chefiados por Bento Gonçalves da Silva, e os orientais presididos pelo general Frutuoso Rivera.

Não teve esta convenção nenhum alcance pratico, como, aliás, não tivéra a anterior, de 1839. (Veja-se 28-12-1841).

— Na noite deste mesmo dia, o exercito imperial que estava passando o rincão de São-Pedro, no passo de São-Lucas, foi atacado pelos republicanos.

Em carta a um amigo diz Bento Gonçalves que se demorára a responder a que recebera porque se achava "empenhado em ficar á retaguarda do exer-

cito realista que estava passando o rincão de São-Pedro, naquele passo (São-Lucas), o que efetuou no dia 5 para 6, não sem prejuizo, apesar da localidade ser toda a favor deles. — Ficaram em nosso poder 8 cornetas, além de alguns prisioneiros e mortos. — A' vista da nova posição do inimigo, forçoso me foi fazer uma variação de plano; e assim fazendo descer o general David Canabarro Ibicuí abaixo, para fazer junção com Joaquim Teixeira, e bater Manuel Loureiro, que procurava invadir Missões'1 (A carta é datada de 10).

DIA 12 : — Combate dos Campos Neutrais, em que os republicanos obtiveram brilhante victoria contra as hostes imperiais.

AGOSTO DE 1841

DIA 21 : — Por ter sido dispensado do comando das armas da provincia o general João Paulo dos Santos Barreto, assumiu-o, interinamente, em seu acampamento nas margens do arroio S. Vicente, o brigadeiro Antonio Corrêa Seára.

SETEMBRO DE 1841

DIA 18 : — José Garibaldi procura o encarregado dos negocios do Brasil, em Montevidéu, dr. José Dias da Cruz Lima, declarando não mais querer cooperar com os revolucionarios, solicitando, por isso, anistia. Eis o documento assinado pelo encarregado dos negocios e por José Garibaldi :

“Aos dezoito dias do mês de setembro do corrente ano de mil oitocentos e quarenta e um, na casa do Imperio do Brasil, no Estado Oriental do Uruguái e perante o encarregado dos Negocios do mesmo Imperio, compareceu o sr. J. Garibaldi,

subdito italiano, hoje residente na cidade de Montevideu, capital do Estado e declarou que, tendo em outro tempo comandado uma parte das forças contra o Imperio na provincia do Rio Grande, hoje renunciava prestar qualquer serviço daquelle genero ou outra qualquer hostilidade ao Imperio e seus subditos; que, debaixo de sua palavra de honra, protestava não tomar mais parte naquella luta, e que solicitava de Sua Magestade o Imperador, por intermedio do mesmo encarregado de Negocios a sua imperial anistia. Declarou mais que hoje seu fim é ocupar-se unicamente do commercio em geral. — *José Garibaldi* — *José Dias da Cruz Lima*, encarregado dos Negocios do Brasil em Montevideu”.

OUTUBRO DE 1841

DIA 19 :— Nesta data foi publicado o decreto imperial conferindo á cidade de Pôrto-Alegre o titulo de *Leal e Valerosa*, em recompensa e para perpetuar o valor e lealdade com que se portaram seus habitantes na contra-revolução (Veja-se 15 de junho de 1836) que restabeleceu nela o governo imperial, e heroismo com que tem resistido aos diversos cercos dos farrroupilhas.

DIA 28 :— Francisco Pedro de Abreu retoma a cidade de São-Gabriel. Chico Pedro assim se refere, em suas *Memorias*, § 65, ao feito : “No dia 28 entrou em S. Gabriel e surpreendeu a Guarda de Policia rebelde, prisionando o comandante intitulado major, Maximiano, um tenente, 22 soldados, e armamento sendo o de infantaria novo, mandado por Fruto Ribro. (Frutuoso Rivera), e 400 e tantos cavalos”.

NOVEMBRO DE 1841

DIA 11 :— Em carta desta data a Manuel Lucas de Oliveira, Bento Gonçalves fala nas intrigas que se vinham manifestando entre os republicanos, contra ele.

“Bagé, 11 de novembro de 1841. — Meu amigo e camarada. — De posse de vossa carta de 8 do corrente faço regressar o guarda nacional Antonio Francisco, munido de uma portaria na forma que havieis pedido.

Muito estimo que tenhais experimentado melhoras em vossos males, e que chegueis a vigorisar de todo, para poderdes continuar na gostosa tarefa de salvar a patria, que tanto necessita de seus bons filhos !

Minha saúde está bastante deteriorada ; minha paciencia cansada de sofrer ingratições e calunias ; nada me faz, e nem me fará afastar da carreira encetada, isto é, de libertar a patria, e não abandonar meus patricios, mas já não posso com a carga que pesa sobre meus ômbros, e só espero o meio legal para entregar o timão do Estado a quem melhor o dirija ; do mesmo modo o mando do exercito, contentando-me com correr para a frente do inimigo a comandar a vanguarda, que for destinada a fazer-lhe frente. Alí darei o exemplo de obediencia ; alí mostrarei aos ambiciosos e sicofantas, qual é o dever de um verdadeiro republicano.

Ah ! meu amigo, eu ando tão desgostoso, que, a não ser o amor da patria e liberdade que me domina todo, preferiria a

morte a ocupar o cargo que tenho ! Tal é a desesperação, em que me tem posto certos homens, que se dizem republicanos, e que estão tão longe de o ser como está a noite escura do claro dia !!!

Adeus, meu amigo, dispense cansa-lo com minhas queixas ; mas elas servem de desabafo ao vosso amigo e camarada

Bento Gonçalves da Silva.”

(Veja-se 28-VII-1842 e 4-VIII-1843).

DIA 25 :— A' frente de 700 homens de cavalaria e infantaria, os coroneis João Propicio Menna Barreto e Francisco Pedro de Abreu destroçam, no Rincão Bonito, nas nascentes do Pequirí, afluente do rio Jacuí, uma fôrça revolucionaria de 400 homens,, mais ou menos, sob o comando do coronel Agostinho de Melo, fazendo 230 prisioneiros e 120 mortos. Agostinho de Melo, Joaquim Pedro e outros officiais da fôrça republicana conseguem fugir. Nas suas *Memorias* diz Abreu que João Propicio teve medo de atacar a fôrça farroupilha, mas que ele “seguiu a frente caminhou para o inimigo ao qual fez uma fala dizendo-lhe em voz : si aí se acham alguns parentes, amigos ou constrangidos, imediatamente se passem, sinão perecerão ; e cuja fala foi correspondida com mofa e alguns tiros”. Travou-se o combate, desigual, perdendo os farroupilhas, alem dos mortos e aprisionados, 800 cavalos, dos quais muitos ensilhados, toda a bagagem e muito armamento.

DEZEMBRO DE 1841

DIA 17 :— Na ordem do dia n. 15, de 27 de dezembro, firmada por João Paulo dos Santos Barreto, lê-se o seguinte :

“Tendo Bento Gonçalves conseguido em precipitada fuga subir a serra pela picada das Três Forquilhas, foi corajosamente repellido pelas fôrças ao mando do bravo major o sr. Rodrigo Antonio da Silva que o seguiu até a picada muito alem das Torres, aonde lhe tomou no dia 17 toda a artilheria de campanha, e grande porção de cavallhada que ainda lhe restava, estraviando-se mais de 300 rebeldes, dos quais já muitos se tem apresentado ás fôrças legais, ficando abandonada a maior parte das mulheres que eles haviam seduzido, e arrebatado quando saíram de Viamão e Bôa Vista. — A grossa artilheria, carros monchegos, carretas, forjas, armamentos e munições de guerra que os rebeldes haviam enterado antes de fugirem, já se acham em poder do Exercito legal, e vão ser recolhidos ao Arsenal da Capital. — E' fato que de quasi 1.000 homens com que se retiraram Bento Gonçalves e Crescencio, apenas 200 puderam ganhar a serra cortados de susto e na maior confusão”.

Fazia tambem parte da força imperial o major José Inacio da Silva Ourives, o famoso Juca Ourives que os farroupilhas haviam expulso de suas fileiras no inicio da revolução.

DIA 28 :— Nesta data é assinada a convenção de auxilios entre Bento Gonçalves da Silva e Frutuoso Rivera, conforme se vê do seguinte documento :

“S. Ex. o sr. presidente da república do Uruguái, brigadeiro general D. Frutuoso Rivera, e S. Ex. o sr. presidente da República Rio-grandense general Bento Gonçalves da Silva, desejando verificar algum dos arranjos da convenção secreta de 5 de julho do presente ano, procederam a nomear, a saber : S. Ex. o sr. presidente da republica do Uruguái a

seu secretario em campanha D. José Luis Bustamante em qualidade de comissionado *ad-hoc*, e S. Ex. o sr. presidente da república Rio-grandense a seu ministro do interior e fazenda o cidadão Domingos José de Almeida no mesmo character, os quais depois de haverem trocado os seus respectivos poderes que acharam em bôa e devida forma, hão convindo os artigos seguintes :

1.º — S. Ex. o sr. presidente da república Rio-grandense prestará a S. Ex. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái um auxilio de 500 homens de infantaria e 200 de cavalaria, todos de linha, para invadirem e occuparem a provincia de Entre-Rios, depondo sua actual ominosa administração, cujas tropas armadas e equipadas obedeceram, durante a campanha, ás ordens de S. Excia. o sr. presidente da mencionada republica Oriental do Uruguái.

2.º — Ditas tropas, concluida a operação expressada, regressarão a seu respectivo territorio com seu correspondente armamento e equipamento, ás ordens do seu governo.

3.º — Será da obrigação de S. Excia. o sr. presidente da republica Oriental do Uruguái auxiliar de pronto com 2.000 cavalos a S. Excia. o sr. presidente da república Rio-grandense, para o serviço do seu exercito.

4.º — Os artigos comprehendidos na presente convenção secreta se conservarão em sigilo, como os da convenção de 5 de julho.

5.º — Será da obrigação de S. Excia. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái socorrer as tropas de que se fez menção, durante a campanha, e prove-las de vestuario equipo, armamento, e cavalgaduras, que lhe forem de mister até o seu regresso ao territorio da república Rio-grandense.

6.º — A presente convenção será ratificada por S. Excia. o sr. presidente da república Rio-grandense dentro do termo de 24 horas, e por S. Excia. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái dentro de 15 dias a contar de sua data, cujo aviso official bastará para o seu cumprimento.

Em testemunho do que nós abaixo assinados comissionados *ad hoc* por S. Excia. o sr. presidente da república Oriental do Uruguái, e S. Excia. o sr. presidente da república Rio-grandense, em virtude dos nossos plenos poderes firmamos dois exemplares do presente com nossos proprios punhos, e selamos com nossos respectivos selos em a vila de São-Frutuoso aos 28 de dezembro de 1841.

Domingos José d'Almeida".

José Luis Bustamante.

Nós, Bento Gonçalves da Silva, presidente da república Rio-grandense, e general comandante em chefe do exercito da mesma, imposto da comissão secreta acordada entre o comissionado de S. Excia. o sr. presidente do Estado Oriental do Uruguái, e general comandante em chefe do exercito nacional D. José Luis Bustamante, e nosso ministro e secretario de Estado dos negocios do interior e fazenda o cidadão Domingos José de Almzida, e bem examinando quanto contêm a precipitada convenção secreta, ratificamos os artigos que contem todas as suas partes, empenhando nossa palavra e fé publica para cumpra-la, e faze-la cumprir por todos os meios que estejam ao nosso alcance.

Bento Gonçalves da Silva.

Domingos José d'Almeida".

JANEIRO DE 1842

DIA 13 ;— Bento Gonçalves, em cumprimento ás clausulas da convenção secreta de 28 de dezembro ultimo, escreve ao general Frutuoso Rivera prevenindo-o de que o general Antonio de Souza Netto irá ao seu encontro com a divisão auxiliadora para a campanha de Entre-Rios.

O general Netto, diz Bento Gonçalves na referida carta, “leva ordem de regressar do Uruguái quando não seja urgente sua pessoa á testa daquela divisão com que marcha ; em cujo caso a comandará o coronel Antonio Manuel do Amaral ; si, porém, V. Excia. julgar melhor a ida do mesmo general, assim este praticará”. E depois de varias considerações, conclúi Bento Gonçalves : “Finalmente, confiada esta nascente república na proteção de V. Excia. e bõa fé de nossos tratados, bem assim dos que com bem fundadas razões espera conseguir com os Estados de Correntes, Entre-Rios, e Santa-Fé, contamos o infalivel triunfo da causa sagrada da liberdade, firmando em solidas bases a independencia do Rio-Grande, cabendo-nos (mormente a V. Excia.) a dobre gloria de regenerar o Brasil todo, que almeja os mesmos principios e por fatalidade suporta ainda o peso de um cetro de ferro que prestes desaparecerá, estabelecendo-se em toda a America a unica forma de governo, que vegeta em seu sólo”.

DIA 26 :— No passo do Camaquã, ou passo do Mendonça, é destroçada uma coluna de cavalaria farroupilha comandada por Bento Gonçalves da Silva. Comandava as fôrças imperiais o célebre Moringue, um dos mais ousados cabos de guerra do imperio contra os republicanos.

MARÇO DE 1842

DIA 4 :— Felix Vieira, que andava em observações nas proximidades de Pelotas, é atacado e derrotado por um destacamento das fôrças de Silva Tavares.

DIA 26 :— Em Montevidéu, na igreja de São-Francisco, casa-se José Garibaldi com a catarinense Anita de Jesús Ribeiro que se dizia viúva de Manuel Duarte de Aguiar...

ABRIL DE 1842

DIA 8 :— Nas proximidades de Pelotas é derrotado e morto por Procopio Gomes de Melo, o major farroupilha Domingos Joaquim de Oliveira.

MAIO DE 1842

DIA 10 :— Rebenta, em São Paulo, na cidade de Sorocaba, o movimento revolucionario promovido pelo partido Liberal e chefiado pelo coronel Rafael Tobias de Aguiar. — A 17 foi proclamado, em Sorocaba, presidente de São Paulo em opposição ao marquês de Monte-Alegre (José da Costa Carvalho), o coronel Aguiar. — Este, em seguida, nomeia o padre Diogo Antonio Feijó, ex-regente do imperio, vice-presidente e passa-lhe o governo. — Conseguem os revolucionarios paulistas béla série de vitorias, chegando ás portas da capital. -- A 19, porem, Caxias embarca para São-Paulo onde chega no dia 23. Começam, daí por diante, os rebeldes a perder terreno até que no dia 20 de junho o barão de Caxias consegue entrar em Sorocaba aprisionando mais de 40 rebeldes entre os quais o proprio padre Feijó, já velho e alquebrado. — A 12 de julho são vencidos os

ultimos revolucionarios paulistas e a 13 Caxias regressa para o Rio de Janeiro. — Aguiar sómente foi preso a 12 de dezembro no Rio-Grande do Sul (Veja-se esta data, e veja-se 13-VIII-1842).

DIA 21 :— O marechal conde do Rio-Pardo, Tomaz Joaquim Pereira Valente, é demittido do comando das armas, sendo nomeado, em seu lugar, o general José Maria da Silva Bittencourt.

JUNHO DE 1842

DIA 10 :— Tem inicio, em Barbacena, o movimento revolucionario de Minas-Gerais. Neste mesmo dia é, allí, proclamado presidente pelo partido Liberal o tenente-coronel José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, barão de Cocais, em opposição ao governador da provincia, em Ouro-Preto, Bernardo Jacinto da Veiga. — Após uma série de victorias e derrotas, chega á capital, Ouro Preto, o barão de Caxias que acabára de pacificar São-Paulo, — a 6 de agosto e já a 19 do mesmo mês o presidente revolucionario, barão de Cocais, abandonava seus companheiros e fugia. A 20 derrota Caxias o ultimo reduto revolucionario, Santa-Luzia, e a 1.º de setembro entra novamente na capital da provincia e a dá por pacificada definitivamente. (Veja-se 28-IX-1842).

DIA 12 :— O governo republicano riograndense resolve, definitivamente, mudar a capital para Alegrete. (Veja-se 15-VII).

DIA 23 :— Manuel Lucas de Oliveira derrota, em Boqueirão, á margem direita do Camaquã, o tenente-coronel Chico Pedro.

DIA 26 :— Assume o comando das armas da provincia o general José Maria da Silva Bittencourt.

JULHO DE 1842

DIA 13 : — Bento Gonçalves da Silva, do quartel general em Cacequi, lança a sua proclamação annunciando a revolução de São-Paulo, aliás já terminada desde 20 de junho com a rendição de Sorocaba, — e ao mesmo tempo convoca a instalação da Assembléa Constituinte (Veja-se 10-V e 1-XII de 1842), e entrega o comando do exercito ao general Netto.

“Rio-grandenses ! Raiou a aurora da vossa felicidade ! Pelos jornais ultimamente recebidos, vimos que os briosos paulistas em defesa de sua patria começaram a guerra contra o tirano do Brasil. Já as falanges paulistanas marcham sobre o inimigo comum, já os satellites da escravidão têm recebido sobre suas criminosas cabeças o afiado gume das espadas dos livres.

Quantos brilhantes sucessos vão desenvolver-se !

Rio-grandenses ! a época da liberdade e da justiça vái ser marcada em nossa historia !

No meio de tão faustos auspicios, o governo da república Rio-grandense vái convocar o Congresso Nacional para estabelecer as leis fundamentais porque tanto almejam os verdadeiros republicanos.

Para levar a efeito tão grandiosa obra, eu vou dirigir o leme do governo, entregando o comando do exercito ao cidadão general Antonio Netto. Rio-grandenses ! reüni-vos ao redor deste valente chefe ; obedecei-lhe, cumpri as suas ordens ; ajudai-o.

Correi á porfia contra os opressores do nosso país.

O Brasil em massa se levanta como um só homem para sacudir o ferreo jugo do segundo Pedro. E' este o momento de mostrardes ao mundo que sois rio-grandenses.

Si assim fizerdes, vereis em breve tremular o estandarte tricolor em todos os pontos da república ; os rio-grandenses iludidos virão aos vossos braços, não só salvarcis a patria, como sereis os libertadores do Brasil inteiro.

Viva a liberdade ! Vivam os rio-grandenses ! Vivam os nossos irmãos paulistas ! Viva a futura Assembléa do Rio-Grande !”

DIA 15 :— Instala-se em Alegrete, a capital da republica Rio-grandense.

Por estar Caçapava constantemente ameaçada não oferecendo mais garantias ao governo, resolveu este mudar a séde para Alegrete desde 1840. Desde essa data até a presente, a capital da república Rio-grandense andava sobre carretas de um ponto para outro, o que deu motivo á seguinte sátira atribuida aos proprios farroupilhas :

“Que é do progresso este seculo
quem mais se atreve a negar ?
O governo Rio-grandense
marcha em carreta a rodar !”

Ao abandonar Caçapava (Veja-se 30-IV-1940), o governo republicano instala-se em São Gabriel de onde, pouco depois, é obrigado a retirar-se. Recolhe-se, então, á estancia de Luis Machado e daí, nesse mesmo ano de 1840, passa para Santa-Vitoria. Em 1841 torna á São-Gabriel e em seguida segue para Itaquiatiá e daí para Bagé onde fica de novembro de 1841 a junho de 1842. Depois dessa data, por escala em Cacequi, segue para Alegrete onde se instala nesta data e permanece até fins de 1843. Mais tarde, depois da renuncia de Bento Gonçalves, a capital torna a ser Piratini, por algum tempo e depois, atéo fim, continua em contínua peregrinação pelo sul do Estado.

DIA 28 : — Manifestam-se os primeiros dissídios na política interna da república Rio-grandense, conforme se nota pela carta de Bento Gonçalves da Silva, desta data, a um amigo general, provavelmente Antonio Netto.

“Alegrete, 28 de julho de 1842. — General e amigo. — Cheguei com feliz viagem a este lugar e só trato de dar andamento a quanto havemos acordado; e assim é que mui breve vos remeterci os decretos para o recrutamento, e convocação da Assembléa.

Já se está dando começo ás lanças, e deveis contar com elas.

Pela copia junta do coronel José Mariano de Mattos vereis o que ele me diz em resposta á que hoje mesmo lhe dirigi, convidando-o para o emprego de chefe de estado maior do exercito, ou no caso contrario, outro qualquer no mesmo exercito.

Por ela vereis que não devemos contar com ele, visto que sendo, como vái ser, inspecionado, deve resultar doente, e como tal deve ir tratar de sua saude.

Ele é patriota, e estou que nos casos de urgencia devemos contar com ele, porém, não para o presente, e por essa razão deveis lançar mão de outro para chefe de estado maior, cuja nomeação deveis quanto antes mandar-me para remeter-vos o decreto a respeito.

O Paulino (27) tem feito aparecer uma enfiada de mentiras e *catilinadas* no Boletim,

(27) Antonio Paulo ou Paulino da Fontoura, vice-presidente da república Riograndense, que foi assassinado em Alegrete no dia 3 de fevereiro de 1843 (Veja-se esta data) Em consequencia desse fato deu-se, tambem o duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires. (Vejam-se 27-II e 3-III-1844).

deixando de publicar noticias veridicas que aparecem nos jornais do Rio, puramente do governo, pelas quais se conhece os progressos da revolução de São-Paulo e Minas.

A imprudencia de publicar a defensão de Silva Machado sem haver certeza de aquelle homem haver aderido á causa da revolução, como ele leviamente publicou em um Boletim anterior, e nem de haver seguido a causa do Imperador, é mais uma prova de leviandade daquela cabeça, e já que disse em seu boletim que havia uma coincidencia entre São-Paulo e Rio-Grande, porque não disse ao menos que aqui um paulista atraçou a causa da liberade, e aí um rio-grandense?

Quiz ter consideração com Bento Manuel, reconhecido como traidor, e nenhuma teve com um patricio, que não ha por ora um só documento que comprove aquella gratuita asserção em seu desabono.

Estou resolvido que ele não mais escreva uma só linha para o boletim.

Basta de mentir, como fez, publicando a derrota do barão de Caxias, sem que haja nem a mais leve noticia dela. ! servindo unicamente tal noticia para desacreditar o governo, que é o fim principal dos trabalhos de Paulino e de mais três de quem ele é o mentor. (28).

(28) Quem serão esses "três de quem ele é o mentor"? Por uma carta de Domingos José de Almóida a um amigo, datada de 18 de dezembro de 1842, presumimos tratar-se dos deputados, dr. Antonio José Martine Coelho, Antonio Vicente da Fontoura, e Onofre Pires da Silveira Canto ou José Pedroso de Albuquerque. Segundo essa carta faziam parte da minoria os deputados Antonio Vicente da Fontoura, padre Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza, José Pedroso de Albuquerque, Serafim dos An-

Tudo quanto houver aqui de praças e officiaes de linha vão a seguir para aí, ou por vontade, ou presos.

Lembra-me quanto convenha, afim de que não haja falta no plano acordado.

Saudades ao amigo Luis, e disponha do vosso amigo e patricio,

Bento Gonçalves da Silva".

AGOSTO DE 1842

DIA 3 : — O presidente da republica Rio-grandense publica o decreto convocando a Assembléa Legislativa, isto é : para que sejam feitas as eleições de deputados (Veja-se 1-IX-1842).

DIA 9 : — Bento Gonçalves da Silva passa o comando do exercito ao general Antonio de Souza Netto, e nomeia o general João Antonio da Silveira chefe do Estado maior (Veja-se a carta de 28-VII-1842).

DIA 19 : — Publica-se o decreto do governo da república Rio-grandense, desta data, assinado por Bento Gonçalves da Silva e Antonio Vicente da Fontoura, sobre o serviço militar obrigatorio, cujo artigo primeiro é o seguinte :

"Art. 1.º — Todos os cidadãos rio grandenses de idade de 14 até 50 anos, inclusive os officiaes demittidos e reformados, são obrigados a defender a patria, sacrificando a sua vida, pessoa e bens, reunindo-se ás fileiras do exercito como auxiliares, logo que o

jos França, Antonio José Martins Coelho, Manuel Martins da Silveira Lemos, Onofre Pires da Silveira Canto e Vicente Lucas de Oliveira (Veja-se relação dos deputados em data de 1-IX-1842, e a carta in Rev. do Inst. Hist. e Geog. do R. G. do Sul, IV trim. de 1928, bem como uma de Fontoura, defendendo e dando as causas da dissidencia no seio da Assembléa).

general comandante em chefe do exercito reclame a reunião geral das fôrças do exercito.

Paragrafo unico. — Para não ser iludida a disposição do presente artigo com respeito á idade de 50 anos, ficam compreendidos na reunião todos os individuos que alegarem ser maiores da referida idade, tenham a necessaria robustas para o serviço de campanha”.

Neste mesmo decreto discriminam-se os casos de traição á patria, no artigo 5.º, que reza :

“Serão de ora em diante considerados traidores á patria, e como tais punidos :

1.º — Os que, existindo em territorio occupado por autoridades da república, prestarem aos imperiaes serviços directos ou indirectos, dando-lhes avisos, ou quaisquer socorros materiais.

2.º — Os que aceitarem emprego, ou comissão do inimigo.

3.º — Os empregados civis ou publicos que se apresentarem ao inimigo, ou conservarem-se com este em relações no territorio por elles occupado, salvo tendo permissão expressa do governo ou do general em chefe, ou enfermidade gravissima que o inhabilite de retirar-se.

4.º — Os que espalharem noticias atterradoras, pretendendo arrefecer o ardor patriotico, e comprometer o credito do governo.

5.º — Os que receberem e conservarem as mesmas noticias, e incontinentemente as não apresentarem á autoridade de seu distrito para as comunicar logo ao respectivo chefe de policia”.

O artigo 6.º, finalmente, refere-se aos funcionarios da república e diz :

“Todo o empregado civil ou publico, que não tomar uma parte ativa na guerra, coadjuvando com armas ou com escritos e palavras, conforme permitam as suas faculdades, excitando o entusiasmo nacional, perderá o direito ao seu emprego ou comissão, e será demittido com dezar”.

SETEMBRO DE 1842

DIA 1 : — Rrealiza-se a eleição para deputados á Assembléa Constituinte da República Rio-grandense.

O n. 4, de 5-X-1842 do jornal *O Americano*, *periodico oficial, politico e literario*, publica a seguinte “Lista dos cidadãos rio-grandenses que obtiveram a maioria de votos para Deputados á Assembléa Constituinte do Estado, que segundo o decreto de sua convocação, se ha de instalar nesta capital no dia 6 de novembro do corrente ano” (Veja-se 1.º de dezembro) :

Vigario apostolico Francisco das Chagas Martins d’Avila e Souza, — tenente-coronel Manuel Lu-
nuel Lucas de Oliveira, — tenente-coronel Serafim
Joaquim de Alencastre, — coronel Silvano José
Monteiro de Araujo e Paula, — dr. Francisco de Sá
Brito, — advogado Serafim dos Anjos França, —
padre Hildebrando de Freitas Pedroso, — coronel
José Mariano de Mattos, — fazendeiro Severino
Antonio da Silveira, — Luis José Ribeiro Barreto,
— capitão José Gomes de Vasconcellos Jardim, —
José Pedroso de Albuquerque (ministro), — padre
João de Santa Barbara, — major Antonio Vicente
da Fontoura (ministro), — dr. Antonio José Mar-
tins Coelho, — general João Antonio da Silveira,
— José Pinheiro de Ulhôa Cintra (Ministro plenipo-
tenciario), — Domingos José de Almcida, — tenen-

te-coronel Sebastião Xavier do Amaral Sarmiento Menna, — fazendeiro Inácio José de Oliveira Guimarães, — cirurgião José Carlos Pinto, — coronel Oliverio José Ortiz, — negociante Joaquim dos Santos Prado Lima, — Manuel Martins da Silveira Lemos (inspetor do tesouro), — coronel Onofre Pires da Silveira Canto, — major Ismael Soares da Silva, — major José Maria Pereira de Campos, — fazendeiro capitão Fidelis Nepomuceno Prates, — general Antonio de Souza Netto, — padre Francisco Leite Ribeiro, — negociante Luiz Inácio Jaques, — fazendeiro Vicente Lucas de Oliveira, — coronel Joaquim Pedro Soares, — negociante Francisco Modesto Franco, — e tenente-coronel José Alves de Moraes.

“Foram declarados suplentes, por haverem obtido maioria de votos, depois daqueles, os srs. Bento Xavier de Andrade, major Luis José da Fontoura Palmeiro, primeiro-tenente Joaquim Gonçalves da Silva, Francisco Ferreira Jardim Brazão, dr. Antonio Vicente de Sequeira Pereira Leitão, Manuel Gonçalves Rodrigues Jardim, major Bernardo Pires, Antonio Manuel Correia da Camara, Manuel José Pereira da Silva, tenente-coronel Joaquim José Pereira Vilaça, general David Canabarro, Tristão de Araujo Nóbrega, tenente-coronel Felisberto Machado de Carvalho Ouriques, Antonio Paulo da Fontoura (vice-presidente da republica — 2.º) José Ferreira Gomes Roque, coronel Antonio Manuel do Amaral Sarmiento Menna, Marcos Alves Pereira Salgado e capitão Antonio Leite de Oliveira”.

Dos deputados obteve maior votação o vigário apostolico Francisco das Chagas — 3.025 votos, e o menos votado foi o coronel José Alves de Moraes que obteve 1.072 votos. Para a época e a situação em que se achavam os farroupilhas, reduzidos a meia

duzia de cidades, pode-se dizer, a votação obtida representava algo de positivo. Infelizmente o dissídio aberto em Alegrete, na Assembléa, muito enfraqueceu a fôrça republicana. (Vejam-se 28-VII-1842 texto e nota; 12-XII e 20-XII-1842, 3-II-1843 e 27-II-1844).

DIA 7 : — Combate de Jacaré. — O coronel legalista Jeronimo Jacinto Pereira ataca e vence a fôrça republicana comandada por David Canabarro.

DIA 24 : — Em Alegrete, para onde se mudára o governo da república Rio-grandense, substituindo *O Povo*, desaparecido em 1840, distribuí o governo o primeiro numero de *O Americano*, "periodico official, politico e literario", impresso na "Tipografia Republicana Rio-grandense".

Com a famosa "mashorca de Alegrete", como denominou Antonio Vicente da Fontoura a cisão que houve na Assembléa (Veja-se 1-IX-1842), entre os republicanos, o jornal, pouco depois, a 1 de março de 1840, publicava seu ultimo numero.

DIA 28 : — *O Americano* em seu numero 2, desta data, inicia a publicação de uma serie de comentarios, que vão até o numero 9 (22-X), sobre uma série de officios do presidente legal de Minas-Gerais, Bernardo Jacinto da Veiga, com referencia á revolução de 10 de junho deste ano (Veja-se esta data). Comentando esses officios transcritos no n.º 1 de *O Americano*, tece esse jornal os maiores elogios aos revolucionarios mineiros, "nossos irmãos, valentes mineiros que, levantando-se contra um governo despótico, mostraram ao Brasil que sabem presar seus direitos, e mostraram a todas as nações que são dignos da liberdade que advogam, e finalmente que são mineiros americanos".

— E' nomeado presidente e comandante das armas da provincia do Rio-Grande-do-Sul, o barão de Caxias que acabára de pacificar São-Paulo e Minas-Gerais (Vejam-se 10-V e 10-VI-1842).

OUTUBRO DE 1842

DIA 12 :— Manuel Carvalho de Aragão e Silva, tenente-coronel republicano, ataca e destroça uma partida legalista que estacionava na Estancia-Nova, junto ao arroio de Tacuarembó.

DIA 15 :— Encontram-se em Paisandú, onde conferenciam longamente, o general Bento Gonçalves da Silva e os generais uruguayos Frutuoso Rivera (presidente do Uruguái), João Paulo López (governador de Santa-Fé), Pedro Ferré (governador de Corrientes), e José Maria Paz (comandante das fôrças correntinas).

DIA 29 :— Embarca no Rio de Janeiro, afim de assumir a presidencia da provincia do Rio-Grande-do-Sul e o comando das armas do imperio na mesma, o marechal barão de Caxias (Vejam-se ... 1-XI-1842 e 1-III-1845).

NOVEMBRO DE 1842

DIA 9 :— Toma posse da presidencia do Rio-Grande-do-Sul e do comando das armas, o marechal barão de Caxias.

Foi a seguinte a sua proclamação primeira :

“Rio-grandenses. — S. M. o Imperador, confiando-me a presidencia desta provincia e o comando em chefe do bravo exercito brasileiro, recomendou-me que eu restabelecesse a paz nesta parte do imperio como a restabeleci no Maranhão, em São-Paulo, e

Minas, e a Providencia Divina que de mim tem feito um instrumento de paz para a terra em que nasci fará que eu possa satisfazer os ardentes desejos do magnânimo monarca e do Brasil todo. Bravos rio-grandenses ! Segui-me, ajudai-me, e a paz co-roará nossos esforços. Viva a nossa santa Religião. — Viva o Imperador e sua augusta familia. — Viva a constituição e a integridade do imperio, — Palacio do governo na Leal e valorosa cidade de Porto Alegre, 9 de novembro de 1842. — *Barão de Caxias*".

DIA 12 :— O tenente-coronel José Gomes Portinho surpreende, neste dia, uma partida de imperiais da qual ficaram alguns mortos no campo e em poder dos republicanos 8 prisioneiros com todo o armamento, e 150 cavalos em bom estado.

DIA 18 :— O tenente Sezefredo Alves de Mesquita encontra-se em Jaguarí com uma partida de 14 imperiais, e sendo sua força menor, carregou, contudo, conseguindo desbarata-la após obstinada resistencia. Do recontro ficou um legal morto e varios feridos de ambos os partidos. Os republicanos ficaram com 50 cavalos em bom estado.

DIA 22 ;— A Camara Municipal de Alegrete publica a seguinte circular em que marca o dia para a instalação da Assembléa Legislativa :

"A Camara Municipal desta cidade de Alegrete seu termo, etc. — Faz saber a todos os seus habitantes que no dia primeiro do mês de dezembro proximo futuro se vái reünir a Assembléa Constituinte deste Estado, e por tão plausivel motivo lhes pede queiram dar uma prova de regosijo, iluminando suas casas as noites dos dias trinta deste mês, 1.º e 2.º do entrante, podendo cada um ou parte dos cidadãos festejar esta época tão solene e memoravel com divertimentos públicos ad libitum.

Dado e passado nesta Capital de Alegrete aos 22 de novembro de 1842. — Eu João Damasceno Gois, secretario o escrevi. — O vereador presidente José Inácio dos Santos Menezes”.

DEZEMBRO DE 1842

DIA 1 : — E’ instalda em Alegrete a Assembléa Constituinte, depois de duas sessões preparatorias (29 e 30 de novembro), nas quais se tratou do exame dos diplomas dos deputados e juramento depois da missa, no dia 30. O juramento foi o seguinte : “Juro manter a Religião Catolica, Apostolica, Romana, e a Independencia e Integridade do Estado, Rio-grandense, cumprir fielmente as obrigações de deputado á Assembleia Constituinte do mesmo Estado e promover quanto em mim couber a prosperidade geral da Nação ; assim Deus me ajude”.

A “Ata da instalação da Assembléa Geral Constituinte” está vasada nos seguintes termos :

“No dia primeiro de dezembro do ano de 1842, setimo da independencia e da Republica, nesta vila de Alegrete capital da mesma, achando-se reünidos todos os srs. Deputados na sala destinada para as sessões da Assembléa Constituinte, tendo se feito anunciar S. Excia. o sr. presidente do Estado pelas 10 horas e meia da manhã, convidada pelo sr. presidente da Assembléa (29) a comissão nomeada (30)

(29) Era presidente das sessões preparatorias o vigario apostolico padre Francisco das Chagas Martins de Avila e Sousa, por ter sido o deputado mais votado, conforme ficou deliberado na primeira sessão preparatoria do dia 29 de novembro.

(30) A comissão destinada a introduzir no recinto das sessões da Assembléa o presidente Bento Gonçalves da Silva compunha-se dos deputados Serafim dos Anjos França, major José Maria Pereira de Campos, Manuel Martins da Silveira Lemos, Luis Inácio Jaques, Onofre Piros da Silveira Canto, José Pinheiro de Ulboa Cintra, Francisco Modesto Franco e padre Hildebrando de Freitas Pedroso. — Na sessão seguinte, de 2 de dezembro, foi nomeada a comissão para apresentar o projeto de constituição que ficou composta de 5 membros (Veja-se 3-II-1843).

para o introduzir foi recebe-lo na casa immediata á sala das sessões e o introduziu nesta onde S. Excia. depois de tomar assento no lugar que lhe compete dirigiu sua fala á Assembléa, finda a qual se retirou acompanhado pela referida comissão com as mesmas formalidades com que fora introduzido. Instalada a Assembléa pelo sr. presidente da mesma veiu á mesa o diploma do sr. deputado eleito Serafim Joaquim de Alencastre, e verificada sua legalidade pela primeira comissão de poderes nomeada na primeira sessão preparatoria, foi o sr. deputado introduzido por quatro membros da casa, e depois de haver prestado juramento tomou assento. Passando-se á nomeação da nova mesa foi eleito para presidente em um só escrutinio com maioria absoluta o sr. Freitas Pedroso, para vice-presidente o sr. França em segundo escrutinio em que concorreu com o sr. Chagas por não haver maioria absoluta na primeira votação, para 1.º secretario o sr. Alencastre, para 2.º dito o sr. Lemos, e para suplentes os srs. Ribeiro Barreto, Jaques, e Sá Brito; empatados em votos, decidindo a sorte 1.º pelo sr. Ribeiro Barreto, 2.º pelo sr. Sá Brito, 3.º pelo sr. Jaques. Querendo o sr. Barreto apresentar com urgencia um requerimento, decidiu a Assembléa por indicação do sr. França que se fechasse a presente sessão e sob a direção da nova mesa se abrisse sessão extraordinaria. — Francisco das Chagas Martins Avila e Souza — Silvano José Monteiro de Araujo e Paula — Francisco de Sá Brito”.

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DO 1.º DE DEZEMBRO DE 1842.

“Sendo presentes os srs. deputados com a presidencia do sr. Freitas Pedroso veiu á mesa um requerimento do sr. Ribeiro Barreto, pedindo se no-

measse uma comissão para com urgencia dar o seu parecer sobre o topico da fala do sr. Presidente do Estado pelo qual depositará no scio da representação nacional os poderes descricionarios que lhe foram conferidos; e se tornasse a sessão permanente até que fosse apresentado o dito parecer. Pondo o sr. presidente o requerimento em votação foi apoiado, e somente aprovada a primeira parte. Passou-se a nomear a comissão para o fim indicado e saíram eleitos para ela os srs. Ulhôa Cıntra, Sá Brito e Mattos; findo o que levantou o sr. presidente a sessão. — Hildebrando de Freitas Pedroso — Serafim Joaquim de Alencastre — Manuel Martins da Silveira Lemos”.

Foi a seguinte a *Fala do general Bento Gonçalves da Silva* :

“Srs. representantes da nação Rio-grandense ! — Depois da heroica revolução que operamos contra os opressores da nossa pátria, depois de uma luta obstinada que por espaço de sete anos absorve os nossos cuidados, chegou finalmente a época em que com grande risco se verifica a nossa reunião exigida altamente pelo voto publico.

Meu coração palpita de prazer, vendo hoje assentados neste venerando recinto os escolhidos do povo, em que estão fundadas as mais belas esperanças do nosso país. Eu me congratulo comvosco.

Por decreto de 10 de fevereiro de 1840 convoquei uma Assembléa Constituinte e Legislativa do Estado, mas acontecimentos imprevistos originados pela guerra em que estamos empenhados, cuja historia não vós é estranha, privaram que se fizesse a ultima apuração dos votos.

Um manifesto fiz publicar em 29 de agosto de 1838, expondo amplamente os motivos de nossa resistencia ao governo de S. M. o imperador do Brasil,

motivos imperiosos que nos obrigaram a separar da familia brasileira.

Si me não é dado anunciar-vos o solene reconhecimento da nossa independencia politica, gozo ao menos a satisfação de poder afiançar-vos que não só as republicas visinhas, como grande parte dos brasileiros simpatiza com a nossa causa.

Mui doloroso me é o ter de manifestar-vos que o governo imperial nutre ainda a pertinaz pretensão de reduzir-nos pela fôrça, porem, meu profundo pezar diminuí com a grata recordação de que a tirania acintosa exercida por ele nas provincias tem despertado o inato brio dos brasileiros que já fizeram re-tumbar o grito de resistencia em alguns pontos do imperio.

E' assim que seu poder se debilita e se aproxima o dia em que, banida a realeza da terra de Santa Cruz, nos havemos de reunir para estreitar os laços federais á magnanima Nação brasileira a cujo gremio nos chama a natureza e nossos mais caros interesses.

Todavia o que deve inspirar-nos mais confiança, o que deve convencer-nos de que alfim triunfarão, nos principios politicos, é o valor e constancia de nossos compatriotas ; é alfim a resolução em que se acham de sustentar a todo o custo a independencia do país.

Debaixo de tão lisongeiros auspicios começam os vossos trabalhos, cessa desde já o poder descricionario de que fui investido pelas átas de minha nomeação, cumprindo, pois, as condições com que fui eleito, eu deponho em vossas mãos. (Vejam-se : 6-XI-1836 16-XI-1837).

A primeira necessidade do Estado é uma Constituição politica baseada sobre principios proclama-

dos no memoravel dia 6 de novembro de 1836. A estabilidade politica interior está ligada com este grande áto, que da-de necessariamente aumentar a nossa fôrça moral. Bem penetrados da importancia da nossa missão, e das circunstancias excepcionais em que nos achamos, a vós cumpre decretar os meios, recursos e elementos com que deve contar o governo para o bom desempenho das suas funções.

Si julgardes conveniente legislar sobre outros objetos, lembrái-vos de que a moral pública, a segurança individual e de propriedade exigem pronta reforma nas leis que provisoriamente adotamos, pouco adequadas ás nossas atuais circunstancias.

Senhores representantes da nação Rio-grandense! — A felicidade e a sorte da Republica está hoje em vossas mãos. A prudencia, a sabedoria e a moderação com que vos conduzirdes durante a vossa missão, acreditará sem duvida a nobre confiança que têm em vós depositada os nossos concidadãos.

Pelas diferentes secretarias de Estado se vós darão todos aqueles esclarecimentos que tiverdes por bem exigir.

Está aberta a sessão”.

DIA 12 ; — Em consequencia das dissensões que desde a abertura da Assembléa, e mesmo antes, se vinham manifestando, (Veja-se 28 de julho), demitte-se do ministerio da Fazenda e dos da Guerra e da Marinha, o major Antonio Vicente da Fontoura que se filiou á minoria, sendo substituido pelo major Luis José Ribeiro Barreto (Luis Boticário).

— O barão de Caxias convida Bento Manuel Ribeiro para fazer parte de suas forças contra os republicanos.

— Na estrada da Palmeira, proximo a Passo Fundo, é preso pelas fôrças legais o coronel Rafael

Tobias de Aguiar que chefiára a revolução de São Paulo (Veja-se 10-V-1842; veja-se também nosso trabalho — *São Paulo e a Revolução Farroupilha*, in *A Propaganda Republicana no Rio Grande do Sul*.

DIA 20 : — Demite-se do ministerio da Justiça e do interior, o coronel José Pedroso de Albuquerque, também filiado á minoria, e do ministerio do Exterior o vigario apostólico da Republica Francisco das Chagas Martins de Avila e Souza. A Luis José Ribeiro Barreto coube, também, occupa-las interinamente (Veja-se 12-XII).

JANEIRO DE 1843

DIA 9 : — A Assembléa Geral Constituinte e Legislativa divulga longa proclamação expondo os seus pontos de vista e prometendo entregar, em breve, o projeto da Constituição da República Rio-grandense, e concitando todos os cidadãos a continuar com o mesmo ardor em defesa da causa republicana, e advertindo-os contra os sistemas usados pelo governo imperial, “a sedução e a força” com que “pretende convencer” os rio-grandenses para que abandonem a causa farroupilha.

Concluí a proclamação com as seguintes palavras :

“Concidadãos ! Os destinos da patria dependem principalmente de vossa constancia e valor. Nesta luta da liberdade contra a tirania vós tendes dado um exemplo heroico do mais nobre, desinteressado patriotismo, e vossos dolorosos sacrificios assás provam quanto póde uma Nação generosa e magnanima, que jurou não ser escrava. Completai a vossa obra, e mostrai ao mundo o belo espetaculo de um povo

que por sua moderação é capaz de conservar a Liberdade, e por sua coragem conquistar a independência”.

DIA 10 : — Antonio Vicente da Fontoura escreve ao “cidadão deputado 1.º secretario da Assembléa” carta em que faz a sua defesa, dizendo-se alvo das intrigas dos deputados Domingos José de Almeida e José Mariano de Mattos (que ele, mais tarde, em seu “Diario”, qualifica “o mulato Mattos”) e renovando as suas acusações ao primeiro.

Diz a carta :

“Cidadão deputado 1.º secretario. — Já vos não pôde ser desconhecida a sensação que produziu no animo dos Rio-grandenses a aparição do projéto que feriu de morte suas garantias e liberdade (31). Ele foi o pomo de discordia lançado entre os patriotas ; suas consequencias são notorias. Eu o alvo das intrigas e calunias de dois de seus sustentadores, os senhores deputados Almeida e Mattos, alguma cousa tinha a dizer a respeito. Sem recorrer a outros factos que poderia indicar, citarei os meus officios de 15 de junho e 23 de agosto do ano pp. : o primeiro dirigido ao deputado Mattos quando ministro da Guerra, no qual como ministro, francamente me pronunciei contra seus intitulados tratados : o segundo dirigido ao cidadão chefe da Re-

(31) Apesar de toda a nossa pesquisa nada encontramos sobre o projéto a que se refere Fontoura. Cremos, porém, pelos demais termos da carta supra, tratar-se dos convenios de mutuo auxilio firmados entre os republicanos riograndeses e Frutuoso Rivera, pois Fontoura ainda os critica asperamente em seu já mencionado *Diario*.

pública *Acusando* abertamente o deputado Almeida por seus atos no ministerio. Estas peças deram os materiais a explosão do vulcão com que tentam fulminar-me. A copia que ajunto, de ua carta do deputado Almeida, de 18 de dezembro pp. (32) dirigida ao capitão Pereira de Bagé e cuja leitura vos rogo fazer para que se veja até onde pode chegar o espirito de intriga e de calunia, me deixa convencido de que não só tenho obrado com prudencia, deixando de assistir as sessões, como de que não devo comparecer enquanto a experiencia não mostrar que o espirito de justiça e as vistas ao bem publico dirigem o lado predominante da casa. E para que saibam meus constituintes que o bem da sagrada causa da República é quem me priva de cumprir meus

(32) E a seguinte a carta de Domingos José de Almeida ao Capitão Pereira :

"Alegrete, 18 de dezembro de 1842. — Estimado amigo do coração. — Tendo á vista a sua ultima sem^a data respondo. Ontem empreguei-me no arranjo de seus negocios não só para lhe mandar o que lhe deve o tesouro, como o que supriu ao presidente cuja ordem o amigo Luiz Barreto ficou de lhe enviar por este mesmo portador. Minha mulher, sua criada, me avisa ter-lhe V. S. suprido com quatro onças e ser incansavel em oferecer-lhe seu prestimo : sobrepondo sensível a tão singulares favores vivamente lhes agradeço, desejando ter occasião de me desforrar de divida tão primorosa. Sempre que se tem oferecido portador para essa e com tanta precipitação que não posso dar-lhe circunstanciadas noticias desta, bem como agora mesmo a para não demorar o condutor desta ; tenho de as resumir negrando fatos que lentamente se vão descobrindo. O comportamento do ministro da Fazenda na Assembléa e de seus companheiros nela e fóra dela já não é enigma pois a não ser o primeiro demitido, a esta hora estaria assassinado o atual presidente, alguns deputados, e outros deportados e ele na presidencia; o que se sabe pelos convites de antemão feitos a alguns officiais, desarmamento dos operarios do Trem, com quem não contava e cartuchame em seu poder e tática desenvolvida por ele e sua inepta minoria na Camara hostil ao governo que dirigia aquella proprio ministro e que por isso surpreendia a todos que assistiam as discussões não iniciados nos seus misterios etc. etc. etc. Para V. S. fazer ideia desta trama, eu apreseuto a minoria do ministro, e a maioria que sincera e de boa fé ha dedicado seus serviços ao bem do país : aus-

deveres como deputado, peço-vos que assim o comuniquéis á Assembléa. (33).

Deus vos guarde. Alegrete, 10 de janeiro de 1843.

Ao cidadão deputado 1.º secretario da Assembléa.

Antonio Vicente da Fontoura".

DIA 10 :— Afim de iniciar as operações contra as hostes farroupilhas, o general duque de Caxias atravessa, neste dia, o São Gonçalo, e marcha para São Lourenço.

lise, e a queles a quem esta mostrar, os precedentes de uns e de outros, e attribua qual o alvo a que se proporiam.

MINORIA

Fontoura — ministro
Pe. Chagas — idem
Pedroso — idem
França
Miz Coelho (Martins Coelho)
Silveira Lemos
Onofre Pires
Vicente Lucas

MAIORIA

Pe. Hildebrando
Silvano
Sá Brito
Alencastre
Mattos
Ribeiro Barreto
Ulhô Cintra
Almeida
Prado Lima
José Maria Pereira de C.
Jaques
Modesto Franco
José Alves de Morias.

A tudo isto acrescenta que propondo o sr. Miz Coelho o chamamento dos suplentes existentes na Capital para reforçar o seu lado, e não tendo passado tal proposta por contrária á Lei que manda chamar os mais votados, ele, Lucas, Fontoura, Onofre e Pedroso deixaram de vir á Camara pelo que não tem havido sessões sete dias uteis.

Emfim, eu estou convicto que alguns deputados da minoria se acham nela de boa fé, mas confrontando o procedimento dela com os factos que indiquei, revelados depois da queda de Fontoura, e com os veleidosos avisos do Rio, Pôrto Alegre e Montevideu de que o governo do Brasil pretende vencer-nos pela sedução, a ilação a tirar-se é obvia, e por isso sendo de urgencia redobrar de esforços os patriotas, pode o meu amigo dirigir-lhes copia da presente para que se previnam contra intrigantes, caluniadores e seductores afim de evitarem o laço que nos armam para nos escravizarem.

Sem outro assunto, continua a ser Seu sincero e muito obrigado amigo — *Domingos José de Almeida*".

(33) Tanto esta carta, como a de Almeida, foram lidas na sessão da Assembléa de 12 de janeiro. A respeito diz a respectiva ata :

"... e de mais um officio do sr. deputado Fontoura, acompanhado da copia de uma carta particular", etc.

FEVEREIRO DE 1843

DIA 3 :— Foi ferido, em Alegrete, traiçoeiramente, o Vice-presidente da Republica, Antonio Paulo da Fontoura. Devido a esse ferimento veiu o mesmo a falecer dias depois. Esse acontecimento foi uma das grandes causas do dissidio aberto no seio dos farrapos, pois acusaram a Bento Gonçalves como mandante do assassinato. Entretanto, quem matou ao vice-presidente foi o marido de uma mulher com quem Antonio Paulo mantinha relações amorosas. (Veja-se 27 de fevereiro de 1844).

— Em Alegrete, terceira e ultima séde da Republica Rio-grandense, é assinado, na “Sala das sessões”, por José Pinheiro de Ulhôa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Matos, Serafim dos Anjos França e Domingos José de Almeida, o *projeto de constituição* da nova e efemera Republica. = Esse projéto começa assim ; “Em nome da Santissima Trindade. = Nós representantes do Povo da Republica Rio-grandense, reunidos em Assembléa Geral, devidamente autorizados por nossos constituintes para fazer as regras fundamentais do Estado e estatuir uma forma de governo adequãda a seus costumes, situação e circumstancias, que proteja com toda a eficacia a vida, a honra, a liberdade, a segurança individual, a propriedade e a igualdade, bases essenciaes dos direitos do homem ; “etc. Em seguida os titulos : Titulo 1.º ; — “Da Republica do Rio-Grande, seu Territorio, Governo e Religião” ; Titulo 2.º : — “Dos Cidadãos Rio-grandenses” ; Titulo 3.º : — “Da Soberania, Poderes e Representação Nacional” ; Titulo 4.º — “Do Poder Legislativo” ; Titulo 5.º : — “Do Poder Executivo” ; Titulo 6.º — “Do Poder Judicial” ; Titulo 7.º — “Do Governo e administração interior dos Municípios” ;

Titulo 8.º :— “Das Disposições Gerais e Garantias dos Direitos Civis e Politicos dos cidadãos Rio-grandenses”; Titulo 9.º ; — “Da observancia das Leis antigas”; Titulo 10.º : — “Da publicação, juramento, interpretação, reforma e observancia da presente Constituição”.

DIA 12 :— O marechal barão de Caxias dá nova organização ao exercito legal, dividindo-o em três divisões de 2.000 homens mais ou menos cada uma, comandadas a primeira pelo general Felipe Néri de Oliveira a segunda por João da Silva Tavares, coronel, e a terceira por ele proprio.

MARÇO DE 1843

DIA 4 : Substituindo *O Americano*, cujo ultimo numero foi distribuido no dia 1.º de março, surge o bi-semanario *Estrela do Sul*, impresso na “Tipografia Republicana Rio-grandense”. Na apresentação (“Prospeto”) diz o redator ; “Uma das tarefas mais arduas é a do publico escritor ; alem dos profundos, variados conhecimentos, que precisa para desempenha-la, deve ser dotado, tambem, da mais escrupulosa imparcialidade. Confessamos ingenuamente, que a excepção deste ultimo requisito, carecemos de todos os outros ; . . .” etc. E mais adiante ; “O principal objeto da *Estrela do Sul* é esclarecer nossos concidadãos acerca de seus direitos e deveres ; infundir-lhes o amor da virtude, ensinando as maximas de uma moral pura, propagar doutrinas uteis, dirigir a opinião púnica ; sustentar a grande obra da Independencia ; e defender o Governo, emquanto for conduzido pelo bem da Patria”.

Creado por motivos de dissensões politicas no seio do partido farroupilha, na Assembléa de Alegrete (Veja-se 1.º de dezembro de 1842), o jornal

Estrela do Sul teve vida efemera : com seu 3.º numero, datado de 15 de março, suspendeu sua publicação.

— Em Cima da Serra as fôrças imperiais chefiadas pelo coronel Jerônimo Jacinto destroçam completamente os republicanos comandados pelo general Portinho.

DIA 20 ; — Os republicanos são desalojados da povoação de S. Diogo pelas fôrças comandadas pelo proprio Barão de Caxias.

ABRIL DE 1843

DIA 10 : — Manuel Carvalho de Aragão e Silva, tenente-coronel farroupilha, surpreende na madrugada deste dia, em São Gabriel, os legalistas, aprisionando o coronel Antonio Pinto, matando 77 homens e apoderando-se de 1500 reses, reünindo-se, em seguida, na Caieira, ás fôrças do general Portinho, sendo, porem, atacados por Juca Ourives que, protegido pelo 9.º B. C. commando pelo coronel Francisco de Arruda Camara, os desaloja e repelo-os no campo do Fidelis matando um capitão, 2 tenentes e 13 soldados, incorporando-se logo após ás fôrças do general João Antonio que ruma á São Gabriel.

DIA 12 ; — Nas margens do Camaquã Sul, no Rincão do Inferno, 60 republicanos derrotam uma fôrça de igual numero comandada pelo coronel Francisco Pedro de Abreu.

MAIO DE 1843

DIA 13 ; — O coronel Arruda Camara estacionava em Vacaquã com 700 homens de seu commando quando, na tarde deste dia, é atacado por um contingente

igual comandado pelo general João Antonio da Silveira. Arruda Camara, porem, repele o ataque e João Antonio se retira deixando alguns mortos.

DIA 14 ; — No Rincão-do-Inferno José Gomes Portinho derrota as forças do major João Pedro de Abreu fazendo-lhe 4 prisioneiros e 14 mortos.

DIA 26 : — Trava-se a batalha de Poncho Verde que Rio Branco, em suas *Efemérides brasileiras*, apoiado em documentos de Bento Manuel Ribeiro diz ter sido ganha pelos imperiais. Entretanto este combate ficou indeciso, embora tivessem os farrapos obtido consideravel vantagem na luta, conforme se depreende deste trecho das *Memorias* de Francisco Pedro de Abreu (Chico Pedro), coronel das forças legais ; "... no campo houveram mortos e feridos de parte a parte e dos legais alguns prisioneiros, ficando os rebeldes senhores da cavallhada e algumas bagagens assim como da carretinha de Bento Manuel Ribeiro".

Quando o combate estava no auge, um rebate falso faz com que os farrapos recuassem na mesma ocasião em que recuavam as forças de Bento Manuel. Este, depois de se ter já retirado do campo da luta, volta á carga. Entretanto os farrapos, inferiores em numero e tendo tido noticia de que se aproximavam mais reforços para os imperiais continuaram, em perfeita ordem a sua retirada, não deixando para traz um só homem, nem mesmo dos prisioneiros, e nem um só dos troféus conquistados.

Os imperiais, neste combate, eram dirigidos por Bento Manuel Ribeiro, e os farrapos por Bento Gonçalves, David Canabarro e Antonio Netto. (Veja-se em *Farrapos!*, (2.^a série), do autor, a descrição completa deste combate).

Bento Manuel, em officio ao Barão de Caxias, desta mesma data, diz : “Hoje depois de uma batalha parecida a que houve no passo do Rosario no ano 1827”...

JUNHO DE 1843

DIA 5 :— David Canabarro ataca a vila de Alegrete, sendo repellido pelo coronel Francisco de Arruda Camara. Apesar disso sitia a vila por longo tempo, privando os ineptiaes de qualquer comunicação.

DIA 8 :— Entrincheirado numa cerca de pedras o coronel Francisco Pedro de Abreu resiste heroicamente ao ataque de uma fôrça comandada pelos generais João Antonio da Silveira, Portinho e Onofre Pires. Chico Pedro, apesar de só ter 150 guardas nacionais, mas esplendidamente entrincheirado junto ao arroio Santa-Maria Chico, consegue repelir os 600 farrapos que o atacaram. Abreu, alem de perder 33 homens, fóra os feridos, recebeu dois ferimentos : um na cabeça, por espada, e outro numa mão, por lança. Da coluna republicana ficaram fóra de combate cerca de 100 homens, entre mortos e feridos, contando-se entre estes ultimos os generais Portinho e Onofre Pires.

DIA 27 :— Na vila de Piratini Francisco Pedro de Abreu surpreende e aprisiona os intrepidicos coroneis farrapos José Mariano de Matos e Joaquim Pedro Soares, vultos eminentes que desde o 20 de setembro, sem medir sacrificios, lutavam pelas reivindicações sul rio-grandenses.

DIA 30 :— Nas proximidades de Piratini o coronel Manuel Márques de Souza põe em fuga 150 homens comandados por Manuel do Amaral Ferrador e ocupa, em seguida, a vila de Piratini.

Na tarde deste mesmo dia o major Manuel Luis Osorio ataca e destroça, proximo a Piratini, uma fôrça composta de 28 republicanos fazendo 2 mortos e 6 prisioneiros.

AGOSTO DE 1843

DIA 4 : — Pretextando máu estado de saúde e, por isso, impossibilidade de atender devidamente a Presidencia do Estado, Bento Gonçalves entrega a presidencia a José Gomes de Vasconcelos Jardim, e publica a seguinte

PROCLAMAÇÃO

“Rio-grandenses ! A Monarquia brasileira toca a meta de sua precaria existencia ! A liberdade está salva, e a nossa independencia pública formada ! O espirito público em nosso país pode ter sido algumas vezes comprimido ; porem, animado como se acha por inspirações divinas, jamais será extinto. — Minhas enfermidades, que com o tempo mais se agravam, não permitem que eu continue a ter sobre meus ombros a responsabilidade inerente á primeira magistratura do Estado, de que hoje faço entrega ao benemerito e ínclito rio-grandense, o cidadão José Gomes de Vasconcelos Jardim ; a esse mesmo patriota que já vós presidio nas crises mais arriscadas por que tem atravessado a nossa revolução ; é ele, pois, o vosso legitimo Presidente, segundo a áta da politica emancipação de nossa Patria. Rio-grandenses ! Reüni-vos em torno de tão virtuoso patriota, desse nosso Fabio, que pela segunda vez deixa o arado para dirigir a náu do Estado ao porto em que nos aguarda a imortal gloria, e por felicidade para nós e para nossos vindouros um laço fraterno ligue a todos os Continentinos, e a salvação da Patria seja

seu Norte. E não cuideis que exortando-vos para que fizesteis ao país os serviços que ele está reclamando de vós, me retiro a vida privada, ou me entrego a um repreensível ócio, pelo contrario, na qualidade de soldado me vereis combater ao vosso lado contra esses mercenários que ouzam talar nossos campos, e compartilhar todas as vossas fadigas enquanto minhas forças o consentirem, e até o ultimo alento de minha vida. — Viva o Soberano povo Rio-grandense ! Viva o Exmo. Presidente da Republica ! Vivam todos os Americanos Livres ! — Estancia do Contrato, 4 de Agosto de 1843. — *Bento Gonçalves da Silva.*

O verdadeiro motivo, porém, dessa attitude de Bento Gonçalves foram as dissensões que desde 1842 se vinham manifestando no seio dos republicanos.

DIA 7 :— O general Antonio de Souza Netto passa o comando do exercito republicano ao general David Canabarro.

DIA 15 :— O coronel Bernardino Pinto derrota, no Alegrete, o coronel legalista José Ribeiro de Almeida, irmão de Bento Manuel Ribeiro e ocupa a vila. Neste combate foi morto o coronel José Ribeiro de Almeida, além de mais 15 legais.

DIA 19 :— E' derrotado em Uruguaiana o capitão legalista Hipolito Girio Cardoso, deixando no campo 16 mortos e 15 prisioneiros.

SETEMBRO DE 1843

DIA 26 :— Em Camaquã, rende-se ao tenente-coronel João Propicio Mena Barreto o coronel uruguaio Baldomero Sotelo que ia incorporar-se, por ordem de Frutuoso Rivera, com 400 hoemns, ás forças de Bento Gonçalves da Silva.

OUTUBRO DE 1843

DIA 25 : — Trava-se em Cangussú um combate entre as fôrças imperiais comandadas pelo tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu e as farroupilhas sob as ordens de Bento Gonçalves e Netto. As fôrças imperiais compunham-se de um esquadrão de cavalaria de Guardas-nacionais e 250 caçadores comandados por Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto. As fôrças de Bento Gonçalves e Netto compunham-se de 400 homens. Após encarniçada luta ficaram os legalistas senhores do terreno perdendo os farrapos toda a cavalhada, um estandarte e muitas armas e munições.

Chico Pedro, nas suas *Memorias* assim se refere ao combate no § 79 : "... resultou serem estes completamente derrotados, escapando-se os cabeças com violencia e até Bento Gonçalves a pé pelo mato, da qual derrota alem dos feridos, foram 13 prisioneiros, e ficaram no campo 7 mortos, muitos cargueiros de bagagem, todo o fâto de Netto, armamento, um estandarte, e mais de 300 cavalos, e destes a quarta parte encilhados".

NOVEMBRO DE 1843

DIA 6 : — Recontro de Cangussú entre fôrças de Chico Pedro e as de Bento Gonçalves e Netto. Após uma hora de fogo foram estes rechassados pelos imperiais. As perdas foram regulares de parte a parte.

DEZEMBRO DE 1843

DIA 4 : — Acampava na Eneruzilhada um pequeno grupo de farrapos chefiados por Bento Gonçalves, quando, passando por esa localidade com 80

homens o legalita tenente Joaquim Lacerda, travaram combate resultando a derrota do grupo de Bento Gonçalves e a morte do glorioso coronel Agostinho de Melo.

— Guardando uma cavallhada no Jaguarí-oriental o capitão farrapo Urbano Barbosa, atacou-o o capitão legalita José de Albernaz. Barboa foi derrotado perdendo toda a cavallhada.

DIA 8 :— Urbano Barbosa destroça completamente no Vacaquá, um destacamento de exploradores de cavallaria ao mando do capitão Vasco Guedes, do exercito do general Caxias.

DIA 19 :— A vila do Jaguarão repele um ataque dos farrouilhas comandados pelo coronel Teixeira Nunes, coadjuvada eficientemente pela escuna *Gravatai*, do comando de Barbosa Lomba.

DIA 26 :— O general João Antonio da Silbeira e o coronel Onofre Pires da Silveira Canto são destrçados em Santa Rosa, nas proximidades do Botuí, pelas fôrças legais do comando do tenente coronel Demetrio Ribeiro. João Antonio e Onofre Pires estavam af acampados com cerca de 500 homens que se dispersaram perdendo 178 entre mortos feridos e prisioneiros.

DIA 31 :— Na picada de S. Xavier, (Missões) o major legalista Agostinho Gomes Jardim, da Guarda Nacional, repele os farroupilhas comandados pelo general João Antonio. O major Jardim foi morto já no fim do combate e graças á ação energica do capitão Manuel José de Albernaz que o succedeu no comando, mantiveram os imperiais a victoria.

JANEIRO DE 1844

DIA 18 : — Falece em Caçapava onde comandava a 1.ª divisão do exercito imperial, o general Felipe Nerí de Oliveira, nascido em Lisbôa, em 1789. Fez o general Nerí de Oliveira a campanha Peninsular contra os francêses (1808-1815), vindo ao Brasil em 1816, tomando parte nas diversas campanhas platinas (1816 a 1820, e 1825 a 1828). Na campanha independencista bateu-se pelo Brasil contra Portugal.

FEVEREIRO DE 1844

DIA 27 : Em conseqüencia, ainda, ao dissidio de Alegrete (Veja-se 3 de fevereiro de 43, e nosso *Farrapos!* — 2.ª série —, cap. *Bento Gonçalves e Onofre Pires*), duêlam-se o general Bento Gonçalves e o coronel Onofre Pires, resultando ser este gravemente ferido em um braço. Onofre intimado por Bento Gonçalves a provar o que propalava, dirige a este virulenta carta, causa do duelo.

MARÇO DE 1844

DIA 3 : — No acampamento, por falta de assistencia medica, falece em conseqüencia do ferimento recebido no dia 27, o coronel Onofre Pires da Silveira Canto.

DIA 6 : — E' assinado, nas pontas do Quarai, convenio de mutuo auxilio entre os republicanos do Rio Grande e Frutuoso Rivera, representados, respetivamente, pelo coronel Daniel Gomes de Freitas e D. José Maria Vidal.

DIA 12 : — No acampamento republicano realisa-se longa conferencia entre Gomes Jardim, Bento Gonçal-

ves, David Canabarro, Netto, Mariano de Mattos e Luís R. Barreto, sobre a pacificação, ficando resolvido tratar-se dela definitivamente.

DIA 15 :— Domingos José de Almeida consegue fugir das forças legais que o haviam aprisionado.

DIA 16 a 18 :— Trava-se, no dia 16, o combate nas abas do Cerro da Palma, entre os arroios Candiota e Candioteinha, em que o bravo coronel Antonio Manuel do Amaral desbarata as forças de Chico Pedro, que sai ferido. Cheio de rancor, bate em retirada com o restante de sua força e ordena aos seus comandados, tenentes Fidelis (Fidelis Páiz da Silva, que fôra seu *pidá*), Emidio e Varão, fossem buscar cavalos nas proximidades da Conceição, afim de se organizar novamente. Amaral, porem, tendo tido conhecimento da ordem, envia em perseguição deles o tenente-coronel Camilo dos Santos Campelo, que os espera em Conceição. De volta, em busca da força de Chico Pedro, com regular cavahada tirada das fazendas dos cidadãos farrapos Zeca Netto e Domingos Netto, na linha divisoria do Estado Oriental do Uruguái, topam com a pequena força de Campelo, pelas duas horas da tarde, e são completamente derrotados, perdendo toda a cavahada e deixando no campo 6 mortos e 8 prisioneiros. (Em nosso *Farrapos!* — 2.* série — vejam-se os caps. *No Cerro da Palma e Combate da Conceição*).

ABRIL DE 1844

DIA 6 :— Violento choque entre forças imperiais da divisão de Bento Manuel, composta de 60 homens comandados pelo major Vasco Alves Pereira e forças de Jacinto Guedes da Luz, em numero de mais de 100, nas proximidades do passo da Lagôa.

Vasco Alves é derrotado perdendo 20 homens entre mortos, feridos e prisioneiros (11). Guedes também teve algumas baixas.

DIA 28 :— Carvalhinho (coronel Manuel Carvalho de Aragão e Silva) entra, ao anoitecer, de surpresa no acampamento imperial, próximo á Estancia do Inocencio, causando grandes danos. Francisco José da Silva, coronel da divisão de Bento Manuel, em officio a este diz : “tivemos mortos o tenente João Antonio de Souza, 2 cabos, e 5 soldados, e gravemente feridos um sargento, um furriel, um soldado, e do 3.º Regimento cadete Joaquim José de Sant’Ana Leitão levemente passado de uma bala na coxa ; estraviados os alferes Antonio da Silva Camara, Teobaldo Rodrigues de Sant’Ana, quatro primeiros sargentos, dois segundos sargentos, dois furrieis, quatro cabos, um corneta mor, três cornetas, e 35 soldados ; os rebeldes seguiram a estrada em direção ao passo de S. Simão”.

DIA 29 :— Com 35 homens apenas surpreende o tenente-coronel Manduca Carvalho, a fôrça do tenente-coronel legalista José Joaquim de Andrade Neves que estacionava na estancia de Carlos Borges, junto ao rio Santa Maria.

MAIO DE 1844

DIA 4 :— Chegam ao acampamento de David Canabarro, enviados por Joaquim Teixeira Nunes, 14 prisioneiros feitos nas proximidades de Pelotas.

DIA 27 :— Francisco Pederro de Abreu derrota na Serra do Erval a fôrça republicana de Antoino Netto. Ficam em poder dos legalistas um estandarte e 5 prisioneiros, além de varios mortos.

JUNHO DE 1844

DIA 9 : — David Canabarro e João Antonio da Silveira atacam a uma legua de Pai-Passo 40 legais vindos de Alegrete conduzindo 6 carretas, que ficam em poder dos republicanos, alem de 13 prisioneiros. Perderam 4 mortos os legais.

DIA 21 : — Morre, heroicamente em combate, o coronel farrapo Antonio Manuel do Amaral, no ataque á vila do Jaguarão. Defendia a vila um corpo da guarda nacional ao mando do capitão Balbino F. de Souza, coadjuvado pelos marinheiros da escuna *Ibicui* (1.º tenente Antonio Afonso de Lima) e lanchões *Gaiivota* e *Torres*. Com a morte de Amaral, retiraram-se os farroupilhas.

DIA 27 : — Com 14 homens Chico Pedro ocupa Piratini, onde se achava novamente a sede do Governo desde a renuncia de Bento Gonçalves, e aprisiona os coroneis José Mariano de Mattos, Joaquim Pedro Soares e Pedro José Vieira. — Mattos e Pedro Soares foram enviados logo para o Rio de Janeiro.

JULHO DE 1844

DIA INCERTO : — Manuel Carvalho de Aragão e Silva, mais conhecido por Carvalhinho, Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, o primeiro tenente coronel, e este tenente, e mais o jovem e simples soldado Policarpo Pereira de Carvalho e Silva, batem, na estancia da Caieira, de propriedade do capitão Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, irmão do bispo D. Feliciano e avô do Dr. Julio Prates de Castilhos, uma partida imperial de 30 homens. (Veja-seem nosso *Farrapos!* — 2.ª série — o cap. *Carvalhinho*).

AGOSTO DE 1844

DIA 17 : — Chegam ao Rio de Janeiro, sendo recolhidos á fortaleza de Santa Cruz, o major José Mariano de Mattos e o coronel Joaquim Pedro Soares, aprisionados pelas forças de Chico Pedro, na vila de Piratini (Veja-se 27 de junho de 44).

SETEMBRO DE 1844

DIA 9 : — O marechal barão de Caxias e o general Bento Gonçalves da Silva encontram-se, nas proximidades de Bagé, afim de tratarem da pacificação da Provincia.

OUTUBRO DE 1844

DIA 4 : — Os principais chefes revolucionarios resolvem entabolar sem mais delongas as negociações de paz, sendo escolhido Antonio Vicente da Fontoura e o Padre Chagas para tratarem em definitivo do assunto com Caxias.

DIA 8 : — Trava-se em Sant'Ana do Livramento um dos ultimos combates da Revolução de 1835, entre as fôrças de Hipólito Cardoso (legal) e Bernardino Pinto (farrapo). Este é derrotado e imigra para a banda Oriental.

DIA 11 : — O major Antonio Vicente da Fontoura chega ao acampamento do general Frutuoso Rivera onde se encontrou com o tenente-coronel Manuel Luis Osorio, que afi fora tratar, como Fontoura, da pacificação. Fontoura volta ao Rio Grande no dia 23.

DIA 22 : — Nas pontas do Taquarembó um destacamento da divisão de Bento Manuel, comandado

pelo tenente-coronel Antonio Fernandes de Lima derrotou uma partida farrapa chefiada por Manuel Alves e Sarrazim (João Antonio Sarrazim, de origem francêsa, negociante e relojoeiro.) Perderam os farrapos neste encontro alem dos mortos, feridos e prisioneiros, cerca de sessenta cavalos e mais 12 já enclilhados.

DIA 23 :— Nas pontas do Arapeí, em encontro de menores proporções entre as forças legais ao mando do tenente Pires e as farrapos chefiadas por Guedes da Luz, perderam estes toda a cavallhada que era de cerca de 350. Houve, tambem, alguns mortos e feridos de parte a parte.

DIA 25 ;— Imigrado com sua força para o Uruguái depois da derrota que lhe infligiu o legalista Hipolito Cardoso (Veja-se 8 de outubro), em Sant' Ana do Livramento, voltaram os farrapos de Bernardino Pinto ao Rio Grande do Sul. Tenazmente perseguidos pelo tenente-coronel Antonio Fernandes Lima recuam e entram novamente no territorio uruguáio onde são derrotados no sitio denominado Quaró. Este combate foi dos ultimos travados entre forças farrapas e legalistas, visto o feito de Porongos (Veja-se 14 de novembro de 1844) não se poder considerar combate.

NOVEMBRO DE 1844

DIA 2 :— Partem com as ultimas instruções do governo farroupilha sobre a pacificação, afim de se encontrarem com Caxias, o padre Francisco das Chagas Martins Avila e Souza e Antonio Vicente da Fontoura, aos quais, por pedido de David Canabarro, se reuniu Ismael Soares.

DIA 4 : — Acampadas nas margens do arroio Catf, tributario do rio Quaraf, fôrças farroupilhas comandadas por Jacinto Guedes da Luz, apparelhes de repente o coronel João Propicio Menna Barreto com um forte contingente legal, e obriga os 300 revolucionarios a atravessar a fronteira, refugiando-se na República do Uruguái.

DIA 6 : — Encontram-se em Bagé com Caxias os enviados da República. Depois de longa conferencia sobre as condições da paz, ficaram assentados os pontos principais, e pactuada a pacificação. E' interessante notar que este fáto se deu justamente no dia do aniversario da proclamação solene, em Piratini, da Republica.

DIA 10 : — Chegados na vespera ao Exercito farrapo, os emissarios junto a Caxias apresentam, na tarde deste dia, o resultado de seus trabalhos. Reüniram-se em conselho ao qual estiveram presentes Manuel Lucas de Oliveira, David Canabarro, Antônio de Souza Netto, João Antônio da Silveira, o vigario apostolico Francisco das Chagas e Antônio Vicente da Fontoura, ficando todos satisfeitos com o resultado. Elegeram, em seguida, o emissario republicano que devia ir ao Rio de Janeiro, recaindo todos os votos em Antônio Vicente da Fontoura.

DIA 13 : — Parte para o Rio de Janeiro Antônio Vicente da Fontoura, afim de pleitear o reconhecimento das bases para a definitiva pacificação da provincia.

DIA 14 : — Surpreza de Porongos. Francisco Pedro de Abreu surpreende, no Serro de Porongos, o exercito farroupilha sob o comando de David Canabarro, que all estava acampado. Reünidas ás fôrças de Canabarro estavam os cavalarianos de Netto e os

centauros de João Antônio da Silveira. O coronel Abreu, em suas *Memorias*, assim descreve a surpresa : "Reünidas as fôrças certo pelos seus bombeiros da posição do Exercito do Gen. David Canabarro, e dos mais generais rebeldes Netto e João Antonio, se encaminhou a bate-los da forma seguinte, no dia 10 de novembro de 1844, o C. Abreu com a força de 1170 praças do 1 e 2 batalhão do 5 corpo de Cavalaria da GN. e do 8 de caçadores e destacamento do 1 da mesma arma, que todos montaram as ditas 1.170 praças. Consegui em 4 noites de marchas forçadas, na madrugada do dia 14 de novembro nos Campos do Arroio Grande, e Serro dos Porongos, bater o general em chefe David Canabarro, e mais os 2 ditos generais Netto e João Antonio, e outros officiais superiores da rebeldia com uma fôrça de mais de 1.200 homens, tomando-lhe o estandarte da Republica, toda a bagagem, todo o armamento de infantaria, e muito de cavalaria, toda a municção de guerra, e mais de 1.000 cavalos, e destes 500 arriados, ficando o campo estivado com mais de 100 mortos, e entre estes alguns officiais, alem dos mortos e feridos, mais de 300 prisioneiros, e entre estes o ministro da fazenda alheia Vianna e o coronel Rolão e 33 officiais, escapando-se Canabarro, e os 2 generais por bem montados e os cavalos das fôrças legais estarem abombados das violentas marchas de noite e embuscado de dia, da legalidade só feridos de cavaleria e algumas contuzões". Como se vê, esta surpresa não se pode contar como combate. Chico Pedro não relata, aí, o caso da carta falsa que mandou escrever com o fim de demoralizar Canabarro. (Veja-se a respeito : *Os Amores de Canabarro*, de Othello Rosa, e nosso *Farrapos !* (2.ª série) em que relatamos pormenorizadamente o fáto). Caxias, admirado por se ter Canabarro deixado surpreender, escreveu : "E' sem dúvida a pri-

meira vez que David Canabarro é surpreendido, o que até agora parecia impossível pela sua incançável vigilância”.

DIA 15 : — O coronel João Propicio Menna Barreto, comandante de um destacamento da 1.ª divisão chefiada por Bento Manuel Ribeiro, bate no passo do Leão, em Quarai, uma fôrça do coronel Guedes da Luz sob a chefia do major Ferreira, perdendo estes parte da cavahada, alguns encilhados, sete mortos e varios feridos que levaram consigo.

DIA 19 : — Seguem de Bagé para o Rio de Janeiro, o embaixador dos farrroupilhas Antonio Vicente da Fontoura com poderes amplos para a pacificação, e, enviados por Caxias com ordens especiais, o coronel Manuel Márques de Souza e o major Carlos Miguel de Lima e Silva, sobrinho de Caxias.

DIA 26 : — E' derrotado e morto pelo tenente imperial Fidelis Pais da Silva, o bravo coronel farrroupilha Joaquim Teixeira Nunes, junto ao passo dos Canudos.

DIA 28 : — No Arroio Grande é destroçado e morto em combate contra a fôrça de Francisco Pedro de Abreu, o valente e brioso farrapo Joaquim Teixeira Nunes, um dos mais bravos officiais revolucionarios. Sua morte foi sentidissima.

DEZEMBRO DE 1844

DIA 12 : — Chegam ao Rio de Janeiro os emisarios dos revolucionarios e do barão de Caxia, para tratarem da paz.

No dia 13 realisa-se a primeira conferencia entre Antonio Vicente e o Ministerio. No dia 16 nova conferencia se realiza. No dia 18 D. Pedro II con-

cede nova anistia aos revolucionarios que depuzeram as armas. Finalmente, a 20, com honroso tratado de paz no bolso, Antonio Vicente da Fontoura embarca de regreso ao Rio Grande, chegando a S. José do Norte a 27, em Pelotas a 29, avistando-se com Caxias a 2 de janeiro de 1845, em Piratini. (Veja janeiro 9-1845).

DIA 29 :— Ultimo combate da revolução farroupilha. Vasco Alves Pereira, comandante da Guarda nacional, surpreende e destroça completamente junto ao Quaró, na R. O. do Uruguái, ao coronel Bernardino Pinto que foi ferido e aprisionado. Este foi o segundo combate e, tambem, a segunda derrota de Bernardino Pinto, no Quaró, afluente da margem esquerda do rio Quará.

JANEIRO DE 1845

DIA 9 ;— Chega ao acampamento de David Canabarro, o major Antônio Vicente da Fontoura que, a 4, se encontrara com José Gomes de Vasconcellos Jardim, e a 5 com Manuel Lucas de Oliveira. Leva Antônio Vicente a Canabarro o pleno acordo destes e as noticias lisongeiras de Caxias. (Veja-se 25-II).

DIA 12 :— Antônio Vicente da Fontoura, de volta do Rio de Janeiro, chega, glorioso, ao acampamento farroupilha e escreve, nesse mesmo dia a Vasconcellos Jardim conjurando-o a comparecer ao acampamento afim de assistir á realisação do tratado de paz. Gomes Jardim, porem, responde, dias mais tarde, dizendo não poder comparecer por doente e delega plenos poderes ao ministro Manuel Lucas de Oliveira.

DIÁ 14 :— O barão de Caxias oficia a Bento Manuel Ribeiro comunicando-lhe as *demarches* para a pacificação.

FEVEREIRO DE 1845

DIÁ 19 :— Bento Manuel Ribeiro em officio dirigido ao Barão de Caxias com a relação dos presos, diz ao mesmo : “Este vái por conduto de David Canabarro, chefe dos dissidentes”.

DIÁ 21 :— O general farrapo João Antônio da Silveira apodéra-se de 150 cavalos da estancia do Dr. Sá Brito, os quais Bento Manuel mandára buscar no Itaquí para “fazer uma tropa de corte”. “Não sei o que ele pretende”, diz Bento Manuel em officio ao barão de Caxias, datado de 23.

DIÁ 22 :— Bento Gonçalves, doente, e não podendo, por isso, comparecer á reunião de Poncho Verde, onde se estava tratando da definitiva pacificação da provincia graças á` atuação diplomatica de Caxias, dirigiu-se, em carta, ao general Canabarro, nesta data, dando o seu voto e o dos officiais da fôrça de seu comando, pró paz, e delegando poderes para representa-lo nas negociações para a “conclusão de tão apetecido arranjo”. Essa carta de Bento Gonçalves é um documento precioso e interessante que, por isso, transcrevemos na integra :

“Cidadão general. — Em observação a quanto ordenais em vosso officio de 21 de janeiro ultimo, chamei a conselho os officiais superiores da fôrça de meu immediato mando para emitirem suas opiniões sobre a transcendente negociação entabulada com o barão de Caxias, comandante em chefe do exercito imperial, e pela áta que aquí junto envio vereis o unânime acordo dos mesmos. — No dia 18 do corren-

te marchei do Cristal no empenho de cumprir vossa ordem, depois de haver tomado as precisas medidas para a segurança daquela fôrça, e chegando a Jaguarião no dia 19, uma inopinada constipação me privou de proseguir a marcha a esse campo, e resolvi a ele mandar o cidadão Ismael Soares da Silva, seguindo o exercito imperial afim de ser informado do ponto que occupais e estado da negociação pendente ; ele acaba de regressar voltando do campo deste por saber que só aguardaveis minha chegada, e ser este impossivel segundo meu estado de saude. — E' pois de meu dever dirigir-vos esta para annunciar-vos quanto venho de responder e habilitar-vos com meu voto para conclusão de tão apeteccido arranjo ; minha opinião, sr. general, é e será aquella que adopte a maioria de meus irmãos de armas, sempre que esteja nas raias do justo e do honesto, e, ainda mesmo, quando no caso vertente estes sagrados objetos deixem de ser observados, nem por isso serei capaz de a ela opôr-me, tendo eu outros meios em semelhante caso para deixar ileza minha honra e consciencia. A paz é indispensavel fazer-se, o país altamente a reclama pois infelizmente vítima de nossos desaceertos nada temos a lucrar com o azares da guerra ; eu vejo, máu grado meu, que hoje não podemos conseguir vantagens, que estejam em harmonia com nossos sacrificios, por se ter, a despeito de meus insessantes conselhos, perdido a melhor quadra de negociar-se uma conciliação honrosa. Nada sei das condições em que se tenha a paz lavrado, e menos das instruções que conduziu o comissionado da Côrte do Brasil, e sendo tudo para mim misterioso me abalanço a lembrar-vos que uma das primeiras condições deve ser o pleno esquecimento de todos os átos que individual ou coletivamente tenham praticado os Republicanos durante a luta, não sendo em nenhum caso

permittedo a instauração de processo algum contra estes nem ainda para reivindicação de interesses privados. Tendo emitido minha opinião, resta-me repetir-vos a paz é absolutamente necessaria, que os meios de prosseguir na guerra se escasseiam, o espirito público está contra qualquer ideia que tende a prolongar seus sofrimentos, classificando de guerra caprichosa a continuação da actual ; uma conciliação é sempre preferivel aos azaes de uma derrota ; a historia antiga e a moderna nos fornecem mil exemplos que não devemos desprezar. — Compenetrá-vos desta verdade e evitái quanto puderdes os funestos successos que vão apparecer si prevalecerem as bravatas contra os conselhos da sã razão ; lembrái-vos que muitos que os propalam vos abandonarão no momento do perigo. — Eu pretendo esperar aqui vossa ulterior resolução, e só depois dela poderei mover-me quando minha saude permita. E' portador o tenente José Narciso Antunes por quem espero uma resposta categorica deste negocio. — Deus vos guarde. — Estancia do Velho Netto, 22 de fevereiro de 1845. — *Bento Gonçalves da Silva*. — Ao cidadão David Canabarro, general em chefe do Exercito".

DIA 25 :— Tendo voltado do Rio de Janeiro, para onde fôra enviado como representante dos farrapos afim de estabelecer-se as condições para a pacificação da provincia, Antonio Vivente da Fontoura, na reunião feita neste dia no acampamento da Carolina, em Poncho Verde, apresenta as condições estabelecidas para a pacificação da provincia, as quais foram unanimemente accitas (Netto com restrições). Foram as seguintes as clausulas apresentadas e já sancionadas pelo barão de Caxias :

I — O individuo que fôr pelos Republicanos indicado Presidente da Provincia é aprovado

pelo Governo Imperial e passará a presidir a Província.

II — A dívida Nacional é paga pelo Governo Imperial, devendo apresentar-se ao Barão a relação dos créditos para ele entregar á pessoa, ou pessoas para isto nomeadas, a importancia a que montar dita dívida.

III — Os officiaes Republicanos que por nosso Comandante em Chefe forem indicados, passarão a pertencer ao Exercito do Brasil no mesmo posto, e os que quizerem suas demissões ou não quizerem pertencer ao Exercito não serão obrigados a servir, tanto em G. Nacional, como em 1.^a linha.

IV — São livres, e como tais reconhecidos, todos os cativos que serviram na Republica.

V — As causas civis não tendo nulidades escandalosas, serão validas, bem como todas as Licenças, e dispensas eclesiasticas.

VI — E' garantida a segurança individual, e de propriedade, em toda a sua plenitude.

VII — Tendo o Barão de organizar um Corpo de Linha, receberá para ele todos os officiaes dos Republicanos, sempre que assim voluntariamente queiram.

VIII — Nossos prisioneiros de guerra serão logo soltos, e aqueles que estão fóra da Província, serão reconduzidos a ella.

IX — Não serão reconhecidos em suas patentes os nossos Generais ; porem gosam das imunidades dos demais cidadãos designados.

X — O Governo Imperial vái tratar definitivamente da Linha divisória com o Estado oriental.

XI — Os soldados da República pelos respectivos Comandantes relacionados, ficam isentos de recrutamento de 1.^a linha.

XII — Officiais e soldados que pertenceram ao Exercito Imperial, e se apresentaram ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais Republicanos.

DIA 28 ; — Definitivamente deliberado, emfim, o tratado da pacificação da provincia, David Canabarro, general comandante em chefe do exercito farroupilha, diante das fôrças que mandou formar, leu a seguinte patriotica proclamação que, em seguida, fez distribuir por todos os recantos da provincia :

“Concidadãos ! — Competentemente autorizado pelo magistrado civil a quem obedecemos, e na qualidade de comandante em chefe, concordando com a unanime vontade de todos os officiais da fôrça de meu comando, vos declaro, que a guerra civil que ha mais de 9 anos devasta este belo país está acabada. A cadêa de sucessos por que passam todas as revoluções tem transviado o fim politico a que nos dirigiamos, e hoje a continuação de uma guerra tal seria o ultimatum da destruição e do aniquilamento da nossa terra. Um poder estranho ameaça a integridade do imperio, e tão estolida ousadia jamais deixaria de ecoar nos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teátro de suas iniquidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil. — Concidadãos ! Ao desprender-me do gráu que me havia confiado o poder que dirigia a revolução, cumpre-me assegurar-vos que podeis volver tranqüilos ao scio de vossas familias. Vossa segurança individual e vossa propriedade está garantida pela palavra sagrada do monarca, e o apreço de vossas virtu-

des confiado ao seu magnanimo coração. União, fraternidade, respeito ás leis e etérna gratidão ao inclito presidente da provincia o illustrissimo e excellentissimo sr. barão de Caxias pelos afanosos esforços que ha feito na pacificação da provincia.

Campo em Poncho Verde, 28 de feveiro de 1845. — *David Canabarro*".

MARÇO DE 1845

DIA 1.º ; — Em virtude da aceitação do tratado de paz por parte dos farrapos e da proclamação de David Canabarro, feita na véspera, o barão de Caxias proclama, definitivamente, a pacificação nos seguintes termos :

"Rio-grandenses ! — E' sem duvida para mim de inesplicavel prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil que por mais de 9 anos devastou esta bela provincia, está terminada. Os irmãos contra quem combatiamos estão hoje congratulados conosco e já obedecem ao legitimo governo do imperio brasileiro. Sua Magestade o Imperador, ordena por decreto de 18 de dezembro de 1844 o esquecimento do passado, e mui positivamente recomenda no mesmo decreto que tais brasileiros não sejam judicialmente nem por qualquer outra maneira perseguidos ou inquietados pelos atos que tenham sido praticados durante o tempo da revolução. Esta magnanima deliberação do monarca brasileiro ha-de ser religiosamente cumprida, eu prometo sob minha palavra de honra. — Uma só vontade nos una, rio-grandenses ! Maldição eterna a quem ousar recordar-se das nossas dissensões passadas... União e tranquillidade seja de hoje em diante nossa divisa. — Viva a religião ! Viva o Imperador constitucional e defen-

sor perpetuo do Brasil! Viva a integridade do Imperio! — Quartel-general do presidente e comandante em chefe do Exercito brasileiro sito nos Campos de Alexandre Simões, margem direita do Santa Maria, 1.º de março de 1845. — *Barão de Caxias*".

DIA 4 :— Os generais Bento Gonçalves da Silva e Antonio de Souza Netto, conferenciam em Bagé com o barão de Caxias.

DIA 5 :— David Canabarro dissolve sua fôrça que era composta de cerca de 1.000 homens.

DIA 11 :— De conformidade com o que ficára assentado, Antonio Vicente da Fontoura toma conta da organização das dividas dos revolucionarios conforme ficára estabelecido nas clausulas da pacificação. A 26 instala-se em São Gabriel a referida Comissão, composta dos srs. Antonio Vicente da Fontoura, Fidelis Nepomuceno Prates e Antonio Caetano Pereira.

DIA 21 :— Antonio Vicente da Fontoura leva David Canabarro á presença de Caxias, com o qual conferência, retirando-se em seguida para a estancia da Caieira.

BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTOS CONSULTADOS

- ALFREDO FERREIRA RODRIGUES — *Coleção do Almanaque Literario e Estatístico do Rio Grande do Sul* — Notas de diversos colaboradores e documentos publicados.
- ALFREDO VARELA — *Revoluções Cisplatinas* (2 vols.); *Historia da Grande Revolução* (6 vols.); *Rememorações*.
- ANTONIO VICENTE DA FONTOURA — *Diario* (1.º de janeiro de 1844 a 22-de março de 1845) — in *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul*, 1934.
- ARQUIVO NACIONAL — Publicações, vols. XXIX a XXXI: "*Processo dos Farrapos*, com notas de Aurelio Porto.
- ASSIS BRASIL — *Historia da Republica Rio Grandense*.
- AURELIO PORTO — *Influencia do caudilhismo uruguaio no Rio Grande do Sul. Notas ao Processo dos Farrapos*; Diversas notas e artigos avulsos.
- ANITA GARIBALDI — *Garibaldi na America*.
- BAFFISTA PEREIRA — *Rui Barbosa e o Rio Grande do Sul*; *Vultos e episodios do Brasil*; *Formação espiritual do Brasil*.
- BARÃO DO RIO BRANCO — *Efemérides brasileiras*.
- CLEMENCIANO BARNASQUE — *Efemérides Riograndenses*.
- "CORREIO OFFICIAL DA PROVINCIA DE S. PEDRO — Ns. 46 a 77, abril a setembro de 1835.
- "O CONTINENTISTA" — Varios numeros avulsos de janeiro a junho de 1836.
- DANTE DE LATTANO — *Obras completas* de Sebastião do Amaral Sarmiento Merina.
- EDUARDO DUARTE — Diversos artigos e notas avulsas na imprensa diaria, na *Revista do Museu e Arquivo Publico* e na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul*.
- E. F. DE SOUZA DOCCA — *A convenção preliminar de paz de 1828*; *O Brasil no Prata* — 1815-1828; *A ideologia federativa dos Farrapos*; *Ensaio psicologico do marechal do Exercito Bento Manuel Ribeiro*; Diversos outros trabalhos publicados no *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro, e na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul*.

- FLORENCIO C. DE ABREU E SILVA — *A Constituinte e o projeto de Constituição da Republica Riograndense; Retrospecta economico e financeiro do Rio Grande do Sul* — (1822 a 1922).
- GRACIANO AZAMBUJA — *Coleção do Anuario do Rio Grande do Sul* — Diversas colaborações e documentos publicados.
- GUSTAVO BARROSO — *O Brasil em face do Prata.*
- JOSÉ GARIBALDI — *Memorie autobiografiche.*
- LUCAS ALEXANDRE BOITEUX — *A tática nas campanhas navais nacionais.*
- MANSUETO BERNARDI — *Bandeira Nacional e bandeiras estaduais: O pensamento religioso dos farrapos.*
- MANUEL ANTONIO DE MAGALHÃES — *Almanaque da Vila de Porto Alegre* (1808)
- O MENSAGEIRO — O AMERICANO — ESTRELA DO SUL — jornais farrroupilhas reeditados pelo Museu e Arquivo Historico do Rio Grande do Sul.
- MUSEU E ARQUIVO HISTORICO DO ESTADO — Diversos documentos inéditos: Cartas de Caxias a Bento Manuel Ribeiro; cartas de Bento Gonçalves, de Canabarro, de diversos outros chefes revolucionarios e legais; ordens do dia; mapas; etc.
- OSVALDO ORICO — *O Condestavel do Imperio.*
- OTHELO ROSA — *Os amores de Canabarro; Vultos e perfis de 1835.*
- PANDIÁ CALOGERAS — *O marquês de Barbacena.*
- PEDRO CALMON — *Historia da civilização brasileira.*
- "O POVO" — *Jornal politico, literario e ministerial da Republica Riograndense* — Reedição facsimilada do Museu e Arquivo Historico do Rio Grande do Sul.
- RAFAEL GALANTI, S. J. — *Historia do Brasil* (6 vols.).
- RAMIRO BARCELOS — *A revolução de 1835 no Rio Grande do Sul.*
- "RECOPIADOR LIBERAL" — *Diversos numeros de 1834 a maio de 1835.*
- REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO BRASIL — *monografia e documentos publicados pelo desembargador Araripe.*
- REVISTA DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DO RIO GRANDE DO SUL — *(Coleção completa)* - Diversas memorias (Sá Brito, Francisco Pedro de Abreu, Antonio José Gonçalves Chaves, Joaquim Gonçalves da Silva, Antonio Vicente da Fontoura, etc.); *Correspondencias varias* (Fernandes Braga, Bento Manuel Ribeiro (1843 a 1845), Pedro Chaves, Calderon, etc); *Documentos diversos e varios outros estudos e ensaios de contemporaneos.*
- TASSO FRAGOSO — *A batalha do Passo do Rosario.*
- VILHENA DE MORAIS — *O duque de Ferro; Cartas em São Paulo.*
- VISCONDE DE S. LEOPOLDO — *Anais da Provincia de S. Pedro do Rio G. do Sul*
- WALTER SPALDING — *Farrapos!* (2 vols.); *Poesia do Povo;*
Diversos ensaios e notas na imprensa e na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul.
- OLINTO SANMARTIN — *Bento Manuel Ribeiro.*
- "O COMERCIO" — *(Jornal legalista)* — *Diversos numeros avulsos de 1841.*
- J. E. GARCEZ PALHA — *Efemerides Navais.*
- LUCAS ALEXANDRE BOITEUX — *A marinha imperial na Revolução Farrroupilha.*

OBRAS DE WALTER SPALDING

Membro do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul, do Rio Grande do Norte, do Instituto Historico de Ouro Preto, da Academia Rio-grandense de Letras, do Inst. de Estudos Genealogicos de S. Paulo, e da Academia de la Historia de Cuba.

Farrapos (2 volumes) — Edição Selbach - 1931 - 1935.

Os Eternos Caluniados — esgotado - 1932.

A' Luz da Historia — Edição Globo - 1933.

Poesia do Povo (Folclore) — Edição Globo - 1934.

Na Seara da Igreja — Escolas Salesianas, Niteroi - 1935.

Manuscrito Nacional — Edição Selbach - 1936.

Res divinae — Escolas Salesianas, Niteroi - 1936.

Cazias e Bento Manuel Ribeiro — in Rev. do Inst. e Geogr. do Rio Grande do Sul, III trim. 1936. - Separata, esgotada.

João da Silva Tavares — in Jornal do Comercio, Rio - 1.º e 7 - XI - 1936.

Pedro Chaves e Calderon — in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul, III trim. - 1935.

Farroupilhas e Caramurus — in Diario de Noticias - 20-IX-1935.

Farroupilhas y Caramurus, O Sea Liberales y Conservadores — in El Debate, Montevidéu - 17 a 23 de setembro de 1935.

A sair na *Série Brasileira* :

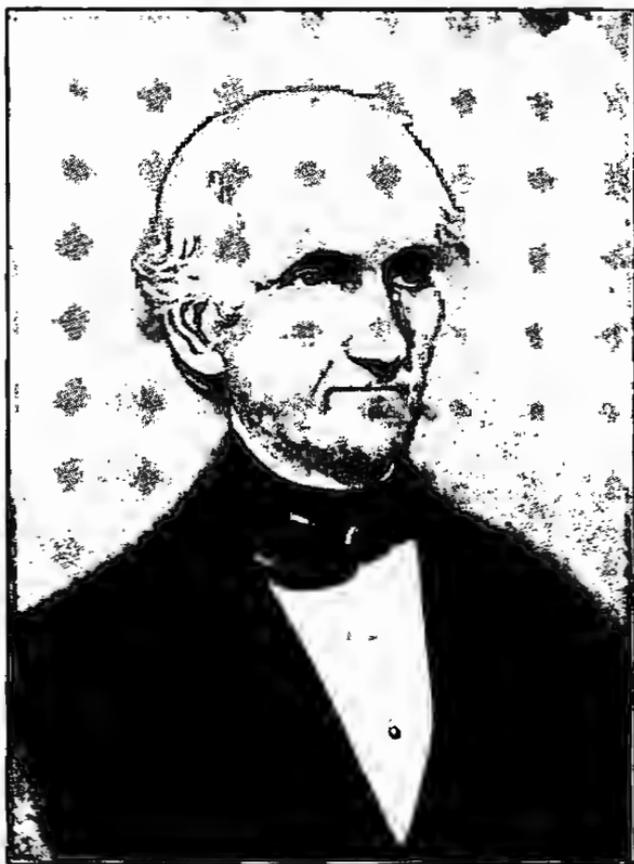
Invasão paraguaia nas fronteiras do Brasil (edição ilustrada).

A Propaganda Republicana.



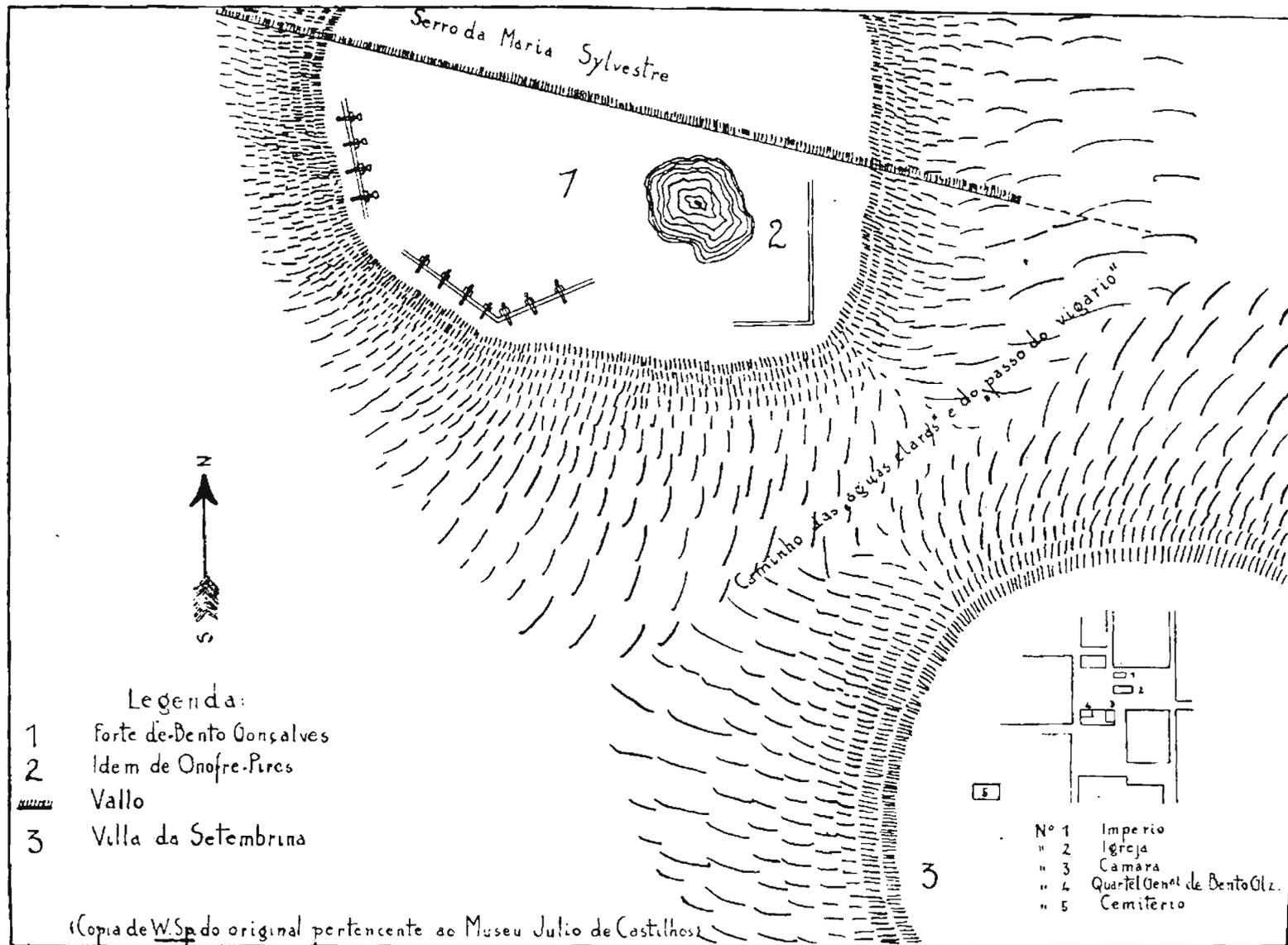
General Bento Gonçalves da Silva, chefe "farroupilha" e presidente eleito da efêmera república Riograndense, também chamada "República de Piratini".

(Da col do Autor).



Domingos José de Almeida, o verdadeiro organizador da República Riograndense, que foi seu Ministro da Fazenda.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).



Disposição das forças em Setembrina (Viamão) no 1.º cerco de Porto Alegre.



Antonio Vicente da Fontoura, 2.º Ministro da Fazenda, e embaixador dos farroupilhas na Córte, para o tratado de paz.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).



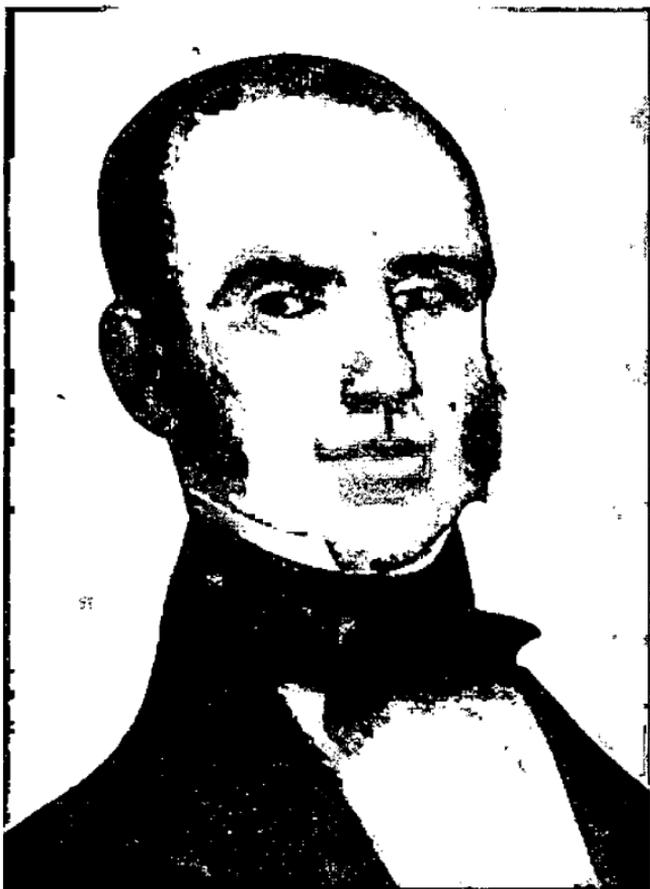
Dr. José de Paiva Magalhães Calvet.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).



Dr. José Pinheiro de Ilhoa Cintra.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).



Antonio Alvarez Pereira Coruja, jornalista, e um dos cronistas do período farroupilha.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).



Brigadeiro Bento Manoel Ribeiro.

(Da col. do Autor).



General João Antonio da Silveira.

(Da coleção do Inst. Hist. e Geogr. do Rio Grande do Sul).



Colonel Manuel Lucas de Oliveira.



Coronel Joaquim Pedro Soares.



Barão (depois conde, marquês e duque) de Caxias,
o pacificador.



Coronel Frutuoso Borges da Fontoura.



Coronel Bernardo Pires.



Coronel José Alves Valença.